

ISMAIL KADARÉ

OS TAMBORES DA CHUVA

(O CASTELO)



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ISMAIL KADARÉ

Os Tambores da Chuva

(O CASTELO)



Kasnetet e shiut
(Kështjella)

1970



ISMAIL KADARÉ

Os tambores da chuva (O castelo)

Tradução do albanês Bernardo Joffily

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1958, 1994 Librairie Arthème Fayard

Título original Kasnecet e shiut (Kështjella)

Preparação Maria Cecília Caropreso

Revisão Maysa Monção

Ana Maria Barbosa

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cm)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kadaré, Ismail Os tambores da chuva : (O castelo) / Ismail Kadaré ; tradução do albanês Bernardo Joffily.

São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

Título original: Kasnecet e shiut (Kështjella)

ISBN 85-359-0372-0. Romance albanês 1. Título. 03-2502 em-891.99135

Índice para catálogo sistemático: 1. Romances : Literatura albanesa 891.99135

[2003]

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32 04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Contracapa

Ferozes soldados otomanos galgam escadas colocadas junto às muralhas de um castelo cristão na Albânia do século XV. Ao redor, o sangue, o fogo, a morte. O paxá Tursum, que comanda as forças de ataque, precisa a qualquer custo expugnar a principal fortaleza do maior herói da Albânia, Skanderbeu, se não quiser cair em desgraça junto ao sultão. Um cronista, um poeta, um astrólogo e um harém de concubinas acompanham o séquito do invasor, que tem por missão dominar os Bálcãs. De dentro da fortaleza assediada, uma voz anônima narra as privações impostas pelo cerco, entre elas a sede e a fome. A chuva, cuja estação se aproxima, poderá ser a salvação dos castelões e a danação dos atacantes.

Um dos primeiros romances do albanês Ismail Kadaré, publicado originalmente em 1970, *Os tambores da chuva (O castelo)* realiza a proeza de dividir o coração dos leitores entre os dois lados envolvidos nesse cerco, num impressionante relato ficcional baseado em fatos históricos.

Orelhas

Na segunda metade do século XV, o exército otomano, o mais poderoso do mundo, está prestes a atacar uma fortaleza de um pequeno país dos Bálcãs, a Albânia, ponto de interseção entre Ocidente e Oriente. Trata-se da principal cidadela do herói nacional albanês, o legendário George Kastriot-Skanderbeu.

Kadaré situa o leitor nas duas perspectivas do conflito, a dos atacantes e a dos defensores da cidadela. As rotinas opressivas de um império totalitário são aqui descritas por alguém que viu seu

país ser invadido sucessivamente pela Itália fascista, pela Alemanha nazista e pela União Soviética. Sob a rígida censura stalinista da década de 60 — quando Kadaré escreveu o livro —, o foco sobre os séculos em que a Albânia esteve sob o jugo do Império Otomano assumiu forte carga metafórica de natureza libertária.

Além dessa dimensão política, sobressai aqui o poderoso efeito realista da narrativa — amparada em forte base histórica, como os relatos de época sobre o cerco turco à cidadela de Shkodra, entre 1474 e 1479. O exército otomano e suas técnicas de combate são descritos por Kadaré com impressionante riqueza. O leitor é conduzido até lugares como o harém do paxá Tursum, ao encontro de um eunuco e das concubinas que, apesar de reduzidas às vontades e caprichos de seu dono, não deixam de marcar a história com olhar sutil e revelador sobre a barbárie da guerra e das tiranias.

O próprio autor classificou *Os tambores da chuva* (O castelo) de "romance de guerra clássico, duro e frio". Kadaré não foge mesmo aos horrores da guerra: feridas, mutilações, a morte que se multiplica a cada investida e o medo como regime constante da vida de soldados e civis. Os detalhes contribuem para que, nessa narrativa sobre o domínio do Império Otomano em relação à Albânia, o escritor crie uma epopeia moderna, comparável à própria *Ilíada* de Homero, igualmente centrada no assédio a uma cidadela — Troia.

O Autor

Ismail Kadaré nasceu em 1936, em Gjirokastra, no sul da Albânia. Em outubro de 1990, exilou-se na França. Seu primeiro romance, *O general do exército morto* (1963), rendeu-lhe notoriedade internacional. Entre outros livros, publicou *A fortaleza*, *O grande*

inverno, Crônica da cidade de pedra e, pela Companhia das Letras, Dossiê II, O palácio dos sonhos, Concerto no fim do inverno e Abril despedaçado, este adaptado livremente para o cinema por Walter Salles.

Prefácio

Quando Ismail Kadaré publicou o romance *O casamento*, a crítica albanesa elogiou-o sem reservas. Porém o autor, que julga ter sido vítima de um surto de dogmatismo naquela obra, não estava satisfeito. Em meio a esse descontentamento, "cansado e com um vazio na mente", ele descobriu entre suas anotações a história do suicídio de um paxá turco após sua derrota no cerco de um castelo balcânico. "Algo me atraiu naquelas poucas frases escritas em outros tempos." Assim nasceu a ideia de *Os tambores da chuva* (*O castelo*).

Este romance épico, "romance de guerras clássicas, duras e frias", segundo o autor, foi publicado na Albânia em 1970, sob o título *O castelo*, destinado a servir-lhe de salvo-conduto ao texto. Um ano mais tarde, em 1971, o autor publicou-o na França sob o título verdadeiro, *Os tambores da chuva*. *Castelo* remetia ao novo homem, cercado por todos os lados; mas Kadaré tinha motivos para escolher outro título, pois a literatura mundial já estava saturada de Castelos, como o de Kafka, de *Cidadelas*, como a de Saint-Exupéry e a de Cronin, além de Fortalezas, como a de Selimoviç. Leo Longanesi, editor de Buzzati, teve o mesmo impulso ao pedir-lhe que mudasse o nome de seu romance, de *O castelo* para *O deserto dos tártaros*.

O título original merece que nos detenhamos um pouco: Kadaré gosta especialmente de intitular seus textos com referências a poderosas construções de pedra. Basta mencionar *A ponte dos três arcos*, *A crônica na pedra*, *A pirâmide* ou *A grande muralha*. Na memória coletiva, um castelo remete a uma tradição antiquíssima, a da literatura dos assédios. Desde a noite dos tempos se escreve sobre cidades sob cerco. Segundo a Bíblia, Josué fez tombarem as muralhas de Jericó. Homero relatou-nos a queda de Troia. Ésquilo e Eurípidés,

o cerco de Tebas. Inúmeros exemplos evidenciam até que ponto os artistas, dos poetas épicos gregos a Flaubert em *Salambô*, inclusive Chostakovitch, que regeu sua sinfonia *Leningrado* na cidade cercada pelos nazistas, viram-se atraídos pelo tema do assédio. Ao escrever seus *Tambores*, Kadaré inspirou-se em um texto albanês, *O cerco de Shkodra*, publicado em latim em 1504. Seu autor, o padre Marin Barlet, viveu três cercos daquela cidade da Albânia setentrional, o de 1474, o de 1478 e o de 1479. Kadaré também se valeu dos escritos de muitos cronistas turcos.

Os tambores da chuva não é, contudo, um romance histórico. Permite muitas outras leituras. A primeira impressão é a de um romance épico e realista. Um castelo assediado, e não expugnado, como teria sido Troia caso seus habitantes tivessem dado ouvido às advertências de Cassandra e do sacerdote Lao.

O castelo descrito por Kadaré não é o de Kruja, capital da Albânia libertada por Skanderbeu. É um lugar anônimo, situado, ao que tudo indica, numa fronteira do país.

Logo nos vem à mente uma segunda leitura, política, que os críticos albaneses dos anos 1970 insistiram em fazer: o país das águias permanecia como última fortaleza do marxismo autêntico, cercado por um ameaçador bloco revisionista soviético e por um campo imperialista burguês... E isso pouco tempo após intervenção em Praga, quando se faziam preparativos para cobrir a Albânia com pequenas casamatas.

Ainda febris, alguns críticos da Albânia pós-comunista propõem uma interpretação radicalmente distinta e alegórica: uma parte da consciência de cada cidadão do mundo comunista encontrava-se sob cerco e cada um tinha de buscar em si mesmo a força moral para resistir à pressão. O coração de cada um achava-se cercado (por delatores, pelo medo, pela culpa...). O palácio dos sonhos irá ainda mais longe, pois mostrará como o poder tratava de introduzir um "cavalo de Troia" nas consciências.

Desse ponto de vista, *Os tambores da chuva* é mais otimista, já que a fortaleza rechaça todos os ataques.

Um personagem ilustre brilha pela ausência no romance: Skanderbeu. Kadaré, porém, sabe quão grande pode ser a força dos ausentes e não quis recorrer aos esquemas da literatura socialista, produzindo um "herói positivo". Por isso ele se oculta. Contudo, projeta-se sobre todo o romance a sombra do comandante da guerra contra os otomanos. Raramente um grande intelectual albanês triunfa numa obra sem recorrer a seu nome: Marin Barlet, Frang Bardh e os autores do Renascimento*, como o poeta arberesh** Jeronim de Rada (*Skanderbeu, o desditoso*, 1843), e ainda Naim Frasher em seu célebre poema épico *A história de Skanderbeu* (1898).

**Renascimento Albanês, movimento literário e político-militar do século XIX. (N. T.)*

***Populações albanesas que após a conquista otomana se estabeleceram na Grécia, na Dalmácia e sobretudo no Sul da Itália. (N. T.)*

Depois de *O monstro*, romance que também descreve um cerco e que foi criticado e proibido devido a suas sofisticações formais, Kadaré trouxe à luz estes *Tambores*, que apresentam uma forma literária mais criativa. Ele escolheu aqui o estilo de uma crônica despojada, entremeada de trechos em itálico que lembram salmos (conduzidos por um narrador), além de trechos em que o romancista retoma o controle e escreve na terceira pessoa. O mesmo entrelaçamento, ao menos no que diz respeito às mudanças de perspectiva, seria usado no romance seguinte, *A crônica na pedra*.

Ao ser publicado, *Os tambores da chuva* (O castelo) não teve a acolhida que se esperava nem despertou maior atenção. O autor não voltou a trabalhar neste "ninho de águia" até a edição do segundo volume de suas Obras (Euvres, Fayard, 1994), no qual a reelaboração foi bastante sensível.

Um

Quando chegou o inverno, e os emissários do sultão turco se retiraram, compreendemos que a guerra seria inevitável. Eles tinham recorrido a toda sorte de pressões para que aceitássemos a condição de seus tributários, ou vassallos, como diziam os latinos. Depois das adulações e promessas de fazer-nos co-responsáveis pelo governo de seu imenso império, acusaram-nos de renegados, vendidos aos francos, ou seja, à Europa. Por fim, como era de esperar, vieram as ameaças. Vocês confiam demais nas muralhas desses seus castelos, disseram, mas mesmo que elas sejam realmente tudo aquilo que dizem, haveremos de cercá-las no anel de ferro da sede e da fome.

Faremos com que, sempre que chegar a época de ceifar e debulhar o grão, vocês olhem para o céu como se ele fosse um campo a ser colhido, e a lua como uma foice.

Depois, foram-se. Por todo o mês de março, seus mensageiros, rápidos como o vento, levaram cartas aos vassallos balcânicos do sultão, instruindo-os para tentarem nos persuadir, ou então nos deixarem de lado. E eles, como se esperava, fizeram as duas coisas.

Abandonados, sabíamos que eles viriam mais cedo ou mais tarde. Já antes tínhamos nos posto à espera de exércitos de todo tipo, porém aguardar o maior exército do mundo era outra coisa. Remoíamos tudo isso em nossa mente, e pode-se imaginar o que ocorria na cabeça de nosso príncipe George Kastriota. Todas as fortalezas de terra e de mar receberam ordens para reformar seus torreões e sobretudo amearhar armas e víveres. Ainda não sabíamos de que lado eles viriam, mas no início de junho chegou a notícia de que haviam partido pela antiga estrada de Egnat, ou seja, vinham direto para cá. Uma semana mais tarde, como coubera a nosso

castelo o destino de ser o primeiro a defrontar a invasão, trouxeram-nos da grande igreja de Shkodra a imagem da Virgem Maria, a mesma que cem anos atrás ajudara os defensores daquela cidade a fazer face aos normandos. Demos graças a Nossa Senhora Imaculada e sentimo-nos mais calmos e fortes.

O exército deles movia-se lentamente. Em meados de junho, atravessou a fronteira. Dois dias depois, George Kastriota, acompanhado pelo conde Musaka, veio inspecionar pela última vez a fortaleza e congratular-se conosco. Numa tarde de domingo, após as derradeiras recomendações, deixou o castelo seguido por sua escolta, pelas esposas e filhos dos oficiais, que se abrigariam nos montes.

Fizemos com eles um trecho da estrada, para as despedidas. Depois, tornamos ao castelo. Dos torreões, seguimos com os olhos a passagem deles pela Várzea da Cruz, a escarpa Ruim e por fim a Grotta do Vento. Fechamos os pesados portões, e o castelo pareceu-nos mudo sem as vozes dos meninos. Depois fechamos os portões interiores e o silêncio se fez ainda mais denso.

Ao romper da manhã de 13 de junho, o sino da igreja tocou. A guarda do torreão oriental avistara ao longe uma espécie de nuvem amarelada. Era a poeira deles.

As tropas turcas chegaram ao pé da muralha em 21 de junho. Por todo o dia foram se acantonando em círculo. Ao cair da noite, novos batalhões ainda se sucediam.

Soldados, estandartes, cavalos cobertos por flocos de suor, carros, apetrechos, camelos com cargas de bronze, escudos, provisões, tudo o mais vinha coberto por espessa camada de pó. Assim que chegavam à esplanada em frente ao castelo, um grupo de oficiais, encarregado da intendência do acampamento, designava-lhes o lugar onde acampariam e os soldados, sob as ordens de seus chefes, tratavam de erguer suas tendas, onde em seguida tombavam, semimortos de cansaço.

Ugurlu Tursun paxá, comandante-em-chefe das tropas, permanecia isolado, de pé, diante de seu grande pavilhão rosado, apreciando o anoitecer. O enorme acampamento, repleto de vozes, ordens, relinchos, súplicas, tropel de cascos e toda sorte de outros ruídos, parecia-lhe uma grande ameoba que, dispondo suas tendas em direções desencontradas, cercava aos poucos a fortaleza. As barracas mais próximas distavam menos de cem pés do inimigo, enquanto as mais longínquas perdiam-se de vista. A ajudância-de-ordens insistira para que o pavilhão do paxá distasse ao menos mil pés da muralha, mas ele não aceitara. Anos atrás, quando ainda era jovem e pouco graduado, ocorrera-lhe com frequência dormir quase aos pés de uma muralha. Porém, com o passar do tempo, em meio a incessantes guerras e assédios, à medida que se elevava sua patente mudava também a cor de sua tenda e crescia a distância entre ela e o inimigo.

Dessa vez ele se instalara a pouco mais da metade da distância prescrita pelo ajudante-de-ordens, ou seja, a cerca de seiscentos passos. Ainda faltava um bom tempo até os mil...

Tursun paxá deixou escapar um suspiro. Assim ocorria sempre que se achava diante das fortalezas que devia tomar. Ao que parecia, era o momento da primeira impressão, a infalível, antes que ele se acostumasse, tal como com uma mulher. Todo o seu temor brotava assim, para findar da mesma sorte, com outro suspiro, de alívio, quando ele lançava os olhos pela última vez para uma fortaleza ocupada, semelhante a uma viúva enlutada, meio decrépita, à espera da ordem para ser restaurada ou demolida.

Tal como ocorria com a maioria dos castelos cristãos, o que ele tinha diante de si era sombrio. Havia em seus contornos e na implantação das torres um quê de doentio, quase sinistro. Vinha tendo essa sensação recorrente desde dois meses atrás, quando os oficiais que se ocupavam dos preparativos da campanha tinham lhe trazido um esboço do edifício. Por muitas vezes, nas horas que se

seguiam ao jantar, enquanto todos dormiam em seu palacete de Bursa³ ele ficava com o esboço sobre os joelhos.

Sabia quase de cor todos os seus detalhes e, entretanto, agora que o tinha finalmente sob os olhos, o que via dava-lhe angústia.

Fitou por um bom tempo a cruz encimando a capela da fortaleza. Em seguida, a bandeira medonha, com o negro pássaro bicéfalo, mais rememorando que distinguindo seus contornos. A escarpa a pico sob a torre leste, a esplanada em frente ao portão, os torreões denteados, todo o panorama ia aos poucos obscurecendo. Ergueu os olhos, para olhar ainda uma vez a cruz, e julgou ver nela um lampejo soturno.

A lua ainda não saíra. Uma ideia atravessou o pensamento do paxá: por quê, ao verem que o Islã se apossara da lua, os cristãos não tinham se apressado em adotar o signo do sol, preferindo em seu lugar um simples instrumento de tortura como a cruz? Ao que parecia, não eram tão sábios como se dizia, embora um pouco mais do que outrora, quando acreditavam em muitos deuses.

O céu fizera-se negro. Se tudo era decidido naquelas alturas, por que Alá permitia aquela estafante sangueira sem fim? Por que dera a um lado muralhas e portões de ferro e a outro cordas e escadas de assédio, enquanto assistia a tanta cizânia? Não querendo duvidar da divina Providência, baixou os olhos para o acampamento. Como as trevas haviam devorado a terra, parecia que a multidão de tendas flutuava como uma névoa. Ali se alinhavam, conforme a ordem rigidamente estabelecida, as diversas armas e regimentos. Dali se divisavam os estandartes dos janízaros, brancos como neve, e seu caldeirão de cobre pendurado numa árvore. Os cavaleiros do corpo persecutório dos akendji davam de beber a suas montarias no rio ao lado. Mais além, como um bosque sem fim, branquejavam as tendas do principal corpo de infantaria, os azape. Mais próximo, à direita, logo após os soldados da guarda de djebel, enfileiravam-se os batalhões de ataque dos eshkindji, as tropas de

elite dos dallkelletch, em seguida as alvas tendas da fina flor do exército, os serdengjeshtler, soldados da morte. Mais além vinham as unidades técnicas, de ferreiros e forjadores, os fundibulários, as belas tendas dos spahis, os batalhões dos curdos, dos persas, dos caucasianos, dos calmucos, dos mongóis e, mais atrás, onde os olhos do comandante-em-chefe já nada distinguiam, as multiformes hordas de voluntários irregulares, das quais ninguém sabia nem sequer os efetivos exatos. Lentamente tudo se assentava e uma boa parte do exército já adormecera. Só se ouviam os soldados da intendência que descarregavam do dorso dos camelos as arcas de bronze, canastras e trouxas sem conta com víveres, odres de azeite e mel, grandes cestos repletos de todo tipo de equipamentos, aríetes de ferro, estacas, forcados, cordas de cânhamo munidas de ganchos, cacetes, pedras de amolar, sacos de enxofre, uma confusão de utensílios de ferro que ele nem sabia como se chamavam.

Agora a treva cobria tudo, mas ao alvorecer o exército se alastraria por toda parte, vistoso como um tapete persa, uma florada de penachos, crinas, bandeiras brancas e azuis, crescentes, centenas e centenas de crescentes, de cobre, de prata, de seda, como num sonho. Em meio a eles, o castelo pareceria ainda mais sombrio, encimado por aquele instrumento de tortura, a cruz. Ele, o paxá, viera dos confins da Terra para derrubar aquele signo.

No silêncio que tombava, ouvia-se com mais força o barulho dos sapadores. Sabia que muitos oficiais o estariam maldizendo, certamente esperando que ele, também arrancado do sono, desse ordens para interromper a abertura dos drenos. O paxá franziu o cenho, tal como no conselho de guerra, quando se referira pela primeira vez às latrinas. Um exército, antes de se compor de marchas, bandeiras, carnificinas, vitórias ou derrotas, era um oceano de mijo. Haviam ficado boquiabertos quando ele explicara que os males de um exército frequentemente não tinham início no campo

de batalha, mas sim em coisas que ninguém levava em conta, como o mau cheiro e a imundície.

Ele imaginava como os drenos já deveriam estar se aproximando do rio e, pela manhã, este estaria amarelado e opaco... Assim tinha início uma guerra de verdade, muito diferente do que imaginavam as matronas da capital.

Foi tentado a rir-se daquilo, mas, para seu espanto, sentiu algo semelhante a uma saudade. Era a primeira vez que lhe ocorria um sentimento assim. Balançou a cabeça, apenas sorrindo consigo mesmo. De fato sentia saudades, mas não tanto das matronas de Bursa, e sim de toda a Anatólia. Durante a viagem acorriam-lhe à lembrança seus planaltos tranquilos e sonolentos. Lembrara-se deles sobretudo quando o exército entrara no país dos albaneses e seus olhos tinham deparado pela primeira vez com aquelas terríveis montanhas. Fora numa manhã, bem cedo. Estivera dormitando na sela e eis que de toda parte vinha a palavra "daglar", "daglar", pronunciada num tom de quase pavor. Os oficiais erguiam a cabeça e olhavam em volta. Ele próprio fitara longamente a paisagem. Nunca vira montanhas assim. Assemelhavam-se a um pesadelo dos piores, desses esmagadores, que não deixam você acordar. A terra e as rochas se precipitavam furiosamente rumo ao céu, a ponto de aparentarem uma subversão de todas as leis da natureza. Alá devia estar cheio de fel ao criar um país assim, pensara, e, pela centésima vez ao longo da marcha, pusera-se a duvidar se sua nomeação para comandante-em-chefe daquela campanha adviera da interferência de amigos ou inimigos.

Ao longo do trajeto, notara que a paisagem escarpada dava nos nervos dos oficiais. Quando conversavam, referiam-se sempre a planícies e mal sofriam a ânsia de vê-las. O exército, em seu vagaroso movimento, passara a carregar, junto com as armas e apetrechos, a pesada sombra dos montes. E o pior era que ele nada podia fazer para torná-la mais leve.

Só podia convocar o cronista da campanha e indagar-lhe como haveria de descrever aquelas montanhas em seu relato. O escrivão, tremendo de medo, enunciara muitas frases longas e terríveis, porém o paxá não as apreciara. Dissera ao outro que tentasse outra vez, e na manhã seguinte o cronista, com os olhos avermelhados pela insônia, lera a nova descrição. Eram escarpas tão altas — dizia — que nem os corvos as sobrevoavam. Só o demônio poderia escalá-las, ainda assim de cajado em punho, e a muito custo, estropiando as alpercatas. Até as galinhas precisavam ter os pés ferrados para poderem andar.

Dessa vez a descrição agradara ao paxá. Tentou trazer à memória as frases do cronista, mas estava cansado e sua mente pedia repouso. Aquela fora a marcha mais longa e extenuante que já fizera em toda a sua vida de soldado. A velha estrada, herdada do tempo dos romanos, desmoronando em muitos trechos e arrumada às pressas pelos corpos de engenharia, parecia não ter fim. Em certas passagens, estreitava-se, e a tropa era obrigada a deter-se longamente, enquanto os engenheiros tratavam de abrir algum sendeiro auxiliar para escoar a marcha. A seguir a estrada se desafogava, tal como na véspera, e o exército retomava a lenta marcha em meio à poeira, tal como na antevéspera, e na antevéspera da antevéspera, ou sete dias antes. Agora que tudo acabara, parecia-lhe que a densa poeira ainda se acomodava penosamente em sua memória.

Ouviu um cavalo relinchar às suas costas. O carro fechado, trazendo quatro mulheres do seu harém, ainda estava ali, ao lado do pavilhão.

Antes de partir ele relutara bastante em trazer ou não mulheres consigo. Alguns amigos o haviam aconselhado a desistir delas, pois é fato sabido que fêmeas em guerras trazem azar.

Outros afirmavam o contrário, pois elas favorecem um sono tranquilo (supondo-se que fosse possível dormir naquela guerra).

Geralmente os paxás não traziam mulheres em marchas militares. Além do mais, o cerco prometia ser demorado. Ainda assim, aquilo não chegava a ser um argumento, pois sabe-se que, em qualquer guerra, sempre se fazem prisioneiras, e sabe-se igualmente que as prisioneiras são sempre muito mais doces que qualquer mulher de harém, especialmente diante dos guerreiros que derramaram sangue para conquistá-las. Contudo, os amigos mais íntimos, que o aconselhavam a levar concubinas consigo, alegavam que no país para onde ele ia não era fácil fazer prisioneiras. As moças do lugar eram belíssimas, admitiam; segundo um poeta que tomara parte na campanha anterior, eram tão alvas como um sonho matutino, mas, desgraçadamente, não menos intangíveis: ocultavam-se nos penhascos e precipitavam-se nos abismos quando um guerreiro se aproximava. Isso são invencionices de poetas, insistiam os primeiros, mas os amigos íntimos balançavam a cabeça em negativas. Ele permanecera indeciso até a última noite, quando decidira trazer quatro mulheres. Quando o exército já partia, o grão-vizir que comparecera para as despedidas, ao ver o carro do harém, perguntara-lhe por que levar mulheres a um país que as tinha tão belas; o paxá, evitando o brilho maroto nos olhos do outro, respondera que não desejava partilhar das prisioneiras que seus soldados se ensanguentariam para conquistar.

Ao longo da marcha ele nem se lembrara da existência das moças. Agora, por certo, elas dormiam, extenuadas pela viagem, em sua tenda lilás.

Antes de senti-las no corpo, escutou as gotas de chuva sobre o pavilhão. No instante seguinte, veio-lhe de algum ponto da esplanada o familiar som dos tambores anunciando a chuva. Ao ouvir aquela percussão melancólica, tão diferente do rufar dos cantos de guerra, pôs-se a imaginar de que forma os soldados, estafados como deviam estar, e amaldiçoando o mau tempo, estenderiam as pesadas lonas enceradas para proteger o

equipamento. Ouvira dizer que nenhum exército estrangeiro, afora o dos mongóis, dispunha de uma unidade dessas, especialmente destacada para o anúncio da chuva. "É a ele que devemos tudo que possui valor na arte da guerra", disse consigo, e entrou na tenda.

Enquanto isso as ordenanças tinham montado o leito e disposto os divãs, e agora estendiam as tapeçarias. Uma peça de pano negro, trazendo bordada uma frase do Corão, pendia da entrada. Das hastes do pavilhão pendiam, como sempre, os ganchos para ele pendurar a bainha do sabre e a capa. Ao contrário do que ele supusera outrora, quanto mais se elevava a patente, mais sombria ficava a tenda.

Sentou-se em um dos divãs e, com o rosto entre as mãos, ouviu o relatório do comandante do acampamento. Quase toda a tropa havia chegado, sua instalação também já estava concluída, os corpos de guarda, sentinelas e batedores estavam dispostos por todos os pontos. Numa palavra, tudo fora cumprido conforme as normas. O comandante-em-chefe podia dormir tranquilo.

O paxá escutou sem uma palavra. Nem afastou as mãos da face, de modo que o oficial, sem ver-lhe os olhos, divisava apenas o rubi do anel em seu indicador. Era um daqueles rubis que devido a seu matiz são chamados pedras-de-sangue.

Quando o outro se retirou, Tursun paxá ergueu-se e foi até a entrada da tenda. A chuva era mais miúda do que parecia lá dentro. Ainda ressoavam em seus ouvidos as palavras do comandante do acampamento: os guardas, sentinelas, batedores... mas aquilo ao invés de tranquilizá-lo o inquietava. "A noite está sempre grávida", disse consigo. Ouvira aquela frase num tempo longínquo, na juventude, porém só muito mais tarde se dera conta de que ela não falava de amores e prazeres, mas de sobressaltos.

A noite estava grávida e ele estava bem no centro dela, sozinho. À direita de seu pavilhão, pálidas lâmpadas tremeluziam em algumas tendas. Eram outros tantos que também não tinham

sono, talvez funcionários da intendência, benzedores ou exorcistas de djins.* Usualmente as tendas deles eram montadas lado a lado: o astrólogo, o cronista, o cartomante, o afastador de mau-olhado, o intérprete de sonhos. Era gente que sabia algo mais sobre o destino, naturalmente, embora ele próprio tivesse suas dúvidas.

**Djim: gênio, personagem sobrenatural, maléfico ou benfazejo, que passou da mitologia árabe à turca — e desta também à albanesa.
(N. T.)*

O tamborilar da chuva ia num crescendo. Ele sentia-se bem perto do céu, separado deste apenas pela fina lona do pavilhão. Lembrou-se de seu quarto em casa, onde mal se ouviam as mudanças do tempo, e, para sua surpresa, sentiu saudades. Usualmente ocorria o contrário: naquele quarto, acolchoado de tapetes, com frequência sentia falta da tenda de campanha com o vento assoviando sobre ela... Não teria chegado a hora de calçar suas chinelas e retirar-se finalmente para sua tranquila Anatólia? Retirar-se, antes de cair...

Sabia que aquilo era impossível, não só por não ter chegado o tempo, mas principalmente porque sua ascensão nos escalões militares atingira um ponto de alta instabilidade: ou ele subia ainda mais, ou tombava por terra para sempre. O Império se expandia a cada dia. Valorizava-se tudo que fosse ativo e aguerrido. Milhares de ambiciosos precipitavam-se como tigres sobre as glórias e riquezas, afastando ferozmente os concorrentes, às vezes por aptidão, porém mais frequentemente por meio da intriga e do veneno.

Sentia que nos últimos tempos sua condição sofrera abalos. Era um tremor sem motivo aparente, mas precisamente por isso

dava a impressão de não ter remédio. Assemelhava-se a uma enfermidade secreta, que não se sabe com qual mezinha tratar.

Fizera o possível e o impossível para detectar em qual círculo oculto se tramava contra ele. Em vão. Ninguém sabia. Os amigos já começavam a fitá-lo com comiseração.

Sobretudo depois do último presente que o sultão lhe enviara: uma panóplia de armas, que, todos sabiam, era um mau sinal. Agora só faltava a queda.

Foi quando inesperadamente circulara a notícia de que ele comandaria a campanha contra os albaneses, e todos se aperceberam de que ainda contava com amigos poderosos, embora os inimigos também não ficassem atrás. Estava evidente para todos que, ao enviá-lo contra Skanderbeu, o sultão dava a Tursun paxá sua última oportunidade.

O soberano já o fizera outras vezes. Enviava para as guerras mais ferozes aqueles que jogavam sua última cartada: sabia que o ataque do desesperado é sempre o mais temível.

Tursun paxá pôs-se de pé, a cruzar o espaço da tenda. Depois retirou de uma grossa pasta um punhado de papéis e cartões. Entre eles, estava o esquema do castelo.

Pôs o desenho sobre os joelhos e demorou-se a fitá-lo. Tudo estava assinalado ali: a altura dos muros e torreões, o declive da terra em torno, de todos os lados, o portão principal e os outros, internos, as partes de solo pedregoso ou de terra solta, o fosso diante da entrada, a ravina da face leste, o rio. Em três ou quatro lugares o desenhista colocara pontos de interrogação com tinta vermelha. Eram os locais onde se supunha podiam passar aquedutos subterrâneos. Tursun paxá permaneceu um bom tempo sem tirar os olhos deles.

Uma ordenança trouxe a ceia, porém ele nada tocou. Movia sem cessar as contas do rosário, mas elas, como o tamborilar da chuva, só agravavam seu vácuo interior.

Bateu palmas. O eunuco surgiu à porta. — Traga-me Edjer — disse, sem fitá-lo. O eunuco fez uma profunda reverência, mas permaneceu onde estava. Parecia hesitar em dizer alguma coisa.

— O que há? — indagou, por fim, ao vê-lo vacilar. O eunuco moveu os lábios, mas sem emitir nenhum som. — Está enferma? — ele indagou. — Não, paxá, porém sabeis que a casa de banhos ainda não está montada, e além do mais, ela...

O paxá fez-lhe um sinal para que se calasse. Baixou os olhos para o rosário. Aquela noite seria longa como as noites de inverno.

— Traga-a — disse. — Não há problema. O eunuco fez outra reverência e saiu em silêncio. Voltou pouco depois trazendo a odalisca pela mão. Embora tivessem penteado às pressas seus cabelos, via-se que ela fora arrancada do sono. Era a mais jovem e bela do harém. Ninguém sabia ao certo sua idade, nem ela.

Tursun paxá fez-lhe um sinal e ela sentou-se no leito. Ele não sentia nenhum desejo, mas ainda assim deitou-se com ela. A moça desculpou-se por só ter se lavado parcialmente, devido a razões que não dependiam dela. Via-se que o eunuco lhe ensinara aquelas palavras. Ele não respondeu. Enquanto sentia o aroma familiar da menina, misturado pela primeira vez ao da poeira, ocorreu-lhe obliquamente que talvez não devesse tocar numa fêmea antes do início dos combates, mas o pensamento se foi com a mesma rapidez com que chegara.

Passou algum tempo observando o sexo dela, quase surpreso ao ver os pelos que cresciam, sem que o eunuco os tivesse depilado como de hábito. Coberta por aquela penugem, as partes da moça pareciam um tanto estranhas e mais desejáveis. Muitas vezes dissera com seus botões que talvez não devesse mexer com mulheres quando assuntos de Estado o angustiavam, mas sempre punha fim às apreensões, movido, ao que parece, pela esperança de, pelo contrário, sufocar a angústia.

Abriu-lhe as pernas lentamente e, contrariando seus hábitos, com a delicadeza de quem temesse machucá-la, a penetrou. Não chegou a se espantar com aquela gentileza inusitada: sentia confusamente que ela tinha algo a ver com a longa marcha, que a moça percorrera da mesma forma que a tropa, adquirindo, aos olhos dele, algo em comum com os soldados.

Seus movimentos estavam entorpecidos, como se o desejo se situasse fora do corpo, e só se animou um pouco quando sentiu as sementes jorrando de si como um jato e passando ao morno ventre da moça. Foi uma satisfação fugaz, mas ardente, concentrada em um só ponto, como um tronco sem galhos.

A odalisca entendeu que ele dormia com ela sem desejá-la, o que atribuiu não tanto à falta da casa de banhos, mas, ao que parecia, à penugem em seu púbis. Ele não respondeu. Ergueu-se sobre um cotovelo e pôs-se a desfiar o rosário. Ela, com as faces ruborizadas sobre o travesseiro, fitava de baixo o perfil duro e anguloso do homem a quem pertencia.

Ele esqueceu por completo a moça. Estendeu a mão para a pilha de papéis e voltou a escolher o desenho do castelo. Com um lápis preto, marcou nele um par de sinais.

Depois, acrescentou mais uma cruz. Ela também se apoiou num cotovelo e fixou os belos olhos curiosos no pedaço de cartão coberto de signos estranhos. Os olhos dele, cinzentos e frios, não se moviam. Ela tratou de deslocar-se com todo cuidado para não o incomodar, mas, ainda assim, quando movia o cotovelo já dormente, quase que suas grossas tranças caíram sobre o desenho. Ela conteve a respiração. Mas ele nem reparou. Estava totalmente absorto naquele pedaço de cartão.

A moça olhava ora para seu rosto, ora para os sinais que ele fazia, e sua curiosidade foi tão grande que ela ousou fazer-lhe pela primeira vez uma pergunta: — Isto é a guerra? Ele olhou-a

demoradamente, como que admirado por tê-la ali. Depois virou a cabeça e voltou a mergulhar no desenho.

Voltou a assinalar linhas e cruzeiros sobre o cartão e, quando virou-se novamente para a moça, viu que ela adormecera. Dormia respirando profundamente, com os lábios entreabertos. Agora parecia ainda mais jovem.

A chuva não parava de cair murmurante sobre a tenda. Olhando os cílios e o colo branco da odalisca, viu a mente escapar-lhe, sabe-se lá por quê, de volta às latrinas que estavam sendo construídas a toda pressa. O primeiro dreno talvez já se aproximasse agora do rio, como uma cobra-d'água... Ergueu a coberta da jovem e, contrariando seus hábitos, demorou-se a olhar seu ventre e o sexo, ainda úmido de seu sêmen. "Quem sabe ficou grávida", pensou, "e daqui a nove meses trará ao mundo um menino..." Entorpecido pela aproximação do sono, deixou a mente passar aos equipamentos que agora já deviam estar cobertos, à guarda, à reunião do conselho de guerra marcada para o dia seguinte, para voltar ao ventre da moça onde sua semente quem sabe germinava. "Quando crescer, nem há de imaginar que foi concebido numa tenda de campanha, sob a chuva, aos pés de um castelo sinistro, longe... Quem sabe há de ser militar e, conforme for subindo de patente, sua tenda há de se afastar das muralhas dos castelos, para duzentos pés, seiscentos, mil e duzentos... Má, de que barro fomos feitos", suspirou, enquanto a cabeça pendia como sobre um abismo.

Suas alvas tendas cercaram o castelo pelos quatro lados, na forma de uma coroa. Quando o dia seguinte amanheceu, parecia que uma grande nevasca caíra ao nosso redor. Já não se podiam ver a terra, ervas ou pedras. Achegamo-nos à muralha para contemplar aquele imenso inverno. Só então compreendemos em que terrível contenda nosso George se metera, ao desafiar o maior potentado do globo, Murat Han.

O acampamento deles se estendia até onde a vista alcançava e mais além. O desaparecimento da terra confrangeu-nos a alma. Ficamos como que confinados às nuvens do céu, enquanto embaixo o oceano das tendas, como num sonho ruim, tratava de criar outra paisagem, uma espécie de mundo de ninguém.

Daqui se avista o pavilhão rosado do comandante-em-chefe do exército deles. Anteontem ele enviou-nos sua gente para exigir nossa rendição. As condições eram explícitas: não tocarão em ninguém, permitirão que circulemos, mesmo armados, indo aonde quisermos. Querem apenas as chaves do castelo, para retirarem de nossa torre a bandeira do pássaro negro (que é como chamam nossa águia), que, segundo eles, ofende os céus, pondo em seu lugar a lua crescente, que é a autêntica filha do firmamento.

Assim têm feito em toda parte ultimamente. Ocultam o verdadeiro objetivo da ocupação atrás de uma ideia genérica. Deixaram para o fim a questão religiosa, certos de que assim hão de vencer. O mais graduado deles apontou com a mão nosso campanário, dizendo que se quisermos poderemos manter o instrumento de suplício (que é como designam a santa cruz), junto com a fé de cristãos, naturalmente. Mais tarde, acrescentou, certamente haveremos de segui-los, já que povo algum preferirá o martírio à paz do Islã.

Nossa resposta foi curta e cortante: nunca tiraremos nem a águia nem a cruz de nosso céu, são os signos e o destino que escolhemos e sob os quais permaneceremos.

Que cada qual conserve seus signos e sua fé conforme Deus mande, e que eles devem ir-se daqui.

Sem esperar que o intérprete traduzisse as últimas palavras, eles levantaram-se encolerizados. Disseram que éramos uns ingênuos, que já tínhamos falado demais e que agora as armas haveriam de falar. Marcharam em seguida para o portão,

atravessando o centro da praça para que todos vissem suas
suntuosas vestes.

Dois

O cronista Mevla Tcheleb permanecia de lado, observando com curiosidade como os membros do conselho de guerra penetravam um após o outro no grande pavilhão, em cuja porta uma lança sustentava o crescente de cobre, emblema do Império. Enquanto seguia os generais com os olhos, Tcheleb tratava de encontrar os qualificativos que incorporaria aos nomes de cada um em sua crônica. Porém os qualificativos eram poucos, eram fracos e em sua maioria tinham sido empregados em excesso pelos cronistas mais antigos, banalizando-se. Além do mais, havia que pôr de lado os principais louvores, reservados para uso exclusivo do comandante-em-chefe, o que lhe deixava um estoque ainda menor, e ele devia pensar bem antes de gastar um único que fosse. Eram como um punhado de pedras preciosas que deviam ser sabiamente distribuídas por todo aquele imenso exército.

Kurdishdji, comandante dos akendji, acabava de desmontar do seu corcel. Sua cabeçorra avermelhada parecia sonolenta. Em seguida chegou o comandante dos janízaros, o velho e terrível Tavdja Tokmakhan, cujos membros curtos pareciam ter sido quebrados e em seguida soldados sem maiores cuidados. Karamukbil, o comandante dos azape, o mufti do exército e dois sandjakbei* entraram às pressas no pavilhão. Depois chegaram, sucessivamente, Asllanhan, Del Burdjuba, Ullu Bekbeu, Olltch Karaduman, Hata, Utch Kurtogmuz e Utch Tundjurt, Bakerhanbeu, o surdo-mudo Tanhank e o allaibeu, comandante do corpo de spahis do exército. O cronista pôs-se a pensar em que ordem deveria mencionar em seu relato, todos aqueles célebres senhores de guerra, cujos nomes evocavam o fragor dos metais, as feras selvagens, o

negro pó das marchas, os rigores do mau tempo, relâmpagos e outras coisas terríveis.

**No Império Otomano, chefes militares e governantes (bei) de uma sandjak, ou província. (N. T.)*

Excetuando-se o comandante-em-chefe e Karamukbil, que tinham rostos ovais e regulares, e naturalmente o allaibeu, que ostentava a bela estampa da maioria de seus iguais, as fisionomias dos demais pareciam propositalmente talhadas para dificultar o ofício do cronista. À mente deste involuntariamente ocorriam coisas nada próprias de um heróico relato de feitos d'armas, como o terçol no olho de Olltch Karaduman, a asma do mufti, a dentadura saliente de Utch Kurtogmuz, as frieiras de seu homônimo Utch Tundjurt, corcundas, pescoços truncados, braços longos como os de espantalhos, gorduras ostentadas por um ou outro, e principalmente os pelos encravados sob o nariz de Kurdishdji, que já na noite anterior tirara o sono do cronista.

Estava a refletir sobre aqueles pelos, sabe-se lá por que, quando ouviu uma voz: — Como vai, Mevla Tcheleb?

O cronista voltou-se e logo tratou de fazer uma reverência. Tinha diante de si o chefe da intendência do exército. Este viera a pé, junto com o engenheiro-mor Sarudjan, célebre fundidor de canhões, que ostentava um rosto pálido e olhos avermelhados pela insônia. Era o único membro do conselho de guerra que trajava uma capa negra, muito de acordo com o ar de mistério que cercava seu ofício.

— O que faz por aqui? — indagou o intendente.

— Assisto à chegada dos membros do ilustre conselho — disse o cronista, num tom inseguro de quem foi apanhado em falta.

O chefe da intendência sorriu e, acompanhado por Sarudjan, dirigiu-se para a entrada do pavilhão, onde a guarda parecia petrificada.

Novamente tomado pelo sentimento de culpa em virtude dos pensamentos de pouco antes, o cronista acompanhou a silhueta alta e delgada do chefe da intendência, que ficara conhecendo por acaso durante a marcha. Ao contrário de outras ocasiões, ele agora lhe parecera arrogante.

O último a chegar, apressado, foi o arquiteto Kaur. O cronista também acompanhou com os olhos aqueles passos forçados. Ninguém sabia de onde viera e que nacionalidade tinha aquele homem, detentor de todos os segredos da construção de castelos. Era um solitário, como ocorre aos estrangeiros, e mais ainda por expressar-se num turco infame, que ninguém entendia. Como tinha a pele glabra, muitos desconfiavam que fosse mulher, ou ao menos meia mulher e meio homem, um hermafrodita, como diziam.

Depois do arquiteto Kaur, ninguém mais entrou. Os guardas, à porta do pavilhão, começaram a jogar dados. Mevla Tcheleb bem gostaria de assistir às discussões lá dentro. É o que ocorreria caso ele fosse não apenas cronista, mas também escrivão do conselho, duas funções normalmente confiadas à mesma pessoa. Conforme andasse seu estado de espírito, ele encontrava explicações distintas para a quebra dessa regra. Às vezes considerava-se objeto de uma honraria toda especial, pois não ficaria sobrecarregado e poderia caprichar na redação de seu imortal relato. Mas em outras ocasiões, como agora, enquanto espiava de longe o pavilhão do comandante em chefe, encontrava outras explicações, nada lisonjeiras, e então roía-se de ciúmes. Já se dispunha a ir embora quando viu alguns membros do conselho deixarem o pavilhão de Tursun paxá. O chefe da intendência estava entre eles, e o cronista encheu-se de alegria quando o outro o notou e fez sinal para que se aproximasse.

— Podemos conversar um pouco enquanto caminhamos — disse. — Eles estão discutindo minúcias do plano de ataque, e como não nos dizem respeito, liberaram-nos.

— Quando vai começar? — indagou timidamente Tcheleb.

— Acredito que daqui a uma semana. Assim que os dois canhões grandes forem fundidos.

Caminhavam sem pressa. A ordenança do intendente seguia-os como uma sombra.

— Vamos até minha tenda beber alguma coisa, longe dessa confusão — disse o chefe da intendência.

Tcheleb pôs a mão no peito e repetiu sua reverência. — Será uma grande honra. O desvanecimento com o convite do outro, para falarem de história ou filosofia, como ocorrera dias antes, logo cedeu lugar ao medo de decepcionar seu eminente amigo.

— Estou com a cabeça fervendo — prosseguiu o outro. — Preciso descansar um pouco. Estou cheio de problemas para resolver.

O cronista ouvia, reverente. — Usualmente vocês, cronistas, reservam todos os méritos dos feitos d'armas para o comandante supremo — comentou o intendente, — mas quero dizer-lhe uma coisa, preste atenção, Tcheleb: depois do comandante, as maiores responsabilidades vêm para aqui — e apontou para a própria frente.

O cronista baixou a cabeça como que a desculpar-se. — Sim, a intendência: eis a carga mais pesada numa guerra — disse o outro quase com amargura. — Brandir a espada a torto e a direito não chega a ser grande coisa. Mas pensar, todos os dias, em como alimentar duzentos mil homens, numa terra estranha, em um lugar perdido como este, isto, sim, põe à prova os nossos miolos.

— Tem toda a razão — concordou o cronista.

— Posso confiar-lhe um segredo? — O chefe da intendência voltou-se inesperadamente. — Você sabia que este exército que está aqui à nossa volta só conta com víveres para duas escassas semanas? Tcheleb ensaiou um movimento de sobrancelhas, mas elas lhe pareceram finas demais para todo o espanto que queria exprimir.

— As caravanas virão periodicamente, de Edirna, sei disso. Mas quem pode confiar numa viagem tão longa? Transporte de

viveres... Se algum dia você ouvir dizer que fiquei louco, pode saber que foi isso que me enlouqueceu.

Não diga uma coisa dessas, quis contestar o cronista, chegou a virar a cabeça e até os braços, porém estes também lhe pareciam insignificantes.

— Todas as responsabilidades recaem sobre esta cabeça — repetiu o chefe da intendência. — Se amanhã de manhã os cozinheiros anunciarem que não têm o que pôr nas panelas, quem será acordado em plena madrugada? Tursun paxá? Quem sabe Kurdishji, o velho Tavdja ou algum outro comandante? Não. É este aqui que será chamado — e cravou o dedo no peito, como quem crava uma faca.

Mevla Tcheleb tratou de acrescentar, à reverência e à atenção de sua fisionomia, também o sofrimento pelas agruras do outro, o que nem foi tão difícil, pois seu rosto já era naturalmente marcado por rugas profundas.

A tenda do chefe da intendência ficava bem no centro do acampamento, de forma que eles avançavam em meio a uma confusão de soldados. Alguns sentavam-se à entrada das tendas e desamarravam seu equipamento, outros catavam piolhos, sem a menor compostura. Mevla Tcheleb refletiu que as crônicas jamais mencionavam o trabalho de desamarrar e amarrar o equipamento, embora ele parecesse consumir metade do tempo dos soldados. Quanto aos piolhos, nem se pensava neles.

— E os akendji? — perguntou, disposto a afastar-se daqueles pensamentos pecaminosos. — Não farão incursões pelas redondezas? — Claro. Porém a pilhagem que os akendji promovem não cobre senão uma pequena parte das despesas de uma campanha, e, mesmo assim, só na fase inicial.

— Espantoso — disse o cronista.

— Só existe uma solução — disse o chefe da intendência. — Veneza.

Tcheleb arregalou os olhos. — Pois é, o sultão firmou um acordo com Veneza, para que seus mercadores forneçam víveres e equipamentos ao nosso exército. Você tem o direito de assombrar-se, e deve estar se perguntando como é que acusamos Skanderbeu de ter se vendido aos francos, enquanto, ao mesmo tempo, acertamos com os francos pelas costas de Skanderbeu. Eu também me assombraria se estivesse em seu lugar — e o intendente abriu um de seus habituais sorrisos, em que os olhos não participavam. — E que se há de fazer, Mevla Tcheleb, são coisas da política...

O cronista voltou a baixar a cabeça. Era a sua defesa cada vez que a conversa versava sobre temas perigosos.

Passou por eles uma longa fila de azape carregando feixes de junco.

— Parece que vão usar esses juncos para tecer esteiras, que protegerão os guerreiros dos projéteis incendiários durante o assédio — disse o chefe da intendência.

— Às vezes elas são tecidas com o formato de uma casca de caracol e são chamadas "caraculares".

— Que palavra!

— Você nunca participou do cerco a uma fortaleza?

O cronista sentiu que enrubescia.

— Ainda não tive essa sorte.

— Ah, é uma coisa grandiosa!

— Certamente.

— Escute aqui — o intendente assumiu um tom coloquial. — Já participei de muitos e muitos cercos, mas este — apontou com a mão para o castelo — será uma das piores carnificinas da nossa geração. E você deve saber melhor do que eu que é das grandes tragédias que saem os grandes livros. — Soltou um profundo suspiro. — Você vai ter a oportunidade de escrever uma autêntica crônica de guerra, dessas que até cheiram a piche e sangue, e não daquelas inventadas, que mais parecem peças de bordado, escritas

ao pé da lareira por algum remelento que nunca assistiu a um combate.

Mevla Tcheleb voltou a ruborizar-se e recordou as palavras iniciais de sua crônica.

— Um dia desses, se o senhor assim desejar, poderia ler algum trecho da minha crônica. Tenho a esperança de não desapontá-lo.

— Oh, claro, com todo o prazer! Você sabe que eu adoro história!

Passou por eles um ruidoso grupo de janízaros.

— Estão satisfeitos — disse o intendente —, hoje foi o dia do soldo.

Tcheleb percebeu que os soldos também jamais eram lembrados nas crônicas militares.

Outros soldados montavam algumas tendas compridas. Mais adiante eram carreiros que descarregavam vigas e feixes de junco, ao lado de um fosso recém-aberto. O acampamento se assemelhava mais a um canteiro de obras que a uma instalação militar.

— Lá vêm as velhas da Romélia — comentou o chefe da intendência.

O cronista voltou-se para a esquerda e avistou uma área baldia onde dezenas de anciãs se agitavam em torno de panelas postas no fogo.

— O que fazem elas?

— Ungentos contra ferimentos. Principalmente contra queimaduras.

O cronista fitou as fisionomias impassíveis e misteriosas das velhas.

— Um guerreiro está sujeito a ferimentos medonhos, no tronco, nos membros — a voz do intendente entristeceu-se. — Mas quase ninguém sabe ainda o que fazem essas mulheres. A maioria acredita que sejam feiticeiras.

O cronista volveu os olhos para não ver os soldados que catavam piolhos. Na realidade, boa parte deles tinha outra ocupação: sentados sobre as pernas cruzadas, examinavam as solas dos pés, espantados com o que viam.

— Estão com os pés em chagas depois da longa caminhada — disse o intendente com voz compassiva. — E até hoje jamais vi um livro de história falar, nem ao menos de passagem, sobre os pés da soldadesca.

O cronista sentiu vergonha da repulsa que provara, mas o que estava feito, feito estava.

— Para dizer a verdade, este Império sem fim, que orgulha a todos nós, expandiu-se por meio desses pés cheios de calos e frieiras — proclamou o outro quase gritando.

— Um amigo meu costuma dizer que tem ganas de cair de joelhos e cobrir de beijos esses pés fedorentos.

O cronista já não sabia onde se esconder. Para sua sorte, haviam finalmente chegado à tenda.

— É aqui que me abrigo — disse o alto funcionário, mudando de tom. — Faça o favor de entrar, Mevla Tcheleb. Gosta de suco de romã? Nada como um suco de romã neste calor cada vez pior. Nada como isso e uma conversa de pé de ouvido com um amigo, sobre coisas elevadas e espirituais, para enfrentar estes tempos selvagens. É como uma flor em meio às urtigas, não é mesmo, Mevla Tcheleb?

O cronista ainda pensava nos calos e no fedor dos pés dos soldados, mas logo aplacou a consciência refletindo que aos homens superiores tudo se devia perdoar.

— Sinto-me imensamente feliz por ser considerado seu amigo, logo eu, que não passo de um simples cronista.

— Você domina a refinada maestria dos historiadores — interrompeu o outro. — Só a ralé não sabe apreciar uma coisa dessas. E agora, querido amigo, por que não lê, conforme o pro— metido, algum trecho de sua crônica? Mevla Tcheleb enrubesceria outra vez,

agora de satisfação, se não estivesse tão combalido. Trocaram mais algumas gentilezas convencionais, e ele, que sabia de cor o início da crônica, pôs-se a recitar solenemente: "Assim que veio a ordem do padixá*, senhor do mundo, a quem homens e djins devem obediência, muitos haréns foram abandonados e partiram os leões para a guerra no país dos albaneses". O chefe da intendência comentou que era um belo início do ponto de vista artístico, mas seria interessante se a ideia do abandono fosse associada a algo mais essencial à vida humana e relevante para a economia, arados ou vinhedos, por exemplo. Alguns números tampouco caíam mal numa crônica.

**Título de origem persa concedido a certos soberanos do Oriente e em especial ao sultão otomano. (N. T.)*

Assomou à entrada da tenda o escrivão do intendente e, quando seu senhor assentiu, aproximou-se para murmurar algo em seu ouvido. O chefe da intendência ia fazendo gestos com a cabeça, ora assentindo, ora negando.

— Do que estávamos falando? — disse, quando o escrivão se foi. — Ah, sim, dos números. Mas não me dê muita atenção quando falo deles, são a minha mania. Dia após dia só faço lidar com eles.

O escrivão apareceu novamente. — Um mensageiro do paxá — apressou-se a dizer, quando viu seu senhor franzir o cenho.

— Que entre. O emissário do paxá debruçou-se no ouvido do chefe da intendência e pôs-se a cochichar. Em seguida aproximou o próprio ouvido para obter a resposta.

— É melhor sairmos um pouco, ficarmos ao ar livre — disse o intendente quando voltaram a ficar sós. — Do contrário, esses problemas do dia-a-dia farão murchar as flores da nossa conversa.

Quando saíram a tarde tombava. O acampamento se animava. Por toda parte viam-se akendji conduzindo suas montarias

até o rio. As bandeiras que encimavam as tendas tremulavam ao vento. Se possuísse flores para perfumá-lo, o lugar lembraria um jardim e não um bivaque. O cronista não recordava nenhum de seus antecessores que tivesse assim designado algum exército. Mas, sim, ele o faria. Compararia o exército de Ugurlu Tursun paxá a um jardim, ou melhor, a um colorido tapete que, tão logo ouvisse a ordem de atacar, eriçaria os negros espinhos da morte.

Bem no centro do acampamento, deram com o engenheiro-mor.

— Acabou a reunião? — quis saber o chefe da intendência. — Neste mesmo instante. Eu já estava caindo de sono — respondeu Sarudjan, esfregando os olhos.

— Logo se vê. Você está pálido... Precisa cuidar de si... — Faz três noites que quase não dormimos. O paxá, na reunião de hoje, deu ordens terminantes para os canhões ficarem prontos até a semana que vem... Na semana que vem quero ouvir os tiros deles, disse.

— E vocês vão conseguir? — Não sei. Até podemos conseguir. Mas você nem imagina quantos imprevistos podem ocorrer num trabalho desses. Além do mais, estamos falando de uma arma nova, e sou obrigado a acompanhar cada trabalho.

— Compreendo. — Querem conhecer a fundição? — e Sarudjan, sem esperar pela resposta, foi conduzindo-os através do descampado.

O cronista não cabia em si com a confiança que lhe mostravam. Desde antes mesmo da partida ele escutara toda sorte de boatos sobre a nova arma. Falava-se dela com admiração e medo, como costuma ocorrer com as armas secretas. Dizia-se que seu estrondo ensurdecia as pessoas para sempre, e o deslocamento de ar derrubava qualquer coisa.

Ao longo do percurso ele chegara a ver os camelos que, dizia-se, carregavam a alma dos canhões gigantes. Os soldados que marchavam à sua volta espiavam em silêncio os negros toldos

ensopados pela chuva, a ocultar o grande segredo da morte. O cronista ardia de curiosidade de conhecer melhor aquilo tudo, mas temia despertar suspeitas. Quando afinal vencera a timidez e interrogara o recém-conhecido chefe da intendência, este pusera-se a rir, com as mãos nas cadeiras. A alma dos canhões jamais estivera sob os toldos que os camelos levavam. Ali havia apenas placas de ferro e de bronze, além de um tipo especial de carvão. Você por certo vai perguntar então onde está a arma secreta. Pois eu lhe digo, Mevla Tcheleb: os terríveis grão-canhões estão num alforje até bem pequeno... não maior do que este meu. E não me olhe assim, não estou gracejando. O canhão secreto na verdade está com ele — e indicara com o olhar um homem de rosto alvacentos e manto negro. Fora preciso algum tempo até o cronista entender que o alforje do sujeitinho pálido continha na verdade os desenhos e cálculos secretos que serviriam de base para a fundição dos grandes canhões.

A fundição ficava num espaço isolado, protegido por uma cerca e uma numerosa guarda. Um talude a separava do rio e, a vinte passos da entrada, uma tábua ostentava a inscrição: "Zona proibida".

— Nossa oficina é cuidadosamente protegida dia e noite — explicou o engenheiro-mor. — Dizem que o inimigo pode infiltrar espiões para roubar nosso segredo.

Ele os foi orientando pelo terreno acidentado, até uma das barracas. Dentro reinava um forte calor, vindo de fogueiras, forjas e fornos. Os fundidores, quase nus, trabalhavam cobertos de suor. Por toda parte viam-se peças de ferro, de bronze e grandes moldes de argila.

O engenheiro-mor mostrou os projetos dos canhões gigantes. Os dois olharam espantados aquele amontoado de retas, curvas e círculos cuidadosamente desenhados em cartões.

— Este aqui é o maior de todos — explicou Sarudjan, parando um dos esquemas. — Meus artilheiros já o apelidaram

balljemeztop.

— O canhão que não come mel? Por quê? — quis saber o chefe da intendência.

— Porque come cabeças humanas — disse Sarudjan. — É um canhão temperamental, podemos dizer, como esses meninos mal-educados que acordam dizendo à mãe que enjoaram de comer mel.

— Hum-hum — fez o intendente. — Agora vejam onde vai ser feita a fundição — prosseguiu o engenheiro-mor, seguindo adiante. — Aqui está a grande cova onde colocaremos os moldes de argila, e aqui os fornos onde o ferro será derretido. Um único forno basta para fundir o metal de um canhão de dimensões usuais, porém o balljemeztop exige pelo menos seis fornos. Este é exatamente um dos segredos da fundição: trabalhar ao mesmo tempo com seis fornos, que forneçam metal da mesma qualidade. Qualquer frincha, por menor que seja, qualquer bolha no interior do ferro e o canhão explodirá no primeiro tiro.

— Puxa! — exclamou o intendente, sem ocultar seu deslumbramento.

Embora estivesse extremamente confuso, Mevla Tcheleb cuidava de não olhar muito para o chefe da intendência, temendo que mais tarde ele se irritasse ao saber que um reles cronista o surpreendera num momento de fraqueza, maravilhando-se, logo ele a quem nada podia maravilhar.

Porém o intendente não fazia o menor esforço para disfarçar seu fascínio. E o cronista sentia arrepios ao dar-se conta de que o engenheiro-mor Sarudjan lidava com uma empreitada divina, para não dizer demoníaca, ao extrair de seus fornos o caldo ardente que Má extraía das entranhas da terra por meio dos vulcões. Uma ocupação daquelas certamente não ficaria sem punição.

— Será a primeira vez que canhões assim serão usados na história da humanidade — disse orgulhosamente Sarudjan. — Perto do estrondo deles, os terremotos vão parecer cantigas de ninar.

Os dois olhavam tudo cheios de admiração. — Aqui será travada a guerra mais moderna do mundo — prosseguiu o outro, cravando os olhos no cronista.

Mevla Tcheleb permanecia embasbacado. — A subjugação dos Bálcãs é no momento a principal preocupação do padixá — disse o chefe da intendência. — Compreende-se que ele nada tenha poupado para esta guerra.

— Vejam, lá vem meu ajudante principal — disse Sarudjan, apontando um rapaz alto com o rosto comprido e cheio de espinhas.

O ajudante olhou-os com indiferença e, fazendo um gesto que a muito custo poderia ser tomado como um cumprimento, disse algo ao engenheiro-mor.

— Parece-lhes estranho que este garoto seja o meu ajudante? comentou Sarudjan, depois que o espinhento se afastou. — Pois é o que ocorre com a maioria das pessoas.

De fato a aparência dele não entusiasma, mas é de uma eficiência inimaginável.

Os dois nada responderam. — Naquela outra barraca fundiremos as outras armas, de menor porte, mas não menos terríveis — prosseguiu o engenheiro-mor. — São chamadas bombardas e atiram pedras. Distintamente dos canhões, que alvejam diretamente as muralhas, estas atiram as pedras para cima e elas caem como uma desgraça que tomba do céu.

Ele ergue do chão um carvão e um pedaço de cartão. — Digamos que esta seja a muralha da fortaleza. E que aqui esteja instalado o canhão. O projétil do canhão percorre este trajeto, direto, até se chocar com o muro — e ele desenhou uma linha pontilhada. — Ao passo que a munição da bombardas ergue-se bem alto no céu, espertamente, por assim dizer, como se nada tivesse a ver com o muro, mas em seguida cai bem por trás dele. — Ele traçou a outra trajetória, com uma mão que o cronista achou meio trêmula. — E ela faz um barulho que lembra o rugido de um mar tempestuoso.

— Alá! — exclamou o cronista. — Onde você aprendeu os segredos da fundição de canhões? — quis saber o chefe da intendência.

O engenheiro-mor imediatamente ergueu os olhos. — Com meu mestre Saruhanlli — disse após uma pausa. — Trabalhei como ajudante dele.

— E agora ele está preso, não é? — perguntou o outro. — Sim — disse Sarudjan. — Foi encarcerado, por ordem do sultão, na fortaleza de Bogazkesen.

— E ninguém sabe a causa de sua condenação — interveio timidamente Mevla Tcheleb.

— Eu sei — disse o engenheiro-mor. O intendente ergueu os olhos, curioso. — Ultimamente o velho Saruhanlli deu para variar — disse o engenheiro. — Já não queria aumentar o calibre dos canhões. Alegava para todos que isso seria impossível, mas para mim, que era seu amigo mais íntimo, ele confidenciou a verdade. É possível, sim, mas isso faria dos canhões uma arma descomunal, que traria a desgraça do gênero humano. O monstro já nasceu, dizia ele sobre os canhões, já não se pode suprimi-lo, mas ao menos podemos manter a boca dele como está em vez de abri-la ainda mais. Do contrário, ele devorará o mundo. Então o velho Saruhanlli interrompeu seus experimentos e o sultão o colocou a ferros.

O engenheiro-mor apanhou um fragmento de argila e esmagou-o entre as mãos.

— Foi o que aconteceu com ele — explicou.

Os dois outros aquiesceram. — ... Ao passo que eu tenho outra opinião sobre o assunto — prosseguiu o engenheiro. — Considero que a ciência ficaria paralisada se nós tivermos pruridos desse tipo. Com guerra ou sem guerra, é preciso que a ciência avance. A mim pouco importa quem empregará este canhão, e contra quem empregará.

O importante é que ele atire as pedras conforme o diagrama que tracei. O resto é problema de vocês — concluiu bruscamente.

— Pelo que eu soube, o dinheiro para construir esse canhão foi dado por uma das esposas do sultão, preocupada com a salvação de sua alma — comentou o chefe da intendência, aparentemente desejoso de mudar de assunto.

— Para a salvação da alma? — perguntou Tcheleb, considerando que ali estava um belo episódio para assinalar em sua crônica. — E custou muito caro? — acrescentou um pouco mais tarde, espantando-se com a própria ousadia.

— Essas coisas é ele quem sabe — disse o engenheiro-mor, apontando com o dedo para o intendente. — Não me pergunte sobre elas. Se você quiser saber a que distância ele projeta uma pedra, ou qual seu poder destrutivo, então sei dizer.

— O canhão custou caro — esclareceu o chefe da intendência —, extraordinariamente caro, especialmente agora que estamos em tempo de guerra e o preço do bronze está pela hora da morte. — Então ele fechou os olhos e fez um rápido cálculo: — Dois milhões de aspre*.

**Antiga moeda de prata turca. (N. T.)*

O cronista ficou boquiaberto, mas o engenheiro-mor não pareceu impressionado.

— Uma soma dessas, para salvar uma alma! — comentou o intendente. — Pode parecer muito à primeira vista, porém daqui a alguns dias, caso o canhão rompa a muralha do castelo, terá valido seu peso em ouro...

Um sorrisinho de mofa teimava em habitar-lhe a face. — No cerco de Trebizonda*, quando o primeiro canhão disparou, e era menor do que este aqui, muita gente que testemunhou o fato teve a

impressão de que a boca da arma trovejava: "Má!". Eu porém estava lá — prosseguiu o intendente — e sabem o que me pareceu ter ouvido? Eu diria que ela trovejou: "Impostos!".

**Trebizonda, ou Trabzon: porto grego, e mais tarde bizantino, da Anatólia, às margens do mar Negro, tomado pelos otomanos em 1461. (N. T.)*

O cronista abriu ainda mais a boca. Já o engenheiro-mor sorria.

— Você bem sabe o significado dos impostos e quantas coisas se fazem neste mundo em nome deles, inclusive o assédio a esta fortaleza — comentou o chefe da intendência.

— Quanto a mim, acredito que a boca do canhão, ao disparar, não diz nem "Má!" nem "Impostos!", mas simplesmente produz um estampido cuja potência varia conforme a pólvora que se colocou sob o projétil, o calibre e especialmente o comprimento do cano.

O chefe da intendência riu. Não iria levar a mal o engenheiro-mor. Quanto a Mevla Tcheleb, ele meditava sobre o fato de ter conhecido e travado amizade com personagens tão sábios e poderosos, e cada vez mais punha em dúvida sua capacidade de enfrentar uma conversação daquelas, que transcorria em esfera tão elevada.

— Vamos sair um pouco — propôs o chefe da intendência. Sarudjan acompanhou-os até a entrada. — Há quem diga que estas novas armas mudarão para sempre a natureza das guerras — comentou o cronista.

O engenheiro-mor balançou a cabeça, cheio de ceticismo. — É o que dizem — duvidou. — Dizem até que elas tornarão o uso de castelos uma coisa ultrapassada.

— Por que este "dizem"? — quis saber o intendente. — Será que você duvida que estes canhões vão vencer aquele castelo?

— Gostaria muito que assim fosse — retrucou Sarudjan, ainda sorrindo —, já que fui eu quem criou os canhões. Mas penso de modo um pouco diferente. Os canhões vão ajudar, não há dúvida, mas no final das contas quem ocupará a fortaleza serão os guerreiros do nosso grande padixá.

— Compreendo — disse o intendente.

— ... E as novas armas terão outro efeito — prosseguiu Sarudjan. — Com seus estrondos, despertarão terror e confrangerão os corações dos defensores do castelo, o que também não é pouca coisa, não é verdade?

— Claro, é a pura verdade — disse o outro.

— E aqui não falamos apenas destes pobres-diabos, mas de toda a cristandade que treme à menção das novas armas. Elas já nascem envoltas em sua legenda.

— Vou acompanhá-los por uma parte do caminho, mas devo voltar, pois tenho mil e uma tarefas para hoje — desculpou-se Sarudjan. — Pode ser que a fundição comece à meia-noite.

— Não há problema, não há problema. Muito obrigado! — disseram os dois visitantes quase em coro.

Nesse meio-tempo, caíra a noite e as fogueiras pontilhavam o acampamento. Em algum lugar da escuridão, alguém cantava em tom arrastado uma melodia triste. Mais adiante, dois dervixes cobertos de farrapos pediam esmolas.

Foram caminhando, em silêncio, e o cronista pôs-se a pensar que era de fato espantoso que pessoas tão diferentes umas das outras servissem ao mesmo padixá, e como a guerra reunira a todos eles bem ali, naquele fim de mundo.

A voz do cantor nostálgico chegava-lhes em ondas longínquas: Mundo, mundo... Ó mundo...

A calma contínua. Mas é uma calma extenuante, como toda superfície tranquila que oculta o desconhecido. Às vezes temos a impressão de que esse exército à nossa roda nada tem a ver conosco.

Parece que foi o puro acaso que pôs frente a frente nesta esplanada nosso castelo e o acampamento otomano. E que em breve ambos se separarão.

Sabemos porém que agora é tarde demais para isso. Um dos dois será vencido.

Eles se preparam para o ataque. Daqui avistamos como arrumam escadas, cordas, ganchos, aríetes de ferro, cunhas para a escalada, toda a aparelhagem do assalto, a velha e também a nova, inventada há três ou quatro anos.

Uma negra fumaceira emana dia e noite da oficina dos canhões. Ali estão fundindo a nova arma que, ao que se comenta, será inaugurada contra nós. Explicamos a nossa gente que uma nova arma nunca é tão terrível quanto os rumores que a acompanham, mas a apreensão vai num crescendo. À noite, no topo dos montes, nosso George envia-nos mensagens de esperança por meio de fogueiras. Mas quando o tempo piora não se enxergam nem as fogueiras nem as montanhas e sentimo-nos como que suspensos sobre um abismo.

Às vezes nos cansamos da paisagem do acampamento e passamos horas a fio olhando para o céu. Ao que parece esses longos esforços de concentração levaram alguns de nós a enxergar coisas. Eles insistem que avistaram a Boa Fada da Albânia caminhando em meio às nuvens, e também outras entidades sobrenaturais, armadas de lanças e forcados, ou trazendo nas mãos a balança do destino. Alguns dizem também que avistaram a Fada Má.

Essas visagens, produto da fadiga e da expectativa, parecem ecos longínquos do tempo em que nossos avós acreditavam em muitos deuses. Muitos dos nossos têm a convicção de que essas divindades não só continuam a pairar sobre nós como também influirão nos destinos da guerra, tal como outrora. Alimentam a esperança de que os céus, embora ultimamente mostrem-se frios para conosco, hão de se condoer e intervirão como antes nos

assuntos humanos. Ouviremos as rodas e asas dos carros celestes, dizem. E quem sabe se a sorte da contenda, e de cada um de nós, será lançada aqui na terra negra ou lá em cima, nas nuvens?

Três

O conselho de guerra foi convocado para a tarde de domingo. Todos já estavam presentes quando Tursun paxá entrou no pavilhão que abrigava o conclave. Ele sentou-se em seu lugar sem fitar quem quer que fosse. Trazia o cenho carregado.

O escrivão do conselho molhou a pena e pousou-a sobre o papel diante de si. Moveu-se ligeiramente para acomodar-se melhor, mas o cotovelo escapou do joelho onde estava apoiado e uma gota negra tombou da pena. Ele apressou-se em enxugar a gota com a manga sem que ninguém reparasse, pois ela podia ser tomada como um mau presságio intencionalmente lançado sobre o papel.

— Quero conhecer a opinião definitiva dos senhores sobre o momento do ataque — disse Tursun paxá. — Porém, antes de deliberarmos sobre isso, devo dizer que aprecio os cuidados que manifestaram com a segurança de minha pessoa, mas quanto à proposta que fizeram de arranjar-me um menecma, um sósia, um dublê, como dizem agora... — neste ponto ele abrangeu com um olhar Asllanhan, Bekbeu e o mufti do exército — eu a desaprovo.

Deteve os olhos por mais um momento sobre a face dos três, em busca de alguma sombra de malícia, mas logo se persuadiu de que não tinham segundas intenções e que só haviam feito a proposta porque os dublês estavam na moda.

Divisou uma ponta de contrariedade nas feições dos generais. Não creio que se inquietem tanto assim com minha segurança, pensou consigo. Mas não se deixou encolerizar.

Já fora um simples oficial e sabia que oficiais apreciam os dublês porque podem desprezá-los, ou mesmo maldizê-los entre dentes, sem correrem maiores riscos. Mas não se davam conta de que, ao desdenharem o sósia do comandante-em-chefe, sem querer

adquiriam o costume e podiam ocorrer imprevistos quando o verdadeiro comandante aparecesse de surpresa. Aliás, poderia ser até pior, pensou. Um belo dia, podiam achar que Tursun paxá era o outro... a sombra... enquanto seu cadáver jazia bem fundo debaixo da terra.

O comandante-em-chefe esfregou a fronte. Dormira mal, um sono de vespa, como se costuma dizer, e a cabeça lhe doía.

— Agora, voltemos ao ataque — ordenou. — Falem.

Não gostava de reuniões prolongadas e deixava claro seu desprezo por elas. Cruzou os braços sobre o peito e esperou.

Em meio ao profundo silêncio que se seguiu, todos ouviram a pena do escriba a deitar no papel a última frase.

O engenheiro-mor Sarudjan foi o primeiro a falar. Sem nenhuma introdução, nem sequer as saudações de praxe (algo assombroso, mas que no caso dele já não causava espanto), foi direto ao que tinha a dizer: — Meus canhões estarão prontos a partir de amanhã, mas as bombardas não, não antes de terça-feira. Na terça o bombardeio pode começar. Precisarei de um dia para romper a muralha. É só.

— O próximo — disse Tursun paxá.

O segundo a falar foi o mufti. — Afortunado Tursun paxá — iniciou, fazendo uma reverência —, após aconselhar-me com o intérprete de sonhos, e também com o astrólogo, quanto à conjugação dos planetas — e indicou com um gesto o astrólogo, encolhido e trêmulo em seu canto —, julgo que o ataque deve começar amanhã.

— Que imbecil! — murmurou o engenheiro-mor. O chefe da intendência, sentado a seu lado, puxou-o pela manga: — A disposição das estrelas com relação à lua será favorável amanhã — prosseguiu o mufti —, ao contrário do que ocorrerá na terça-feira. Além do mais, esta noite Alá enviou-me um sonho: à luz do luar, um crocodilo investia contra um búfalo negro e devorava-lhe o coração.

O búfalo negro, no caso, é a fortaleza. E é fato sabido que amanhã nasce a lua nova.

— Quantas asneiras — voltou a murmurar Sarudjan, enquanto o chefe da intendência mais uma vez o puxava pela manga.

— O próximo — ordenou o paxá. — Não estou entendendo bem — disse o engenheiro-mor, sem se dirigir a ninguém em especial. — A ideia do mufti é bombardear o castelo antes ou depois do ataque?

O intendente sacudiu-lhe a manga com redobrada energia. Já o mufti, nem se dignou responder.

Tursun paxá não desgrudava dos dois seu olhar severo. Convocou o allaibeu dos spahis. Este não tinha voto no conselho, e por sua patente situava-se bem abaixo de muitos conselheiros, mas era um emissário direto do sultão e portanto quase todos o temiam. Compreendendo que Tursun paxá queria superar a desavença, interveio cautelosamente.

— Penso que o bombardeio não deve tardar tanto, como disse Sarudjan. Caso os canhões não rompam a muralha na primeira metade do dia, por certo não irão fazê-lo na segunda. Caso o canhoneio inicie de manhãzinha, considero que o assalto deve ser à tarde, ou seja, logo a seguir, sem dar tempo para o inimigo se recuperar do terror causado pela nova arma.

O allaibeu saíra pela tangente, deixando claro que não se alinhava nem com um nem com outro. Tursun paxá achou seus argumentos razoáveis, mas o que queria saber era o dia do ataque.

— O próximo — disse.

— Meus janízaros se aborrecem — disse o velho Tavdja. — Começemos o ataque amanhã.

— Amanhã — vociferou Kurdishdji.

O colérico tom sanguíneo de sua face falava melhor que as palavras. Estava furioso porque Tursun paxá ainda não permitira

que seus akendji saqueassem as redondezas. Mas o comandante-em-chefe tinha lá seus motivos. Sabia por experiência própria: caso a pilhagem antecederesse o ataque, o botim amealhado aumentaria o instinto de autoconservação dos akendji, arrefecendo seu ímpeto combativo. Ele queria que o castelo, o grande monstro a destruir, fosse a presa cobiçada por todos e cada um.

O chefe da intendência pediu a palavra. — Meu paxá — iniciou, após uma reverência. E pôs-se a unir artisticamente palavras bem escolhidas, tecendo loas a todos que haviam falado antes, mas ao mesmo tempo refutando suas opiniões, exceto as do comandante-em-chefe. Expressou seu profundo inconformismo por ver que as pessoas não acatavam os sinais enviados por Alá. E por quê? Não porque não o quisessem, mas porque essas mensagens frequentemente não eram captadas por seus humildes cérebros, e menos ainda por seus débeis olhos e surdos ouvidos.

Tursun paxá percebeu os olhares saturados de veneno que o mufti lançava sobre o orador. Kurdishdji e o velho Tavdja também arregalavam os olhos, tentando decifrar qual artimanha se escondia por trás daquela fala melosa.

Tursun paxá sabia que seu conselho de guerra agora cindira-se em dois grupos hostis. O ódio, o desprezo e a mofa transpareciam, às claras. Ele compreendia que o engenheiro-mor e o chefe da intendência tinham razão, mas, se confiava em sua inteligência, punha em dúvida seus sentimentos. Nos outros, ao contrário, apreciava o coração e não o cérebro. De qualquer forma, ainda que estivesse plenamente convencido, não seria fácil colocar-se contra o mufti e aqueles dois poderosos comandantes.

Aguardava agora as palavras do terceiro general, Karamukbil, e do arquiteto Kaur. Não seria difícil adivinhar seus posicionamentos. Karamukbil cerraria fileiras com os dois outros militares, o arquiteto apoiaria seus confrades. As coisas ficariam na mesma e ele teria de decidir sozinho, já que as opiniões dos demais

sandjakbei geralmente não valiam grande coisa, assim como não teria nenhuma valia o ponto de vista do comandante dos eshkíndji, o surdo-mudo Tanhank, cujos olhos ferozes suplicavam sempre pelo ataque, mesmo quando todos os demais percebiam que isso seria morte certa.

O comandante dos azape, Karamukbil, pediu a palavra e, para a surpresa do paxá, tomou o partido do engenheiro-mor. Disse que o castelo devia ser atacado depois de ser longamente alvejado pelos canhões e bombardas, para poupar vidas. Por fim, sublinhou a opinião de que o ataque só deveria ter início depois que os canhões tivessem devassado as muralhas. — Quanto maiores forem as feridas dos muros — concluiu —, menores serão as dos nossos soldados.

— Que vergonha, Karamukbil! — exclamou o velho Tavidja em tom profundo, quase cavernoso. — Que indignidade!

Karamukbil enrubesceu. Era o mais jovem dos comandantes, mas mesmo assim não poderia tolerar aquela ofensa.

— Você fala assim por saber que os primeiros a se lançar ao ataque serão meus azape, que vão morrer como moscas para que os seus janízaros passem em seguida por cima dos nossos cadáveres.

O velho Tavidja fez um gesto de desdém com suas curtas mãos. Karamukbil, ainda que não fosse brigão, já tinha chamas nos olhos. Ao ver que Tursun paxá não intervinha, retrucou em voz ainda mais alta: — Você diria outra coisa se ocorresse o contrário. Se os janízaros atacassem na frente, você seria o primeiro a concordar comigo, em vez de falar em "vergonha" e "indignidade", sem pesar as palavras.

— Foi o padixá quem estipulou as regras da guerra — disse friamente Tavidja —, e não nos cabe questioná-las.

Karamukbil não respondeu. Caso o técnico apresentasse algum argumento forte a favor do adiamento, Tursun paxá tomaria o partido dos técnicos.

— Que fale o arquiteto — disse.

O arquiteto Kaur começou a falar sem que um só músculo de seu rosto inexpressivo se movesse. Quem o ouvisse pela primeira vez ficaria boquiaberto. Ele não era gago nem fanho, mas enfileirava as palavras como se fossem as contas frias e lisas de um rosário.

— Bala canhão deve sem falta pegar ponto união muralha frente torreão dois também muralha direita portão principal meio muralha esquerda primeira torre também terminei.

Ele estava indicando os pontos vulneráveis da estrutura do castelo, imperceptíveis aos demais, mas que ele enxergava como através de um vidro, graças aos esquemas que desenhara. Porém, aos olhos daqueles militares curtidos em carnificinas, aquelas palavras carentes de ligação entre si traziam à memória cadáveres de soldados mutilados.

O arquiteto interrompeu seu discurso como se o cortasse a faca. Sua sucessão de palavras sem vida deixava uma coisa clara: ele discordava de seu próprio bloco.

Tursun paxá a custo conteve um suspiro. Tudo estava dando errado naquele seu conselho de guerra. Enquanto escutava os sandjakbei, que como era de esperar se alinhavam com a facção mais forte, sabendo que dessa maneira não corriam o risco de nenhum equívoco de maiores proporções, ele fitava obliquamente o rosto do allaibeu. Parecia evidente que, mesmo agora, vendo as opiniões assim discrepantes, este não tinha a intenção de fazer pender um dos pratos da balança. A suposição de que ele agia assim seguindo instruções secretas da capital enregelou a alma de Tursun paxá. Quem sabe haviam lhe sugerido, ou mesmo falado às claras: em caso de cisão, não se intrometa.

Umhas mil e quinhentas vidas de soldados, talvez duas mil, dependiam do que diria aquela boca. "Que elas pesem sobre sua consciência!", disse com seus botões Tursun paxá, e pronunciou sua decisão: — Amanhã, antes do nascer do sol, começará o canhoneio

das muralhas. O ataque será à tarde, quando o calor se aplacar. Que se comunique isso desde hoje a todo o exército. Que se faça rufar os tambores desde hoje em todo o acampamento, que os mulás realizem suas prédicas e insuflam o ânimo dos guerreiros, como de costume.

Que assim se proceda até a meia-noite. Então a tropa descansará. — Tursun paxá fez uma pausa dilatada antes de acrescentar: — É tudo.

Todos se puseram de pé, cumprimentaram o comandante e começaram a sair. O astrólogo, aparentemente causador da cisão entre os comandantes, foi dos primeiros a escapular como uma sombra. Sabia que os poderosos, mesmo quando ocasionalmente perdem uma contenda, nem por isso perdem o poder, de forma que julgou mais aconselhável retirar-se que ficar circulando entre seus correligionários, a jactar-se da vitória.

Caíra a noite. O astrólogo vagou por um longo tempo em meio às tendas, sem deparar com nenhuma cara conhecida. O acampamento parecia não ter fim. Além do mais, as ruas e vielas que o cortavam tinham sido traçadas às pressas, em meio à confusão das tendas, e eram tantas, tão semelhantes umas às outras, que se afigurava impossível achar alguém. O astrólogo desejava ardentemente um interlocutor a quem pudesse contar "as novidades do pavilhão". Mas por azar não encontrava um conhecido.

As tendas eram todas idênticas. Apenas naquelas reservadas aos oficiais haviam costurado bandeirolas indicando a patente de seus donos. Os rostos dos que as ocupavam, iluminados por archotes, eram igualmente indiscerníveis.

Súbito alguém chamou-o pelo nome. Era o poeta Saded que vinha em sua direção. O astrólogo saudou-o.

— Aonde vai? — quis saber Saded. — Estava dando uma volta, procurando algum conhecido. Onde se esconderam todos?

Quando o poeta abriu a boca para responder, o astrólogo sentiu o cheiro de aguardente.

— Já ouviu as novidades? — prosseguiu Saded. — Amanhã começa a batalha. Ainda bem, até que enfim.

O astrólogo surpreendeu-se. — Como você ficou sabendo?

— Todo o acampamento já sabe. E você? Não?

— Eu? — escandalizou-se o astrólogo. — Eu soube antes de todos. Estava no pavilhão do paxá quando a decisão foi tomada. Mas desde antes já sabia... graças aos astros.

— Hum — fez Saded.

— Houve uma briga feia lá no pavilhão...

— Tenho uma garrafa comigo — interrompeu-o Saded. — Venha, vamos tomar um trago.

Se fosse outro, o astrólogo teria se ofendido com aquele tratamento. Mas Saded não se dava por achado.

— Que ninguém nos veja — disse.

— Grande coisa. Hoje é noite de festa.

O astrólogo aceitou a garrafa das mãos de Saded e, voltando as costas para o poeta, bebeu uns goles.

Em algum ponto longínquo ouviu-se um rufo. Depois, outro. — Começaram com os tambores. Agora a notícia se espalha por toda parte — disse o astrólogo.

— Eu disse...

O rufar agora ecoava de todos os lados. Os soldados saíam das tendas em grupos. Aqui e ali acendiam-se fogueiras.

— Vai ser uma noite e tanto! — exclamou o poeta.

Eles perambularam algum tempo pela área central do acampamento, depois viraram à direita, onde começavam as tendas dos janízaros. Um dos soldados se deteve e, após dar uns passos no sentido deles, segurou Saded pela manga.

O poeta voltou-se, pensando se tratar de algum conhecido.

— Irmão — disse o janízaro —, por favor, me dê um trago.

O poeta arregalou os olhos. — Como você sabe que eu tenho aguardente?

— Pelo seu hálito, irmão. Mas não se inquiete. Um janízaro não delata.

— Você parece ser um janízaro bem estranho — respondeu por fim o poeta, com a mão no peito.

— Espere — disse o soldado —, não se apresse, espere que estejamos à sombra.

— Como é seu nome?

— Tuz Otchan.

— Belo nome. Soa bem militar.

Quando Saded julgou que estavam ao abrigo de olhares indiscretos, estendeu a garrafa ao desconhecido. Ele próprio também bebeu, depois foi a vez do astrólogo. Andavam agora em meio a um burburinho que crescia sempre mais.

A lua nasceu por trás de uma garganta nas montanhas, como se fosse a alvacenta cabeça de um animal a espiar o que ocorria no vale. Sua luz derramava-se friamente sobre o dorso das brancas tendas.

— Mevla Tcheleb — exclamou repentinamente Saded, que avistara de longe o cronista.

— Estão passeando? — perguntou o outro.

— Dando uma volta — disse Saded. — Quero lhe apresentar o bravo janízaro Tuz Otchan, nosso novo camarada. Este é Mevla Tcheleb — apontou o outro com a cabeça —, homem de grande saber, historiador.

O janízaro fez um cumprimento respeitoso.

— Já eu sou o poeta Saded, e este aqui é o munedjin deste exército, ou, como dizem agora, o "astrólogo", decifrador dos astros.

O janízaro admirou-se, evidenciando que não lhe passara pela cabeça que seus parceiros de bebida fossem gente tão importante e misteriosa.

— Onde está a aguardente? — indagou Tcheleb, detectando-a pelo cheiro.

— Aqui — Saded levou a mão ao peito. — Tome um gole. — Espere — disse o cronista —, espere até acharmos um canto.

— Já eu gosto de beber caminhando — disse Saded.

— Não por acaso comenta-se tanto que vocês, poetas, vivem com fogo na cachola — disse o cronista.

— Você esteve na reunião do conselho de guerra? — quis saber o astrólogo.

O astrólogo, que mal esperava a hora de contar o que assistira, começou a cochichar com Tchaleb. O poeta e o janízaro seguiam alguns passos mais atrás.

Agora a lua iluminava a tudo. Ao luar, os turbantes dos hodjas* que iam e vinham de Corão em punho adquiriam uma espantosa alvura. Os dervixes preparavam-se para dançar. Os tambores agora soavam por toda parte.

**Hodja, clérigo muçulmano. (N. T.)*

— E então, já acabaram com os segredinhos? — gritou o poeta para os dois que iam na frente. — Venham aqui e vamos tomar mais um trago.

— É verdade que o senhor fala com os astros? — indagou timidamente o janízaro, fazendo um sinal com a cabeça na direção do astrólogo.

— Parece — retrucou Saded. Com o canto dos olhos o janízaro espiou a plaqueta de cobre, com três estrelas entalhadas, que o adivinho trazia pendurado ao pescoço.

Mais adiante o grupo afastou-se outra vez da rua e a garrafa voltou a passar de mão em mão. As vozes iam se alegrando. O poeta Saded chegou mesmo a pôr a mão no ombro do janízaro, a quem começou a chamar de "meu irmão soldado". Ao pé das fogueiras os

hodjas liam passagens do Corão. Sentados em semicírculo no chão, os soldados escutavam em silêncio. Mais adiante alguns chefes de clã também peroravam. Suas vozes altissonantes concorriam com o rufar dos tambores.

— Vejam a grande bandeira deles sobre a torre principal — disse um orador, apontando com o dedo para o castelo. — Reparem como treme de pavor.

Os soldados voltaram os olhos para cima. Embora a bandeira, empalidecida pela luz da lua, estivesse muito longe, pensaram ver de fato que tremia. Ultimamente tinham visto tantas bandeiras bailando no ar que com frequência elas lhes apareciam em sonhos.

— Nossas bandeiras também tremem... — disse uma voz na penumbra.

O chefe fitou o lugar de onde vinha a voz. — Nossas bandeiras tremem de impaciência pelo momento da batalha, assim como treme a juba do leão antes do ataque — disse num tom grandiloquente.

Saded continuava a falar consigo mesmo, aparentemente compondo versos. O janízaro Tuz Otchan observava-o com pasmo. Jamais conhecera um poeta, e menos ainda em plena ação criativa.

— Você já viu alguma moça albanesa? — indagou-lhe subitamente Saded.

— Não... — disse Tuz, colhido de surpresa pela interpelação.

— Ah, que mulheres! — disse Saded. — Pergunte a mim, que as conheço.

— O quê? — Ora, você, pobre rapaz, é um janízaro. Desfruta de todos os privilégios que o sultão lhe concede, mas, que fazer, nunca prova o gozo de uma fêmea*.

**Os membros do corpo de elite dos janízaros, principal esteio militar da expansão otomana até o século XVII, eram forçados ao celibato e privados de qualquer vínculo familiar. (N. T.)*

— Pois é — suspirou Tuz Otchan. — Ah, meu pobre irmãozinho... — disse o poeta. — E como são as mulheres albanesas? — quis saber o janízaro.

O burburinho no acampamento ia num crescendo e agora eles precisavam levantar a voz para se ouvirem.

— Ah... — fez Saded —, elas são... são... Meu irmão Tuz Otchan, não tenho como lhe explicar. São como a bruma e como o leite... E, por sobre o leite, um ninho de andorinhas... Quase perdi a cabeça ao ver-me por cima... As mãos me tremiam ao buscar o ninho... E assim fracassei... não consegui. Você deve saber, janízaro, o que seja um fracasso.

— Você vai comprar uma delas quando ocuparmos o castelo? — indagou Tuz Otchan.

— Sem falta. Por mais caras que venham a custar, comprarei. O dinheiro está aqui — levou a mão ao peito —, tudo o que ganhei com meus versos.

— Você é um homem de sorte — comentou Tuz Otchan.

O poeta serviu-se da garrafa.

— Não beba mais — disse o astrólogo. — Você já começou a trocar as pernas.

Saded voltou a recolher a aguardente. — O que não haveremos de fazer na noite da ocupação! — dirigiu-se ao janízaro. — Que orgia! Os guerreiros, depois de se servirem das moças, irão negociá-las no mercado. E os compradores hão de vendê-las na hora seguinte. As moças vão passar de tenda em tenda. Serão disputadas a tapa...

Podemos ter até mortes, eu diria até que certamente as teremos.

O janízaro escutava, melancólico. Eles haviam entrado numa viela, cheia de azape estirados pelo chão, ocultos pela sombra das tendas.

— Os azape se aborrecem — observou Saded. — Imagino perfeitamente do que estarão falando a esta altura.

— Sabe mesmo? — contestou o cronista. — Já eu tenho a impressão de que ninguém pode dizer o que passa pela cabeça de um azape.

— Pois eu sei — retrucou Saded. — Eles sonham que conseguirão algum lote das terras ocupadas aqui, quem sabe umas vinhas, e que passarão o resto da vida a lavrá-las.

— Todos neste mundo têm um sonho — filosofou o astrólogo.

O poeta pensou em dar uma resposta, mas aparentemente julgou mais fácil voltar à garrafa. De vez em quando balbuciava uns versos.

A multidão de soldados se adensava sempre mais. Os tambores ressoavam por toda parte. Os dervixes tombavam por terra, rogavam e gritavam sem parar.

— Vamos ensinar o Corão, sagrado a esses malditos rebeldes — bradava um chefe de clã com voz de trovão. — Ergueremos nossos abençoados minaretes nesta terra eriçada de cumes. Do alto dos minaretes, ao anoitecer, as preces dos muezins tombarão sobre as ímpias cabeças deles como um haxixe entorpecedor. Obrigaremos esses malditos a se pôr de joelhos cinco vezes ao dia, orando na direção de Meca. Cobriremos suas doentias terras rebeldes com o véu apaziguante do Islã.

— Este fala bem — comentou o astrólogo. — Também eu quero declamar uns versos para os soldados — disse Saded, inflamado. — Agora mesmo estão me saindo aqui da cabeça — prosseguiu em seu balbucio.

Tuz Otchan ficou com a impressão de que o parto de um verso era bem mais extenuante que o adestramento militar. Agora eles já encontravam dificuldades para abrir caminho em meio à turba. Aqui e ali, viam dervixes de diferentes seitas trajando trapos

sujos. Os dervixes rufai haviam iniciado sua dança. Os soldados se acotovelavam para acompanhar o tremendo bailado. Os dançarinos acocoravam-se e erguiam-se sobre os joelhos, lançando gritos.

Tinham os semblantes pálidos e os olhos semicerrados pelo êxtase.

— É uma dança recente — disse Saded ao janízaro. — Está se alastrando pelo Império. Gosta?

— Sim. Aquece o sangue.

O poeta retornou à garrafa. Mais adiante, depararam com um ajuntamento variado que falava em altos brados, como numa feira.

— Esses aí juntam coisas, são colecionadores, como dizem agora — observou Saded. E explicou ao janízaro que naquele ano havia-os de todos os gêneros: colecionadores de dentes, de dedos, de tranças, de orelhas, de unhas, de sobrancelhas. Mal se encerrava um combate, precipitavam-se como corvos sobre os cadáveres para encherem suas sacas, vendendo depois suas presas a ricos das grandes cidades. As coleções mais bem cotadas no mercado eram as de orelhas. E antes de uma batalha os colecionadores usualmente travavam inflamados diálogos sobre seus negócios, brigavam, faziam previsões sobre as tendências dos preços e as inclinações dos compradores mais ricos.

Como se ausentavam por longos períodos das grandes cidades, frequentemente ignoravam quais coleções estavam na crista da onda e quais não.

— Quer um gole? — indagou Saded ao janízaro. Sem nada dizer, Tuz Otchan tomou da garrafa e bebeu. Reinava tamanha confusão em volta deles que ninguém reparava em mais nada.

— Aonde estamos indo? — quis saber Mevla Tcheleb.

— Por aí — disse o poeta. — Para onde as pernas nos levarem.

— Dê-me mais um pouco.

O poeta estendeu a garrafa. — Você tem um belo nome — disse ao janízaro, bem ao seu ouvido. — Já eu, estou farto do meu.

Todos me chamam Saded, o Rouxinol, mas eu, assim que acabar esta guerra, vou trocar de nome. E sabe como vou me chamar? Sarperkan Tok Kelletch Ollgunsoi. Gosta? — Sarperkan, sangue áspero — disse o janízaro. — Sim, gosto bastante.

Em um canto, à esquerda deles, produziu-se um ajuntamento e ouviu-se um grito.

— Uma briga — comentou o astrólogo. — Vamos ver.

Aproximaram-se da multidão. — O que houve? — perguntou Saded a um janízaro.

O outro deu de ombros. Eles foram penetrando no ajuntamento, e os soldados abriam espaço ao ver as exóticas vestimentas do astrólogo e do cronista. No centro da roda, dois serdengjeshtler discutiam com um grupo de akendji.

— São aqueles, aqueles dois — disse um azape. — Quase se matam a facadas.

Tuz Otchan ouvira muitas histórias sobre o célebre corpo dos serdengjeshtler, ou "soldados da morte", como eram usualmente designados. Dizia-se que, quando atacavam, não tinham o direito de recuar, exceto após vencerem. Mas era a primeira vez que os via com seus próprios olhos.

— São a glória do Império — disse Saded com admiração. — Mais até que os dallkelletch.

— Parecem um tanto emproados — comentou o astrólogo. — Orgulham-se dos justos privilégios de que desfrutam como soldados da morte — retrucou Saded.

— É verdade que não têm o direito de recuar? — quis saber Tuz Otchan.

— É verdade — respondeu Saded. — Quem recua é massacrado pelos próprios camaradas... Assisti certa vez a uma dessas matanças e nunca tinha visto coisa igual.

— A briga pode recomeçar a qualquer momento, é melhor sairmos daqui — disse Mevla Tcheleb.

Do meio do ajuntamento começaram a partir vozes: — Vêm aí os tchaushbash, vêm aí os tchaushbash!

O comandante da unidade vinha a cavalo, seguido por um grupo de tchaush.

— Agora vão colocá-los a ferros — disse um sapador.

Saded voltou-se bruscamente. — Quem é esse imbecil que acha possível a prisão de um soldado da morte?

— Eu — disse o sapador.

— Ora, seu cava-buracos, só podia ser alguém assim!

— Pois prefiro cavar buracos a deixar que os cavem em mim — contestou o sapador, que aparentemente se confundira com as vestes de Saded, tomando-o por um eunuco.

Ouviram-se risos vindos da penumbra. — Pois venha experimentar os tais buracos, seu pedaço de lama! — gritou Saded.

Mevla Tcheleb puxou-o pela manga. — Venha, Saded, não vá se meter com esse lamacento.

— Vamos — disse o astrólogo.

Em algum dos lados da cena ouviu-se outra vez o ruído de cascos e a voz de alguém: "Afastem-se!" e "Calem a boca!".

— Estão espancando-os — disse alguém. — Estão espancando-os para valer!

— Vamos embora — insistiu o astrólogo.

Afastaram-se sem se voltar para ver o que ocorria. A lua cheia agora alteara-se no céu, fazendo empalidecer as chamas das fogueiras. O acampamento vibrava de sons. Soldados se deslocavam por todos os lados. Os que se cansavam das preces dos hodjas iam assistir ao bailado dos dervixes; quando se aborreciam dos dervixes, buscavam a oratória dos chefes de clã. Saded achou uma grande e variegada assistência para ouvir seus versos, que declamou em voz muito alta, quase aos brados.

— Belíssimo — disseram em uníssono o cronista e o astrólogo. — É mesmo de entusiasmar.

— Para isso escrevi-os, para entusiasmar os soldados — proclamou Saded, e emborcou a garrafa. — Existem poetas choramingões, que se aprazem o dia inteiro com murmúrios sobre passarinhos e o paraíso. Já eu me empenho em servir ao grande padixá. As chamas da guerra, eis onde se encontra para mim o paraíso.

Agora eles já nem sabiam em que parte do acampamento se encontravam. Ouviam línguas incompreensíveis.

— São os guerreiros do Cáucaso — disse Mevla Tcheleb.

— O quê? Fale mais alto — gritou Saded.

— Voltamos? — sugeriu o astrólogo. — Fomos longe demais.

Retornaram, abrindo caminho a custo por entre a multidão. À roda das grandes fogueiras, veteranos relatavam aos mais jovens episódios de guerra e heroísmo.

À sombra de uma grande tenda, alguns soldados haviam se estendido por terra, à parte do vaivém. Apoiavam a cabeça sobre curtas pás e cantavam uma melodia arrastada e melancólica. Era a segunda vez que o cronista ouvia aquela canção, ao que parece uma composição nova, recém-saída de alguma província dos confins do Império, de onde costumavam vir as canções mais pungentes. Ele voltou-se na direção das vozes, mas as fisionomias dos soldados estavam ocultas pela sombra. A algazarra em torno não lhe permitia distinguir a letra. Ao se afastar, ele captou um verso isolado: Mundo, mundo... Ó mundo...

Vagaram por um bom tempo em meio à confusão. Agora já pouco se falavam, pois era necessário um grande esforço para se fazer ouvir.

— Alguém está falando das mulheres — disse o janízaro Tuz Otchan, segurando o poeta pela manga. Detiveram-se. Com efeito, alguém falava em voz trovejante sobre mulheres. Era o mesmo chefe de clã que havia discursado sobre as bandeiras.

— Arrancaremos as desavergonhadas vestes brancas das mulheres e donzelas deles para trajá-las com roupas negras e honradas, benditas pela santa religião. Cobriremos com negros véus seus rostos matreiros, para que não mais espiem os homens como agora.

Tuz Otchan não parava de pensar nas palavras de Saded sobre o ventre daquelas mulheres. Nunca sentira um desejo tão ardente. Ao que parecia, a guerra era o maior dos afrodisíacos.

— Os olhos, ao lado dos pelos, são as partes mais imundas e perigosas de uma fêmea — prosseguia o chefe de clã de voz ribombante. — Uma mulher com os olhos a descoberto é pior que uma mulher nua.

O janízaro sentiu ganas de chorar. Quase se apoiou no ombro de Saded para indagar: "E o ninho das andorinhas, que fim terá?". Agora ele ocupava por completo sua mente, como um grande e lanoso turbilhão.

— Vai ser assim, certamente — asseverou Saded, aproximando a boca de seus ouvidos.

— O quê? — indagou o janízaro.

— A substituição dos costumes... Pouco a pouco, ano após ano, hão de mudar os trajes e os costumes deles, tal como as flores que murcham e caem. Eles hão de se afeiçoar aos nossos costumes, tanto, tanto que, mesmo que venhamos a deixar estas terras, que Deus nos livre, não será fácil eles se desvencilharem de nossos hábitos.

O poeta ainda prosseguiu em seu solilóquio longamente. Possuía uma bela e sonora voz, porém Tuz Otchan já não o escutava. A gritaria e o rufar dos tambores o ensurdeciam.

À luz do luar, as faces dos dervixes ora pareciam brancas, ora azuladas. Em torno deles, os soldados, enfeitiçados por aquele rodopiar, batiam palmas e acompanhavam o ritmo do bailado com gritos: "Uh!, uh!". Vários dos dançarinos tombavam ao chão, e

apenas parte deles conseguia reerguer-se, ofegante. Outros ficavam por terra, dir-se-ia que acometidos de catalepsia. Aqui e ali ecoavam exclamações cortantes. Guerreiros cobertos de suor, ou lágrimas, explodiam de repente em soluços. Outros punham-se a correr, sem saber nem por que nem para onde.

— Que noite fantástica! — exclamou Saded, e, após liquidar o que restava na garrafa, desmoronou aos pés da multidão.

O que nossos olhos assistiram na noite que antecedeu o ataque foi mais aterrador que qualquer carnificina. Quando veio o crepúsculo e ouvimos os tambores deles, chegamos a pensar que contrariariam as normas vigentes da guerra e fariam uma arremetida noturna. Logo nos demos conta de que, vencidos os preparativos militares, tratavam de inflamar os espíritos de seu exército.

Tão logo os tambores começaram a soar, assistimos a um espetáculo insuportável. Nem as orgias dos antigos, conforme nos relatam através das gerações, nem as noites de carnaval das nossas aldeias, nada se comparava àquela loucura. Gritos, soluços, súplicas, discursos, danças, cenas de autoflagelação, uns arremedos de apresentações teatrais, onde, conforme ficamos sabendo mais tarde, cabeças cortadas falavam em delírio, guerreiros a uivar, maldizer, praguejar, ameaçar, e novamente o som dos tambores, tudo subindo pelos ares como um miasma doentio.

Ao que parecia a luz do luar os embriagava. Era a Ásia que estava aos nossos pés, com toda a sua bárbara mística: uma caverna tenebrosa prestes a devorar todos nós.

Um vento insano vinha dali. Por mais que orássemos ao pé da imagem da Virgem Maria, sentíamos o mal a assediá-nos o espírito. A cruz encimando a igreja parecia-nos pálida de pavor. O mal não afetava nosso compromisso de combater até o fim. Longe disso, estávamos mais convencidos que nunca de que a morte seria doce em confronto com aquela pérfida treva que se estendia aos nossos pés. O mal-estar tinha outra causa: a quantidade deles. Eram

como as ondas do mar. E buscavam expandir seu Império até que o sol não mais se pusesse sobre ele, ou seja, fazer com que os dias e as noites se atropelassem dentro de sua vastidão. Acreditavam que, quando isso ocorresse ("quando a tigresa dourada e a negra loba estiverem atadas à mesma corrente"), o próprio tempo passaria a pertencer-lhes.

Era realmente o fim do mundo. Dias de trevas, como se diz. No meio da noite a algazarra findou, cedendo lugar a um silêncio mortal.

Nem bem começara a alvorecer quando nossa sentinela do torreão oriental deu o alarma. Havia notado movimentos suspeitos em torno dos canhões, e a chama de archotes.

Conforme a orientação, os nossos abandonaram às pressas suas casas e se enfiaram em profundos abrigos. Ali oraram como nunca a Nosso Senhor Jesus Cristo e à Virgem Maria, enquanto um trovejar mortífero parecia cindir o céu e a terra. Logo a seguir, um impacto invernal abalou o chão. Alguém gritou: "A nova arma!". Alguém soltou um berro. Alguém fez soar seus passos. Começara a guerra.

Quatro

O arquiteto Kaur apontava incansavelmente um ponto único da grande planta que desdobrara.

— Necessário golpear novamente muralha esquerda porta principal esperança grande brecha esse lado.

Tursun paxá voltou-se irritado para o ajudante-de-ordens. A oratória do arquiteto, que em dias normais já lhe dava dores de cabeça, era particularmente insuportável em meio ao troar dos canhões.

— Ele disse que é preciso atacar novamente a muralha na ala esquerda do portão central — informou o oficial em voz baixa. — Disse que, após alguns impactos certos, há esperanças de abrir ali uma grande brecha.

— Traga-me outra vez o engenheiro-mor — ordenou o paxá. Uma das ordenanças partiu a galope. Tursun paxá fitava com um olhar carregado os torreões do castelo.

As seteiras haviam desmoronado em muitos pontos. Aqui e ali, apareciam rachaduras. Mas ele não estava nada satisfeito. Havia esperado mais dos grandes canhões.

Pela décima vez arrebatou a planta do castelo ao arquiteto e percorreu os pontos assinalados com tinta vermelha. A verdade é que os canhões tinham atingido com precisão quase perfeita os lugares marcados. Após cada tiro ele erguia os olhos, fitava a muralha atingida e esperava pela grande brecha, mas ela teimava em não aparecer. Já passava do meio-dia. O ataque teria início em poucas horas.

Devolveu a planta ao arquiteto, fazendo um gesto com a mão para que não falasse. Ocorreu-lhe de súbito que o arquiteto errara em seus cálculos ou, pior, vendera-se aos infiéis, uma suspeita que

emanava até de seu nome*. Na verdade o homenzinho já passara três vezes pelo cárcere, precisamente devido àquele tipo de conjecturas, as quais, ao que parecia, afloravam e submergiam com igual facilidade, diferenciando-se daquelas suspeitas laboriosamente arquitetadas que, depois de terem lançado raízes, ninguém mais tira. O arquiteto não só deixara por três vezes o cárcere, inocentado, como saíra de cada prisão com maior prestígio.

**O nome do arquiteto, Kaur, em turco designa os infiéis. (N. T.)*

Atrás do paxá e do arquiteto, permaneciam de pé e em silêncio alguns membros do conselho de guerra. Nada diziam, mas trocavam olhares entre si e na direção do comandante em chefe.

O engenheiro-mor aproximou-se, acompanhado por seu ajudante. Desde longe notavam-se os seus suspiros por entre os dentes. Quando se aproximou, todos percebiam os cabelos cobertos de cinzas. Já o ajudante trazia uma marca negra entre as sobrancelhas.

— Engenheiro-mor Sarudjan — iniciou Tursun paxá, sem encará-lo —, onde estão as brechas que estamos aguardando desde o amanhecer?

— Ali — disse Sarudjan, apontando o castelo. O ajudante-de-ordens, que permanecia em segundo plano, ao lado dos generais, mordeu os lábios.

Tursun paxá voltou-se bruscamente: — Não estou vendo! — bradou.

Sarudjan enxugou o suor da testa. — Alvejamos em concordância com as instruções — disse em tom áspero. — Meus canhões atingiram os pontos fixados. Faz quatro noites que não dormimos. Não sei o que se poderá pedir mais de nós, meu paxá.

Os olhos de Tursun paxá fixaram-se naqueles traços fatigados. Notaram os cabelos sujos de cinzas e a ferida do ajudante.

— Quero brechas na muralha — disse num tom mais brando.

— Não as exija apenas de mim, paxá — disse Sarudjan. — Peça-as a ele — e indicou com o dedo o arquiteto.

Este observava tudo na mais completa indiferença, como se nada tivesse a ver com aquilo.

— Necessário golpear novamente muralha esquerda porta principal... — reiniciou em sua vozinha monótona.

— Basta! — esbravejou Tursun paxá. — Entendam-se entre si. Eu quero brechas.

O engenheiro-mor deu um passo adiante. — Meu paxá — iniciou, em tom adocicado, enquanto observava de soslaio o leve tremor da planta do castelo nas mãos do comandante-em-chefe —, não devemos esquecer que as maiores brechas foram produzidas nos corações daqueles desgraçados.

Tursun paxá deixou escapar um profundo suspiro. Seus olhos fatigados percorreram pela centésima vez o amplo descampado onde incontáveis batalhões se aprestavam para o ataque. Tambores rufavam de todos os lados. Aqui e ali, distinguia-se em meio à soldadesca os cordames, as escadas de assédio, gigantescas cunhas, esteiras de vime, aríetes de ferro. Karamukbil aproximou-se a cavalo, disse alguma coisa ao paxá e partiu a galope. Sarudjan e seu ajudante, depois de trocarem algumas palavras com o arquiteto, afastaram-se igualmente.

— Por que o segundo canhão silenciou? — indagou Tursun paxá sem mover a cabeça. Todos se entreolharam. Uma ordenança, que permanecia montada de prontidão, partiu incontinenti no rumo dos canhões.

Uma pesada nuvem de pó circundava as muralhas do castelo. As seteiras estavam desertas, como que abandonadas. A julgar pelas

previsões de um dos médicos do acampamento, conhecedor dos segredos das doenças nervosas, todo aquele canhoneio devia ter provocado fortes abalos mentais nos guardiões do castelo. Tursun paxá já experimentara por várias vezes a sensação de divisar uma bandeira branca em meio ao pó. Mas era apenas o alvo reflexo de algum fragmento de gesso, ou mais provavelmente de seu cansaço.

A ordenança que fora se informar sobre o canhão regressou. — O segundo canhão errou por três vezes o alvo. A artilharia procura pelo motivo — relatou, sem desmontar.

— Há de estar possuído por um demônio — observou o mufti, aproximando-se pelas costas do paxá.

Conforme um imemorial costume guerreiro, aquilo implicava açoitar o canhão. Tursun paxá não apreciava o costume, mas ainda assim ordenou o chicoteamento.

A ordenança galopou de volta com a ordem. Agora faltava pouco para o início do ataque. Tursun paxá, sem olhar ninguém, entrou no pavilhão. Ia repousar um pouco.

O chefe da intendência aproveitou a oportunidade para se afastar também dos generais. Dirigiu-se em passos apressados no rumo dos canhões. Ao partir, deparou com o cronista que, como de costume, rondava o pavilhão do comandante-em-chefe à cata de minúcias para recheiar seu relato.

— Vamos comigo até os canhões, Mevla Tcheleb — disse o intendente.

O cronista, feliz da vida, não se fez de rogado. Já o chefe da intendência estava preocupado com seu amigo Sarudjan. Sabia que o engenheiro-mor devia estar furioso com a ordem do paxá e tratava de apaziguá-lo.

— Hoje é meu dia de folga — disse. — Vou apenas observar a batalha. Imagino que você também. Na realidade, é um dia feito para você. Não por acaso costumam dizer "um dia histórico".

Sem saber ao certo o que responder, o cronista prolongou o quanto pôde o sorriso. Sabia que seus lábios, tensionados àquele ponto, deviam exibir menos um sorriso que uma careta de dor, mas não encontrava alternativa.

Quando alcançaram a paliçada cercada por guardas, o segundo canhão começava a ser açoitado. Dois negros imensos, com os torsos nus, golpeavam com as chibatas o grande cilindro que ainda fumegava. Alguns mecânicos e o ajudante de Sarudjan agachavam-se sob a carreta da arma. Havia soldados indo e vindo em todas as direções.

O engenheiro-mor permanecia de pé, pouco adiante. Certamente praguejava.

— Viram o que estão fazendo? — bradou. — É revoltante. Descreva na sua crônica essa asneira sem igual — disse, dirigindo-se a Mevla Tcheleb.

— Mantenha o sangue-frio — aconselhou o intendente —, são coisas que acontecem.

Sarudjan soltou uma risada histérica. — Qualquer dia esses imbecis vão me deixar louco — passou a mão pela fronte. — Onde é que eu fui cair? O que hei de fazer com essas cavalgadas? O chefe da intendência fitou-o com compaixão.

— Não perca a cabeça — disse, com a mão sobre o ombro do outro.

— Vamos ali adiante — disse Sarudjan. — É perigoso ficar aqui.

Além do cercado que circulava o descampado, o cronista avistou dois jovens soldados das tropas voluntárias estendidos sobre a relva. Olhavam fixamente na direção dos canhões e conversavam entre si; ocasionalmente riscavam traços no chão com uma lasca de pedra pontiaguda. Um deles era ruivo.

— São dois soldados assombrosos — comentou o engenheiro-mor, ao reparar que o intendente os fitava. — Vêm para cá quase

todos os dias e acompanham o canhoneio por trás da paliçada. Ao que parece, sonham com a carreira de fundidor de canhões. Hum! Mal sabem, os pobres-diabos, o quanto este ofício é de enlouquecer.

— Onde você chamuscou os cabelos? — quis saber o chefe da intendência.

— Na primeira fundição — disse Sarudjan, tocando maquinalmente a fronte enegrecida. — Não me afastei o bastante do cadinho.

— Você precisa se cuidar. Naquele momento o grande canhão fez um disparo. O solo estremeceu como num terremoto. O chefe da intendência e o cronista levaram as mãos aos ouvidos. Os olhos de Sarudjan brilharam.

— Ele faz tremer o céu e a terra! — Sim, faz tremer — respondeu lentamente o chefe da intendência. — Você realizou uma grande obra, Sarudjan. Seu nome jamais será esquecido.

— Isso é um elogio ou uma recriminação? — indagou o engenheiro-mor em tom de galhofa.

O outro sorriu.

— Que importa? Nada neste mundo é bom ou mau para todos.

O auxiliar de Sarudjan e o artilheiro-chefe aproximavam-se deles.

— Olhe, aquele ali tem uma mente preciosa — comentou Sarudjan num tom fatigado. — Entende de algumas coisas melhor que eu. Posso garantir que há de ser um grande inventor.

— Ora, é você que tem um coração de ouro, Sarudjan — contestou o chefe da intendência. — Você não sabe o que seja o veneno da inveja. No entanto, esses canhões que hoje fazem tremer a paisagem são obra sua.

O canhão voltou a troar. Os outros voltaram a tapar os ouvidos. O engenheiro-mor acompanhou com os olhos a trajetória do projétil que atingiu a muralha à esquerda do portão principal.

— Como descreverá esse estrondo em seu relato? —
perguntou ao cronista.

Mevla Tcheleb acanhou-se. — Não penso em outra coisa o dia inteiro — disse. — Devo descrevê-lo da melhor forma possível, mas que poder têm as palavras comparadas a essa barulheira majestosa?

Naquele instante ouviu-se o rufar do grande tambor.

— Estamos indo — disse o chefe da intendência. — Você por certo tem muito trabalho e não queremos importuná-lo.

— Agora virá a tarefa mais arriscada — respondeu o engenheiro-mor. — Começaremos a atacar apenas com as bombardas. E elas precisam lançar seus petardos precisamente por sobre a muralha. Um minúsculo desvio na inclinação e as balas cairão sobre nossas tropas.

— Até logo, Sarudjan.

— Até logo. Afastaram-se a passo apressado.

— Vamos assistir ao ataque do pavilhão do paxá — propôs o chefe da intendência.

— Não sei se eu poderia...

— Fique a meu lado e ninguém dirá nada. O ensurdecido bombardeio prosseguia sem descanso. Agora que os canhões haviam silenciado, seus estampidos isolados assumiam a feição de algo solene e altivo. Quando ecoavam, cada vez mais longe, pareciam se apossar de tudo. Quando os dois se aproximaram do pavilhão, notaram um cavalo branco e as ordenanças empunhando as insígnias de Tursun paxá. Por trás deles, de pé, estavam os membros do conselho de guerra que não participariam do ataque, entre eles o allabeu e Kurdishhji. Mais adiante, montados e aguardando ordens, havia incontáveis auxiliares e mensageiros. Tursun paxá mantinha os olhos nas muralhas do castelo. Permaneciam desertas. Ele olhou para o sol que começava a declinar no Ocidente, e a seguir, sem saber bem o porquê, para o lado oposto do céu.

— Paxá — ouviu uma voz suave às suas costas —, é chegada a hora.

Tursun paxá ergueu a mão direita. O mufti destacou-se do ajuntamento às costas do comandante-em-chefe e adiantou-se alguns passos. Trazia nas mãos um Corão encadernado em ouro.

— Bendito seja Alá — murmurou o mufti, e abriu o livro. Permaneceu algum tempo debruçado sobre ele. Ao se erguer, todos constataram que tinha um sorriso nos olhos.

— Graças sejam dadas — disse. — Na página que abri estava escrito: "A vitória será dos guerreiros do Islã".

— Divulguem o bom presságio — ordenou friamente o comandante-em-chefe.

Os mensageiros partiram em todas as direções. O grande tambor calou-se. Tombou um denso silêncio, como se o mundo houvesse repentinamente adormecido.

Tursun paxá ergueu outra vez a mão. O anel com o rubi, no dedo médio, refulgiu por um instante a luz do sol. Alguém disse algo às suas costas. A seda de um estandarte farfalhou e de súbito toda a esplanada encheu-se com o estrondo de centenas de zabumbas, tambores, gaitas-de-foles, trompetes e clarins, brados de "Alá" e "Padixá!", comandos, ordens e imprecações. À frente moviam-se as tropas irregulares de voluntários, brandindo bandeiras e lanças. Em seguida vinham os arqueiros, que alvejariam o inimigo sobre as muralhas ao longo de todo o ataque. Vinham depois os azape, numa coluna sem fim, com escudos e sabres que cintilavam ao sol. As cordas, escadas, esteiras de junco, canas, alavancas de ferro, forcados, achas de guerra, piques e toda sorte de instrumentos perfurantes, com nomes derivados das víboras e escorpiões, ou ainda sem nome algum, flutuavam lentamente por sobre o oceano de guerreiros, como destroços.

Lentamente, os batalhões de eshkindji se adiantaram e ocuparam o vazio deixado pelos azape. Adiante, as aljavas lançavam

oblíquos reflexos. E mais atrás as graves e sóbrias unidades de janízaros não se moviam. Apenas os penachos por sobre seus elmos tinham brilho.

Os voluntários já se aproximavam do fosso bordejando o portão principal. Tursun paxá não tirava os olhos dos torreões, que ainda pareciam abandonados. Alimentava a esperança de que os defensores não se mostrariam por entre as seteiras, embora soubesse-os delirantes. Os irregulares chegaram à borda do fosso. Os primeiros lançaram-se nele e tratavam de escalar a margem oposta. A vala deixava escapar um ruído constante, como um gerador. A tropa corria ao longo dela. Mas subitamente o paxá teve a impressão de que arrefecia seu movimento e seu estrépito. Agora seria a hora de os guerreiros despontarem no lado oposto da rampa. Mas os movimentos perdiam todo o ímpeto. Ninguém despontava na margem oposta. Não, lá estava o primeiro. O segundo. Tursun paxá ouviu então como um farfalhar longínquo. Ah, eram seus arqueiros, que acabavam de lançar a primeira nuvem de flechas. Haviam divisado antes dele os defensores. Por fim, eles tinham aparecido. O comandante em chefe cerrou os olhos. Permaneceu assim por algum tempo. O sangue latejava-lhe nas têmporas.

Quando reabriu os olhos, enxergou os voluntários que se precipitavam para a muralha como uma torrente. Naquele momento as quatro bombardas ecoaram sucessivamente.

Seus projéteis tombaram em algum ponto além dos muros. Ouviram-se milhares de vozes: "Ao ataque, ao ataque!", e a multidão de azape precipitou-se para adiante com um rugido. O fosso por um momento desapareceu, como se jamais houvesse existido. Os azape o ultrapassaram e, erguendo os escudos por sobre as cabeças, avançaram para as muralhas. Grande parte deles corria para o portão principal. Outros dirigiam-se para as grandes rachaduras no flanco esquerdo. As bombardas ecoaram mais uma vez. O som dos tambores e das trombetas era ensurdecedor. Bem no lugar onde

deveria estar o fosso, escadas e outros implementos de assalto oscilavam por sobre os ombros dos soldados. Ah, eis que a primeira escada se encostava à muralha. Era curta. Mais atrás vinha outra, gigantesca. Ela se ergueu lentamente, como que enfeitiçada pela multidão de atacantes, permaneceu por um instante flutuando no ar e a seguir apoiou-se na muralha. Os azape, embaixo, no afã de fazer que seu cimo se colasse perfeitamente ao muro, terminaram por desequilibrá-la. A escada inicialmente pendeu para um lado e depois tombou sobre a multidão que se agitava embaixo. Em muitos trechos onde a muralha apresentava rachaduras, outras escadas buscavam pontos de apoio. A grandalhona voltou a se erguer como o delgado pescoço de uma hidra, e novamente encostou-se à muralha. Centenas de arqueiros alvejavam sem cessar o ponto onde ela se apoiava. Dúzias de azape precipitaram-se para Cima. Agora já se aproximavam da muralha as esteiras de junco, encharcadas, capazes de proteger dezenas de combatentes. Alguns atacantes tombaram da grande escada, porém outros tantos Persistiam na escalada. Uma segunda escada gigantesca foi instalada pouco adiante. Mais atrás vinham outras duas. Os primeiros atacantes chegavam ao topo. As flechas voavam às centenas, protegendo os atacantes dos defensores do castelo. Por fim, o primeiro combatente pôs a mão em uma seteira, mas não chegou a se alçar. Permaneceu por um átimo apoiado à pedra, como se houvesse adormecido repentinamente.

— Cortaram as mãos dele — comentou o chefe da intendência, acompanhando com os olhos a queda do corpo no fosso.

O segundo nem chegara a estender a mão e curvou-se ao meio. O que vinha atrás passou por cima do cadáver como um felino e atirou-se para a crista da muralha.

Por fim o pé de um guerreiro turco pisava a fortaleza. Tursun paxá cerrou os olhos. "Não recue, soldado", rogou em silêncio.

Passou-lhe pela cabeça que deveria agradecer a Má, e no entanto sua mente entorpecida continuou a repetir: "Não recue".

Quando reabriu os olhos, dois outros soldados assomavam ao topo da muralha. Um logo recuou, o outro rolou para baixo trazendo consigo um defensor. Agora os arqueiros não mais atiravam, temendo atingir os seus. Tirando proveito disso, os guardiões do castelo repentinamente se deixaram ver, às centenas. Tursun Paxá teve a impressão de que suas lanças eram mais longas que de ordinário. Em outro momento haveria de perguntar-se sobre aquele novo tipo de armamento e como o haviam inventado, mas a curiosidade num instante dissipou-se.

— Os eshkindji — bradou —, depressa!

Acompanhou com os olhos o galope do mensageiro que transmitiria a ordem. O fragor dos eshkindji fez-se ouvir, em ondas sucessivas, do lado do torreão direito. Em meio a ele, Tursun paxá teve a impressão de distinguir os gritos de Tanhank, mas era apenas o eco verberando em seus ouvidos.

Agora já havia dezenas de escadas de assalto apoiadas ao longo de toda a muralha. Os atacantes se assemelhavam a moscas negras. Alguns deles, mortos, assumiam as posições mais estranhas.

— Olhe como ficam pendurados — observou o chefe da intendência. — Os carpinteiros trabalharam às pressas, deixaram todo tipo de estrepes e pontas de prego.

Fez um estranho ruído com a língua. O assédio dos eshkindji sobre o torreão da direita assumia proporções enlouquecedoras. As asas de morcego que ladeavam seus capacetes pareciam aliviar-lhes a escalada. Uma escada repleta de gente escorregou para o fosso, sendo imediatamente substituída por outra.

— Quem já escutou os brados de Tanhank durante a batalha diz que não existe no mundo coisa mais aterradora — comentou o intendente.

— Ah, os demônios! — gritou alguém no silencioso ajuntamento que se fizera às costas de Tursun paxá. Sobre a muralha cintilavam uns objetos como estrelas cadentes, e tombavam sobre os atacantes.

— Os demônios lançadores de petróleo — murmurou outro. Mevla Tcheleb julgou que aquela seria uma expressão muito adequada a sua crônica. "Demônios lançadores de petróleo", repetiu consigo. Não podia esquecer.

A legião sem fim de guerreiros aos pés da muralha ondulava como um oceano toda vez que uma estrela cadente se precipitava.

— São trouxas de trapos embebidas em resina misturada com enxofre, cera e azeite — ia explicando ao cronista o chefe da intendência. — As cicatrizes que provoca permanecem para sempre.

O cronista já sabia daquilo, assim como de muitas outras coisas, mas amiúde fingia desconhecer para dar a seu eminente amigo a alegria de explicar-lhe alguma novidade.

— Para sempre — repetiu, franzindo o cenho. O chefe da intendência arregaçou sua ampla manga e expôs o braço direito. O cronista a custo reprimiu uma careta.

Uma parte das escadas se esvaziara temporariamente. Nas outras os atacantes investiam protegendo-se com escudos. Embaixo outros soldados corriam para a proteção das esteiras de junco, rompendo a formação. Aqui e ali havia combates no cimo da muralha. Duas das maiores escadas haviam se incendiado. Outra partira-se ao meio.

Um mensageiro a cavalo aproximava-se rapidamente. — Burdjuba foi morto — gritou, de longe. Ninguém falou. As bombardas roncavam sem cessar. Seus projéteis tombavam bem no interior do castelo. Aproximava-se o momento crucial em que eles atingiriam as muralhas.

— Se Sarudjan conseguir alvejar as ameias, é um gênio — comentou o intendente.

Sentia-se que os pelouros iam se aproximando.

— Ele se acautela — prosseguiu o chefe da intendência — e tem razão. Caso a bala erre o alvo por alguns metros, causará uma desgraça entre as nossas tropas.

Um dos projéteis atingiu as seteiras. Não restou um só dos defensores que se aprestavam a repelir uma escada. Pedacos de corpos mutilados tombaram juntamente com a grande pedra.

— Bravo! — exclamou alguém atrás de Tursun paxá. Por um instante o lugar onde o pelouro tombara permaneceu vazio. Os azape precipitaram-se por sobre a muralha.

Um deles agitou uma bandeira. A multidão de soldados aclamou-o em voz profunda. A bandeira tremulou duas, três vezes, depois submergiu numa confusão de corpos e desapareceu, como que sugada por um torvelinho.

Enquanto isso a grande rachadura à esquerda do portão atraía uma torrente de soldados. Alguns subiam pelas enormes escadas, outros aproximavam hastes dos pontos de onde tombavam as pelotas de resina e o piche derretido. Muitos azape, atingidos pelas chamas, corriam como grandes archotes vivos, com os braços erguidos. Alguns se espojavam no solo. Outros percorriam enlouquecidos a multidão que abria caminho, temerosa, arrastavam-se pelo chão, reerguiam-se, tombavam outra vez, gemendo, até soltarem o derradeiro suspiro. Por muito tempo seus cadáveres continuavam a exalar fumaça, dir-se-ia que era a alma debatendo-se para deixar o defunto.

Mevla Tcheleb há tempos vinha acalentando a ideia de encontrar uma metáfora para descrever os guerreiros em chamas. Cogitou compará-los em sua crônica a mariposas que se precipitam no fogo, mas rejeitou a palavra "mariposa", por não estar à altura do desprendimento e heroísmo dos soldados. Porém tampouco encontrava outra metáfora e, além do mais, caso fosse mesmo comparar as chamas da guerra santa com a candeia do Islã, tal como

lera em antigos poemas e relatos bélicos, então talvez a referência a "mariposas" soasse adequada. Ele poderia referir-se aos guerreiros como "mariposas da candeia do Islã", o que com certeza agradaria ao comandante-em-chefe, quem sabe até a gente mais graúda.

Subitamente seus pensamentos foram interrompidos por um tremendo fragor que fez a terra tremer. Tursun paxá e todos os outros se voltaram na direção do ruído.

Algo estava acontecendo na posição ocupada pelos canhões. Uma densa fumaceira se erguia por sobre a paliçada. Um dos estafetas a cavalo galopou naquela direção.

Por trás do paxá, todos se indagavam a meia-voz o que teria ocorrido.

O mensageiro retornou às pressas. — Uma das bombardas explodiu — informou. — Matou alguns artilheiros e mecânicos. Muitos ficaram feridos.

— E o engenheiro-mor? — indagou Tursun paxá.

— O engenheiro-mor nada sofreu.

Tursun paxá voltou a mirar o castelo e ninguém teve a ousadia de dirigir-lhe a palavra.

O paxá deu ordem para que tropas frescas fossem lançadas no ataque. Enquanto acompanhava com os olhos os batalhões persas e caucasianos que marchavam rumo à muralha para substituir as unidades da linha de frente (as tropas de irregulares usualmente não eram substituídas), o comandante-em-chefe meditava se já seria hora de fazer uso dos regimentos de elite dos dallkellech, que ordinariamente entravam no combate após os janízaros.

O ataque prosseguia em toda a extensão do assédio. As escadas apoiadas na muralha, imensas ou pequenas, já se contavam às centenas. Sugavam incessantemente uma parte dos soldados que formigavam a seus pés e lançavam-nos para cima, cobertos de chamas e sangue. Os guerreiros, nem bem alcançavam as ameias ou penetravam pelas grandes rachaduras, empunhavam seus escudos,

cobertos de piche e cera derretida, brandiam os sabres e achas de guerra. Escudos e broquéis tombavam sobre a tropa embaixo, abrindo claros e provocando gritos.

— Não param de subir — observou o chefe da intendência, pensativo.

Pela maneira como pronunciou as palavras, parecia querer dizer: "Não param de subir, mas... e daí?".

— Tenho a impressão de que combatemos em vão — acrescentou, num tom bem mais baixo. "Em vão", repetiu com seus botões o cronista. A terrível expressão parecia um ato de estrangulamento.

Os eshkíndji sustentavam o assédio do lado próximo à escarpa. Muitos se precipitavam no abismo junto com suas escadas, e no entanto outros prosseguiam avançando.

Seus rubros turbantes pareciam ensanguentados por antecipação.

O ataque mais intenso continuava alvejando o portão principal. Em meio à confusão, sem que se pudesse saber quem o fizera nem como, ergueu-se improvisadamente um abrigo de madeira, sobre o qual os azape lançaram peles de cordeiro encharcadas para resistirem ao fogo. Sob aquela proteção, os soldados atacavam o grosso portão com um grande aríete de ferro. Soldados-sapadores tratavam de quebrar os gonzos.

Mais um estafeta a cavalo chegou do campo de batalha, negro de poeira.

— Bozkurtogllu Bekbeu morreu! — bradou.

Mais uma vez ninguém disse nada, embora todas as fisionomias se congelassem à menção da palavra "morreu", no lugar de "foi morto". Decerto o estafeta era algum calmuco* pouco familiarizado com a língua turca.

**Povo mongol das estepes da Ásia Central. (N. T.)*

— Espere! — ordenou o paxá, quando o mensageiro já fazia rodar as ancas do cavalo. — Repita o que disse!

— Bozkurtogllu Bekbeu morreu! — bradou o estafeta a plenos pulmões. — Teve um ataque — acrescentou pouco depois.

— Morreu do coração — exclamou o chefe da intendência. — Que descanse em paz!

Três bombardas alvejavam sem cessar o interior do castelo. Os berros dos feridos e dos queimados que agonizavam eram tão altos que por vezes chegavam até o posto de observação do comandante-em-chefe. O sol começara a descambar. Tursun paxá não despregava os olhos daquela massa informe, que latejava como uma coisa viva, com as carnes ensanguentadas, e que era o seu exército. O cheiro de carne queimada ia se tornando insuportável.

Ele divisou mais alguém cavalgando em sua direção. Reconheceu-o quando chegou a cem passos. Era Karamukbil. Trazia uma mão nas rédeas da montaria e a outra na face, rasgada e coberta de sangue.

— Massacraram meus azape — gritou sem desmontar. — Onde estão os janízaros? — Falava num tom rouco e selvagem.

Tursun paxá fitou-o com frieza e apontou na direção da muralha.

— Seu lugar é ali, Karamukbil.

O comandante dos azape ensaiou uma resposta. Apertou as rédeas, levou a outra mão de volta à face ferida e, de repente, num furioso voltear da montaria, partiu de volta a galope, seguido por sua ordenança.

Tursun paxá fez um sinal com a mão. Um dos auxiliares se aproximou.

— Os janízaros — disse, sem mover a cabeça. Instantes depois, os batalhões de janízaros marchavam para a muralha, a princípio lentamente, a seguir em marcha batida e depois ainda mais

depressa. Seus brados de combate ecoavam cada vez mais altos e, quando se aproximaram da frente de combate, já corriam com suas lanças e achas de guerra em riste.

O barulho dos tambores tornou-se ensurdecido. Os janízaros ultrapassaram rapidamente o fosso, agora semi-repleto dos cadáveres de azape e irregulares. Como uma avalanche de ferro, dividiram-se em duas colunas, uma a caminho da muralha, outra rumo ao portão. Suas invocações de Alá e do padixá por um momento cobriram tudo mais. Sem se deter por um só átimo, dirigiram-se para as escadas meio desguarnecidas, negras de pó. As setas incendiárias e cargas de resina em chamas voavam sobre seus ombros e elmos como uma chuva de fogo. Todos os que acompanhavam a batalha aguardavam o que aconteceria quando os janízaros chegassem ao topo. Por entre as seteiras das muralhas adensavam-se os defensores, e a despeito disso os primeiros janízaros lançaram-se sobre o castelo como gatos selvagens.

Outra onda deles já escalava as escadas. Combatia-se corpo-a-corpo e em silêncio. Algumas escadas pegavam fogo. Os assaltantes se apressavam ao suplantar os degraus que queimavam, cuidando de alcançar o topo da muralha antes de despencarem. Entretanto, os azape tratavam de substituir às pressas as escadas em chamas por outras novas, que imediatamente se enchiam de combatentes. O toldo diante do portão, embora coberto por peles encharcadas, já fora atingido pelas chamas várias vezes, porém os azape haviam logrado apagá-las.

De todos os lados vinham os gritos "O portão! O portão!". Negro, coberto de filetes de resina que o atravessavam como rastros de lágrimas, inacreditável, ele ainda resistia ao atacante ogro e parecia não haver força no mundo que o demovesse. As achas que se abatiam sobre seus gonzos faziam um estrépito de ensurdecido. Os estrondos do entrecocar de ferros, que lembravam trovões, vinham acompanhados de um eco mais extenso — "Uuh-a, uuha". Um

clamor prolongado deu o primeiro sinal de que o portão começava a ceder. Sem esperar que a demolição se consumasse, os primeiros janízaros penetraram por uma brecha. Outros, mais atrás, mal se continham. Tão forte era a pressão que no momento seguinte a torrente de soldados afastava o portão como se fosse uma fina folha de papel.

Todos os que permaneciam às costas do paxá murmuravam preces. Eles bem que gostariam de aplaudir em altos brados a derrubada do obstáculo, porém os ombros imóveis do comandante-em-chefe os constrangiam ao silêncio. Só o arquiteto Kaur gritou, desesperado: — Não deve passar portão ali grande armadilha não devem passar portão sim recuar depressa.

— O que está crocitando esse corvo? — quis saber alguém.

Tursun paxá percebeu imediatamente o raciocínio do arquiteto. Ele sabia: após o portão principal, havia um estreito pátio interno, de formato triangular, tendo ao fundo um segundo portão, menor, mas certamente tão resistente como o primeiro. Sabia também que no interior daquele pátio seus soldados seriam como camundongos numa garrafa. Sabia que haveria ali uma matança. A despeito disso, quando viu a legião de janízaros avançar com fúria incontida, veio-lhe a esperança de que quem sabe a impetuosa torrente humana obraria algum prodígio naquelas entranhas. Os janízaros se precipitavam para o pátio às centenas. Ninguém via o que se passava lá dentro. Apenas se ouvia o eco abafado dos brados que atravessava a muralha. Agora eram gritos de um timbre distinto, talvez devido aos muros em torno do pátio.

Outro estafeta a cavalo apareceu em meio ao pó. — Hata foi morto.

Nem bem pronunciou a frase, como seus antecessores, fez a montaria voltar-se e sumiu-se tal como surgira.

Tursun paxá percebeu que chegara a hora decisiva. Agora seria preciso intensificar o furor do ataque em toda a extensão da

muralha, de maneira a atrair a maior parte dos defensores do castelo. Era a única alternativa para dar algum alívio aos janízaros que combatiam na-ratoeira do pátio interno.

"Chegou a hora", quase disse. Cada batalha tinha uma hora assim, e a sorte de um comandante dependia de distingui-la em meio ao turbilhão do tempo. "Nem antes da hora, nem de— pois", repetiu consigo mesmo. Fizera-se em sua mente um grande vazio, e ao mesmo tempo uma imensa lucidez — uma lucidez de dar medo.

Ele deu as ordens em rápida sucessão. Unidades de elite dos tártaros lançaram-se sobre a muralha e, em seguida, foi a vez dos mongóis e dos calmucos, aqueles que se enchiam de ira à simples visão de blocos de pedra, pois interpretavam as guerras antes de mais nada como enfrentamentos entre tendas e muralhas.

Por um instante pareceu que as tropas descansadas seriam engolidas pela confusão, como um regato no mar, porém pouco depois seus estandartes já flutuavam sobre as escadas.

Os dallkellech. O paxá tinha a sensação de mantê-los apertados entre os dentes. E de fato assim era: bastava que descerrasse as mandíbulas para liberar toda a sua fúria destruidora. Em sua mente a guerra assumia por vezes o formato de uma edificação. Ali se encadeavam os pavimentos, os pilares de sustentação, os telhados, até a cumeeira que a tudo coroava. O problema se resumia, como em tudo mais, a uma questão de respeito pela ordem das coisas. Ordená-las e acompanhar o ritmo.

— Os dallkellech — bradou, acrescentando consigo mesmo: "Seja feito o que está escrito".

Após os dallkellech, pouco restaria para o topo. A edificação chegava ao fim.

As unidades de dallkellech, com seus pesados pavilhões bordados a ouro, como exigia sua privilegiada posição na hierarquia do exército, moveram-se em duas colunas, à direita e à esquerda.

Tursun paxá lançou os olhos para o sol que descambava. Era a hora em que se podia encará-lo sem se ofuscar. Ele sabia que muitos dos que agora agonizavam levariam consigo, para o outro mundo, aquela imagem esmaecida.

Os corseletes dos dallkellech, amarelados como peles de tigre, começaram a despontar na crista da muralha. "Mais um pouco", disse para si mesmo Tursun paxá. "Mais um pouco, destino!" A verdade era que pouco lhe restava além dos dallkellech. Apenas os guerreiros da morte. Ali estava a derradeira esperança, a cumeeira, a coroação.

Hesitou por um instante. Disse consigo: "E depois?". Fechou os olhos e orou em silêncio, "Deus os proteja", enquanto sua voz soou, abafada: "Os serdengjeshler! Primeiro e segundo regimentos!".

O cronista não acreditava em seus olhos. Um frêmito percorreu o séquito que permanecia às costas do paxá. Todos acompanhavam, com os olhos arregalados de quem presencia uma alma do outro mundo, a marcha dos soldados da morte encimada por seus estandartes azuis. Os penachos dos elmos, como os rabichos sobre as joelheiras, também tinham a cor do céu.

O cronista sentiu um aperto na garganta. Desde já eles traziam sobre os corpos o matiz celestial, como que para facilitar a tarefa de seleccioná-los e conduzi-los ao paraíso.

Pareceu a Tursun paxá que o fragor da batalha se aplacava para deixar ouvir o som todo especial das trombetas dos serdengjeshler. Acompanhou como eles penetravam na balbúrdia geral a sua espera. Pôs-se a imaginar alguns a abrir-lhes caminho, respeitosamente, enquanto outros resmungavam: "Quero ver, acabou, acabou afinal a fama de vocês".

Os serdengjeshler tinham chegado ao pé da muralha e começavam a escalada. "Agora vocês hão de ver o que é um soldado otomano." Tursun paxá dirigiu aquelas palavras a um ser meio

humano e meio aquilino e bicéfalo, que em seu espírito, nas horas de fadiga, encarnava os albaneses.

O sol declinava. O ímpeto do assalto dava a impressão de alcançar seu objetivo. Na crista da muralha o número de guardiões do castelo aumentara sensivelmente. Por certo os janízaros enfiados no pátio interno estariam sentindo algum alívio. O velho Tavdja não poderia se queixar. Nem ninguém haveria de acusá-lo mais tarde de ter poupado a fina flor de seu exército.

Seu olhar captou obliquamente o momento em que o torreão da direita foi alcançado. Passou-lhe pela cabeça a suspeita de ter talvez se precipitado, mas foi só um lampejo. Baixou os olhos para o portão principal. O aglomerado humano ainda estava ali. Em meio à vaga de guerreiros flutuavam escadas, cordas e aríetes de ferro.

A notícia de que os guerreiros da morte já estavam nas ameias da muralha por certo já tinha chegado lá embaixo. Seu exército agora envolvia o castelo de alto a baixo.

Tursun paxá pôs-se à espera do brado que anunciaria a derrubada do segundo portão. No entanto, os sons que vinham do pátio eram arrastados como os de um trovão à distância. Ele sabia que àquela altura cada momento estaria custando centenas de vidas. Sabia que já deviam estar tropeçando e escorregando uns sobre os cadáveres dos outros, tendo sob seus pés uma primeira camada de carne e sangue. Ainda assim, aferrava-se à esperança de ouvir o grito de triunfo. A massa humana que o portão engolira havia de estar fazendo alguma coisa. Alguma coisa, com certeza.

Tursun paxá mantinha os olhos fixos na muralha. O sol já descambara e os combatentes nas ameias se assemelhavam a sombras de homens. Àquela altura os serdengjeshtler na sua maioria já deviam ter deixado este mundo. "Estão satisfeitos, agora que foram devorados?", disse consigo. já não sabia ao certo se lançara os guerreiros da morte no ataque porque a realidade o impunha ou se os sacrificara para aplacar a inveja de tantos.

Arrancou os olhos da muralha e baixou-os para o portão. Agora já reinava a escuridão, e o grande portal devassado parecia a boca de um forno.

— Ali deve estar um inferno — cochichou o chefe da intendência para o cronista.

Mevla Tcheleb estava paralisado. Vez por outra, o vento trazia-lhe miasmas de carne queimada.

— Vai levar muitos dias para esses soldados voltarem a comer carne — prosseguiu o intendente. — É o que sempre acontece depois de uma matança dessas.

— Alá — disse o cronista. Intimamente, espantava-se de ver como os assuntos culinários ocupavam a mente do chefe da intendência, a ponto de ficar calculando os proveitos derivados de uma tragédia daquelas.

Tursun paxá cruzara as mãos e fitava o descampado. Um estafeta com a viseira do elmo cobrindo o rosto, como todos os que traziam notícias fúnebres, adiantou-se, possivelmente para anunciar a morte de Tavdja. Um outro o secundava, apressado, com sabe-se lá qual mau presságio. Porém o paxá não precisava de nenhuma mensagem para sentir que o furor do assédio arrefecera. E que nada o reanimaria. Sabia que era chegada aquela hora melancólica das batalhas em que as escadas calcinadas, quase sem ter quem as use, oscilam e tombam ao acaso, como quem verga os joelhos. Ele não desgrudava os olhos dos muros. Do pátio interno chegava um rumor contínuo e abafado, como o fervilhar de um gigantesco caldeirão. Não só o castelo, a batalha, mas todo o vasto mundo agora se condensava celeremente naquele portão resplandecente, cujos umbrais retinham seu destino, ora deixando escapar um reflexo sangrento, ora uma sombra tenebrosa.

"Por que essa espera?", disse consigo. "Que desastre, meu Deus!" Aquilo prosseguiu por um longo intervalo. Quando por fim

percebeu que já não havia nada a esperar de quem quer que fosse, deu a ordem de recuar.

Ao montar seu corcel sentiu que toda a tensão anterior cedia espaço a uma mortal prostração. Sem cumprimentar ninguém, afastou-se rumo ao pavilhão.

O toque dos clarins, intermitente como uma crise de soluços, anunciava o recuo.

— Maldito castelo — praguejou em tom sombrio um dos serdengjeshtler.

Esse foi o primeiro ataque. Sabe Deus o que o destino ainda nos reserva.

Depois de um furioso bombardeio, eles se lançaram sobre a muralha em vagas sucessivas, como as águas de um lago que o terremoto revolve. Fazia meses que imaginávamos a cena, e a despeito de tudo, quando os vimos avançar como uma torrente de ferro candente, gritando e brandindo as armas, sinais e instrumentos da morte, que há tanto tempo nos ameaçavam, muitos de nós concluíram que íamos combater o demônio.

Por certo eles calculavam que, depois de tamanho alarido, parte dos nossos teria perdido a razão. De fato, estávamos petrificados, e foi assim, ensurdecidos, que fomos para as ameias quando eles começaram a escalada. O primeiro a cruzar sua espada com um iatagã* otomano foi Gjon Bardhets, cuja alma já se encontra com Nossa Senhora. Aqueles que presenciaram a cena dizem que o fragor do entrechoque dos ferros soava de modo estranho, como o dobre de um sino. Depois tudo foi só sangue, e houve momentos em que nos julgamos perdidos, arrastando na perda todos os nossos e o país inteiro.

**Espécie de sabre oriental, sem guarda, cuja lâmina larga descreve uma dupla curva. (N. T.)*

Quando as trombetas deles deram o sinal de recuar, caímos de joelhos, agradecendo a Deus e às boas fadas que nos tinham protegido. Então nos demos conta de que a igreja estava semidestruída e que a cruz tombara, como se imolando por nós. Apesar de tudo, em meio às ruínas, cobertos de sangue e cinzas, entoamos um te-deum e oramos pela salvação das almas dos que se foram.

Agora a noite caiu e processa-se a extrema-unção daqueles que já estão mais perto do céu que da terra. Como não temos onde enterrá-los, vamos cremar os corpos e guardar as cinzas numa urna, como faziam outrora os antigos.

George enviou-nos dos montes sinais de fogueiras, mas as brumas e nuvens são muitas e a mensagem chegou truncada. De qualquer forma, mudamos entre o despertar e o adormecer de hoje; muita coisa mudou para sempre. Respondemos ao ferro com o ferro, à ferocidade com ferocidade, à morte com morte. Com frequência os jatos do sangue deles nos atingiram na face, tal como nosso sangue os aspergiu. Ocorreram coisas que não se dizem, às quais não se refere, especialmente com os soldados da morte, que, ensandecidos como estavam, fadados a não retroceder, combatiam como lobos até tombarem sob o fio de nossas espadas.

Agora o acampamento deles negreja e silencia. Ouve-se apenas o rangido das carroças que vêm até o pátio interno para recolher os cadáveres e os feridos. A primeira carroça conduzia uma bandeira branca, mas mesmo sem aquele sinal não a alvejaríamos. Queremos que elas recolham a todos, pois do contrário seus miasmas nos impedirão de respirar e os corvos nos enlouquecerão. Talvez amanhã façamos a troca dos mortos: dos nossos que tombaram lá embaixo, contra os deles que morreram aqui em cima. Mas amanhã será outro dia, ao passo que hoje ainda é noite e o

silêncio só é rompido pelos gemidos da agonia e por alguma escada calcinada pelas chamas que oscila e cai por terra.

Cinco

O corpo de serdengjeshtler, que permanecera ao longo de todo o ataque às costas do comandante-em-chefe, dispersou-se quando o paxá se foi. Por algum tempo o chefe da intendência e Mevla Tcheleb ficaram sós. As trevas haviam tombado em torno. Agora já não se distinguia quase nada do castelo. Assim que soara o toque de recuar e cessara a chuva de projéteis lançados das ameias, a edificação se escondera incontinenti no manto da noite, como que por magia. Os brados e o fragor da batalha haviam cedido lugar a um rumor surdo, grave, como se um animal gigantesco, com milhares de membros, percorresse lentamente aquele pedaço de chão. O exército recuava.

O chefe da intendência soltou um profundo suspiro. — Vamos embora, Mevla Tcheleb — disse. O cronista seguiu-o sem falar. Percorreram a passagem principal, no meio do acampamento. Atrás, como uma sombra, vinha a ordenança do intendente. O descampado estava às escuras e silencioso. As tendas em sua maioria ainda estavam desertas.

Caminharam por um longo tempo. Aqui e ali os ouvidos do cronista captaram ruídos de outro tipo. Dois mensageiros passaram a cavalo bem diante do nariz deles. Rangiam as rodas das muitas carroças e mais à distância era possível distinguir o rumor de passos de marcha.

"O que aconteceu?", indagava-se Mevla Tcheleb. "Quem deu aquela ordem? Não está tudo acabado?" Outro mensageiro a cavalo passou por eles como uma lufada de vento. Adiante ouviram novamente o galope de cavalos e vozes inquietas transmitindo ordens. Em meio ao sentimento de vazio e infortúnio que o possuía por completo, o cronista provou de outro e estranho sentimento. Era

quase como uma veneração pelo poderio de seu país. Aquelas vozes e movimentos em meio à noite mostravam que mesmo naquele momento de luto havia gente importante dando ordens, conduzindo as coisas.

O ruído das carroças se aproximava. Cada uma delas trazia na traseira um archote. Os dois passaram em meio a suas luzes bruxuleantes que irradiavam tristeza.

Depois das carroças passou um pelotão de infantaria. Quando os soldados se aproximaram, Mevla Tcheleb reparou que não traziam lanças, como lhe parecera a princípio, mas pás e picaretas.

— São os da sapa — explicou o chefe da intendência. — Vão cavar as valas comuns.

— O sepultamento será ainda hoje?

— Parece. A ordem é essa. Em casos como este, o sepultamento acontece o quanto antes e à noite.

Pouco depois passaram por outro grupo de sapadores. — Quantas foram as nossas baixas? — indagou timidamente o cronista.

O chefe da intendência parecia estar pensando em outra coisa e não respondeu. Ele refletia que os próximos dois ou três dias seriam costumeiros no que diz respeito aos desperdícios e confusões entre as unidades. A cada dia, com as mortes e os ferimentos às centenas, produziam-se inesperados movimentos no número de soldados. Em meio à barafunda e à consternação geral, ninguém seria capaz de precisar mais tarde o dia exato de cada morte, de forma que os comandantes, junto com os intendentess de cada unidade, faziam uma enorme confusão com as listas de pagamento dos soldos, que nem o próprio Ali Ibn Sin seria capaz de destrinchar.

— O que você disse, Mevla Tcheleb?

— Quantas foram as nossas baixas?

O chefe da intendência refletiu. — Pelo furor do ataque e pelo tempo que durou, penso que não deve ter passado de três ou quatro

mil — disse, com sangue-frio, como se falasse de uma soma em dinheiro.

Outra unidade de sapadores passou por eles. — Amanhã teremos uma informação precisa — prosseguiu o chefe da intendência. — Hoje só posso dizer uma coisa — acrescentou pouco depois. — Foram perdas de vulto.

O exército se recolhia. As ruas e vielas do acampamento, as tendas e tudo mais retomavam lentamente sua respiração pesada e penosa. O ruído abafado de milhares de passos misturava-se ao rangido dos eixos dos carros. Os dois, da rua, observavam a infinidade de sombras que se movia pela treva. A lua despontava. Seus raios incidiram primeiro nos torreões do castelo, escorregaram pelos altos muros e a seguir, como um vapor, tomaram conta de tudo ao redor, campo e tendas, a partir de seu cimo.

Soldados iam e vinham sem parar. Muitos iam amparados pelos braços. Outros pendiam das costas dos camaradas. Muitos gemiam baixinho, porém às vezes um deles soltava um grito cortante. Era difícil distinguir entre as manchas de sangue e as de resina. Estava tudo misturado naquelas cabeças e torsos prostrados, que exalavam um cheiro de pó, couro queimado e cinza. Uns tombavam de bruços, sem vida, assim que alcançavam suas tendas. Outros, os feridos mais graves, eram conduzidos ao hospital do acampamento.

O chefe da intendência se deteve. Pareceu ao cronista que ele executava algum cálculo mental. Trazia nos olhos aquele lampejo claro e mau que às vezes os perpassava.

— Uma parte dos batalhões deve ter perdido em torno de um terço dos efetivos — disse.

O cronista não atinava o que responder. — Alguns, talvez a metade — prosseguiu o outro, sem tirar os olhos do longo cortejo. Tcheleb teve a impressão de ver passar os dallkelletch. Nunca vira as tropas após um revés, e mal as reconhecia.

— São os serdengjeshler — disse o chefe da intendência num tom diferente. O cronista sentiu um calafrio, como se o outro falasse de um fantasma. "Será possível?!", pensou. Os guerreiros da morte estavam proibidos de recuar. Agora com certeza seriam executados.

— Onde? — indagou num sopro de voz. O chefe da intendência já estendia o braço. Sua mão apontava uma carroça. O cronista arregalou os olhos. Sobre o carro haviam estendido a bandeira de um pálido azul-celeste. Ninguém acompanhava o veículo.

Então Mevla Tcheleb compreendeu. Os noivos da morte, como os chamavam nas velhas crônicas, haviam mantido a palavra. "Casaram-se com a morte", pensou. Estava selado o contrato jurado. Quando o carroção passou diante deles, viu que os estandartes traziam marcas de sangue e fogo. Sentiu um travo na garganta e quase perdeu os sentidos.

Eles permaneceram longamente sem falar, acompanhando os batalhões. Mais tarde, Mevla Tcheleb avistou em meio às tropas o astrólogo, que caminhava pensativo. O cronista quis falar-lhe, mas então reparou no brilho de soberba nos olhos do intendente, que também reconhecera o outro. Mevla Tcheleb baixou a cabeça para evitar o astrólogo. Sabia que seu amigo de alto coturno desprezava o outro, não desejava encontrá-lo.

Ouviu-se um tropel a suas costas. "Gazi! Senhor!", ouviram dizer, e se voltaram. Era um dos estafetas de Tursun paxá.

— O quê? — perguntou o chefe da intendência.

— O conselho de guerra se reúne no pavilhão do paxá.

Tursun paxá ordena que o senhor se apresente.

O mensageiro fez uma reverência e instigou sua montaria.

— Devo ir, Mevla Tcheleb — disse o chefe da intendência. — E você, que vai fazer?

— Vou caminhar um pouco, depois tentarei dormir.

Assim que o outro se foi, Mevla Tcheleb apressou-se em meio à soldadesca, na direção para onde fora o astrólogo.

Ele se felicitava por ter feito um amigo tão poderoso como o chefe da intendência, porém havia noites, e aquela era uma, em que as pessoas precisam de um amigo mais simples, desses a quem se pode dizer tudo, sem escolher as palavras nem recear que repentinamente as feições do interlocutor se tornem frias e indecifráveis como um velho pergaminho.

Finalmente Mevla Tcheleb deu com o astrólogo. — Como está você? Aonde vai?

O astrólogo fitou-o espantado. — Avistei-o ainda há pouco, mas não lhe falei porque estava com o chefe da intendência — disse. — Sei que ele não me tolera.

O cronista deu de ombros como quem diz "o que se vai fazer?". Por algum tempo eles perambularam ao acaso.

— Que bela noitada a de ontem — disse o astrólogo passo que hoje tudo parece fúnebre.

— Alá não quis que vencêssemos.

— Se ao menos Ele não nos tivesse condenado a um revés tão pesado...

— Maldito castelo. Eles acompanhavam melancolicamente as filas de soldados que pareciam não acabar nunca. Via-se que aqueles estavam mais exaustos e abatidos. Eram, ao que parecia, os encarregados de sustentar com os braços as escadas e de pôr abaixo o portão principal.

— O janízaro... Tuz Otchan! — exclamou repentinamente o astrólogo.

O soldado ergueu os olhos. Não trazia ferimentos, apenas muitas nódoas de resina e um arranhão na testa. Amparava alguém nos braços.

— Ainda bem que você escapou — disse o cronista. — Mas quem é esse infeliz? — indagou, apontando o outro, que mal se

sustentava nas pernas e trazia os olhos cobertos por um trapo de turbante, os traços negros de fuligem.

— Alá, mas parece Saded! — exclamou o cronista com voz entrecortada.

Tuz Otchan aquiesceu com um gesto. — Ficou cego — disse. — Queimou os olhos. Eles cerraram os lábios. O janízaro falava como se o poeta Saded não estivesse entre eles.

— Encontrei-o por acaso, no meio da confusão dos que entraram depois que o grande portão veio abaixo. Foi um dos primeiros a entrar.

Os dois olhavam fixamente o rosto coberto pelo trapo de turbante.

— Depois dei com ele outra vez, vagando em meio à confusão que se fez no pátio. Mantinha uma das mãos sempre no rosto. Aquilo foi uma carnificina. Todos tentavam se safar, enquanto este ficou errando no meio da fumaça...

A voz de Tuz Otchan tinha uma entonação de cansaço e rouquidão. Aparentemente gritara muito durante o assalto.

— Quando voltei a dar com ele, trazia ainda uma das mãos na frente, mas com a outra parecia buscar alguma coisa no ar. Ia sendo empurrado por todos os lados... — Tuz Otchan deixou escapar um profundo suspiro. — O que eu estava dizendo? — indagou com voz entrecortada.

— Que empurravam Saded em todas as direções... E que você o viu...

— Ah, sim. Empurravam-no, enquanto ele movia uma das mãos, e fazia-me recordar uma tia minha, que, quando queria rogar uma praga contra alguém, em vez de dizer "Que fique cego!", dizia "Que procure as paredes às apalpadelas!". Portanto, temi por ele, e a custo abri caminho entre os homens para me aproximar... Então vi que a resina fervente escorria por suas faces. Segurei-o pela mão e, com mil e um esforços, tirei-o daquele inferno.

Saded permanecia paralisado. Se não estivesse de pé, seria de duvidar que estivesse vivo.

— Vou levá-lo ao médico — disse o janízaro. — Não tenho esperanças de que lhes salvem os olhos, mas pelo menos para aliviar-lhe as dores...

— Vamos junto.

Montadas apenas um dia antes, as tendas do hospital de campanha agora haviam se convertido em abatedouros. Sobre macas de tábua, inclinadas para escoar o sangue e as supurações das feridas, os corpos dos soldados jaziam lado a lado. Os gemidos misturavam-se com súplicas: "Mate-me logo, irmão, enfie logo esse escalpelo no fígado!", e rudes recriminações: "Cale a boca, covarde!".

Mais adiante, as velhas da Rumélia, numa azáfama, despejavam suas gamelas com emplastos direto sobre as feridas. Ali os gemidos eram mais audíveis, e também os gritos: "Água, tia!", "Mate-me!", "Não grite!", "Um soldado otomano não choraminga assim!".

O cronista sentia náuseas. Voltava a cabeça para não avistar os membros ensanguentados dos homens, porém o nó em seu peito o estreitava mais e mais.

Tiveram que esperar longamente até que chegasse a vez de Saded. A medicação foi sumária. O poeta não gritou, nem sequer gemeu. Só depois que teve os olhos enfaixados e os amigos o tomaram pelo braço para conduzi-lo à sua tenda, o sangue fugiu-lhe das faces. Assim que se deitou, caiu num sono profundo.

Os outros o deixaram. Por muito tempo vagaram em meio às inumeráveis sombras do acampamento, sem uma palavra.

— Você esteve lá — disse o cronista, apontando com a mão no sentido do castelo. — Conte-nos.

O janízaro encarou-o atônito. Seus lábios pareciam esturricados. Aguardaram longamente o que ele iria dizer, mas o

soldado não abriu a boca. Só depois de atravessarem várias quadras em silêncio, murmurou, como se falasse consigo: — Que terrível!

— Onde?

— Ali — e estendeu a mão, tal como o cronista fizera pouco antes, na mesma direção.

— Que bela noitada tínhamos passado — disse o astrólogo.

Sombras de soldados moviam-se em todos os sentidos.

Ninguém elevava a voz. Só havia murmúrios, esquivas, movimentos oblíquos.

— Não tiro da cabeça os olhos dele — disse subitamente Tuz Otchan. — Como brilhavam, ontem à noite, quando ele falava.

— Ele pretendia compor um longo poema sobre esta campanha — comentou Mevla Tcheleb, pensando em sua própria crônica.

— Por isso, ao que parece, foi o primeiro no ataque; para ver com os próprios olhos como se devassaria o portão — disse o astrólogo.

— Que pena — observou o cronista —, tinha talento e coragem.

— Como brilhavam seus olhos ontem à noite!... — repetiu o janízaro em voz baixa.

— Brilhavam — repetiu tristemente Mevla Tcheleb. — Era como se pressentissem que estavam olhando o mundo pela última vez.

— Mundo vão — filosofou o astrólogo. — O mundo encerrou aquele brilho para sempre, como um manto negro.

Quem havia falado ontem sobre um manto negro? O cronista estava cansado e sua memória começava a confundir-se.

O astrólogo fitava o céu. — O que nos dizem as estrelas? — quis saber o janízaro. Agora que participara do ataque, não sentia mais a mesma timidez diante deles; falava livremente, como entre iguais.

— Trevas — disse o astrólogo. — É como se um vento louco as movesse constantemente.

Na realidade ele tinha febre e uma enxaqueca, de forma que as estrelas de fato pareciam deslocar-se. "Não me deixe, estrela minha!" Lera aquelas palavras em algum lugar. Mas elas se precipitavam incessantemente, em algum lugar de sua cabeça, por trás da fronte ardente. Depositara grandes esperanças naquela campanha. Caso se saísse bem, ao voltar poderia almejar um posto mais elevado. Até muito alto, quem sabe. Poderia talvez ser nomeado astrólogo do palácio do sultão. E por que não? Aquela era a mais importante campanha dos últimos anos.

Todo o Império tinha os olhos postos naquelas montanhas enevoadas. Agora o astrólogo sentia todo o aborrecimento da vidinha da província, da vila cheia de lama onde fazia dois anos a gorda mulher do vali* o convocava toda quinta-feira para saber quando chegaria uma carta de Akhashir. Ele gostava da vida rumorosa na capital, as multidões tomando as ruas, os dias repletos de acontecimentos instigantes, as modas, as mulheres. Os céus poderiam dar-lhe tudo aquilo. Mas também podiam acarretar-lhe imprevistos. Quietas, estrelas! Quando as escadas estavam resvalando uma a uma ao longo da muralha, semicarbonizadas, parecera-lhe que era a sua sina que escorregava.

**Funcionário administrativo municipal do Império Otomano, designado pelo sultão. (N. T.)*

"Desventurado": aquela palavra se cravara em seu cérebro como um prego, por todo o dia.

Agora só lhe acorriam à mente maldições de todos os gêneros, a ponto de deixá-lo tremendo.

— Tuz Otchan, como eram mesmo aquelas palavras que você disse há pouco? "Que procure as paredes às apalpadelas"? Na minha

terra as maldições são outras. Por exemplo: "Que morras de frio"...

— E o que tenho eu com isso? — embirrou Tuz Otchan. — Que me interessam as maldições? Por que irei me atrapalhar com elas?

Um soluço pareceu interromper a voz do janízaro. Mevla Tcheleb tomou o astrólogo pelo braço.

— Não insista — sussurrou-lhe ao ouvido. — Não vê que ele não está bem?

— Esse aí precisa de um tratamento. Talvez mais até que Saded.

Ao longo da marcha, Mevla Tcheleb ficara sabendo que pela primeira vez durante a campanha atuaria uma unidade especial, composta de sacerdotes, meio curandeiros, meio feiticeiros, que cuidariam de tranquilizar os soldados que sofriam abalos nervosos durante os combates. Antes eles eram executados, tal como os histéricos, porém no ano anterior as normas tinham sido abrandadas.

— Ontem à noite éramos quatro — disse Mevla Tcheleb pensativo. — Agora restam três.

Ouvia mais adiante o ranger das rodas das carroças. Agora o ruído soava distintamente, mais grave e surdo. Os carros pareciam carregados.

— Vamos assistir ao sepultamento dos corpos — propôs o cronista.

Sem nada dizerem, partiram na direção das covas. Andaram bastante antes de alcançarem os veículos. À luz da lua, viam-se os ataúdes alinhados e empilhados. Um corpo escorregou silenciosamente do estrado. O carro que vinha atrás se deteve, alguém ergueu o cadáver e o lançou de volta ao veículo.

Na direção contrária avançavam carroças vazias. Suas tábuas traziam manchas rubras e negras. Somente agora eles se davam conta de que o caminho estava todo aspergido de sangue.

— Você está verde como um limão — disse o astrólogo a Mevla Tcheleb. — Quer que voltemos? — Não. Quero ver o enterro dos soldados. Precisarei descrevê-lo.

Aquelas foram as únicas palavras que trocaram durante todo o caminho. Desde longe começaram a ouvir as vozes dos hodjas entoando súplicas. Eram arrastadas e pungentes.

Soavam cada vez mais fortes, encobrindo o ruído das pás.

Quando chegaram, os sapadores tinham acabado de cavar três grandes fossas quadrangulares. Já estavam abrindo outras. As carroças se detinham diante das covas e os corpos dos mortos, depois de uma rápida inspeção, eram atirados nas fossas. Os hodjas se curvavam e lançavam sobre eles punhados de terra. A segunda sepultura enchia-se lentamente.

Dervixes seminus, com as mãos ensanguentadas até os cotovelos, seguravam os cadáveres pelos braços e pernas e atiravam-nos terra abaixo. As carroças se esvaziavam uma após a outra. Os cavalos, inquietos com o odor de sangue, pateavam. De vez em quando um corpo era deixado de lado. Eram os vivos, que por equívoco haviam posto entre os finados.

O astrólogo e Tuz Otchan a todo momento voltavam os olhos para seu companheiro, tentando adivinhar se deviam permanecer ali. O outro, sabendo que ao menos naquele momento estava no centro das atenções, demorava-se.

Por fim, foi o primeiro a iniciar a volta. Os outros o seguiram. Andavam pelo mesmo caminho ensanguentado, por onde passavam penosamente as carroças. Algumas delas conduziam apenas um ou dois cadáveres, aparentemente de oficiais. Em uma, o archote tombara bem ao lado da cabeça de um defunto e sua chama ganhava alento devorando o óleo derramado e deformando as carnes. As feições do morto adquiriam uma luz amedrontadora. Perolado por uma espécie de suor spectral, por onde bailava o brilho das chamas,

o rosto parecia entregue a um dilema, como se vacilasse entre voltar à vida ou deixá-la para sempre.

O janízaro tomou Mevla Tcheleb pelo braço. — Aquele homem está pegando fogo — disse baixinho. — Meu Deus, parece o meu comandante, Suleiman.

Na realidade, o óleo em chamas já quase alcançara o cadáver, mas o cronista, para espanto do janízaro, comentou que não seria nenhuma desgraça.

— Os antigos costumavam cremar os mortos em batalha — observou.

Tuz Otchan voltou o rosto para não ver mais a cena. Tinha certeza de que o cadáver começava a pegar fogo.

— Que movimento é aquele? — indagou o astrólogo. — Estarei vendo coisas? — Há um movimento — disse o janízaro. — Estão reforçando a guarda.

Quanto mais eles penetravam nas entranhas do acampamento, mais sentiam a inquietação reinante. Silhuetas deslocavam-se ao longe. Dois cavaleiros com insígnias de estafetas sobre as túnicas passaram a galope.

— Parece que esperam algum ataque de Skanderbeu — disse o cronista.

— Outra guarda reforçada — observou o astrólogo.

— Dizem que Skanderbeu é terrível — comentou o astrólogo —, especialmente nos ataques noturnos.

— À noite tudo fica terrível — disse o janízaro. — Nosso Tursun Tundjaslla paxá não fica atrás — interveio o cronista. — Dizem, na capital, que ele é o general mais capaz de todo o exército.

— Deus seja louvado!

Para a surpresa de todos, eles agora se davam conta de que estavam diante do pavilhão do comandante-em-chefe.

— A reunião ainda continua? — indagou o astrólogo, dirigindo-se a um dos guardas.

O soldado não quis responder, mas, ao reparar nos trajes do outro, deixou escapar: — Ainda.

"Que morras de frio", praguejou entre dentes o astrólogo, sem saber bem a quem amaldiçoava, se ao guarda, a si mesmo ou ao conselho de guerra. Sentia uma angústia. Por mais que pensasse, o pensamento retornava sempre a seu protetor, o mufti. Conseguiria defender-se? Ou deixaria a cena naquela reunião do conselho? No pavilhão de Tursun paxá, a reunião extraordinária do conselho de guerra de fato prosseguia. Os generais permaneciam sentados sobre as peles que se estendiam no chão. Alguns estavam feridos, com ataduras cobrindo os membros. Três conselheiros haviam morrido durante o ataque e desde já, num canto afastado, o arquiteto Kaur esboçava sobre uma folha os monumentos fúnebres que, segundo a tradição, deveriam ser erguidos no próprio campo de batalha. Para Kaur era uma ocupação agradável, à qual se entregava com prazer, em geral durante as reuniões.

O chefe da intendência usava da palavra. Solicitava que o astrólogo fosse destituído e condenado às galés. Todos compreendiam que sua fúria, embora encoberta por frases ponderadas e comedidas, dirigia-se principalmente contra o mufti. Sarudjan, que durante a reunião já dormitara algumas vezes, agora ouvia com os olhos em brasa. Interrompeu a exposição do chefe da intendência, pedindo que o astrólogo fosse condenado à morte. O intendente insistiu em sua proposta. Alguns dos sandjakbei, que formavam o grupo do mufti, tentaram atenuar o erro do astrólogo. Outros advogavam apenas a demissão. Dos comandantes, apenas Karamukbil exigia a cabeça do adivinho.

Trazia um medonho talho nas faces e, quanto mais este atrapalhava seu discurso, mais peso imprimia a suas palavras. O mufti, o velho Tavdja e Kurdishji, como seria de esperar, não incriminavam o astrólogo. O allaiheu também se pronunciou pela demissão, sem dar opinião alguma sobre punições ulteriores. Tursun

paxá ouvia aquilo tudo com um completo menosprezo. Condenar ou não o astrólogo parecia-lhe uma coisa tão minúscula que perder tempo com ela era como quebrar a cabeça indagando-se sobre pisar ou não em uma formiga. Ele sabia que o fulcro da polêmica estava em outro lugar, mas àquela altura mesmo o embate silencioso entre os dois grupos que dividiam seu estado-maior, e que o interessaria em quaisquer outras circunstâncias, parecia-lhe desinteressante e vão. Sua cabeça se ocupava de uma única questão, que obscurecia tudo mais: o que fazer dali por diante? Pondo fim à discussão, ele decidiu sem mais delongas: o astrólogo seria destituído e passaria a trabalhar na escavação de drenos e fossas. Enquanto o escrivão anotava a sentença, Kurdishdji solicitou a palavra. Pediu permissão para, conforme a tradição, seus akendji empreenderem uma incursão punitiva na província, arrasando e aterrorizando as aldeias montanhasas. Frisou que precisamente naquele momento era imperioso fazê-lo, para combater a crença numa derrota turca, que poderia despontar nos corações dos nativos.

— Vingarei o sangue derramado hoje — declarou o Kurdishdji. — Queimarei tudo. Não deixarei pedra sobre pedra. Farei uma carnificina.

Tursun paxá observou por algum tempo as feições inflamadas do outro e concluiu que ele cumpriria realmente a promessa.

— Vá — disse, e fez sinal ao escrivão para que registrasse a ordem, proferida sem sequer ouvir os outros, coisa que só raramente fazia.

— Meu paxá... — ele escutou uma voz branda. Quem tomara da palavra era um homem de face rosada e cabelos crespos, que aparentemente participava do conselho de guerra pela primeira vez.

— Tabduk Baba, o agá* dos serviços secretos — apresentou Tursun paxá, ao ver que a maioria dos presentes encarava o desconhecido com espanto. — Fale, agá!

**Título de distinção conferido aos chefes militares otomanos.*

(N. T.)

O outro ignorou o menosprezo nos olhos de parte dos conselheiros.

— Falou-se muito aqui sobre o astrólogo — disse —, porém há outros que também merecem punição. Tenho informações sobre um plano para tomar o segredo de nossa nova arma. Também tenho em mãos uma carta anônima que denuncia uma maldição.

— O que é uma carta anônima? — quis saber Asllanhan, que nunca ouvira aquela expressão.

— É uma carta sem assinatura — explicou Tabduk Baba. — Portanto, recebi uma carta assim, fazendo pesadas acusações referentes à maldição que o rogador de pragas lançou sobre o castelo.

— Vejam, vejam só! — exclamaram duas ou três vozes. Tursun paxá fez um sinal de assentimento com a cabeça. A fala do agá dos serviços secretos tinha o efeito de um bálsamo naquele momento difícil. Os outros também se reanimaram. Então, afinal, não eram eles os culpados.

— Se é assim, não temos o que esperar, cortemos sua cabeça — sugeriu Asllanhan.

— Calma — disse Tursun paxá —, primeiro é preciso comprovar a culpa. Não é verdade, cádi?* — E dirigiu-se a um homem baixo e cheio de rugas, que também comparecia pela primeira vez ao conselho.

**Juiz muçulmano que delibera sobre questões religiosas e também profanas. (N. T.)*

— Condenar um rogador de pragas não é coisa simples — disse o magistrado. — Eu diria que até pelo contrário.

— Não concordo — disse o agá dos serviços secretos.

Tursun paxá deixou que a discussão azedasse um pouco. — Basta! — disse por fim. — Que o rogador de pragas seja posto a ferros e o inquérito transcorra em completo segredo. Quanto ao julgamento, temos tempo. Pode até ser público.

— Um julgamento público é sempre útil em tempos assim — disse o chefe da intendência, com um sorrisinho cheio de segundas intenções.

Tursun paxá fingiu não reparar. — Quanto à vigilância dos elementos suspeitos, tem minha permissão. — Agora o comandante-em-chefe dirige-se a Tabduk agá. — Seja quem for — acrescentou no silêncio que se seguiu, observando como os olhos dos outros se cruzavam, numa muda prova de que o sentido de suas palavras fora plenamente compreendido. — E agora, passemos ao que é principal, o motivo pelo qual o grande padixá nos enviou a este fim de mundo: como tomaremos o castelo.

O velho Tavdja, Tanhank, o mufti e alguns outros opinaram por um segundo ataque. Argumentavam que o glorioso exército otomano, que já conquistara dezenas de cidades e cidadelas inexpugnáveis, não tinha por que suportar a afronta de ficar por muito tempo imobilizado diante daquela fortaleza. "O mundo inteiro aguarda a notícia da sua queda", diziam. "Devemos atacar." Porém a maioria era contra um ataque, sobretudo agora. Alegavam que uma segunda investida malsucedida reduziria os efetivos do exército à metade e, o que era pior, abateria seu moral. Advogavam a busca de outros caminhos para obter aquilo que o ataque não alcançara. Afirmavam que a coroa de louros de um exército embelezava-se com as flores da vitória, quaisquer que fossem os meios empregados para alcançá-la.

Os membros do conselho de guerra ficaram até meia-noite passada a rememorar tudo que sabiam, ou tinham ouvido falar, sobre maneiras de tomar um castelo, desde as mais heróicas até as mais pérfidas, para não dizer vergonhosas. Havia entre eles partidários das torres móveis, do cólera, de simulações de retirada seguidas por retornos de surpresa, da tomada de reféns, do arremesso de excrementos por sobre a muralha e das mais variadas espertezas — uma delas consistia em disfarçar os akendji com trajes albaneses e simular com eles um ataque ao acampamento turco.

Tursun paxá imaginou a cabeça de Kurdishdji ornada com o elmo e a águia bicéfala de Skanderbeu e disse consigo: "Não". Apresentaram-se dezenas de variantes, e voltou-se exaustivamente às anteriores, sopesando de cabo a rabo os prós e os contras de cada uma. Um dos membros do conselho perdeu os sentidos devido a um ferimento, e o médico, chamado às pressas, conduziu-o à sua tenda. Por fim foram se dando conta de que a maioria concordava com a escavação de um túnel, ideia apresentada desde o início pelo arquiteto Kaur. Tursun paxá fez um sinal. O arquiteto extraiu de uma grande bolsa um punhado de cartões com esboços, deixou seu canto e aproximou-se do centro. Sob o olhar invejoso do agá dos serviços secretos, que o encarava como quem planeja uma vingança, desenrolou os desenhos sobre o tapete e começou a apresentar explicações. Os outros não davam ouvidos a suas palavras, já que, mesmo atentamente acompanhadas, seriam de todo incompreensíveis. Tudo que captavam, em meio a algaravia, era a palavra "gerfiell", que significava "galeria" e que o arquiteto ocasionalmente substituía por "escavação", ou às vezes por "subterrâneo", ou, com maior frequência, por um termo da maldita língua dos kaur, "túnel".

Todos seguiam com os olhos a mão pálida como cera a deslizar pelos fantásticos desenhos, assombrados por verem de que forma uma coisa tão real e maciça como um castelo pudesse se

transformar em linhas tão finas e insignificantes, capazes de mostrar não só as partes aparentes da construção, mas também as invisíveis e secretas, desde as escadarias até as profundezas dos alicerces, que nenhum olho humano jamais avistava. Não por acaso a santa fé do Islã ressaltara várias vezes que havia algo de diabólico nos desenhos e pinturas, porém eles eram forçados a aceitar aquilo, depositando nos esboços suas esperanças, tal como tinham aceitado os rebuscados esquemas de Sarudjan, dos quais tinham nascido, afinal, seus verdadeiros e monstruosos canhões.

A mãozinha do arquiteto se movia sem parar pelos desenhos. Ele indicava as camadas de terra fofa e as de terra compacta em torno do castelo, explicando que abrir uma galeria na terra fofa tem suas vantagens, pois a escavação avança depressa, mas o resultado é precário, ao passo que a terra compacta é difícil de escavar, porém, uma vez aberta, não apresenta perigo de desabamentos. Indicava qual profundidade devia ter a escavação no seu início e no trecho sob os fundamentos do castelo e como, adiante, ela deveria se dividir, de forma que, mesmo se uma saída estivesse bloqueada, sempre restaria a outra. Discorreu a seguir sobre quanto tempo seria necessário para abrir o túnel e sobre quantos soldados poderiam atravessá-lo em determinado tempo.

A audiência não entendia muitas das coisas que ele dizia, nem mesmo fazia esforços para entender, pois todos sabiam que ninguém estaria em condições de opinar sobre o projeto do túnel. Todos tinham os olhos grudados nas setas vermelhas, que principiavam em um ponto fora do castelo, mergulhavam por baixo de seus alicerces, como alguém que rasteja pela fresta de um portão, e afloravam finalmente em algum ponto por trás das ameias e torreões. E nos olhos de todos havia a pergunta: será que aquelas setinhas penetrariam no ventre do castelo? Enquanto o arquiteto falava, o mufti expressava abertamente seu desdém, sem sequer se voltar para os desenhos. O velho Tavdja fitava as setas com olhos

selvagens e refletia com melancolia sobre como, agora, cada dia mais o ofício da guerra deparava com esses esboços e escritos, havendo o risco de perder seu sagrado furor para aos poucos ir se transfigurando numa infinita sucessão de espertezas confiadas a gente esquisita como aquele maldito arquiteto cuja fala ninguém conseguia entender. Tavdja intuía confusamente que, caso o Império começasse a confiar demais naqueles rabiscos, fatalmente sucumbiria aos poucos, pois suas raízes deixariam de se alimentar de coisas sagradas como a alma guerreira de gente como ele, passando a fiar-se em garatujas capazes de secar qualquer coisa. O velho chefe dos janízaros trazia agora os olhos entrecerrados. O talho em sua fronte doía e ele começava a ter sono. Enquanto aqueles pensamentos esvoaçavam por sua mente exausta, o chefe da intendência, que observava obliquamente ora ele, ora o mufti, conjecturava que o Império precisava se atualizar, se é que queria permanecer, e afastar dos postos de comando gente como o velho Tavdja, o mufti ou Kurdishdji. Porém talvez, refletia, contradizendo a si próprio, talvez sejam precisamente eles que mantinham vivo o espírito belicoso, enquanto outros, como o próprio intendente, com todo o seu conhecimento, seriam impotentes sem aquela ignorância. Talvez sapiência e ignorância, a serviço de uma mesma causa, formassem uma liga muito mais forte que a união de dois letrados ou de dois grosseirões, tal como o bronze era mais forte que o cobre e o estanho, de cuja fusão se compunha.

A reunião acabou de madrugada. Ao encerrá-la, Tursun paxá advertiu a todos que mantivessem segredo. Disse que cada um dos presentes, qualquer que fosse sua patente, responderia pelo sigilo com sua cabeça. Depois, pôs-se de pé.

— Não tomamos essa fortaleza ao assaltá-la por cima, como falcões — concluiu em tom tranquilo. — Agora atacaremos por baixo, como serpentes. Para picar o inimigo enquanto dorme.

O chefe da intendência sentiu um calafrio a percorrer-lhe a espinha.

Faz dias que o acampamento deles mostra outra fisionomia. Já não se assemelha a um bivaque militar, mas sim a uma imensa e ruidosa feira. Nós que o vimos em seus primeiros tempos, a cobrir o solo como uma avalanche, e depois a tirar-nos o sono com sua noite de orgia, ou ardentes e selvagens no dia do ataque, semeando horror e morte, temos dificuldade em compreender agora esta nova metamorfose. Dir-se-ia que já não são eles, mas outro exército que brotou, não se sabe como, aos nossos pés.

A princípio aquela balbúrdia pareceu-nos uma distração, com suas corridas e outros jogos equestres, estandartes de todas as cores, regimentos que partiam em exercícios de marcha, ou voltavam deles, ao som de ordens e cânticos, e os recém-construídos minaretes de madeira parecendo brinquedos, e a ressonância das flautas, tambores e címbalos.

Muitos de nós se espantavam. Havia mesmo quem indagasse: não terá o turco desistido da guerra? Não terá chegado uma ordem, um firman, como eles dizem, lá do fim de mundo onde fica o rei deles? As pessoas passaram a rezar para que sumissem da nossa frente.

Um dia atrás vimos, depois de muitas coisas incríveis, dezenas de soldados que evoluíam em círculos, com vestidos, flores e adereços femininos; então pensamos que estávamos vivendo um pesadelo, ou eram eles que haviam perdido a razão. Reunimos nossa gente e dissemos que melhor seria não verem o que se passava lá embaixo.

Dissemos também que um exército que num dia parece um bando de bêbados, no outro um monstro de ferro, no terceiro um corpo de saltimbancos sem dúvida havia de ser uma força demoníaca, jamais encontrada antes sobre a face da Terra. E só Deus sabia que forma haveriam de assumir amanhã: a de tigres furiosos

ou a de cadáveres de raposas? Muitos se recordaram dos relatos dos nossos antigos sobre ogros, dragões de muitas cabeças e bruxas com várias faces, demônios, seres chifrudos e horríveis. Nenhum deles está muito longe desse exército-feiticeiro, que ri e chora, cospe fumaça ou se cala. Não se pode confiar no alarido que faz. Tampouco em seu silêncio.

Seis

Os akendji estavam de partida. Sua vanguarda acabava de pôr-se em marcha ao rufar dos tambores. Milhares de soldados tinham acorrido para se despedir dos camaradas ou apenas para observá-los.

Mevla Tcheleb, montando um cavalo mirrado, como todos os akendji, e coberto por uma manta de lã, olhava vagamente em torno de si.

Estava pálido. Desde que recebera a ordem do allaibeu para acompanhar a expedição punitiva, quase não conseguia pregar o olho. No princípio, recusara-se a acreditar em seus ouvidos. Ele, Mevla Tcheleb, na sua idade, sair pelas perambeiras daquelas montanhas, atrás dos akendji? Que pecado seria o seu para o enviarem ao fim do mundo? O allaibeu lhe explicara que, quando eles tinham decidido enviá-lo às montanhas, fizeram-no não a título de punição, longe disso, mas para seu bem, quer dizer, para que conhecesse ao máximo as peripécias da guerra, capacitando-se a descrevê-la com toda a exatidão, et cetera, et cetera. Ao receber a explicação, o cronista, temendo passar por covarde, tinha alegado principalmente objeções de saúde: a coluna que doía, sem dúvida, mas também o baço que não o deixava dormir. O allaibeu, porém, nem quis escutar, fez-se de surdo, como se diz, e continuou a discorrer sobre a História que, dali por diante, haveria de ser narrada de outro modo, diretamente da linha de frente do campo de batalha e não dos mornos esconderijos da capital, et cetera, et cetera, até que Mevla Tcheleb, em vez de manifestar sua indignação perante os invejosos que tinham lhe armado aquela trampa, como era sua intenção inicial, terminara agradecendo ao allaibeu, e a todos eles,

pela grande honraria que lhe faziam, a saber, a possibilidade de ver, com os próprios olhos, os célebres akendji em ação.

Agora, sobre o cavalo, aguardando que sua unidade se pusesse em marcha, ele captava sem querer fragmentos das conversas a sua volta.

— Dizem que nos montes há feras.

— Sabe-se lá quantas prisioneiras vão trazer.

— Ullu, não esqueça minha encomenda.

— Quem sabe que belezocas não trarão, hein?!

— Quem sabe.

— Como "quem sabe"? Dobre a língua!

— Dobre você a sua. E com um pouco de lama junto!

— Ei, vocês aí, calem a boca. Hoje é dia de alegria. Vejam como rufam os tambores! Toca, tambor! Sacode este mundo, meu irmão!

— Ullu, irmãozinho, eu pago o preço que for, desde que seja louca e alta.

— Mesmo que custe seiscentos aspre?

— Mesmo seiscentos aspre.

— Seu lambe-cu, correndo atrás dos azape.

— Cale essa sua boca venenosa. Não veem como o mundo está belo hoje?

— E de onde você vai tirar esse dinheiro todo?

— Sei lá. Eu me viro.

— Pelo que sei, o soldo no seu batalhão é de dois aspre e meio por dia.

— Eu me viro.

— É de espantar, essa.

Mevla Tcheleb voltou a cabeça, curioso. O diálogo se travava entre um akendji de grandes bigodes, a cavalo, e um jovem soldado da sapa. Era um belo soldado, vestido com apuro. De pé, apoiava uma das mãos nas ancas da montaria.

— Seiscentos aspre é demais para o seu soldo — disse o akendji, desconfiado. — Será que você não...

O outro ficou vermelho. O akendji soltou uma cusparada, cheio de desdém. — A-ha, então é isso. Não esperava que você se rebaixasse a esse ponto.

O outro não respondeu. — Ouviu essa? Puseram o rogador de pragas a ferros desde o amanhecer. Dizem que ele não fez as coisas direito e metade da praga passou ao largo do castelo.

— É mesmo?! — Enquanto o acorrentavam, ele gritava: "Cuidado com as mãos, é delas que eu vivo". Essa é boa, é como preocupar-se com o penteado na hora de ir para a degola. Comenta-se que todas as pessoas suspeitas vão parar na cadeia.

— Bem feito. — Nunca pensei uma coisa dessas de você... Se ainda tivesse roubado, melhor que...

— Entenda, Ullu, eu estava ardendo por uma mulher... — Depois disso, é capaz que nem goste mais de uma...

— Por quê? — quis saber o soldado, num tom alterado. — Por quê? Então o tambor de sua unidade fez-se ouvir, e as filas puseram-se em movimento, umas após as outras. Kurdishdji passou por elas em seu majestoso corcel. O mufti e um grupo de militares o acompanhavam.

— Deus o acompanhe, Kurdishdji — disse o allaibeu, abraçando-o.

Mevla Tcheleb no último instante pôs os olhos no janízaro Tuz Otchan, que dizia qualquer coisa a um akendji. O akendji aquiescia com a cabeça como quem promete algo. Estaria também ele praticando "amores homomórficos", como se dizia ultimamente? Sua coluna moveu-se. Sem saber bem por que, Mevla Tcheleb voltou os olhos para o castelo. As grandes manchas de resina escorrendo das muralhas davam a impressão de negras mortalhas.

— Boa viagem, Mevla Tcheleb! — ouviu atrás de si, e era a voz de Tuz Otchan, que por fim o avistara. Tcheleb ergueu o braço,

cheio de reconhecimento. Seu coração se enterneceu. Parecia-lhe que precisava mais daquela saudação que de qualquer outra coisa. "Boa sorte para você também", disse consigo.

Tuz Otchan fitou por um bom tempo a nuvem de pó que os cavalos dos akendji erguiam. Quando o último pelotão se afastou, ele se voltou para o acampamento. Caminhando em meio aos grupos de soldados, escutava o que diziam sobre os akendji, e principalmente sobre encomendas que tinham feito. Tuz Otchan sabia que grande parte deles havia encomendado mulheres. Ouvira de soldados veteranos que costumeiramente, sempre que os akendji voltavam de uma incursão, os acampamentos militares se convertiam por dias a fio em grandes mercados de escravas. Os soldados corriam a comprar vestes floridas para vestir suas prisioneiras, depois de usá-las, buscando revendê-las a preço vantajoso e em seguida comprar outra nova. As autoridades encarregadas de preparar grandes campanhas jamais esqueciam de incluir, no equipamento da tropa, um bom sortimento de vestes floridas.

Segundo Tuz Otchan ouvira dizer, o mercado de prisioneiras era tão entusiasmado que criava dificuldades para um recruta inexperiente. Os preços nunca eram estáveis.

Tudo mudava de lugar e feição com o correr das horas. As cotações dependiam em primeiro lugar do número de cativas. A beleza e a idade não eram tão importantes, visto que os soldados provinham das mais diferentes regiões do Império, apresentando gostos completamente desencontrados no que diz respeito a fêmeas. Alguns apreciavam as gordas, com ventres de barril, outros as magras como gravetos, havia os malucos por uns seios fartos, enquanto outros não os suportavam, e diferiam igualmente as preferências quanto à estatura, os olhos, a idade, pescoços, braços e muito especialmente a densidade dos pelos pubianos.

A única coisa quanto à qual quase todos se punham de acordo era a valorização das louras. Em certas ocasiões o preço delas subia tanto que só os oficiais e os guerreiros da morte podiam comprá-las.

As cotações oscilavam, especialmente após a primeira noite de orgia, quando os soldados, depois de usarem suas cativas até o amanhecer, saíam a campo para revendê-las, já lamentando o dinheiro desperdiçado. Cheios de fadiga e desencanto, dispunham-se a repassá-las até pela metade do preço. Portanto, os mais experientes nesse gênero de negócios esperavam pelas horas matinais para comprar às dúzias as mocinhas, arrastadas para fora das tendas por seus sonolentos proprietários. Os compradores sabiam que a noite voltaria, escura, ardente, e então os negócios se aqueciam bruscamente.

Os preços também sofriam variações inesperadas depois de saciados os primeiros apetites. Ocorria até de se elevarem quando menos se esperava, pois as esgotadas e desprezadas raparigas com frequência eram levadas à morte ou à loucura.

Enquanto aproximava-se do acampamento, Tuz Otchan sentiu um aperto no coração ao pensar que não participaria do alegre comércio de prisioneiras. Tratou de consolar-se com a ideia de que, ainda que se permitisse uma coisa dessas aos janízaros, ele não teria como comprar uma garota com seu magro soldo de recruta. Só se fizesse sociedade com um camarada ou dois. Ouvira dizer que parcerias assim eram comuns.

Tuz Otchan apressou-se. Janízaros cruzavam-se alegremente em todas as direções. Era o dia do pagamento dos soldos. Caminhando no sentido da tenda do intendente de sua unidade, ele entretinha-se em calcular quantas vezes deveria pôr de lado seu soldo quinzenal de vinte e dois aspre para poupar os duzentos aspre que, em média, perfaziam a metade do preço de uma prisioneira de valor mediano, ou um terço do de uma loura.

A cotação de uma prisioneira também oscilava sensivelmente na imaginação de Tuz Otchan. Durante o dia, quando marchava com ardor, como naquele momento, parecia-lhe uma verdadeira maluquice desperdiçar todas as economias do ano em troca de uma fêmea consumida pelo uso. Mas havia certas noites de mormaço em que ele entregaria não só seu pecúlio mas muito mais para provar o gosto do ninho de andorinha. Ardendo de desejo, trazia à mente a cantiga safada que um veterano janízaro lhe ensinara: Cai a neve Geme o vento Uiva o amigo Pelo amigo Apenas agora, para seu espanto, a palavra "amigo" era flexionada para designar na primeira aparição o gênero feminino e na segunda o masculino. Era, portanto, o sexo da fêmea que uivava como uma loba na nevasca de inverno. Ao passo que ele, Tuz Otchan, estava convencido de que nada podia ser comparado ao furor do sexo masculino nas horas de fome. Já sentira em seu corpo aquela rebelião. Parecia que aquele sexo, ébrio e espumante, seria capaz de chegar aos confins de um ventre, enquanto os testículos doíam, doíam a ponto de mal se aguentarem, tal como mal se aguenta um beberrão.

Ocasionalmente, o temor de jamais vir a provar uma fêmea transformava-se num autêntico pânico, e então ele entregaria não só todas as economias de sua vida, mas até alguns anos dela em troca daquele gosto.

Tuz Otchan soltou um suspiro e tratou de ocupar a cabeça com outras coisas.

Pela segunda vez em uma semana voltou a atenção para o novo forno de padeiro, erguido não longe da muralha do castelo. Ao passar por ele, espiou com curiosidade a numerosa guarda que o cercava. Em dois ou três pontos haviam fincado tábuas com as inscrições "Proibido entrar no forno", "Proibido ficar diante do forno". Poucos dias antes correra o boato de que um espião, enviado pelo inimigo, tentara envenenar a massa do pão. Aparentemente era esse o motivo de uma guarda tão numerosa.

Além do mais, dizia-se que aquele era o forno que assava os pães da alta oficialidade, e como tal naturalmente haveria de ser mais bem guardado que os demais.

Tuz Otchan já ia se afastando quando escutou um tropel atrás de si. Um militar de alta patente, acompanhado por dois ou três cavalarianos, cavalgava rumo ao forno.

Outros soldados também se detiveram e espiaram como Tuz Otchan.

— O paxá — disse alguém, baixinho —, o comandante em chefe.

Tuz Otchan arregalou os olhos. Já ouvira falar tanto dele, mas nunca avistara o comandante-em-chefe. Ergueu-se na ponta dos pés. Os soldados à sua volta murmuravam cautelosamente.

— Como parece zangado...

— É verdade. Chia como o fogo na chuva.

— E aquele outro, à direita, quem é?

— Sei lá. O da esquerda é o allaibeu. O outro eu não conheço.

— É o arquiteto Kaur.

— Que cara! Não tem um pelo!

— Dizem que sofre de ataques, mal-de-terra, epilepsia.

— E apesar disso contam que não existe em todo o reino um outro tão competente como ele.

— Acredito. Os epiléticos ou são idiotas ou são gênios.

— Por que será que eles vão para o forno?

— Sei lá. Coisas do governo.

— Dizem que puseram veneno outra vez na massa do pão. Talvez estejam investigando.

— Como? Como? Veneno?

— Então você não sabe? Mas você está mesmo por fora. Escute só, veneno é veneno, mas há coisas piores. Parece que o rogador de pragas não agiu sozinho, dizem.

— Ih, então as coisas se complicam...

— Um buraco, irmão. Um grande buraco.

Um dos guardas aproximou-se dos soldados. — Vão andando. Aqui é proibido qualquer aglomerado de pessoas.

Os soldados foram se afastando. Enquanto isso, Tursun paxá, o arquiteto Kaur e o allaibeu entravam no galpão do forno. O chefe da guarda do paxá seguiu atrás. O resto da escolta ficou à porta.

Tursun paxá desceu a escada estreita, atrás de um soldado que levava um archote. O pequeno grupo chegou ao aposento subterrâneo do forno. Ali não havia sacos de farinha, nem um só pão. Poucos sabiam, mas era a entrada secreta do túnel e o forno servia apenas para disfarçá-la. A chaminé que o encimava soltava fumaça noite e dia, porém nem um só pão assava em seu interior. Pela sua porta entravam constantemente carroças cobertas por grandes lonas, que todos acreditavam carregar sacos de farinha. Apenas um olho muito bem treinado perceberia que as carroças estavam vazias. Ao saírem, ao contrário, vinham carregadas, porém levando algo bem mais pesado que pães. Incontáveis sacos saíam cheios de terra da escavação do túnel, e as carroças iam descarregá-los bem longe, atrás de um bosque.

O pequeno grupo caminhou túnel adentro. Os condutos de arejamento, orifícios que assomavam à superfície, disfarçados por tendas, eram raros e o ar era quase irrespirável.

Quanto mais se aprofundavam, mais pesadamente o paxá respirava, e apesar disso seguia adiante. Aqui e ali tremeluziam lamparinas cheias de um fino pó de carvão.

Às vezes cruzavam com homens que empurravam carros cheios de terra. No meio da treva, pareciam sombras.

— Até aqui reforço, depois não — disse o arquiteto.

— Ele quer dizer que a partir daqui o túnel não está reforçado por vigas — traduziu o chefe da guarda.

O grupo se deteve. Tursun paxá ergueu os olhos e viu sobre si as grossas traves úmidas. Os ruídos da escavação chegavam até

ele. O arquiteto sacou de um desenho e o chefe da guarda aproximou um archote.

— Ele disse que o ponto onde nos encontramos fica a vinte e cinco passos da muralha do castelo, enquanto os escavadores estão a apenas dois passos de distância. Amanhã eles atingirão os alicerces.

O arquiteto assinalou na planta um ponto quase colado à muralha.

Tursun paxá reparou que naquele ponto o túnel tinha um acentuado declive terra adentro. Era tão escarpado que os homens, ao descer ou subir, tinham de se apoiar em cordas estendidas lateralmente. Embaixo, como no fundo de um abismo, via-se a luz de tochas, porém tão embaçada pelo pó que as silhuetas dos homens se assemelhavam a fantasmas rodando num torvelinho.

O arquiteto Kaur falava sem descanso. — Ele explica que essa inclinação é obrigatória, de maneira que pelo menos a metade do túnel passe por baixo dos alicerces do castelo e só precisemos demolir uma braça da muralha.

Tursun paxá olhava fixamente as sombras dos homens. Na boca da escavação o pó se adensava a tal ponto que esta assumia a feição de uma porta dos infernos.

— Quanto tempo eles trabalham sem voltar à superfície? — quis saber.

O allaibeu hesitou. — Afora alguns sapadores, o resto são condenados, de forma que...

— Entendi — interrompeu Tursun paxá.

Do fundo do túnel vinha um ácido miasma.

— Que mau cheiro é esse?

O arquiteto explicou. — Ele diz que é o odor da salmoura com que eles impregnam constantemente as fundações, para facilitar a escavação.

O arquiteto voltou a apontar para algo no desenho, mas o paxá não chegou a ver direito por ter os olhos ardendo com a

fumaça. A um sinal de comando, o chefe da guarda afastou o archote.

— Ele disse que, uma vez ultrapassados os alicerces, o túnel vai se erguer novamente até a profundidade anterior, de forma que seu trecho final possa estar quase aflorando à superfície.

— Como abafaremos o barulho da escavação nessa fase? — perguntou o allaibeu.

O arquiteto respondeu sem sequer tomar fôlego. — Ele disse que, a partir da muralha, toda a escavação será feita sem golpes, apenas arranhando a terra.

— Isso vai tomar tempo — disse o paxá.

— Ele disse que é a única maneira de não chamar a atenção.

— Quantos dias? — cortou o paxá.

— Doze — respondeu o arquiteto, e emendou com explicações suplementares. Voltou a assinalar em qual calabouço do castelo iria dar o túnel e como, em um átimo de tempo, uma dúzia de guerreiros poderia subir ao pátio. Estes teriam a função de defender a boca do túnel enquanto outros atacantes afloravam, mesmo no caso de os defensores do castelo perceberem o ataque e soarem o alarma.

Tursun paxá voltou-se na direção da saída. Os outros o seguiram. Quando deixaram a escavação, escurecia. O paxá, sem fixar os olhos, atravessou o acampamento no sentido de seu pavilhão. À sua passagem, todos os oficiais e soldados se detinham e acompanhavam com curiosidade a marcha do comandante em chefe. Como ele raramente percorria o campo, os soldados e mesmo os oficiais em sua maioria nunca o tinham visto.

Quando o paxá desmontou diante do pavilhão, ainda trazia nas retinas a poeirenta paisagem da escavação subterrânea. Na realidade o mundo se assemelhava a um prédio de três pavimentos, e os homens, que habitavam o andar do meio, sobre a terra, eram ingênuos quando pensavam que sabiam ou controlavam grandes

coisas. A rigor, tudo era decidido no andar de cima, no céu, ao passo que os segredos se moviam sob a terra... Tal como os mortos... O paxá alimentava uma confusa mas persistente esperança de que eles poderiam talvez ajudar a conduzir a escavação até as entranhas do castelo.

Já sentado na tenda, passou os olhos pelos relatórios do dia. Eram dos mais diversos tipos, desde relatos do agá dos serviços de inteligência até o testemunho de um guarda sobre uma briga entre dois sandjakbei, ocorrida na véspera. Havia até coisas mais insignificantes, como uma solicitação do cádi para que fossem condenados à força dois intendentess que vinham embolsando os soldos de soldados mortos (ele desistiu de ler o documento inteiro, apenas buscando, ao final, o sinete do chefe da intendência), quatro condenações por desobediência a oficiais e outras penalidades mais leves, solicitadas pelo comandante do acampamento, por variadíssimos motivos, principalmente brigas e desentendimentos. Ele assinou às pressas as condenações, acrescentando uma anotação: "Mandar para baixo". Aquelas palavras indicavam o túnel, e ao escrevê-las ele provava a familiar sensação dos poderosos que têm em mãos a faculdade de atirar os outros no abismo. A ideia de que um outro manipulava, por sua vez, sua própria sorte, longe de contê-lo, açulava-o. Aprendera há tempos que este mundo não passava de uma escalada do poder, onde quem recuava de seu exercício estava perdido. Pôs de lado dois relatórios, mais longos, para examiná-los com maior vagar. O primeiro era uma notificação do chefe da intendência sobre a situação das reservas de mantimentos e numerário. O outro fora escrito pelo allaiheu e tratava do estado de espírito da tropa. Ali estava um relatório importante.

Aparentemente, o allaiheu empregara dados fornecidos pelos espiões de Tabduk agá. Entremeadas com as opiniões do allaiheu, havia um sem-número de narrativas de pequenos episódios

cotidianos, tais como trechos de conversas entre soldados, usados para corroborar as posições do autor. Uma folha anexa registrava até a letra de uma canção que começara a circular no acampamento. Lançando um olhar apressado pelo relatório, Tursun paxá logo se deu conta de que algo frio e ruim emanava de todo aquele rosário de acontecimentos miúdos e das inclinações dos soldados. Era algo que nada tinha a ver com colunas em boa formação, normas, bandeiras, patentes, toques de clarim e tudo mais que compunha a majestade de uma guerra. Assemelhava-se a uma incômoda umidade que penetrava nos ossos do gigantesco corpo de seu exército. Embora o allaibeu o referisse apenas nas entrelinhas, ele logo o percebeu. Com sua vasta experiência de alto comando, aprendera que aquele estado de espírito costumava ocorrer durante os cercos, quando, após um revés, o exército era forçado à inatividade. O castelo amanhecia e anoitecia todos os dias ao lado do grande acampamento. O paxá sabia que ele os oprimia a todos com um peso crescente. Sabia igualmente o que convinha fazer em ocasiões assim: evocar perigos inexistentes, conduzir inquéritos secretos como o do rogador de pragas, cujas peripécias eram agora acompanhadas por todo o acampamento, promover ruidosos julgamentos e condenações ou estimular desavenças entre comandantes poderosos, que atraíssem um número tão grande quanto possível de oficiais. Ele podia lançar mão de tudo aquilo, e certamente o faria caso não estivesse crescendo a cada dia, nas profundezas da terra, a úmida víbora em que depositava agora todas as suas esperanças. Uma vitória inesperada, no seio de uma noite tranquila, sem tanto sangue ou padecimentos, faria um eco duas vezes mais ruidoso em meio àquele torpor, quando a massa inumerável de guerreiros começara a padecer da chamada nostalgia da guerra.

O paxá folheou pela segunda vez o relatório do allaibeu, detendo-se em especial nas conversas entre soldados. Era um burburinho distante, que lhe chegava de incontáveis tendas cio• mo

o marulho do oceano, e permaneceu longamente em seus ouvidos. Tinha por hábito jamais conversar com soldados.

Durante o fatigante deslocamento, quando os olhara marchando em ordem unida, batalhão após batalhão, curvados sob o pesado equipamento, cobertos pelo pó de dois continentes, nem lhe passara pela mente cogitar o que haveria no interior daqueles crânios rapados e indistintos. Seria fácil acreditar que não havia nada, um punhado de cinzas, talvez alguns nomes da mãe, do pai, da família, e no caso dos janízaros nem isso... Ao passo que no dia do primeiro ataque, ao acompanhar com os olhos como eles escalavam a muralha, como o sangue e a cinza escorriam por seus torsos, e especialmente no amargo momento que sucedeu o recuo, ocorreram-lhe pela primeira vez o projeto de saber o que andariam ruminando. "É a ideia de um grande comandante", disseram-lhe Tabduk agá quando ele o convocara e confiara-lhe o encargo. Nenhum paxá até então jamais quisera saber o que pensa um soldado. E talvez residisse aí a causa principal da ruína de tantos deles.

Eis que agora, então, ele escutava pela primeira vez o marulho da tropa. Lembrou-se do longínquo verão em que avistara pela primeira vez o oceano. O rumor dos soldados tinha algo parecido, distinguindo-se apenas por ser mais melancólico. Caso aquele estado d'alma perdurasse, todo o magnífico exército que ali estava fraquejaria e se liquefaria por dentro.

Ele interrogava-se outra vez se devia tomar alguma iniciativa ou apenas esperar pelo orifício subterrâneo, quando entrou um estafeta informando que o médico Sir Selim solicitava uma audiência a propósito de uma questão urgente.

O paxá espantou-se da ousadia do outro, ainda mais àquela hora tardia. Ainda assim disse ao estafeta que o introduzisse. Sir Selim, um varapau incrivelmente alto, entrou curvando-se, tanto numa reverência como para caber na tenda.

— Perdoe, meu paxá, incomodá-lo numa hora dessas — disse. Sua voz tinha um timbre estranhamente grave para aquela silhueta magra que a tenda mantinha curvada.

— De fato é tarde — disse Tursun paxá. — O que há?

— Vim devido a um assunto urgente — disse o médico.

Seus olhos depararam com a indagação nos traços do paxá.

Sir Selim ergueu uma das mãos no sentido da porta da tenda, apontou para ali o dedo indicador e, após uma pausa, perguntou: — Ouve?

O paxá cerrou os lábios.

— O quê?

— Esses latidos.

O paxá assentiu. — É por causa deles que vim aqui.

O paxá franziu o cenho, como se dissesse "que maluquice, a esta hora". Depois meditou: "Esse varapau, mesmo se eu o condenasse, não caberia no túnel. O allaiheu lhe dissera que tanto os cavadores como os janízaros que penetrariam no castelo tinham sido selecionados por sua baixa estatura.

— Esses cães cujos latidos se escutam daqui escavaram anteontem uma das valas comuns — explicou o médico, sentindo que a paciência do paxá era tão diminuta como a de qualquer alto oficial.

Tursun paxá fez um gesto de nervosismo. — Os cães desenterraram alguns cadáveres. Há perigo de peste no exército — disse Sir Selim.

Uma sombra de alarme passou pelo rosto do paxá. — Os sapadores não trabalharam direito, meu paxá — prosseguiu o médico. — Eles recobriram os corpos às pressas. Fiz uma inspeção hoje e vi que em alguns lugares a camada de terra não passa de dois palmos.

Tursun paxá murmurou uma imprecação. Bateu palmas. Um estafeta assomou à porta do pavilhão.

— Quero Ullug beu aqui agora. Por algum tempo ficaram em silêncio. O médico continuava de pé e semicurvado. O latido dos cães chegava de algum ponto à esquerda, ora mais nítido, ora abafado.

— Eles também latiram por toda a noite de ontem — observou Tursun paxá.

— Sim, meu paxá, mas ninguém sabia o que estava acontecendo. Um ajudante avisou-me hoje, após saber por acaso o que houve, da boca de um carroceiro.

O silêncio voltou a cair sobre a tenda e o latido dos cães pareceu aproximar-se. Ouviram passos apressados do lado de fora. Ullug beu, comandante dos janízaros, entrou ofegante.

— Está ouvindo? — bradou o paxá depois que o recém-chegado fez a reverência de costume. — Está ouvindo os cães, miserável? Nenhum som conseguiu sair da garganta de Ullug beu. — Esses cães estão cavando as sepulturas dos soldados — gritou o paxá.

Ullug beu empalideceu. Agora compreendia. — Nossos heróis entregam a vida pela glória otomana, enquanto você atira sobre seus corpos um punhado de terra.

Ullug beu não podia suportar os gritos do comandante em chefe, entrecortados por um soluço. O paxá continuou a bradar "miserável!", quase como se quisesse dizer que o outro deixara propositalmente as valas ao desabrigo, para entregar seus camaradas ao repasto dos cães. Porém Ullug beu não se sentia ofendido. Apenas dizia consigo: "Bem feito para mim" ou "Deus me proteja!". Desejava que o paxá o xingasse ainda mais, chamasse-o de chacal, de hiena, até o açoitasse, contanto que os malditos latidos deixassem de chegar ao pavilhão.

Quando finalmente os impropérios cessaram e os latidos soavam como se viessem do pátio em frente ao pavilhão, Ullug beu julgou que chegara seu fim. Quis tombar de joelhos, explicar que

estivera dia e noite enterrado no túnel com os cavadores, sem pôr o olho em outros assuntos. Mas, paralisado, não fez nem uma coisa nem outra, simplesmente baixou os olhos e esperou. Talvez por isso tenha escapado.

— Quero que até amanhã cada vala esteja coberta com no mínimo duas braças de terra. Se não, enterro você vivo. Assunto encerrado.

Ullug beu fez outra reverência e saiu. Ouviram-se no escuro os passos dele, apressados e a seguir numa corrida desabalada.

— Sir Selim, há mesmo perigo de peste?

— Ainda não, meu paxá — disse o médico, em tom calmo. Seus olhos cruzaram com os do paxá, cheios de soberba. Pareceu ao médico que o olhar do comandante-em-chefe refletiu por um átimo a suspeita de que se inquietara antes do tempo.

— Ainda não — repetiu o médico. — Hoje ainda há tempo. Mas amanhã pode ser tarde demais.

O paxá baixou os olhos. Sir Selim pediu licença e afastou-se. O paxá permaneceu por um longo período com as mãos cruzadas. O latido dos cães ainda soava, ao longe, vindo mais ou menos da mesma direção. Tursun paxá passou a cravar os olhos num ponto do tapete. Só respirou aliviado quando os latidos cessaram abruptamente, indicando que Ullug beu e seus sapadores haviam chegado às sepulturas violadas. Apoiou-se sobre um almofadão e semicerrou os olhos. Seu fatigado espírito percorreu lentamente o imenso acampamento militar. Sem se deter nas incontáveis tendas, alcançou os akendji, que incursionavam pelos montes amedrontadores, voltou novamente aos guardas do acampamento, caminhou aos pés da muralha do castelo, tornou às tendas das mulheres, aos cães, às sepulturas dos subi, depois voltou ainda uma vez às tendas violáceas, deteve-se por um instante na escura entrada do sexo de uma mulher loura, e repentinamente, largou aquilo tudo para escorregar sorratamente pela terra adentro, por aquela

estrutura úmida e suave. Aqui adormeceu. Uma das ordenanças aproximou-se na ponta dos pés e cobriu-lhe os ombros com um macio roupão, enquanto observava de perto, cheio de medo e veneração, a face exausta de seu senhor.

Entendemos por fim o que prenunciavam os vestidos floridos nas mãos dos soldados e o que se escondia por trás do silêncio dos turcos. As vestes e adereços femininos eram o sinal de que os akendji sairiam a campo atrás de suas presas. Os soldados evidentemente se preparavam para comprar as prisioneiras. Quanto ao sossego, parecia trazer em seu íntimo a morte.

A primeira suspeita veio com um forno de padeiro construído, estranhamente, não longe de nossas muralhas. Pusemos o forno sob vigilância, vimos as carroças que entravam e saíam, depois a fumaça que saía de sua chaminé. Um olho atento conseguia ver que as carroças, ao entrarem, embora andando lentamente, estavam vazias e, ao saírem, iam carregadas. Observamos a coluna de fumaça, especialmente comparando o fumo mais denso, quando o forno era aceso, com aquele mais esparso, enquanto se assavam os pães, e nossos padeiros se puseram de acordo que forno algum no mundo poderia funcionar daquela maneira. Ficou claro assim que aquele forno não recebia farinha nem assava pães, e portanto as carroças partiam com outro tipo de carga. Qual? Só podia ser terra.

Não havia dúvida: os turcos cavavam a terra. A escavação de túneis subterrâneos era uma conhecida e antiga maneira de tomar fortalezas. Sem perda de tempo, descemos aos calabouços do castelo e dispusemos guardas em toda parte. Eles se estendiam no chão, com os ouvidos colados ao solo, à espera, dia e noite. Muitos adoeceram.

Então recordamos que recipientes de folha de cobre podem reproduzir sons subterrâneos. Equipamos nossos guardas com eles. De tanto concentrarem sua atenção, muitos acreditaram escutar alguma coisa. Contudo, por fim os pilhamos. Já estavam alguns

passos além das muralhas. Cavavam, ou melhor, arranhavam a terra, cautelosamente.

Como se um animal escarafunchasse as profundezas dia e noite.

Estendidos sobre as frias folhas metálicas ou com o ouvido colado ao chão, nossos vigias acompanharam cada passo do percurso subterrâneo do inimigo. Agora ele tem tantos cuidados que às vezes parece ter se retirado. Mas continua ali. Bifurcaram a escavação em duas variantes, como uma serpente de duas cabeças. Rastejam, rastejam sem parar, sob nossos pés. Nossos tímpanos reverberam com a tensão.

Sete

Os akendji estavam de volta. O rufar de seus tambores fez-se ouvir antes que sua vanguarda aparecesse na garganta da montanha. O acampamento deixou de lado seu torpor e reanimou-se de repente. Os soldados punham-se em marcha, chamando em altas vozes seus companheiros que ainda permaneciam deitados ou flanavam à porta das tendas.

Quem mais se agitava eram os que tinham encomendado mulheres ou objetos. Alguns guerreiros já traziam nas mãos as vestes floridas que haviam comprado desde antes.

O janízaro Tuz Otchan perambulava em meio à balbúrdia, arrependido de não ter comprado também um vestido com flores. Parecera-lhe um gesto prematuro, ou mesmo de mau agouro, comprá-lo assim antecipadamente, mas agora maldizia suas dúvidas e temia que as vestes já estivessem esgotadas. Enquanto observava os primeiros cavalos despontando ao longe, por mais de uma vez foi tentado a sair correndo até as barracas, mas em seguida mudou de ideia, com medo de se atrasar e perder contato com o akendji que lhe acenara com a promessa de trazer-lhe uma prisioneira. E se ele a vendesse a outro? A multidão fervilhava à sua volta. Soldados riam, gracejavam, soltavam palavrões e faziam gestos obscenos. O eunuco negro Hassan passou por ali com dois cântaros vazios nas mãos. Os soldados se acotovelavam ao apontá-lo.

- Vai encher os cântaros com água para elas.
- Elas?
- Sim. Não está vendo?
- Elas precisarão se refrescar. Devem sentir calor.
- Sentem fogo, as pobres... E nós, o que sentimos?

— Poderíamos fundir um ferro mais depressa que os fornos de Sarudjan, ha-ha-ha.

— Shh!, podem nos ouvir. O eunuco Hassan passou por entre os soldados com uma careta de desdém. Os outros seguiram com olhares em brasa o personagem cuja aparência recordava o enigma feminino. Havia os que o seguiam, revirando os olhos e com os joelhos tremendo, mas naquele dia a chegada dos akendji fazia esquecerem o eunuco.

Agora as primeiras colunas persecutórias penetravam no acampamento. A cabeça grande, rubicunda e meio sonolenta de Kurdishdji oscilava lentamente no ritmo de sua montaria. Quando a multidão de soldados aclamou-o, ao vê-lo passar com sua guarda, Kurdishdji manteve os olhos entrefechados. Sem se deter nem responder a nenhuma saudação, cavalgou diretamente para o pavilhão do comandante-em-chefe.

Enquanto a longa coluna dos akendji serpeava como um rio extenuado em meio à soldadesca, Tursun paxá, estalando os dedos da mão direita, ouvia com desdém o curto relato de Kurdishdji.

— É tudo? — indagou quando o comandante dos akendji concluiu.

— Sim. Tursun paxá respirou fundo e fez um esforço sobre-humano para não escarrar naquela face, bem do lado esquerdo do lábio, onde uma ferida mal cicatrizada deixara um sinal.

Cuspiu no chão. Kurdishdji pareceu sentir para onde se destinava o jato de saliva; ergueu uma das mãos e mordeu o lábio.

— Traidor! Cão, filho de um cão! Imbecil!

Kurdishdji nada disse. Sabia que o comandante-em-chefe esperaria até dispor de sua cabeça. Embora ninguém o tivesse proclamado, todos sabiam que Tursun paxá não tinha poderes sobre ele, assim como não os tinha sobre o velho Tavdja, o mufti e o allaibeu. Mas, em contrapartida, Kurdishdji sabia também que, caso

contestasse o comandante-em-chefe, exigiriam sua cabeça na capital, o que daria na mesma.

Enquanto isso, na grande esplanada central, os akendji, exaustos, com os turbantes poeirentos e em trapos (a maioria fora rasgada para estancar ferimentos), desmontavam para falar com conhecidos ou, em silêncio, seguiam adiante rumo a suas tendas. O janízaro Tuz Otchan espiava boquiaberto, buscando com os olhos as suíças de seu akendji. Observou que muitos outros pares de olhos empreendiam buscas semelhantes.

— Onde estão as prisioneiras? — indagou alguém às suas costas.

— Certamente vêm vindo atrás.

Subitamente Tuz Otchan avistou Tcheleb.

— Mevla Tcheleb, Mevla Tcheleb! — gritou, cheio de alegria.

O cronista fez um esforço para pôr um sorriso em seu rosto extraordinariamente pálido e adelgado. O janízaro estendeu-lhe a mão para ajudá-lo a desmontar.

— Você está doente? — quis saber.

— Não. Estou cansado. Muito cansado. Não aguento mais.

— Dá para ver. Atrás deles alguém chamava com alarme um certo Ullu.

Mevla Tcheleb reconheceu o soldado bonito com uniforme de sapador. Viu quando um dos akendji deu-lhe a má notícia, entrecerrando levemente os olhos. O sapador cobriu o rosto com as mãos.

— Há muitos mortos? — perguntou o janízaro.

Antes de responder Mevla Tcheleb fixou nele uns olhos opacos.

— Melhor não perguntar — disse em voz baixa.

Aparentemente muitos tinham feito a mesma indagação, pois lentamente o burburinho de vozes alegres cedeu lugar a um murmúrio de frustração.

— Vocês enfrentaram Skanderbeu? — perguntou o janízaro.

— Pode ser...

— Como, "pode ser"?

Mevla Tcheleb voltou a fitar o outro, como se desse com ele pela primeira vez. Por um momento o janízaro supôs que o amigo estava fora de si.

— Pode ser, Tuz Otchan. Já disse. Na maioria das vezes foi à noite, e no escuro você não consegue saber quem está atacando.

— Incrível. E vocês trouxeram prisioneiras?

O cronista sorriu com amargura.

— Umas duas dúzias.

— Pouco assim?

— Achei até demais.

Tuz Otchan refletiu que fizera muito bem em não se precipitar na compra de um vestido com flores. Ele podia ver agora dezenas de soldados atônitos de pé no meio da praça, retorcendo seus vestidos entre as mãos, sem saber o que fazer deles.

— As prisioneiras! — gritou alguém. — Lá vêm elas!

A multidão espichou os pescoços. Ouviram-se mais vozes, "Lá vêm!". Elas vinham acorrentadas em grupos de quatro ou cinco. Traziam nódoas de lama nas roupas e também nos cabelos.

Um tumulto de vozes se ergueu. "Foram violentadas, meu Deus." "Usaram as coitadas." "E o que você acha? Que iam esperar por você?" "Sorte dos caralhos de quem as usou." "Veja ali, uma loura." "Mais uma, veja só." "Uma ruiva, como queria Suleiman." "Mas, vejam só, arreventaram as meninas." "E daí? O ninho delas ainda está lá, ninguém o arrancou." "Dou trezentos aspre por aquela ali." "Veja só, a outra, atrás, está rindo. Perdeu o juízo, a coitada." "Ei, akendji, que belo trabalho vocês fizeram... É pela caça que se conhece o caçador." A multidão se adensava. Alguns sacudiam bolsas de dinheiro bem no nariz das prisioneiras. Outros murmuravam frases obscenas. Ouviram-se ordens: "Abram caminho!".

Mas os soldados não arredavam pé. A maioria parecia embriagada. Muitos avistavam mulheres descobertas pela primeira vez. Parecia-lhes inacreditável que, mesmo acorrentadas, tivessem os olhos livres. Estavam mais fascinados do que se alguém tivesse atirado na praça um punhado de esmeraldas para cada um apanhar as que quisesse. Era tão incrível como um sonho. Parte dos soldados deixava escapar gritinhos entrecortados. Pensavam rir, mas na verdade soluçavam. Ou o contrário. "Valem pelos olhos", disse alguém atrás do cronista.

— Afastem-se! — ordenou uma voz. — Abram caminho, soldados. As prisioneiras serão vendidas no mercado, conforme o costume.

— São só essas? Não há mais?

— Elas são como uma gota d'água num deserto ardente de desejos — disse o cronista, que aos poucos sentia crescer no íntimo a alegria de estar vivo.

— Ao anoitecer estarão mortas. No máximo duram até a meia-noite.

Alguém pronunciara aquelas palavras às costas deles. Tuz Otchan virou-se e sem refletir perguntou: — Por quê?

— Como por quê? — contestou um azape já entrado em anos. — É o que sempre acontece quando há poucas. Nunca aguentam mais do que uma noite. No máximo vão durar até a meia-noite.

— Você disse que elas vão passar de mão em mão? — perguntou Tuz Otchan.

— Claro, como sempre — disse o azape.

Tuz Otchan deu com o eunuco Hassan, quase encostado a ele. Ao que parecia, estava em pé desde que voltara do rio, para ver os akendji. Deixara os cântaros apoiados no chão e olhava as prisioneiras com uma expressão temerosa. Tuz Otchan sorveu o agradável perfume que vinha dele. O cronista também se voltava

para ver de onde vinha o perfume, quando sentiu alguém tocá-lo no ombro.

— Efendi — disse alguém a meia-voz. Era a ordenança do chefe da intendência que lhe falava ao ouvido.

— Desculpe — disse o cronista a Tuz Otchan —, mas um amigo importante quer que eu vá à sua tenda. Até a próxima.

Enquanto andava, possuído de uma inesperada vivacidade, Mevla Tcheleb quase não acreditava que dentro em pouco estaria com seu eminente amigo, recostado em almofadas macias, bebendo suco de romã e falando de coisas belas, sofisticadas, longe do medo e do frio da noite. A bem da verdade, levava tantos dias sem falar com ninguém que sentia a boca seca, como se costuma dizer, mas eis que Alá o recompensaria por seu suplício. Subitamente o mundo lhe pareceu mais belo que nunca, desde a grama curta que brotava à margem do caminho até o chiado de uma carroça em algum lugar atrás de si.

— Mevla Tcheleb, como você está magro! — cumprimentou o chefe da intendência. — Não gostaria de tomar um banho?

Mevla Tcheleb sentiu que sua face ruborizava de vergonha. Com certeza estava cheirando a suor, e agora cheiraria ainda mais, com as faces em fogo devido ao comentário do outro.

— Como direi... Desculpe... Chegar assim... — começou a balbuciar, mas o intendente o interrompeu.

— Quem pede desculpas sou eu, por chamá-lo assim, sem lhe dar tempo de descansar um pouco em sua tenda. Mas fui levado pela vontade de ver você e saber das novidades. Além do que, estava preocupado com você.

O cronista estava quase estourando de felicidade. — Nossa amizade é uma esmeralda em minha vida — disse.

O chefe da intendência sorriu aquele seu sorriso especial que lhe iluminava a face toda vez que alguém falava de dinheiro ou de objetos preciosos.

— Então, um bom banho — disse o anfitrião. — Nada como um bom banho para a limpeza do corpo e principalmente da alma.

O cronista levantou-se e caminhou de cabeça baixa atrás da ordenança, que já trazia nas mãos um roupão. O compartimento da tenda destinado ao hamam* era exíguo, mas equipado com tudo que era necessário. O cronista parecia estar sonhando.

**Sauna, em turco no original. (N. T.)*

Findo o banho, não menos embevecedora era a imagem da jarra de suco de romã, mais um vaso de prata cheio de halvah* que a ordenança pôs diante do hóspede.

**Doce oriental, preparado com farinha de trigo, pasta de gergelim e mel. (N. T.)*

— ... E como foram as coisas por lá, nas montanhas? — indagou o chefe da intendência.

Antes de responder, o cronista ergueu os olhos fatigados e sustentou por algum tempo o olhar tranqüilo do amigo.

— A mim você pode contar a verdade — disse o chefe da intendência. — As crônicas são para as gerações futuras ou para as matronas de Edirna. — Fez uma curta pausa; depois, sem desfrutar seu convidado, indagou: — Como foi?

— Terrível — disse Mevla Tcheleb —, um horror!

Ele sacudiu tristemente a cabeça. O chefe da intendência voltou a indagar sobre as montanhas e Tcheleb quase repetiu as palavras de sua crônica.

O chefe da intendência parecia desinteressado. Repentinamente, porém, indagou: — Você viu albaneses?

— Claro.

— Como eram?

Mevla Tcheleb fechou os olhos, como se os rememorasse. — São um pouco mais altos e esguios que nós. Os cabelos parecem desbotados pelo sol. Já as crianças, ao contrário das nossas, quase todas têm cabelos claros.

— Que mais? A aparência deles eu conheço razoavelmente.

— Como direi... — balbuciou o cronista entre os dentes. — São muito brigões e nervosos. Ninguém diria que aqueles cabelos desbotados cobrem cabeças tão duras.

— Valentes?

— Pensei em escrever em minha crônica que eles, os albaneses, são tão hostis a ter alguém sobre si que, como os tigres de fortes garras, atacam até as nuvens que passam por suas cabeças.

— Bela frase — disse o chefe da intendência. — Mas perguntei se eles são valentes.

O cronista abriu as mãos.

— Como hei de dizer? Nossos guerreiros combateram como leões, mas aqueles demônios...

— Ouça, Mevla Tcheleb — interrompeu o outro. — Se estou lhe dizendo que quero a verdade, e não respostas evasivas, é que tenho bons motivos para isso...

O cronista sentiu um travo na garganta. — Não se zangue — disse debilmente. — Não passo de um simples cronista... não tenho... não sei... não entendo direito muitas coisas.

— Coma um halvah — disse o anfitrião.

Tcheleb pediu licença e começou a fazer uma pormenorizada descrição da campanha punitiva. Falou principalmente sobre o frio nas montanhas e os combatentes se entrematando a golpes de lança. O chefe da intendência escutava sem interrompê-lo. Quando parecia que o relato se esgotava, convidava-o e pegar mais um halvah. O cronista estava faminto, mas por nada neste mundo cometeria a indelicadeza de comer sem que seu hospedeiro oferecesse, ainda mais porque seu anfitrião quase não tocara nos doces. Seus olhos

frios e claros permaneciam fixos no brilho avermelhado do suco de romã.

Mevla Tcheleb deu-se conta de que se estendera demais sobre episódios violentos e amargos. Talvez seu amigo desejasse ouvir algo mais sofisticado e filosófico; mencionou então a língua dos albaneses, que tivera ocasião de ouvir com frequência.

— Eles falam de um modo assombroso — explicou. — Dir-se-ia que Alá lançou sobre suas línguas uma espécie de neblina que não permite distinguir as separações entre as palavras. Nenhuma é clara e definida como as da nossa língua.

O cronista reparou que enquanto discorria sobre a pronúncia albanesa seu amigo não se interessava.

— Vamos ter dificuldades com esse povo — disse o intendente por fim. — Com ele e com o restante dos balcânicos, claro.

— Vamos golpeá-los até varrê-los da face da terra — comentou o cronista.

— Disso eu sei — contestou o outro. — Porém a questão reside precisamente nos golpes. Como golpear, onde golpear e, o principal, com qual objetivo. Você falou em varrê-los da face da terra. Eu acrescentaria três perguntas. Primeira: é possível varrer um povo? Segunda: em caso positivo, que meios tornam isso possível? Terceira, e preste atenção, Tcheleb, as terceiras perguntas são sempre as mais capciosas... então, a terceira pergunta é: será uma coisa dessas conveniente? Ou, para ser mais preciso, será sempre conveniente?

No esforço concentrado para acompanhar o raciocínio do outro, o cronista sentiu uma pontada de dor na raiz da nuca. Tanto nos discursos contemporâneos como nas velhas crônicas poeirentas, o aniquilamento do adversário era visto como a maior das vitórias. Ao passo que aquele ali estava quase afirmando o contrário. Se não se tratasse de quem se tratava, Mevla Tcheleb teria ido embora

imediatamente. Agora, as articulações voltavam a lhe doer e sentia os membros como que esmigalhados.

— Já vi que o desconcertei um pouco — disse o intendente, sem ocultar o contentamento. — Mas vamos recapitular uma por uma as coisas que eu lhe disse. Tomemos, por exemplo, o problema do aniquilamento, que tanto o empolga.

"Só faltava mais essa", disse consigo Mevla Tcheleb. Como se já não lhe bastassem aqueles penedos e buraqueiras onde fui me meter, agora me aparece esta conversa cheia de lascas de pedra.

— Eu não disse que me empolgo — objetou timidamente —, mas...

— Espere eu concluir meu raciocínio — interrompeu o outro. — Então, tomemos o aniquilamento de um povo. É possível? — Ele balançou a cabeça num gesto de negativa. — Difícil, meu amigo, muito difícil. Pela guerra, não, não e não. Pela guerra, nunca. Seria até ridículo pensar... Mas não se assombre assim, Mevla Tcheleb. Eu lhe explico já. Tome, pegue um halvah.

O chefe da intendência bebericou um pouco de suco de romã. O cronista já nem sentia sua fome.

— Então, escute — disse o outro. — Todo povo neste mundo multiplica-se constantemente. Alguns crescem mais, outros menos. Habitualmente, para cada mil pessoas há um crescimento de umas vinte ou trinta por ano.

Era a primeira vez que Mevla Tcheleb escutava aquelas cifras. Nos livros que lia, via de regra, não havia cifras.

— Vamos fazer uma conta simples — prosseguiu o chefe da intendência. — Digamos que depois de quinhentos anos, por exemplo, os albaneses, que pelos meus cálculos são hoje um pouco mais que meio milhão de almas, passem a ser uns doze ou treze milhões.

Mevla Tcheleb franziu a testa como se sentisse uma dor. — Eu diria que este é um número de tirar o sono, meu caro amigo —

proseguiu o chefe da intendência. — Percebe agora quanto existe de aterrorizante no crescimento natural da população de um país? Muita gente cabeça-dura, como o velho Tavdja, ou Kurdishji, talvez até o mufti, que posa de letrado, pensa que com guerras e massacres pode-se aniquilar um povo ou uma raça. Mas isso é impossível. Vamos dizer que travamos uma grande batalha que deixou no campo de combate uns vinte mil mortos. Isso seria uma grande vitória nossa, não é? Mas pense como é exasperante que uma batalha dessas, que exige tantos preparativos e penares, mal chegue a neutralizar o crescimento natural daquele povo ao longo de um ano.

O cronista sentiu ganas de apertar o crânio entre as mãos. — Em outras palavras, o útero das mulheres deles está em condições de trazer à luz mais gente do que nossas armas conseguem exterminar, mesmo incluindo aqui os famosos canhões de nosso amigo Sarudjan.

Sem querer, o cronista recordou uma porção de nomes feios sobre os órgãos genitais femininos, ouvidos durante a incursão pelos montes. Era comum os soldados desenharem suas formas com giz ou carvão, sem esquecer de opor-lhes o sabre do macho, como o chamavam, que de fato se assemelhava fortemente a um iatagã e, às vezes, ao cano de um canhão.

— Portanto, não vamos sonhar acordados sobre o aniquilamento de um povo. Devemos nos satisfazer com a contenção do crescimento. Poderemos retardar até certo ponto a multiplicação dos balcânicos por meio de campanhas punitivas, raptos de crianças para fazer delas janízaros, expulsões. Ainda assim não é o bastante. Um povo é como grama, cresce em toda parte. Então precisamos arquitetar outros meios, mais sutis. Meu trabalho é diverso, mas o grande padixá dispõe de pessoas que se preocupam com essas coisas. Certamente já pensaram em tudo. São mestres no desmantelamento de povos, tal como Sarudjan é mestre no desmantelamento de fortalezas.

Por um instante pareceu que ele perdia o fio do pensamento. Momentos assim eram um tormento para Mevla Tcheleb, que costumava sentir-se culpado por cada contratempo ocorrido na conversa, um arrote, uma taça derrubada, até um silêncio que se prolongasse mais do que devia.

— Sim... mestres do desmantelamento, do apodrecimento dos povos... Como eu falei, eles não se ocupam de outra coisa, noite e dia, na capital. Lembre sempre, amigo, que os povos assim como se expandem também se encolhem. Nossos golpes vindos de fora, quer dizer, o mal que vem de nós, não só não lhes causa grandes danos como até os pode fortalecer. Já o mal que vem de dentro, que eles mesmos geram, esse sim é capaz de derrubá-los... Compreende aonde quero chegar, Tcheleb? Durante a incursão penso que você deve ter visto umas covas com pedras escalonadas e colunas. São os célebres teatros das eras antigas. E sabe por que as pessoas ficavam horas a fio sentadas naquelas pedras? Para assistir a cinco ou seis outras pessoas, chamadas atores, mostrar por que se matavam, ou como se matavam, umas às outras. Quem realizava melhor aquela matança até ganhava uma coroa de louros em sinal de homenagem... Veja então, costumes assim são um tesouro para nós. Eles fazem com que esses povos não cresçam, permaneçam do tamanho atual, como aquelas raças de cães em miniatura. Você já viu cães assim? As matronas de Edirna costumam criá-los dentro de casa. Pegue um halvah.

Nunca o chefe da intendência havia lhe falado tão longamente e sobre assuntos tão complicados. Graças a Deus pelo menos ele não fazia mais perguntas, Mevla Tcheleb tinha até a impressão de que ele quase não reparava em sua existência.

— Mas isso não basta — disse o outro num tom retumbante, como se contestasse alguém. — Nós nos batemos aqui na terra, espalhamos o luto e a destruição, mas frequentemente a grande luta se trava lá em cima. — Ele ergueu a mão. — Não se pode considerar

um país vencido enquanto não ocupamos o seu céu. Talvez essas palavras lhe pareçam incompreensíveis, coisas de poetas, mas não são. — Mevla Tcheleb deu-se conta de que de fato elas assim lhe pareciam, mas para sua sorte o outro continuou seu discurso, sem se importar com que seu hóspede estivesse pensando.

"A falta de consideração também pode ter suas vantagens", pensou consigo o cronista. — Lá nas alturas, portanto, no céu. É onde se travam as mais terríveis batalhas. Porque, assim como as pessoas escondem seus tesouros em lugares inacessíveis, também os povos depositam lá, no céu, as coisas às quais dão mais valor: os deuses, as crenças, tudo que é sublime e imaculado. Quando falo no céu, tenho em mente as coisas mais elevadas, inacessíveis, que algumas vezes são descritas confusamente como espectros, aquelas, numa palavra, que têm a ver com a alma. Algum dia ocuparemos o castelo deles. Mas isso não será tudo. No fundo, no fundo, aquilo não passa de um amontoado de pedras, e eles podem tomá-las de volta tal como nós as tomamos deles. A vitória numa guerra é outra coisa... Não sei se você me acompanha.

Mevla Tcheleb não só não o acompanhava como nada percebia de toda aquela barafunda. Ainda assim, continuava a balançar a cabeça, enquanto pensava em sua tenda, que tantas vezes amaldiçoara mas que agora lhe parecia um cantinho do paraíso.

— Já passou alguma vez pela sua cabeça como pode ser terrível uma coisa à qual você nem dá valor, por exemplo, uma canção? — prosseguiu o anfitrião. — A batalha que tivemos um mês atrás, por exemplo, transforma-se numa canção. No mundo inteiro se conhece esse velho ofício: extrai-se um punhado de versos do torvelinho dos acontecimentos, das guerras, até dos palácios reais, tal como se extrai vinho das uvas. As uvas e o verão inteiro morrem, mas o vinho nada sofre. Longe disso, quanto mais o tempo passa, mais forte fica. Ocorre o mesmo com a guerra. Ela passa, a canção continua, movendo-se de geração em geração. Move-se como um

nevoeiro, como um pássaro, como uma sombra, escolha a comparação. E ela engendra outra guerra, pois este mundo está construído de tal maneira que cada coisa engendra seu semelhante. Como aniquilar esse pássaro de mau agouro? Ou, tomemos outro exemplo, a língua deles. Não sei se já lhe passou pela cabeça, mas penso que sim, que a língua é uma coisa tão grande como misteriosa. Tem um tal feitio que, às vezes, que Alá me perdoe, pensei que muitas coisas no mundo seriam mais tranquilas caso ela simplesmente não existisse. Uma área daquele céu de que eu falava antes liga-se a ela, pois mais do que tudo é a língua que tem intercâmbios com o céu. Pegue um halvah! Quando você me falou pouco antes da pronúncia um tanto anasalada da língua deles, eu com meus botões fiquei pensando como será difícil mudar o que quer que seja na conformação dessa língua, nem que unicamente seu anasalamento. É difícil, Mevla Tcheleb, mais difícil que a violação do portão ou a destruição das muralhas dos castelos. Aqui os canhões não têm valia, nem os desenhos do arquiteto Kaur.

Para espanto do cronista, seu anfitrião pôs-se a comer avidamente. Ao que parecia, aquela longa fala havia-lhe provocado acidez nas entranhas.

— Faz tempo que o Centro se divide em duas visões sobre isso — prosseguiu, depois de limpar os lábios com um guardanapo.
— Mas, ao que parece, é o nosso lado que está vivendo.

O espanto de Mevla Tcheleb cada vez crescia mais. Quais seriam aquelas duas visões, e principalmente aqueles lados? Ele não sabia ao certo nem sequer o que seria o Centro.

— O embate de ideias continua há muito tempo — prosseguiu o outro —, o que será deixado e o que será subtraído aos povos dos Bálcãs: a religião ou a língua? Houve quem pensasse em arrancar as duas, assim como houve adeptos de permitir as duas. Naturalmente apresentou-se toda espécie de argumentos, até que nosso lado saiu vitorioso. Quer dizer: deixaremos a esses povos a

religião. Quanto à língua, por enquanto proibiremos apenas que a escrevam. Quanto a falar, ainda é cedo para dizer.

O cronista devia ter arregalado extraordinariamente os olhos, pois o chefe da intendência chegou bem perto dele com sua face perfumada. — Cansei você, mas se o fiz foi porque o considero um amigo e há muito tempo precisava de um desabafo como o de hoje. E agora vou lhe contar um segredo, acreditando que o manterá bem enterrado.

— O cronista sentia-se tão confuso que por um momento pensou que o que ouvira já era o bastante e que seu pobre cérebro dificilmente aguentaria mais. — Mevla Tcheleb, minha função de chefe da intendência não é a mais importante. Na verdade, eu...

"Alá!", bradou silenciosamente o cronista. Então era aquilo de que ele suspeitara de vez em quando, mas que conseguira afastar da mente para não arruinar de vez a saúde... Fazia tempo que circulava no acampamento o rumor sobre quem seria o verdadeiro comandante daquele exército. Contava-se todo tipo de maluquices. Havia quem dissesse que o comandante de verdade era um dervixe esfarrapado, outros desconfiavam do mudo Tanhank, que por certo fingia-se de mudo mas na realidade não o era, havendo até quem fincasse pé que o comandante verdadeiro não era nem o primeiro nem o segundo, mas o negro eunuco, que apenas fingia se ocupar das mulheres do paxá. Mas a verdade parecia ser bem outra.

— Quer dizer que... você... quer dizer...

O cronista balbuciava e o outro deu-se conta do seu abalo. — Que houve, Mevla Tcheleb? — disse com uma voz macia. — Beba um pouco de fresco de romã.

— Não foi nada... Nada, meu senhor.

— Então?... Está melhor agora? Então, vou lhe contar o segredo de minha ocupação principal. Ela nada tem a ver com este exército, nem com nada semelhante. Diz respeito a algo mais geral. O padixá criou um conselho supremo, semissecreto. A tarefa do

conselho é responder a uma grande e difícil indagação: o que faremos com os povos dos Bálcãs? Por isso estou aqui, Mevla Tcheleb.

O cronista sentia a boca tão seca que se armou de coragem e serviu-se ele mesmo da jarra com suco de romã.

— Estou tão tocado por sua confiança... — balbuciou. — E agora vamos à terceira pergunta, que, como eu já disse, é sempre a mais capciosa: devemos arruinar esses povos? Quanto a aniquilá-los, penso que já ficou claro, é um sonho vão. Trata-se então de debilitá-los, exauri-los. E então vem a pergunta: será que nem isso caberia? "Esse sujeito está me enlouquecendo", pensou Mevla Tcheleb.

Os olhos claros do outro, encobertos por um véu finíssimo e permanente, mantinham-se cravados nele como se aquilo fosse um interrogatório.

— Nosso lado tem outra opinião — continuou o intendente. — Os Bálcãs são uma nova estrela que o destino pôs diante do nosso Império.

O cronista estava cada vez mais consciente de que a conversa ia num rumo perigoso. Bem no meio do fragor do enfrentamento, estavam falando num acerto com os albaneses.

Uma masmorra profundamente cravada na terra, onde se dizia que o astrólogo cumpria pena; peles arrancadas, membros amputados; e a pergunta: "E você? O que respondeu quando ele disse que devemos nos apadrinhar com o inimigo?", tudo aquilo latejava em seu crânio.

— Nosso lado vai vencer, acredito — continuou o outro. — Por enquanto o sangue ainda está quente, há muita fumaça e morte no meio, porém um dia a cena vai se desanuviar.

"É ele que está louco, valha-me Alá", disse consigo Tcheleb, "e mais louco ainda sou eu, que o escuto." Não sabia o que escolher entre o rangido da serra nos membros e o sibilar da serpente, tida

como prova divina, pois pensava-se que entre dois acusados ela morderia nas trevas o culpado.

— Está se sentindo bem? — quis saber o anfitrião. — Tem os lábios arroxeados. Quer que eu chame um médico?

— Não, não, tive uma vertigem, vai passar.

— É do cansaço, amigo. Pois então, do que falávamos?... Ah, sim, do destino que nos pôs diante dos Bálcãs. O soldado turco é o melhor do mundo. Resistente como a terra. Fiel e nobre como ela. Porém precisa de comandantes. É uma terra louca como esta engendra comandantes, bem melhor que a bem-comportada terra. Pegue um halvah.

O cronista fazia um esforço para não ouvir. "Eu não me sentia bem, senhor inquisidor. Por isso não entendi quase nada, e menos ainda o veneno que se escondia ali." — Você sabe que nos defrontamos sessenta anos atrás com os balcânicos, na planície de Kosovo*. Meu pai esteve lá e por toda a sua vida só falava daquela batalha. Ali nós vimos a todos, sérvios, albaneses, bósnios, croatas, romenos, todos unidos contra nós. Os combates duraram dez horas, você sabe. Ali transpareceu pela primeira vez o que é um exército engendrado pela terra e pela obediência e o que é um dominado pela temeridade. Ali nossos soldados, sem títulos ou distinções, em boa parte sem sequer ter sobrenomes, apenas nomes, venceram os orgulhosos condes e barões. Agora pense, Tcheleb, que maravilha seria mesclarmos a nobre terra da Anatólia com essas rochas que soltam faíscas. Compreende o que quero dizer? Precisamos uns dos outros. Eles, da nossa amplidão, nós, dos delírios deles... Penso que você deve ter lido muitas crônicas daquela guerra.

**A Batalha de Kosovo, em 1389, foi vencida pelos turcos após encarniçada resistência e abriu-lhes caminho para a conquista dos Bálcãs. A tradução optou pelo uso de Kosovo, como pronunciam os*

eslavos, e não Kosova, a pronúncia albanesa, por ser o mais veiculado nos meios de comunicação. (N. T.)

— Certamente — disse o cronista —, mais ainda por haver tombado ali o sultão Murat I, o Glorioso.

Mencionou a morte heróica do sultão na esperança de mudar o curso da conversa. Mas os olhos do intendente continuavam a faiscar. — Aquela planície... — disse num tom arrastado e ressonante.

— Ali se encerra o mais tremendo segredo do nosso Império.

O cronista não entendia mais nada. "Começou outra vez", disse consigo. Os olhos do outro estavam velados, como que embaçados por dentro.

— Você é historiador... leu as crônicas...

— Naturalmente, meu senhor.

— E então? O que dizem as crônicas sobre ela?... Sobre a morte... quero dizer... o assassinato.

Mevla Tcheleb sabia quase de cor tudo que fora escrito sobre aquele dia, principalmente o entardecer, logo após a vitória, quando o sultão Murat I, montado em seu corcel e cercado por sua guarda, avançava em meio aos mortos... E súbito, ali... um balcânico...

Ele disse tudo aquilo, mas a face do outro em vez de desanuviar-se ficou ainda mais sombria.

— Que mais... O que aconteceu depois? A voz do chefe da intendência soava alheada, velada, e o cronista refletiu que ali estava o interrogatório, como ele bem desconfiara.

— A morte do sultão foi mantida em segredo para não abater o exército.

— E depois? — Depois ocorreu o assassinato de um dos filhos do sultão, Jakup.

— Por quem? O cronista, sem saber por quê, fitou as próprias mãos. Havia escutado dizer que às vezes, por interferência divina, as

manchas de sangue se deslocavam para as mãos de inocentes.

— Pelo conselho de ministros, senhor. Para evitar uma luta pelo trono.

— Você não está sendo sincero, cronista.

Mevla Tcheleb teve a impressão de que a tenda desabava sobre sua cabeça. Voltou a fitar as mãos e até moveu-as para que o outro também as visse, como se assim exprimisse que não era ele o autor daquelas crônicas.

— Você não está sendo sincero — repetiu o chefe da intendência, agora em tom frio. — Você disse que mataram um dos dois filhos, sem explicar que, ao contrário do que é de esperar em casos assim, dessa vez quem foi morto foi o primogênito.

— Tem razão, senhor — respondeu o cronista. — Foi morto o mais velho, o herdeiro legítimo do trono, e o mais jovem, Bajazid, foi proclamado sultão.

— Quer dizer então que tudo deu errado, não foi? Quer dizer... — O rosto do outro estava agora insuportavelmente próximo. — Quer dizer que também a outra morte, a do sultão... Não foi coisa dos balcânicos... mas... Meu pobre amigo, você está tremendo... Mas escute a verdade...

Já era tarde demais para o cronista fazer alguma coisa, virar a cabeça, cobrir-se ou mesmo fechar os ouvidos. O outro o capturara pelo pescoço e derramava bem ao seu ouvido aquele veneno em doses que bastariam para enlouquecer todos os historiadores do Império. "Fazei-me surdo, Alá, para que eu não ouça essa sandice", implorou o cronista, mas a sandice penetrava cada vez mais profundo. Estava de tal forma paralisado que não teve dificuldades em simular um desmaio. A maldita curiosidade, por certo, impediu-o de desmaiar de verdade.

Por fim algo aconteceu em torno dele. O murmúrio agourento do chefe da intendência cedeu lugar a palavras comuns:

"Mevla Tcheleb, o que você tem?... Pobre amigo... certamente deve ter sido o cansaço... o cansaço... com certeza".

Sentiu sobre a fronte um pano úmido que a ordenança lhe aplicava suavemente. Depois, quando abriu os olhos, viu a face do chefe da intendência, tal como a conhecia, límpida e cheia de atenções. "Não se incomode, vai passar", dizia o outro. "Mandei chamar um dos médicos do conselho de guerra."

— Ufa, que dia realmente maluco, este de hoje — disse o médico ao entrar apressado. — O que houve, Kurt?

Mais do que a maneira familiar com que o médico dirigiu-se ao intendente, o cronista ficou espantado com o prenome "Kurt", que ouvia pela primeira vez.

— Oh, não, por mim não o chamaria em um dia como hoje, mas tenho aqui um amigo meu — disse o anfitrião —, Mevla Tcheleb, o historiador do exército, penso que já ouviu falar dele.

Pelo menosprezo com que o médico reagiu às palavras do outro e, sobretudo, pela maneira como descerrou-lhe as pálpebras para examinar as meninas dos olhos, o cronista deduziu que o médico não tinha o menor apreço por historiadores. "Estão acostumados a só tratar com gente importante", disse consigo, com amargura. Porém o ar perfumado que sentiu emanar de seu corpo, quando o médico abriu-lhe a túnica para auscultar-lhe o coração, trouxe-lhe um sentimento de orgulho.

— Fadiga redobrada — disse o médico, dirigindo-se ao chefe da intendência, como se o enfermo fosse uma criança. Ele repetiu as palavras "fadiga redobrada", levando o dedo indicador às têmporas.

Mevla Tcheleb voltou a sentir-se mal. "Queria ver você escutando aquelas coisas todas, doutorzinho", murmurou consigo mesmo.

— Então, dê-lhe isto duas vezes ao dia — disse o médico ao chefe da intendência, enquanto extraía da bolsa duas garrafas. Depois, como se o cronista nem estivesse ali, os dois puseram-se a

falar entre si, em voz baixa. O dono da tenda disse alguma coisa e o médico respondeu "Muito bem, prossiga com o bálsamo que lhe dei.

Muito bem, então, até logo, Kurt".

"Jamais penetrarei no círculo deles", pensou Mevla Tcheleb cheio de melancolia. "Muito bem, então, até logo, Kurt", repetiu silenciosamente, como se aprendesse uma frase em um idioma estrangeiro. Na realidade notava, ocasionalmente, um sotaque estranho na fala do intendente, mas afastara de si aquela desconfiança, tal como tantas outras... Quantos "Kurt" não haveria entre os otomanos? Nem que se passassem mil anos ele seria capaz de algum dia pronunciar com naturalidade as palavras "Muito bem, então, até logo, Kurt". Só o apreciavam quando sentiam necessidade de alguém para expelir aquela peçonha que nenhum ser humano suportaria... tal como momentos atrás...

Em outras circunstâncias, ele teria se orgulhado por lhe terem confiado um segredo daquela monta. Há pouco, fora tomado de pavor. Agora, sentia-se ofendido. E sabe-se lá o que viria a sentir nos próximos dias.

— Do que estávamos falando quando você sentiu-se mal? — perguntou o intendente. Escolhera um tom descuidado, mas quando seus olhares se cruzaram Mevla Tcheleb teve a sensação de distinguir claramente um lampejo duro como uma estalactite de gelo.

— Não lembro ao certo... sobre os povos dos Bálcãs, acho, e sobre Skanderbeu.

— Ah, sim, Skanderbeu — disse o chefe da intendência, e seu rosto abriu-se ainda mais. — Então você não ouviu as outras coisas... Melhor assim... — acrescentou.

Mevla Tcheleb sentiu um desafogo no íntimo. O desapontamento por ver que lhe subtraíam o segredo recém-confiado não era nada perto da paz de espírito reconquistada.

O chefe da intendência também parecia aliviado e cheio de humor. Disse-lhe que descansasse mais um pouco, depois a ordenança o acompanharia até sua tenda. Enquanto isso, podiam retomar a conversa interrompida... he-he, a conversa deixada a meio caminho... sobre... sim, Skanderbeu. O anfitrião relatou que um amigo seu o conhecera, durante as conversações de paz, que tinham ocorrido em um local secreto, já que Skanderbeu não aceitara comparecer à capital turca, ainda que o grande padixá Murat Han houvesse iniciado o convite com as palavras "Meu filho".

— Ingrato — comentou o cronista. Mas o outro continuou a contar que, durante as conversações, Skanderbeu só falava em latim, como se para demonstrar que estava definitivamente divorciado de nós.

— Ingrato — repetiu o cronista.

— Vira-casaca.

— Pior ainda que um vira-casaca — disse o chefe da intendência. Despedaçou um dos sonhos do nosso Império. E sabe qual foi? O mais belo deles: a conversão dos católicos albaneses à fé do Islã. Fora um milagre, aquelas conversões. Não muitas, apenas um punhado de homens, mas não se deve esquecer de que eram cristãos de velha cepa, evangelizados mil e trezentos anos atrás e desde então submetidos a Roma. Era, portanto, um indício seguro de que o Islã venceria a cristandade precisamente em um de seus bastiões. Porém o sonho desvaneceu-se rapidamente por culpa daquele demônio de dois nomes, George Kastriota-Skanderbeu.

O cronista escutava boquiaberto. — Tudo nele é duplo, desde o nome, desde os cornos de cabra que encimam seu elmo, até seu estandarte com o pássaro bicéfalo.

E sabe o que ele fez, assim que passou a dominar seus príncipes? Ordenou aos muçulmanos albaneses que retornassem à fé antiga. E assim de fato se deu: os conversos ao Islã, que mal haviam

recebido as primeiras tinturas da fé muçulmana, foram forçados a retornar à cristandade. Eis, portanto, Mevla Tcheleb.

— Um demônio de dois chifres — disse o cronista, e perguntou que aparência ele tinha.

— Ah, que aparência? — respondeu o dignitário.

— Recordo-me de ter feito essa mesma pergunta ao meu amigo. Segundo ele, uma aparência comum. Tinha a voz rouca, pois ao que parece havia adquirido um resfriado, e nem durante as conversações tirava o xale que lhe envolvia a garganta...

— Um xale em torno da garganta — repetiu o cronista, quase adormecendo.

— Temo as pessoas de aparência comum — disse o chefe da intendência. Sua voz ecoava distintamente, como se as dimensões da tenda houvessem sofrido uma súbita mudança.

Fez-se o primeiro silêncio desde que o médico se fora. Os longos dedos do intendente estreitavam seu rosário com mais força que de hábito. Uma conta do rosário era opaca, sem brilho.

— Em meu relatório colocarei os albaneses, ao lado dos gregos e hebreus, entre os primeiros povos que devemos atrair — agora a voz do intendente, em contraste com os movimentos do rosário, era lenta e pensativa. Apenas ele, Skanderbeu, nos atrapalha.

— Compreendo — respondeu o cronista. Em sua imaginação a planície de Kosovo se estendia, com seus incontáveis mortos e Murat Han cavalgando vagorosamente por entre eles, ao crepúsculo... Era preciso apagar aquela imagem, varrê-la para sempre da memória. Do contrário ela acarretaria sua perda.

— É preciso distanciar a Albânia de Skanderbeu, é a única solução — disse o chefe da intendência. — Mas ele faz o possível e o impossível no sentido contrário.

Sabe que vai perder a guerra. Apesar disso, mantém-se aferrado à Albânia.

"Que vão os dois para o inferno, ele e a Albânia", pensou o cronista, mas não ousou dizer nada. — Ele age de maneira pouco usual — prosseguiu o outro.

— Nada, nada usual... Ainda há pouco falei-lhe do céu, onde os povos guardam suas preciosidades... Ele desde agora atua tendo em mente o céu. Não sei se você me acompanha. Ele procura criar uma segunda Albânia, inexpugnável para quem quer que seja, em tempo algum. De forma que, quando esta Albânia da terra tombar, seu fantasma, sua sombra, vagará pelos céus... Não sei se me compreende. — Efetivamente, o cronista compreendia cada vez menos. — Ele se entrega a algo que poucas vezes já ocorreu a alguém: a reciclagem da derrota. É como se ele a relançasse na guerra, mais uma vez e mais outra...

O cérebro de Mevla Tcheleb se convertera em tamanha barafunda que por um momento ocorreu-lhe que o outro o confundia deliberadamente, para fazê-lo esquecer o corcel branco do sultão na planície de Kosovo. "Nem precisa, eu mesmo vou varrê-lo da memória", pensou.

Os dedos do chefe da intendência quase arrancavam as contas do rosário.

— Ele nos obrigará a combater sua sombra, compreende, Mevla Tcheleb? A enfrentar, como direi, sua miragem, a imagem de sua perda. E pode-se vencer uma perda, uma miragem? É como tentar escavar o que já é um buraco. Ele já é o vazio, nada sofre, ao passo que você pode se arruinar na escavação... Mas penso que o fatiguei, amigo. Talvez já seja tempo de você tornar à sua tenda. Minha ordenança o acompanhará.

Ao sair, Mevla Tcheleb sentiu-se esgotado. Caía a noite. O acampamento se ocupava dos afazeres de todos os dias. Soldados iam e vinham de todos os lados, como formigas.

Ao percorrer a avenida central, escutou os rangidos de muitas carroças. Pareceu-lhe avistar numa delas o astrólogo.

Apertou o passo de maneira que a carroça não o alcançasse e, ao ver que mesmo assim ela se aproximava, ergueu a gola da túnica e voltou-lhe as costas.

Ao chegar a sua tenda deixou-se cair vestido mesmo sobre o leito de pelegos•e enquanto o sono o tomava (na mesma hora em que o astrólogo na carroça amaldiçoava sua perfídia), ocorreu-lhe confusamente a ideia de que, quaisquer que fossem seus imprevistos, a vida apesar de tudo era doce. Simultaneamente o mesmo raciocínio ocorria ao astrólogo, que descia da carroça e preparava-se para penetrar debaixo da terra junto com os outros cavadores que iriam render o turno anterior. Cada vez que o astrólogo se preparava para descer ao subterrâneo, lançava um olhar melancólico em volta e assombrava-se de nunca antes haver reparado como o mundo era belo. Durante toda a vida fora exigente consigo mesmo, tratando de abrir caminho, sem nunca provar a satisfação dos que alcançam seu objetivo. Agora que o destino o enterrara num buraco escuro e úmido, dava-se conta de que muitos dos seus dias poderiam ter sido felizes se não os obscurecesse a insaciável cobiça por uma felicidade maior.

Cada vez que se preparava para penetrar terra abaixo, uma pergunta o espicaçava como uma faca de ponta: sairia dali? Embora trabalhassem agora com todo o cuidado (quase já não cavavam, apenas raspavam suavemente a terra), o temor de serem descobertos pelos defensores do castelo não os largava. Outros perigos viriam na noite em que aflorassem à superfície. Os escavadores que tivessem a desdita de estar naquele turno poderiam ser as primeiras vítimas da matança. Mesmo que escapassem da morte, caso o túnel fosse concluído no mais completo silêncio e a carnificina não tivesse início em sua boca, e sim mais adiante, em meio aos estreitos calabouços, os escavadores poderiam ser pisoteados pelo aluvião de janízaros. Logo que fosse concluída a escavação, os janízaros teriam ordens para se precipitar pelo túnel como uma torrente subterrânea,

empurrando os exaustos e desarmados escavadores de encontro às lanças dos sitiados.

Quanto mais se aproximava a hora de abrir o túnel, mais sombrios se tornavam os pressentimentos do astrólogo. Agora, nas tendas em volta do forno, a cada noite centenas de janízaros de elite aguardavam armados até os dentes. Nas duas últimas noites algumas dezenas deles postavam-se dentro da escavação, prontos para o ataque no caso de uma imprevista aceleração dos planos. Como estátuas, acompanhavam com os olhos na semi-obscuridade os escavadores que passavam por eles como quem ladeia um muro. Devido à presença dos janízaros, o ar no túnel tornara-se mais pesado. Os guerreiros eram rendidos a cada duas horas por tropas frescas, enquanto os escavadores às vezes chegavam a desmaiar.

Todos os indícios apontavam a iminente proximidade da hora em que a escavação alcançaria a superfície. Enquanto caminhava na semi-obscuridade, de pá em punho, atrás de um ex oficial condenado porque, durante o assalto, após trepar até o meio de uma escada, dera meia-volta, deixando seus soldados no abandono, o astrólogo meditava que, aproveitando a circunstância de que seu substituto ainda não chegara da capital, ele bem podia fazer naqueles dois ou três dias finais uma derradeira tentativa para mudar sua sina. Argumentando com o posicionamento da Constelação da Serpente (a alusão ao túnel era evidente), podia fazer uma ousada predição sobre a noite mais propícia à conclusão do subterrâneo, em um supremo esforço para arrancar seu destino da lama, mesmo podendo também sepultá-lo nela para sempre. Ocorria que ele já estava mesmo emburacado no chão e para que sua predição chegasse às altas esferas necessitaria de uma pequena ajuda de amigos fiéis. Mevla Tcheleb não, não era desses. O poeta Saded bem poderia valer-lhe, mas agora não passava de um trovador cego, cujas palavras dificilmente seriam ouvidas. O poderoso mufti, o mesmo que o instigara a fazer a predição do dia do ataque, sendo

portanto o verdadeiro causador de sua desgraça, agora com toda a certeza nem sequer lembrava seu nome.

O astrólogo deixou escapar um profundo suspiro. Havia mais janízaros na escavação que de costume. Permaneciam perfilados como sempre dos dois lados do corredor, a três ou quatro passos de distância um do outro. As débeis chamas das candeias que se consumiam a intervalos regulares emprestavam reflexos amedrontadores a suas faces, pondo em relevo os queixos, testas, narizes, enquanto deixavam nas trevas olhos e bocas.

O astrólogo passou pelo trecho onde a escavação subitamente descia. Sabia que ali ficavam os alicerces da muralha principal, que o túnel tratara de contornar. Naquele trecho, devido à maior profundidade, o ar era irrespirável. Em seguida o túnel retornava à profundidade habitual. Agora o astrólogo estava sob o piso do castelo.

Toda vez que penetrava ali seu coração começava a bater mais devagar. Tratou de encher seu saco o quanto antes para ir embora; dir-se-ia que o peso das muralhas recaía sobre seus ombros. Dessa vez avistou um grupo de homens de pé a sua frente. Os escavadores que haviam trabalhado a tarde inteira cediam lugar ao turno da noite. O pequeno grupo de estranhos conversava entre si, apontando ora para as laterais da escavação, ora para o teto gotejante. Entre eles o astrólogo reconheceu o arquiteto Kaur e o allaibeu. Os dois diziam alguma coisa ao comandante dos janízaros, Ullug beu. As feições deste transmitiam inquietação. O arquiteto Kaur erguia constantemente a mão, descrevendo um círculo sobre a cabeça. Aparentemente estavam deliberando sobre o lugar onde o túnel afloraria. Devido à precária iluminação dos archotes, as sombras de suas cabeças projetadas nas paredes do subterrâneo pareciam cercadas por auréolas, como as que os cristãos colocavam à volta da cabeça dos mártires em suas igrejas.

Falavam baixinho. Os escavadores, que iniciavam a labuta, também não faziam ruído. Retiravam a terra lentamente, com facas largas. O astrólogo começou a encher com terra seu saco. Estava claro que a escavação não seguiria adiante. Agora os escavadores tratavam de alargar suas laterais. Aparentemente o plano era abrir uma sala, sob o ponto de afloramento, para abrigar uma maior quantidade de janízaros no momento fatal.

O astrólogo completou a carga de seu saco e lançou-o nos ombros. Ao passar perto dos altos dignitários, ouviu mais uma vez suas vozes abafadas e inquietas. Era evidente que algo estava para ocorrer. A tensão e a expectativa eram patentes. Ele passou com o saco em meio aos soldados, perfilados como blocos de pedra, desceu o trecho inclinado, subiu do outro lado e chegou ao ponto onde era permitido o emprego de carros. Como sempre que chegava ali, deixou escapar um "ufa!" de alívio.

— O que está acontecendo lá dentro? — perguntou o homem do carro. — Parece que hoje vão abrir.

— Também acho — disse o astrólogo, enquanto esvaziava o saco.

— Bom trabalho — falou o outro, empurrando o carro. O astrólogo retornou com o saco nas mãos. Era evidente que alguma coisa aconteceria naquele dia. Quando chegou ao fim do subterrâneo, eles ainda estavam ali, falando no mesmo tom baixo e apontando repetidamente o círculo sobre suas cabeças. A presença deles despertava no astrólogo um sentimento de segurança e reconforto. Afinal de contas, eles, que trabalhavam ali, não se achavam tão abandonados como parecia, já que gente tão importante havia descido junto com eles, naquela noite extraordinária.

Quando o astrólogo estava enchendo seu segundo saco de terra, passaram por ele dois escavadores conduzindo uma escada curta e larga.

— Estão trazendo as escadas — observou o homem do carro, quando voltaram a se encontrar. — Aquela foi a segunda até agora.

— Na outra saída também está tudo pronto?

— Não sei. Faz dias que não passo por lá. Quando o astrólogo retornou outra vez, o arquiteto Kaur, o allaibeu e duas pessoas que ele não conhecia estavam voltando. Um vazio medonho ocupou o lugar do sentimento de segurança que acompanhara os escavadores e carregadores de sacos enquanto os dignitários estavam ali. Mas apesar de tudo Ullug beu e seus auxiliares haviam permanecido, assim como um oficial dos janízaros. O oficial continuava de lado e observava a tudo com olhos imóveis. Durante o tempo de permanência dos dignitários, ninguém o notara. Só quando os outros se foram os escavadores repentinamente deram-se conta de seus traços imóveis e silenciosos, como que petrificados pelas trevas. Aparentemente, era o oficial encarregado de comandar o ataque.

Os escavadores ampliavam rapidamente a caverna. A terra era macia e fácil de trabalhar. O astrólogo e outros forçados se encharcavam de suor. Rapidamente abriram um canto onde mais guerreiros se instalaram, colados uns aos outros, dando a impressão de figuras de um baixo-relevo. Os escavadores agora atacavam o lado oposto, onde, aparentemente, nova leva de soldados iria se instalar. Os janízaros olhavam fixamente a escada curta por onde subiriam em breve a caminho de seus destinos.

Ninguém sabia que horas eram. Sabiam apenas que lá em cima, para além do chão, ainda era noite. Ullug beu fitava periodicamente a escuridão do subterrâneo, inquieto.

Ao que parecia estava à espera do mensageiro com a ordem para a perfuração. A ordem estava demorando, ou talvez apenas assim o parecesse para quem estava no subsolo.

Para os outros, acima do chão, aparentemente o tempo avançava em outro ritmo. Todos sentiam uma sensação de torpor,

até as chamas dos archotes pareciam sonolentas, quando repentinamente sentiu-se um abalo, como um brusco despertar de toda a terra, e logo a seguir um rumor. Os homens se paralisaram.

Um dos archotes apagou, outro tombou por terra. Um ruído abafado vinha de algum ponto do túnel. Todos voltaram as faces para ali até que o silêncio voltou.

Ullug beu e seus ajudantes se precipitaram para o túnel. Os outros, soldados, engenheiros, sapadores, também se moveram de uma só vez, como se voltassem a si de um encantamento. Alguém gritou "Acabou-se!", um outro "Terremoto!". Dois ou três pensaram em sair correndo atrás de Ullug beu, mas imediatamente o oficial dos janízaros, que até então mais parecia uma múmia, desembainhou a espada e bradou: — Parem! Quietos aí! Todos obedeceram. Em meio ao silêncio, escutavam o eco abafado e cada vez mais longínquo dos passos de Ullug beu e seus homens. Depois pararam de ouvi-los. Passaram a ouvir outros passos, incertos como os de um bêbado, que ora se aproximavam, ora pareciam estacionar. Alguém chegava correndo pela variante do túnel.

— Pare — ordenou o oficial. — Quem é você?

— Sou sapador. O que aconteceu? — disse o outro, sem fôlego.

— Não sabemos. Mas já saberemos — respondeu o oficial. — Alá, que houve?

— Quietos! — bradou o oficial. — Acendam os archotes.

— Estão chegando — disse alguém baixinho.

Todos puseram-se à escuta. Ouviam-se passos. Não corriam. Vinham quase vagorosamente.

— O que aconteceu?

As faces de Ullug beu e seus auxiliares estavam pálidas e cobertas de suor frio.

— Estamos perdidos.

— Oh!

— Quietos! — ordenou o oficial.

— O que aconteceu?

— A escavação desmoronou — disse Ullug beu num tom apático.

— Eles? — indagou o oficial, apontando para cima.

— Eles.

— Enterraram-nos, por Alá.

— Sepultaram-nos vivos.

— Calma! — disse o oficial. — O que podemos fazer? — perguntou a Ullug beu.

— Nada — respondeu o comandante dos sapadores.

— Nada — repetiu um dos ajudantes. As palavras ecoavam com uma reverberação medonha na galeria: "Naaa... ddaaa...".

— Não poderíamos abrir uma saída? — perguntou o oficial.

— Não. Agora eles estão em cima de nós. Vigiam qualquer movimento no chão.

— Talvez a terra tenha desmoronado por si?...

— Não. Não sente o cheiro de enxofre?

— Então vamos morrer — disse o oficial num tom tranquilo.

— Alá escolheu esta morte para nós. Queiramos ou não, só podemos aceitar.

Alguns começaram a rezar. Muitos outros gemiam. O astrólogo sentou-se no chão e pôs as mãos na cabeça. Sua mente desde já começara a afastar-se do mundo.

— Por que não nos entregamos? — quis saber alguém, falando baixo.

— Cale a boca, traidor! — disse o oficial, levando a mão ao punho da espada.

— Quem dá as ordens aqui? Aqui comando eu! — interrompeu Ullug beu.

— Eu comando meus janízaros.

— Aqui comando eu! — insistiu Ullug beu.

— Ullug beu, vai se render?

— Não — disse o comandante dos sapadores —, apenas não quero que ninguém dê ordens onde quem comanda sou eu.

— Caso nos entreguemos, eles nos esquartejarão como a ovelhas — disse o oficial, alto o bastante para que todos ouvissem.

O eco das palavras permaneceu no ar: "Coo... moo... vee... lhaaaas...".

— Não se sabe — disse alguém.

— Quietos! — disse o oficial.

— Eles nos esquartejarão para se vingar da incursão dos akendji.

— Oh! O astrólogo repousou as costas sobre um torrão de lama seca. À débil luz da brasa que ainda queimava, viu a parte superior da escavação com seu formato de abóbada. "Aí está seu observatório dos astros", pensou consigo. O observatorium imperialis, como diziam os forasteiros, cujo posto de diretor fora o sonho de toda a sua vida... Agora sua cúpula deixava infiltrar uma água enegrecida. Na escuridão, a mente do astrólogo chegou a juntar um punhado de raciocínios confusos e mal concatenados. Um deles tinha a ver mais ou menos com sua má sorte, que o estava levando a perder a vida em um buraco debaixo de um castelo estrangeiro. Outro possuía alguma ligação com as estrelas, com as quais por toda a vida ele tivera relações de amizade e hostilidade, brigara e reconciliara-se, mais ainda que com os homens, e agora, quando o fim se aproximava, não as tinha sobre si, mas em seu lugar enxergava apenas a lama escura e úmida, gotejando sem parar.

Aquilo prosseguiu por um bom tempo, seguido por outro ainda mais dilatado. Os archotes foram se apagando uns após os outros. Depois, foram se extinguindo também as candeias. Por fim, chegou a vez das brasas em meio às cinzas. Às vezes estas também pareciam emitir soluços, lançando intermitentes reflexos azulados, até se exaurirem sobre as cinzas. Seus últimos espasmos mostravam

faces apavoradas, feições desfeitas, tombadas de lado, olhos e narizes lacrimejantes, queixos em desagregação. Todos haviam chegado às fronteiras da treva perpétua.

Por fim os lampejos se extinguíram. Os rogos, murmúrios e gemidos, após um intervalo, recomeçaram. Esporadicamente levantava-se um grito curto, logo afogado em soluços. Diante do astrólogo alguém se arrastava, aproximando-se. O astrólogo sentiu na face o hálito quente do outro. "E se eu lhe contasse minha vida?", indagou o desconhecido em voz baixa. O astrólogo não respondeu. "Vou contar minha vida", prosseguiu o outro. E começou a falar numa entonação absolutamente monocórdia sobre os degraus de uma escada que ele subia e subia, sempre mais.

O astrólogo procurava distanciar-se, mas o desconhecido o achava outra vez. "Que lhe seque a boca!", praguejou em silêncio. Para pensar em outra coisa, pôs-se a evocar maldições. A maioria falava de sombras e lama. "Que a terra te devore!" ou "Que a sombra te abandone!". Esta última já se cumprira naquele breu, mesmo sem ser proferida. Pela primeira vez atinou com o sentido profundo da praga. "Perdi a sombra", pensou, "portanto, morri." "Eu sou o dublê", ouviu dizerem bem perto. Depois sentiu os movimentos de dois seres que ao que parecia disputavam o acesso à sua orelha esquerda. Quem é esse dublê?, perguntou. O dobrador, explicou o outro, aquele que substituiria Tursun paxá quando a segurança o exigisse. Substituir o paxá? Quando? Quando fosse necessário.

Antes de mais nada durante os ataques, mas também em outras ocasiões, em reuniões, por exemplo. Mas ele não aceitou e então me enfiaram aqui. Quem? Eles... O paxá, ao que parece, desconfiou. Mas eles também desconfiaram... E eu não menos que eles... Um dia podemos precisar de você, disseram, mas por enquanto é necessário que ninguém o veja. Me arrancaram a barba curta para que eu perdesse a semelhança e me empurraram para aqui... Você, então, deve ser a sombra dele, disse o astrólogo. Por

isso amaldiçoava-o com palavras tão tremendas ainda há pouco. Não gostava dele, disse o outro, por isso acabei neste buraco. Aqui estão muitos desafetos, quer dizer, condenados. Centenas de outros estão sob vigilância. Outros ainda, sob investigação. Sem falar daqueles que neste momento são submetidos a torturas. Você está no seu juízo?, perguntou o astrólogo. Onde estão todos esses? Em toda parte, respondeu o outro. Metade do hospital de campanha encontra-se sob as ordens de Kapduc agá. Uma parte dos médicos é formada por investigadores. Depois oficia os canhões no terreno baldio, ali... ali... é o terror... E os delatores estão em toda parte, até aqui, no buraco... Eu me desloco constantemente para que eles percam minha pista. Vim para cá...

Sim, vá embora o quanto antes, pensou o astrólogo. Mas no lugar da voz do dublê soava agora aquela anterior, a do homem da escada. O astrólogo fez o que pôde para escapar, mas não conseguiu. Vá em frente, disse consigo. Termine de me arrasar. A voz do outro era suave, como se pedisse desculpas por sua insistência. A primeira ideia de voltar atrás nasceu em mim no quarto lance de escada, disse ele. Mas na hora a recusei. Continuei a subir. No sétimo lance alguém escorregou diante de mim e caiu morto. Minhas pernas continuaram a impulsionar-me. No oitavo lance a vontade de voltar atrás reapareceu, mais forte, mas afastei-a, pensando no que haveriam de dizer meus soldados. No décimo lance de escada ergui os olhos e vi o que acontecia por trás do muro. Era terrível. Voltei os olhos para baixo e vi meus soldados que me acompanhavam. Para que eu descesse, seria preciso que eles abrissem caminho. Continuei então a subir. No décimo primeiro lance senti cheiro de carne queimada. A nuca do homem diante de mim soltava fumaça. No décimo segundo lance, pensei que ninguém repararia em mim no meio de toda aquela barafunda. Segurei-me fortemente ao corrimão e pulei para baixo. Depois desci o décimo primeiro lance. Em seguida o próximo. Cheguei ao décimo. Estava descendo. No nono

lance, um soldado que subia pisou-me os dedos. No oitavo voltaram a pisar-me com selvageria. Então deixei-me ficar ao pé da parede, em meio à confusão. Pensei que ninguém repararia em mim, porém estava enganado. Haviam reparado em todos os meus passos. Nada escapara aos olhos deles. Mais tarde recordaram-me tudo, até os mais insignificantes pormenores. Na verdade, a ideia de voltar atrás me ocorrera desde o segundo lance de escada. Entre o quarto e o sétimo, eu subira como se estivesse bêbado. No oitavo... Para ser mais preciso, eu decidira voltar atrás desde o sétimo lance, mas não achara nenhuma oportunidade para isso. No décimo primeiro pensei em me fingir de morto e rolar escada abaixo, mas a altura pareceu-me excessiva. Foi naquela hora que senti o cheiro de carne queimada... Você está escutando? Você está chorando? Enfim, já lhe contei quase toda a minha vida. Gostaria apenas de fazer uns esclarecimentos finais. Se quiser, escute, se não quiser, para mim tanto faz. Ele então começou a falar outra vez em seu tom monocórdio. Aquilo continuou por um longo intervalo. Ele se empenhava em estabelecer com a máxima precisão em qual lance de escada ocorrera-lhe pela primeira vez a ideia de retroceder.

E em qual outro decidira fazê-lo verdadeiramente, definitivamente. Enumerou os lances, porém em seguida voltou atrás no que dissera, repetindo constantemente que desejava ser o mais imparcial e sincero possível no relato de toda a sua vida.

Em mais de um momento ocorreu ao astrólogo que uma parte da vida do narrador estava a partir de agora entrelaçada com a sua. Tentava evitá-lo, como uma pessoa que foge de uma enchente, mas não tinha para onde ir.

Àquela altura, a voz se entrecortava e perdia força, ao passo que outra, murmurante, se sobrepunha. Tudo ia se desintegrando rapidamente. Uma espécie de caldo escuro e viscoso comum a todos escorria de toda parte. Ele já não tinha certeza da consistência nem de sua urina ou esperma, nem mesmo de seus pulmões ou de seu

baço. Tudo se igualava. Somos todos uma mesma coisa, misturada como um só corpo... A esta altura seguramente amolecem os crânios, últimos baluartes, antes que os cérebros se escoem... "E isso seria também o fim", pensou o astrólogo.

— Na realidade, o verdadeiro paxá sou eu! — disse a outra voz.

— Então você está aí outra vez, desgraçado? Mas o outro fingiu que não escutava. — Eu desconfiava há algum tempo, mas só agora consegui entender tudo. Tursun paxá sou eu, enquanto aquele que se encontra lá em cima não passa do meu dublê. Apenas ele se mostrou mais esperto, como acontece muitas vezes aos dublês, e derrubou-me.

Quer dizer: fez o que eu deveria ter feito.

— Do que está falando?! — contestou o astrólogo. — Você não tem o direito de enlouquecer antes dos outros... Já não lhe disseram que teremos de ficar juntos até o fim?

— Não me interrompa... Pois, como eu dizia, minhas suspeitas se confirmaram... Um de nós teria de cair. Mas você não tem motivos para se assombrar com a minha sina.

Aconteceu-me mais ou menos o que acontece a todos. Os genuínos somos nós, aqui embaixo. Ao passo que aqueles lá de cima... Eles não passam de espectros... sombras...

E agora preciso ir, deslocar-me outra vez... os espões não me dão trégua...

— Vá embora — disse o astrólogo —, vire lama.

Os murmúrios e preces iam ficando mais abafados. Cada vez mais soluços flutuavam em meio a eles. Já os gritos iam rareando. O último ecoou de repente, vindo do canto mais distante: "Já disse que não quero que você me conte a sua vida", bradava alguém. "Não quero. Não estou aqui para isso. Por que eu haveria de escutar a história da sua vida? Vá embora, repito! Por que você se gruda em mim? Não quero, não quero que me conte a sua vida, entendeu? Não

quero, não quero e não quero." A voz subiu de tom para subitamente fechar-se num profundo soluço. O soluço ecoou por um momento entre todos. Alguns acompanharam os prantos com palavras, "Infelizes de nós, ai-ai-ai". Depois, em meio ao choro ouviu-se uma voz: "O comandante-em-chefe!".

Realmente Tursun paxá descera do mundo dos vivos. À pálida luz de uma lamparina, que não se sabe quem conseguira acender, o astrólogo reconheceu a figura do comandante em chefe. Ele tinha a voz do dublê, mas a barba estava crescida. "Quanto tempo ficamos aqui, meu Deus", pensou ele. "O tempo de uma barba", acrescentou para si. "Eles lá em cima se encheriam de pavor ao ouvir coisas assim. Desde que essas coisas chegassem até eles." Tursun paxá cumprimentou-os um a um, sobretudo os que conhecia. Indagou a Ullug beu se tinha alguma mensagem para sua esposa ou sua mãe. A outro, transmitiu o recado de um familiar. Depois, enquanto a chama esmorecia, disse a todos: "Fiquem em paz!". E eles responderam: "Até a vista!".

O astrólogo estreitava nas mãos sua esfera de cobre com três estrelas na superfície. Sua imaginação tratava de ultrapassar as trevas e a lama para assomar à superfície, para retornar definitivamente ao mundo. Mas não conseguia. A lama e as trevas estendiam seu poder sobre ele. O astrólogo chorava. Amigos, diferentes mulheres, ruas barulhentas, portas e batidas à porta tentavam estabelecer alguma sorte de comunicação em seu cérebro, em vão.

Como um pássaro cego, o riso de algum demente esvoaçava em meio aos gemidos. "Vá embora", disse o astrólogo à sua mente, "saia de mim, não preciso mais de você." Alguns falavam, como se estivessem embriagados, sobre o arrependimento dos de cima. "Vamos torturá-los, perderão o sono conosco." Uma parte entregava os pontos e desmanchava-se em lágrimas. Mas alguns não se entregavam. Diziam ser mais fortes que tudo. "Nós possuímos a

Ausência, soberana do mundo", diziam. O astrólogo quis bradar: "Eu sou um estranho aqui, deixem-me", e ergueu o globo de cobre... É verdade que cometera erros, mas a abóbada celeste bem que poderia ter sido mais misericordiosa. Agora, a única esperança que lhe restava era a loucura. "Piedade", disse à própria mente, "cansei de você, desapareça de mim." Mas ela não se ia.

Decidimos destruir a escavação no último domingo de junho, quando nos demos conta de que eles não escavariam mais. Aquilo significava que naquela noite, ou quando muito na seguinte, eles planejavam irromper. Resolvemos provocar o desmoronamento perto da muralha, onde a profundidade era maior, para que o sepultamento deles fosse mais garantido.

Depois do desmoronamento, continuamos cautelosamente a ouvi-los, ao longo de toda a extensão do túnel. Não houve nenhuma tentativa dos soterrados, nem dos de fora, para abrir um conduto de salvação. Ao que parecia, eles próprios haviam chegado à conclusão de que qualquer esforço para sair seria inteiramente vão. A princípio tudo foi silêncio embaixo de nós. Quase não podíamos acreditar que eles estavam ali, a quatro ou cinco pés de profundidade, dezenas de escavadores e de guerreiros armados até os dentes. Porém o silêncio foi apenas no princípio. Nos dias seguintes e sobretudo nas noites, quem colasse o ouvido à terra poderia ouvir seus gemidos e gritos. O que ocorreu lá embaixo ninguém poderia dizer.

Julgamos que o melhor seria deixar que morressem ali onde estavam. Caso os retirássemos, não teríamos como mantê-los prisioneiros, pois, mesmo sem eles, tínhamos pouca água e pouca comida. Em outras circunstâncias, talvez tentássemos trocá-los por alguns dos nossos, que foram feridos, tombaram nas mãos deles e talvez estivessem vivos. Ou, de qualquer forma, talvez pudéssemos trocá-los por alguma coisa. Porém, depois das monstruosidades que haviam feito às moças tomadas como prisioneiras, nossa gente estava bastante encolerizada. Não somos mais como éramos, e

provavelmente nunca mais o seremos. A maior parte dos nossos está sob o peso da morte e tem cada vez menos propensão à misericórdia e ao arrependimento.

Quando as vozes deles começaram a diminuir, nossos frades, a despeito de tudo, oraram pelas almas daqueles desgraçados. Por várias noites a fio, acendemos velas sobre eles e queimamos incenso sobre a escavação. A despeito disso, todos perdemos o sono e os que conseguiam adormecer despertavam mais cansados que os insones, pelos horrores que haviam sonhado. As coisas chegaram a tal ponto que alguns passaram a suspeitar que os próprios turcos haviam arquitetado aquilo, cavando o túnel com o único objetivo de infiltrar seus mortos sob nossos pés.

Oito

Elas jaziam, apoiadas sobre os cotovelos, nos leitos de campanha. Estavam quase despidas e ainda assim via-se que o calor as incomodava.

— Apesar de tudo, lá fora está mais fresco — disse Leila, aproximando o rosto da abertura da tenda. — Dentro de uma tenda, sempre faz ou mais frio ou mais calor que fora.

Ela era a única, entre todas, que já estivera em outra campanha militar. Seu senhor, um vizir que a levara consigo, morrera durante a operação na Tessália e, como de hábito em tais casos, a primeira coisa que a viúva do vizir fizera, logo depois de sepultado o marido, fora desfazer-se do harém. Vendera as moças com um afã nunca visto e, como se isso não bastasse, na ausência de outra forma para melhor expressar seu desprezo, dera a cada uma delas o preço de uma cabrita.

Leila relatara tudo aquilo às novas companheiras de harém desde a primeira noite, o que servira de pretexto para ela adquirir o apelido de "Cabra" ou "Cabrinha", dependendo das relações que criara. Ultimamente, talvez devido às hostilidades que as cercavam, as meninas se relacionavam melhor entre si.

— Ufa, que calor — disse a vizinha de Leila, a Lourinha, como a chamavam, devido aos cabelos dourados. — Onde está Hassan? Traga-me pelo menos um pouco d'água para refrescar. Como sempre, elas riam do sotaque carregado da outra, embora sentissem que dentro em breve aquilo perderia a graça. A mais nova de todas, Edjer, ao contrário das demais, permanecia à margem e nada dizia. Tinha as faces pálidas e os cabelos trançados descuidadamente.

— Edjer, você voltou a enjoar? — perguntou Leila.

— Sim.

— Então parece que é mesmo verdade.

Edjer baixou os olhos.

— Eu também enjoiei durante a gravidez — disse Aysel. — Quanta saudade eu tenho da minha menina! No outono ela vai fazer dois anos. Será que já estaremos de volta? — Ninguém sabe — disse Leila. — Pelo que andam dizendo, ninguém sabe quando o cerco vai ter fim.

— Eu também tive uma gravidez difícil. — Apesar disso você ficou mais bonita depois do parto — disse Leila. — Já no meu caso, todos pensaram que ele iria me vender.

Mas, para espanto geral, não só não me vendeu como passou a procurar-me mais.

Aysel riu, pensativa, enquanto corria os olhos pelas outras. — Sabem por quê? — disse em voz baixa. As outras voltaram o rosto. Até a loura tirou seus olhos entediados do bordado e apoiou o queixo entre as mãos.

— Procurava-me porque eu tinha muito leite e ele tinha a fantasia de, ao penetrar-me, ter seu peito aspergido com o colostro.

— Verdade?! — espantou-se Edjer.

— Sim. Na primeira noite até recomendou-me que não desse de mamar à menina, de forma que...

— Por que não nos contou isso antes?

— Tive vergonha.

— Vergonha? Mas de quem?

Aysel deu de ombros. — Sei lá...

— Será que eu terei muito leite? — quis saber Edjer.

As outras riram. — Ninguém sabe.

— Não é o leite que segura um homem — disse Aysel.

— Então, o que você acha que segura?

— Só Deus sabe.

As outras voltaram os olhos para Leila. Além de ter estado na guerra antes, ela era a única que havia conhecido outro homem e por isso parecia-lhes a mais sábia.

— Os homens são o maior mistério que existe no mundo — disse ela. — Eu... eu... Para dizer a verdade, meu maior sonho seria conviver um dia com um homem... Conversar, entendam, não só falar com ele, mas conversar, conversar por horas a fio... até o amanhecer... até não poder mais.

— Você tem cada uma... — disse Aysel. — Você conseguia falar com o seu primeiro?

— Nunca. Era um sujeito tão soturno como um corvo. Já este nosso só me falou uma vez, e sabem o quê? Sinto arrepios só de lembrar: então, nessa única vez, ele me pediu que mostrasse como fazia o outro.

— É mesmo? E você mostrou?

— Claro. Eu tremia, pensei que ele iria me matar depois, mas, para meu espanto, aconteceu o contrário. Ele ficou mais suave. Ou então fui eu que tive essa impressão, já que esperava outra coisa.

— Fale mais — disse Edjer depois de uma pausa. — Conte alguma outra coisa.

— O que eu poderia contar? Já contei tudo.

Realmente ela já contara tudo, até mais de uma vez, principalmente aquela história sobre as diferenças no órgão masculino, ou seja, que uns eram retos como espadas de cristãos e outros curvos como iatagãs turcos.

Elas recordaram outros episódios da vida do harém e se espantaram por sentir saudades da casa em Bursa. Rememoraram a última noite, em que quase ninguém dormira.

Algumas, por tristeza com a partida das companheiras, outras por inveja, já que seriam deixadas para trás.

— Eu já sabia como era a guerra, mas não queria estragar a alegria de vocês — disse Leila dirigindo-se a Edjer e à Lourinha. —

Principalmente você, Edjer, não se continha. "Como é na guerra?", não parava de perguntar até o amanhecer.

— Como eu podia saber que a guerra ia ser esta tenda calorenta que dá ânsia de vômito? — disse a moça em tom queixoso.

— Esperem, há coisas piores — disse Leila.

— E por que eles fazem a guerra? — perguntou Edjer.

Ajsel deu de ombros. — Sei lá...

Os olhos de Leila tornaram-se pensativos. — Ninguém sabe por que fazem as guerras — disse ela —, só o grande sultão sabe.

— Uma vez Gjyzela me disse que ela tinha lido num livro que as guerras acontecem por causa das mulheres — disse Ajsel.

— Por causa das mulheres? — Leila fez um gesto de incredulidade.

— Talvez seja mesmo assim — disse Ajsel. — Talvez nós, mulheres, ao parir os filhos parimos também as guerras.

— Sei lá.

— Talvez os filhos, que nascem em meio àquela confusão sangrenta, depois tenham vontade de se ensanguentar pelo resto da vida.

— Você tem cada uma, Ajsel...

— Como será que essa guerra vai terminar? — perguntou Edjer.

— Ninguém sabe — disse Leila. — Como Deus quiser. Para nós, dá na mesma. Se ele ganhar a guerra, conquistará mais glórias e riquezas, e então comprará mais mulheres, de maneira que teremos mais companhia.

— Ah, que beleza! — disse Edjer. — Caso ele perca, então terá que vender até a nós, de forma que não saberemos o que há de nos esperar. Podemos ter sorte, mas também ter azar.

— Ah, que beleza! — voltou a dizer Edjer. — Gostaria que me vendessem.

— Cale a boca, sua maluquinha — pediu Leila. — Um dia o eunuco pode ouvi-la.

— Onde está esse Hassan? — disse a loura em tom queixoso.

— Parece que eles estão prestes a cortar a água do castelo — disse Ajsel. — Ouvi isso ontem de uma conversa de Hassan com um dos guardas.

— Verdade? Então a guerra vai acabar logo — disse Leila. — Nesse calor ninguém vai aguentar de sede.

— Mas como vão cortar a água? — perguntou Edjer.

— Como? Normalmente eles procuram o aqueduto e, quando o encontram, quebram — disse Leila.

— É — disse Ajsel. — Andam falando de um tal aqueduto, mas ninguém o encontra.

— Ainda bem que temos Hassan para de vez em quando nos trazer alguma notícia do que acontece lá fora.

— Anteontem, ele andou entre os soldados e ouviu que o mufti do exército tem um ódio mortal de nós quatro.

— O multi? O que ele tem contra nós? — Dizem que andou falando que damos azar. — Ah — fez Leila —, daqui a pouco vão dizer que é por nossa causa que eles não tomam a fortaleza.

— Com certeza já disseram. — Ai, meu Deus, contanto que a gente saia logo daqui — disse a Lourinha, aborrecida.

— Então, você está impaciente para reencontrar Gjyzela? — perguntou Edjer com ironia.

A loura não respondeu. Um leve rubor se espalhou por seu rosto contrariado.

— Não digam essas tolices, que Hassan pode escutar vocês — disse Ajsel. — Lembra quando o encontramos beijando aquele grego?

— Eu ainda não estava aqui — disse Edjer. — Como se chama o pântano onde o afogaram?

— Avdi Batak é onde costumam afogar as mulheres que pisoteiam a coroa. Dizem que todas as noites escutam-se os gritos delas.

— Pisoteiam a coroa... — disse Edjer, pensativa —, que expressão espantosa.

— Nunca vou esquecer aquela noite — disse Ajsel.

— E eu nunca vou esquecer esta tenda que queima como um forno — disse Edjer.

— Não se queixem, existem coisas piores — disse Leila.

— O que pode ser pior que esta tenda?

— Existem coisas piores — insistiu Leila. — O inimigo pode nos atacar e nos fazer prisioneiras.

O rosto de Edjer iluminou-se. — Nunca fui feita prisioneira — disse ela.

— Cale o bico, maluca, o eunuco pode ouvir.

— Você gostaria de ser capturada por soldados? — perguntou Leila. — Será que se esqueceu das albanesas que os nossos akendji trouxeram duas semanas atrás? Esqueceu o que Hassan contou para nós? Elas só viveram naquela noite, a maioria já estava na cova na manhã seguinte.

Edjer baixou a cabeça.

— Hassan viu — disse Ajsel. — Ele perdeu o sono, antes do amanhecer saiu da tenda para respirar ar fresco. Quando voltou, esbarrou numa bacia e eu acordei. Vi que ele estava tremendo. "O que houve com você?", exclamei. Ele aproximou-se. "Senhora Ajsel", disse-me com a voz embargada, eu vi, eram todas brancas, muito brancas, como estes panos." Pobre Hassan! Ele não aguenta quando vê mulheres maltratadas.

Edjer de repente começou a chorar.

— Agora chega, Ajsel — disse Leila. — Edjer não se sente bem quando ouve essas coisas.

Por algum tempo só se escutavam os soluços da moça. — Ufa, chega — disse a Lourinha, afastando os cabelos para o lado com as mãos.

— Hassan me contou outras monstruosidades — sussurrou Ajsel ao ouvido de Leila. — À noite, os soldados resolveram abrir as sepulturas. Já ouviu falar de homens que gostam de violentar mulheres mortas? Não lembro mais como isso se chama. Então, à noite...

— Cale-se. Ou melhor, conte alguma coisa para nos distrair.

— Parece que Hassan está chegando — disse Edjer. — Ouvi a voz dele.

O eunuco de fato entrou na tenda. — Onde você estava, Hassan? — perguntaram elas, quase a uma só voz. — Como nos deixou sozinhas neste forno?

— Estava vendo como eles procuram o aqueduto — disse Hassan.

— Encontraram?

— Não. Estão escavando por todo lado, mas não acharam nenhum vestígio. O descampado está cheio de escavações, mas ninguém achou o aqueduto.

— Talvez não estejam procurando no lugar certo — comentou Leila. Ela era a única que tinha algum conhecimento sobre a procura de aquedutos, embora sua outra campanha não tivesse sido tão longa que chegasse àquele ponto.

— As unidades de sapadores procuram nos lugares designados pelo arquiteto Kaur — disse o eunuco. — Contam que ele conhece todos os segredos da terra e da água.

— Hassan, você é um tagarela. Traga-nos água, depressa — exclamou a Lourinha.

— Já, já — disse Hassan, correndo para fora. O tilintar dos jarros que ele levava chegava até a tenda. Edjer baixou a fronte.

— Está novamente enjoada? — perguntou Ajsel.

— Sim.

— Parece — disse Leila. — Você está bem pálida.

— Ele sabe que você está grávida?

— Com certeza Hassan já contou.

— Eles gostam muito quando concebem filhos durante as campanhas militares — disse Leila.

A voz dela soou pensativa. Quis dizer algo mais, mas em seguida, aparentemente, mudou de ideia.

— Por quê? — perguntou Edjer. Leila não respondeu.

— Principalmente quando nascem meninos — prosseguiu a outra.

— E por que gostam tanto dos filhos concebidos durante as guerras? — voltou a perguntar Edjer.

Leila baixou os olhos. — Também não sei ao certo — disse. — Talvez porque eles nascem num lugar de muita destruição e morte, e isso aparentemente agrada aos pais. Ou então porque estes, combatendo em guerra após guerra, dão muito valor à vida e se alegram em poder contrabalançar pelo menos uma fração da morte que provocaram.

— Ele anda muito aborrecido nos últimos tempos — disse Aysel. — Já repararam?

— Sim. Irrita-se constantemente.

— Eu gosto de homens irritados — disse Edjer.

— Ultimamente ele anda com uma dor no ouvido direito — disse Aysel. — Uma semana atrás, depois de dormir comigo, de repente levou a mão ao ouvido e, quando perguntei se doía, disse que escutava pela primeira vez na vida um barulho dentro do cérebro.

— Será que todas essas guerras e fadigas não ecoam nos ouvidos dele? — perguntou Edjer.

— De qualquer modo, não penso que seja nada disso que o incomoda — disse Leila. — O que o aborrece muito é o destino desta

guerra que não acaba nunca.

— Quando o túnel desmoronou ele também ficou bastante irritado — observou Edjer.

— O túnel? Claro que sim — disse Leila. — Acho até que a irritação vem desde o início dele...

Elas voltaram a ouvir lá fora o tilintar dos vasos. Precipitaram-se sobre o eunuco assim que ele entrou. "Esperem, suas bruxas!" , dizia ele.

Finalmente, entrou com as quatro na divisão da tenda que fazia as vezes de hamam. Os risinhos das mulheres e os borrifos de água se prolongaram por bastante tempo.

Aliviadas, elas retornaram a seus leitos de campanha e começaram a se pentear.

— Agora, Hassan, conte-nos as novidades — disse Leila.

O momento logo após o banho, quando Hassan lhes fazia confidências, era o que elas mais gostavam. Ele falava sobre tudo, tudo o que lhe vinha à cabeça, sem nenhum ordenamento, numa grande barafunda. Em todo o acampamento só se falava na aproximação do julgamento do rogado de pragas. Ele seria julgado como o principal culpado pelo fracasso do ataque. Teriam chegado alguns eruditos vindos da capital, do Palácio da Grande Maldição, com estranhos instrumentos e cordões para comprovar a culpa do réu. Fizeram as devidas medições e chegaram à conclusão de que a praga partira com um desvio de direcionamento.

Sim, pois uma praga é como uma seta: um pequeno desvio no direcionamento original vai aumentando sempre mais à medida que a seta se afasta. De maneira que, quando a praga chegara ao castelo, apenas resvalara na ala direita da muralha, enquanto o grosso dela se fora, inutilmente, cada vez mais longe, até topar talvez com algum pinheiral ou pasto, que na certa iria secar dentro de dois ou três anos, enquanto o castelo não sofrera dano algum.

— Ufa, Hassan, você maltrata nossa cabeça! — disse Edjer.

— Pois esperem um pouco e vocês verão que o assunto é mais complicado do que parece. No início pensou-se que o rogador de pragas cometera um simples equívoco, mas agora parece que nada daquilo foi casual... Na tortura, o ajudante dele e em seguida ele próprio confessaram que tudo foi feito premeditadamente, pois os dois têm ligações com inimigos do Estado. Há rumores de que eles teriam gente até no Conselho de Guerra, mas por enquanto ninguém comenta nada, para, como se diz, deixar os traidores cochilarem e então armar-lhes uma ratoeira, clap!, tal como com os camundongos.

— Hassan, que coisas horríveis você está nos contando — cortou Aysel —, arranje para nós umas frutas, pois estamos com a boca seca.

— Ou então conte-nos algo mais divertido — disse Edjer.

— Divertido? Todo o exército só fala da briga entre Kurdishjji e Olltch Karaduman por causa de um rapazinho. Parece que os dois se apaixonaram pelo garoto e por conta disso quase se atacam, segundo contam.

Elas entrecerraram os olhos quase em sincronia, sentindo aquele discreto encabulamento causado por algo que é feio mas que, a despeito disso, contém alguma beleza encerrada.

Hassan ainda falou algum tempo sobre todo tipo de futilidades, mas elas estavam distraídas, como se nada pudesse afastar-lhes a imaginação da imagem de uma briga entre dois homens por causa de uma delas. Sabiam que, ainda que viesse a acontecer, não seria em uma arena de duelo, em meio ao entrechoque das espadas, mas no mercado, por razões de preço e ao som do tilintar das moedas.

— E agora basta — disse Hassan. — Ergam mais uma vez as pernas, pois há pouco, no hamam, não as examinei direito. Acho que suas pombinhas escureceram um pouco e daqui a uns dias se

transformarão em corvos. Principalmente você, Leila, e você, Ajsel; aprontem-se para a faxina.

— Ufa! — exclamou Ajsel. — Tão depressa?

— Já observei que no verão os pelos crescem mais rápido — comentou Hassan. — Vamos, meninas, depressa. Se não quem paga depois é o Hassan...

— E ela, vai manter para sempre os pentelhos? — quis saber Edjer, apontando a Lourinha.

Esta ouvia a tudo com um sorriso de mofa. — Isso quem decide é ele — respondeu Hassan. — Ordens são ordens. Vocês, tratem de ficar lisas como um espelho. Quanto a ela, que ele não toque num fio sequer, como se diz. E sabem por quê? — acrescentou em tom de confidência. — Porque é loura. Todos eles se maravilham ao ver uma loura com pelos negros... Se fossem dourados como os cabelos, navalha neles. Mas os dela são negros. Lembro que certa vez, quando eu trabalhava para um bei, meu senhor comprou uma loura bem como esta. Ele mal podia esperar para cair na cama com ela e, enquanto eu a lavava e perfumava no hamam, ficava gritando atrás da porta: "Não lhe corte os pelos, senão já sabe o que lhe espera!".

Porém depois do jantar ele me chamou de volta. Estava contrariado e deu logo a ordem: "Pele-a como as demais". Entendi na hora a causa do desapontamento: ao contrário de outras, ela era tão loura embaixo como na cabeleira. Nunca vi um tufo tão bonito, parecia iluminado por um raio de sol. Palavra que me deu vontade de chorar quando rapei-a, como quem ceifa um ramo de flores, ainda orvalhado por gotas do sêmen de meu amo. E pus-me a praguejar com meus botões: "Por que, miserável, não lhe agrada este mel e este ouro? Por que prefere o negro aterrorizante como um abismo? Porque você mesmo é um abismo, um corvo negro, aí está o porquê".

Aplacadas pelo banho, elas cabeceavam, mas isso não impedia o eunuco de prosseguir seu discurso. O silêncio até parecia

estimulá-lo. Mencionou outros episódios remotos, referentes a senhoras a quem servira. De todas só guardava boas recordações. "Quando morei em Smirna tive uma senhora como não se encontra igual. Tinha uma boca de mel, palavra, tão doce como o lokum* de suas partes baixas. Pelo sexo das senhoras se conhece o coração. Zangadas ou risonhas, sempre me trataram com nobreza. Aguento, eunuco, negro, filho da noite, dizia eu, e até sentia um obscuro prazer. A masculinidade era tão feroz à nossa volta que mesmo os castigos delas me aliviavam. "Bata-me, senhora", eu dizia, "arranhe-me com as unhas, mije em minha cabeça, gargalhe!" Parecia-me que, assim, elas de alguma forma se vingavam do que sofriam.

**Doce oriental feito de uma pasta aromatizada envolta em finíssimo pó de açúcar; o nome vem do árabe rahat lokum, "o repouso da garganta".*
(N. T.)

"De onde vem esta tristeza, Hassan?", indagavam de quando em quando. Onde quer que houvesse tristeza, mesmo nas nuvens, elas percebiam. Algumas já repousam em suas sepulturas. Fui vê-las certa vez, no cemitério do Campo Baixo, e teria caído em prantos se não fossem os guardas a olhar-me. Porque o mundo dos machos vai se asselvajando dia a dia. Mas o castigo de Deus também se aproxima. À noite, o acampamento não dorme em paz. Diz-se que se ouvem gemidos vindos da terra, principalmente no domingo passado, ao amanhecer. A terra pôs-se a tremer, e se dizia que eles iam sair, cobertos de lama, das covas onde os enterraram vivos. Após passarem quarenta dias, são precisos outros quarenta, e a seguir quarenta semanas até que a terra volte à calma. Pois na terra tudo é mais lento que nos seres humanos. Para aquietar-se de todo, só depois de quarenta anos.

Um sol que cegava tombou sobre nossa cabeça, como se houvesse de súbito rompido conosco. Nenhuma nuvem para

proteger-nos, nenhuma névoa em parte alguma. Parecia que todos nos tinham abandonado, junto com as fadas e ninfas, que nem as sentinelas conseguiam divisar. Quem sabe estavam a escalar algum monte. Desde o nascer do dia o céu parecia privado de toda a celestialidade.

Lá embaixo, na terra, eles colhem às pressas o trigo temporão.

Reluzem suas foices e podões, ferozes; ameaçadores, como se ceifassem cabeças e não espigas. E nós, portadores daquele trigo que não nos foi dado colher, trazemos a tristeza n'alma. Parece que encarnamos as palavras do Evangelho segundo São João: uma foice tombará sobre a terra e ela mesma ceifará o grão... Pois a foice não empunhada por nossas mãos tombou de fato, como se houvesse chegado o dia do Juízo.

O acampamento em torno do castelo fervilha de trincheiras e poços cavados à procura do aqueduto. O homem que dirige as buscas, um arquiteto apelidado "o Cristão", é tão capaz que no terceiro dia, tão logo descobriu um aqueduto, imediatamente deduziu que era o velho, o fora de uso, e prosseguiu as escavações para achar o outro, o bom.

Mas este ninguém sabe onde está, nem mesmo nós. Só sabemos que um dos primeiros empreendimentos de George Kastriota foi construir novos aquedutos em todos os castelos.

Para que fosse mantido o segredo, foram feitos por prisioneiros. Um ano antes, eles cavaram uma tal quantidade de poços e galerias que ninguém seria capaz de dizer quais deles levavam água ao castelo, e era bem possível que nenhum o fizesse, servindo apenas para encobrir um outro, invisível. Agora, eles depositam todas as esperanças no descobrimento do aqueduto. Como não sabemos onde ele está, temos a impressão de que ninguém dará com ele. Porém o terrível "Cristão" tira-nos o sono e então, por via das dúvidas, estamos abrindo nas masmorras do castelo um novo poço, para o caso de alguma desgraça. Faz quase

dois meses que estamos cercados. A paisagem que vemos fadiga-nos os olhos. Dezenas de milhares deles perambulam pelo descampado abaixo de nós. Uma legião sem fim, que se move e se move sem descanso. De onde surgiram essas hordas infinitas? Como se entenderam e se puseram em marcha? Aonde vão? E para quê? Os que já estiveram na terra deles dizem que lá as mulheres rareiam e dificilmente se encontra uma. Então, quem os gerou? O deserto?

Nove

Mevla Tcheleb lançava um olhar invejoso para os soldados, que se estendiam seminus diante das tendas. O calor era sufocante e ele gostaria de despir-se também, se não fossem os constrangimentos a sua dignidade. Na verdade, quase nenhum dos soldados conhecia o cronista, por certo nem saberiam que existia entre eles um historiador empenhado em imortalizar aquela guerra. Alguns, devido às vestes, pensavam que ele fosse um médico ou um mago, e o cronista via aquilo com naturalidade, já que a maioria nem sequer saberia explicar o que quer dizer a palavra "história".

— Por que esse rufar de tambores? — perguntou ele a um grupo de guerreiros.

— Estão decapitando alguém — responderam. Ele reparou que a multidão se dirigia para a praça onde se costumava proceder às execuções. Como não tinha o que fazer, Mevla Tcheleb também caminhou para ali. Pela manhã já dera um passeio pelas redondezas. A planície era uma beleza, porém as escavações que a cobriam na busca do aqueduto quebravam o prazer da caminhada. Aqui e ali viam-se em meio à relva setas aparentemente disparadas durante o grande ataque. Ele agachou-se e pegou uma delas. Nunca fizera uso de uma arma e pareceu-lhe espantoso que um simples pedaço de pau, com sua pequena ponta de ferro, pudesse levar à morte.

— Quem vai ser decapitado? — indagou mais adiante a um soldado.

O militar deu de ombros. — Sei lá. Parece que uns espíões. O rufar dos tambores não dava tréguas. Em algum lugar mais distante ouvia-se a voz de um arauto. Mevla Tcheleb distinguiu de longe o vulto alto de Sir Selim que se aproximava em companhia de um desconhecido.

— Como vai, Mevla Tcheleb? — quis saber o médico. —
Como anda a História?

O cronista fez uma cerimoniosa reverência. — Aqui está o historiador Mevla Tcheleb — disse Sir Selim, indicando-o com um gesto a seu acompanhante desconhecido.

O outro olhou-o com desprezo. — Esse é o novo astrólogo, recém-chegado de Edirna.

Mevla Tcheleb espiou o astrólogo com aquela curiosidade que envolve as coisas e as pessoas vindas da capital.

— E o que conta de Edirna? — indagou cortesmente, fingindo não reparar no desprezo do outro.

— Nada — cortou o astrólogo. — Calor.

Mevla Tcheleb compreendeu que o adivinho não queria conversa. Desistiu de qualquer hipotético assomo de cólera evocando o corpo do primeiro astrólogo, agora coberto de pedra e lama. "Com esse nariz empinado, vai acabar como o outro", pensou.

— Por que esse ajuntamento de gente? — quis saber Sir Selim.

— Parece que vão degolar uns espões — disse Tcheleb.

— Espões? — indagou um janízaro que passava. —
Verdade?

— E o que espionavam? — perguntou o médico, enquanto punha-se a andar na direção de onde vinham os tambores. Os outros o acompanharam.

— Não tenho ideia — disse o cronista.

— Eu sei — interrompeu um dervixe que seguia na mesma direção. — São dois espões que pretendiam revelar o segredo dos grandes canhões.

O cronista avistou o poeta Saded, em meio à multidão, sendo empurrado por todos os lados. Já o vira algumas vezes, errando às cegas pelo acampamento, com o bastão em punho, mas não lhe

falara por não saber o que dizer. Sentiu um aperto no coração ao vê-lo ali, com o corpo esguio a balançar.

— Está vendo aquele cego ali adiante, aquele que empurram por todos os lados? — disse para Sir Selim. — É o poeta Saded. Ficou cego durante o ataque e agora perambula assim por entre as tendas.

O astrólogo voltou a mostrar o mais completo desprezo pelo que dizia Mevla Tcheleb. Nem sequer volveu os olhos para olhar.

— Vou até lá — disse o cronista. — Não suporto ver que o tratam assim, como um trapo. Por que não o mandam de volta à Turquia, se está cego? — indagou Sir Selim.

— Ele está escrevendo um grande poema épico — explicou o cronista. — Portanto, precisa estar aqui no momento em que o castelo for tomado.

— Ah... Que coisa espantosa. Traga-o aqui.

Mevla Tcheleb partiu na direção de Saded. Pouco depois, voltou conduzindo-o.

— Ouço em toda parte as passadas de soldados — disse o cego com sua voz retumbante. — Eis um barulho que me alegra.

O astrólogo fitou-o com desdém. — Na Grécia antiga, muitos séculos atrás, houve um poeta cego como você — disse Sir Selim.

Saded ergueu para o médico as covas dos olhos. — Chamavam-no Homero. Escreveu um grande poema sobre um castelo chamado Troia, que os gregos reduziram a pó — prosseguiu o médico. — Em um discurso dois meses atrás, o príncipe Mehmet, nosso futuro sultão, disse que Deus confiara a nós, turcos, a missão de vingar Troia.

— Eu sei — respondeu o cego. — Chamo-me Saded. Antes diziam "Saded, o Rouxinol", apelido que nunca me agradou.

— Você preferiria o nome de Sarpekan Tok Kelleç Ollgunsoj — interrompeu o cronista.

— Nunca o usei — disse o poeta. — Nesta guerra, "Saded, o Rouxinol" se transformou em "Saded, o Cego". É assim que todos me

chamam agora.

Passou a mão pela frente, como se quisesse arrancar dali algo que o incomodava ou amedrontava. Quando afastou a mão, o cronista viu que havia algo de fatídico naqueles gestos.

— Ouço passos de soldados — retomou o cego, cortando a conversa. — Movemo-nos como a noite. Ninguém pode jamais deter a noite. Nem a lua crescente que ela traz em seu centro. A terra nua treme aos nossos pés.

Sir Selim sorriu. — Você me agrada — disse. Saded não respondeu. — O sangue turco banha hoje o pó de três continentes — prosseguiu. — Está escrito que este sangue não deve correr em nossas veias, mas derramar-se de nossos ferimentos até encharcar a terra.

Sir Selim franziu o cenho. — Sangue em borbotões — disse a voz rouca de Saded —, nosso belo sangue turco.

Apoiado em seu bordão, sem sequer se dirigir a eles, o cego afastou-se repentinamente. Por um longo intervalo Mevla Tcheleb seguiu com os olhos seu vulto, a levar empurrões de todos os lados.

— Será que a degola vai demorar? — indagou o médico. — Não creio — disse Tcheleb. — Vi o carrasco passar agora mesmo.

Naquele momento, à sua frente, um grupo de oficiais cumprimentou ruidosamente um camarada, que aparentemente chegara de terras distantes. Mevla Tcheleb ficou a ouvir sua alegre conversa.

— Então, quais são as novidades da capital? — perguntaram dois ou três deles em rápida sequência.

— Quais são? — respondeu o recém-chegado. — A guerra é o tema do momento. Em toda parte só se fala dela, coletam-se fundos, escrevem-se versos. As mulheres só sonham com heróis.

— Não brinque. Conte o que se diz por lá, de verdade.

— Não brinco — contestou o oficial. — Toda a capital só fala de uma única coisa: a guerra. "Você viu Skanderbeu?", perguntavam,

assim que sabiam que eu vinha da Albânia. Eles ignoram que quem avista Skanderbeu uma vez não enxerga mais nada neste mundo depois.

Os outros riram. — Vejam, lá vai o chefe da intendência com Sarudjan — disse o médico. — Parece que se dirigem à reunião do conselho.

Os dois figurões acenaram de longe, mas Sir Selim fez-lhes um gesto com a mão.

— Vão cortar umas cabeças. Vamos ver.

— Quem são os condenados?

— Dizem que dois espiões que pretendiam roubar o segredo dos canhões — disse o médico.

— Você não sabe mesmo nada?

— Nada — disse Sarudjan numa voz surda. — Que espiões são esses?

— Esquisito.

— E quem é aquele ali? — indagou em tom mais baixo o chefe da intendência.

— É o novo astrólogo — esclareceu o médico. — Acaba de chegar de Edirna.

O chefe da intendência lançou-lhe um olhar cheio de desprezo.

— Você realmente não sabe de nada? — insistiu Sir Selim.

— Já disse, não sei de nada — confirmou Sarudjan

— Você está rouco. Apanhou um resfriado? — perguntou o médico.

— Parece que sim.

Ouviram vozes na multidão: "Estão chegando, estão chegando!". Os soldados se erguiam na ponta dos pés para ver. Aqui e ali ouviam-se gritos: "Morte aos espiões!".

Dois homens manietados foram conduzidos a um estrado recém-construído. Atrás deles seguia o carrasco. Os prisioneiros

estavam quase nus e seus corpos mostravam nítidos sinais de tortura.

O chefe da intendência examinou-os com atenção. — De onde conheço essas caras?

— São os dois soldados curiosos que encontramos algumas vezes perto da oficina dos canhões — disse o cronista. — Veja aquele, o de cabelos ruivos, não se lembra dele?

— É — confirmou Sarudjan —, são eles.

O ajuntamento humano em torno do estrado espichava a cabeça para ouvir alguma coisa.

— Por isso iam todo dia olhar os canhões — disse Mevla Tcheleb. — Canalhas! E nós pensando que eram bons rapazes, amantes da ciência.

O carrasco e seus auxiliares estavam vendando os condenados.

— Não é bem assim — disse Sarudjan. — Vinte anos atrás eu também era como esses dois, ficava olhando o pátio da oficina por trás do muro, vendo o grande Saruhanlli fundir seus canhões. Eles são tão espíões hoje como eu vinte anos atrás.

O cronista olhou-o boquiaberto. — Então?...

— Esses dois foram tomados pela curiosidade científica — disse Sarudjan. — Claro que eu poderia salvar os dois, mas hoje estou com dor de garganta.

O tambor cessara de rufar o toque de reunir.

— Por que me olham assim? — disse Sarudjan com a voz ainda mais rouca. — Não estão vendo como está minha garganta? Para salvar duas pessoas da morte é preciso falar um bocado, e em tom elevado.

— Lá isso é verdade — admitiu o chefe da intendência. — Você tem o dever de zelar por sua própria saúde, já que dela depende a vida de milhares de guerreiros.

Haviam posto a cabeça dos condenados sobre o cepo. — Vejam ali, o arquiteto — apontou Sir Selim. — Apressado como sempre, parece um rodamoinho.

De fato, o arquiteto Kaur abria caminho com incrível rapidez em meio à multidão.

— Parece que estamos atrasados para a reunião — disse o chefe da intendência.

Eles se despediram e estavam se voltando para partir quando o machado do carrasco atingiu a cabeça de um dos condenados. A multidão estremeceu e deixou escapar um forte murmúrio.

— Apressam-se para a reunião do conselho de guerra — disse Sir Selim pensativo. — Acho que daqui a pouco também serei convocado.

Mevla Tcheleb não ousou pedir maiores esclarecimentos. O carrasco ergue o machado pela segunda vez. A multidão voltou a se agitar.

— Não tenho dúvidas de que vão me chamar — disse Sir Selim num tom quase alterado e com um repentino rubor nas faces.

O cronista ficou trêmulo. Não sabia que atitude tomar, se prestava atenção nas palavras sem sentido do médico, como aconselhavam as regras da polidez, ou se fingia nada ter ouvido. Embora não gozasse do status do chefe da intendência ou de Sarudjan, Sir Selim ainda assim pertencia àquele círculo dos poderosos, e Mevla Tcheleb maldisse a hora em que o encontrara, numa ocasião tão confusa.

— Ha-ha — fez Sir Selim consigo mesmo, e seu riso tinha uma entonação aterrorizante. Mevla Tcheleb sentiu o sangue congelar. Voltou os olhos para o astrólogo, mas este olhava para o outro lado, sempre cheio de desdém.

Enquanto isso o chefe da intendência e Sarudjan aproximavam-se do pavilhão do comandante-em-chefe. Pouco antes deles entrou o arquiteto Kaur, quase correndo.

— Ele parece fora de si — disse Sarudjan. — Tem motivos — comentou o chefe da intendência —, está com a cabeça quente. O desmoronamento do túnel deixou-o em má situação.

— Você acha que ele vai fracassar também na busca do aqueduto?

— Temo que sim.

— Você está em melhor situação — observou Sarudjan. — Nunca tem as dores de cabeça dos outros.

O chefe da intendência sorriu. — É o que parece — disse placidamente. — Alguma vez você se perguntou por que, há dois dias, milhares de soldados ceifam o trigo temporão com tanta pressa?

— É verdade — admitiu Sarudjan. — Pensei em perguntar-lhe ainda há pouco, mas me passou. Por quê?

— Vou lhe contar um segredo que até o momento só quem sabe, além de mim, são o comandante-em-chefe e o allaibeu.

Sarudjan tossiu, como fazia sempre que se deixava abalar. — Skanderbeu atacou e aniquilou as caravanas de Veneza que iriam nos abastecer de víveres.

— Aniquilou as caravanas de Veneza? Quer dizer então que...

— É o mesmo que declarar guerra contra Veneza — disse o intendente.

Sarudjan ficou estático. — Ele deve estar louco.

— É o que tenho dito — prosseguiu o chefe da intendência. — Mas não devemos esquecer que esse é o desespero do leão.

— Desespero ou loucura do leão, parece-me que dá na mesma — disse Sarudjan. — Além do que, atacar sacos de trigo ou odres de azeite não me parece tão heróico.

O chefe da intendência soltou uma gargalhada. Depois balançou a cabeça, como se não conseguisse se desvencilhar do riso.

— Eu diria o contrário. Um general que ataca caravanas de víveres antes de investir contra o inimigo é de fato um grande

general.

— Parece que estamos atrasados — comentou Sarudjan.

Eles penetraram no pavilhão, um após o outro, curvando-se um pouco à entrada. O conselho de guerra estava todo reunido. Apenas o lugar do paxá encontrava-se vago. Alguns dos presentes conversavam em voz baixa com seus vizinhos. A maioria bebericava em silêncio o refresco em taças que um criado reabastecia constantemente, caminhando por entre todos como uma sombra, de jarra em punho. Periodicamente alguém procurava Kaur com o canto dos olhos. Mas as feições completamente impassíveis do arquiteto não lhes davam a alegria que queriam saborear, naquela ocasião em que todo o peso de uma reunião parecia recair sobre os ombros de um só homem, e os outros, vendo a aflição do desgraçado, rendiam graças aos céus por não estarem na pele dele. O rosto do arquiteto permanecia tão desdenhoso como sempre, e aquilo, ao privar os demais de uma satisfação à qual julgavam ter direito, irritava-os ainda mais e liberava-os de qualquer piedade.

Quando Tursun paxá entrou e ocupou seu lugar, fez-se completo silêncio no pavilhão. Só se escutava o arranhar da pena do escrivão, que, aos ouvidos dos presentes, era menos um ruído que um componente do silêncio do universo.

Tursun paxá falou pouco. Disse a princípio que o conselho devia deliberar sobre o futuro da guerra. Depois falou do aqueduto. Todos os esforços para encontrá-lo haviam fracassado. As esperanças, como todos podiam constatar, esmaeciam a cada dia. Cumprimentou o arquiteto pela descoberta do falso aqueduto, e especialmente por não ter se deixado enganar por ele. "Como grande arquiteto que é, você poupou-nos uma desilusão e portanto uma desgraça", disse o paxá. Mas em seguida refutou a suspeita do arquiteto Kaur de que talvez não existisse outro aqueduto.

— Você mesmo disse que aquele era falso e depois anda dizendo que não existe outro além dele. Então, qual é a verdade,

arquiteto? O aqueduto era falso ou não? Diga agora.

Os lábios do arquiteto puseram-se imediatamente em movimento.

— Aqueduto verdadeiro aqueduto falso sim e não. Tursun paxá passou a mão pela frente e a seguir fez um sinal para que o outro se calasse. Fixando nele seus olhos frios e cansados, disse que esperasse sua conclusão. Os lábios do outro se trancaram.

— Embora eu o tenha louvado por aquilo que merece louvor, estou descontente com você, arquiteto — disse o paxá com voz pesada.

Como se esperava, até com algum atraso e sem muito encarniçamento, o comandante-em-chefe evocou por fim o túnel. Sem desviar os olhos de Kaur, disse que, no que dizia respeito ao desmoronamento, era possível que ele se esquivasse até certo ponto da culpa, pois talvez os causadores do descobrimento da galeria tivessem sido os próprios sapadores, cujo comandante, Ullug beu, que descansasse em paz, achava-se agora debaixo da terra e ninguém teria como fazer com que prestasse contas; porém, no que tocava ao mistério sobre o paradeiro do aqueduto verdadeiro, a responsabilidade era apenas dele, Kaur, e cabia-lhe assumi-la perante o conselho de guerra. Para concluir, Tursun paxá evocou a tenebrosa possibilidade de que o arquiteto forasteiro, "por algum motivo", pudesse ter sofrido seu empenho em interromper o fornecimento de água aos estrangeiros do castelo. A acusação, especialmente o acento dado à palavra "estrangeiros", era de tal ordem que desmontaria qualquer um que estivesse no lugar do arquiteto. Quando este manteve o rosto impassível mesmo assim, todos perderam de vez a esperança de ver algum dia uma expressão naqueles traços, e isso, mais que a cólera, provocou neles um inexplicável calafrio.

Tursun paxá concluiu. Por alguns instantes escutaram-se em meio ao silêncio as arranhadelas do escrivão, que eram sempre as

mesmas quaisquer que fossem as palavras anotadas, terríveis ou pacíficas, viperinas ou balsâmicas. Os membros do conselho que já tinham algum dia lidado com o ofício de escrever percebiam que o escrivão fazia mais barulho com sua pena do que seria de esperar. Quem reparasse na expressão solene de seu rosto facilmente compreenderia que aqueles momentos de silêncio, rompidos apenas pelo arranhar da pena, eram os únicos de sua vida em que ele sentia ter alguma importância. Depois, tão logo alguém tomava a palavra, todos esqueciam sua existência.

O arquiteto levantou-se. Começou a falar como de costume, com as mesmas palavras disformes, enfileiradas nas mesmas frases mutiladas, num torvelinho sem nenhuma pausa entre elas. A monótona cadência tinha algo de um deserto. E a semelhança ficava realçada agora que ele falava de águas. Ao escutá-lo, sentia-se que aquele sujeito fora criado expressamente para secar nascentes e cursos d'água, o que, aliás, fizera com frequência em campanhas militares do passado, celebrizando-se por isso.

O arquiteto falou de suas investigações. Explicou perante o conselho de guerra como havia esmiuçado tudo, o relevo da terra, a vegetação, os pontos onde camadas calcárias confinavam com outras argilosas, sua umidade e mil e uma outras coisas. Com base em tudo aquilo ordenara que se escavasse onde era preciso ("Cavar onde deve cavar não cavar onde não deve cavar"). Quando, depois dessas investigações, descobrira a galeria, que imediatamente descartara como falsa (a vazão d'água era tão reduzida que não poderia enganar a ninguém), ele insistira na localização do verdadeiro aqueduto. Dera ordens para que se vasculhasse o leito do rio, passo a passo, em busca de algum vestígio de sua intersecção. Seus homens haviam mergulhado ao longo de algumas milhas, sem nada encontrar. Depois disso, e principalmente depois da tortura de alguns prisioneiros albaneses, que entregaram a alma dizendo que

não havia outro canal, adquirira a convicção de que o aqueduto descoberto primeiramente era tanto o verdadeiro como o falso.

— Que jogo de palavras é esse? — interrompeu o mufti. — É a segunda vez que ouvimos tal maluquice. Como tolera, meu paxá, que esse... esse... mofe assim de todos nós? Como pode um canal ser ao mesmo tempo verdadeiro e falso? Será que os aquedutos terão seus truques como os seres humanos?

— Explique-se — ordenou o paxá ao arquiteto.

— Não brinco ninguém eu explicar tudo — respondeu o arquiteto Kaur.

Disse então que o aqueduto podia ser considerado tanto verdadeiro como falso na medida em que se achava abandonado. Uma galeria que conduz água é um aqueduto, como seu nome já indica, enquanto a que não a conduz não passa de uma galeria. Os castelões abasteciam-se naquela galeria até o dia da nossa chegada. Então, temendo que o descobríssemos, interromperam-no.

— Ah, é?! — bradou o mufti. — E por qual motivo, efêndi arquiteto? Por que se apressaram a fazer eles próprios o que nos daria tanto cansaço? Seria para poupar-nos a fadiga?

Alguns dos membros do conselho sorriram. Outros balançaram a cabeça sinalizando sua aprovação à pergunta. Um dos sandjakbei chegou a deixar escapar um "Tirou as palavras da minha boca".

O arquiteto não moveu sequer os cílios. Apenas a boca se abriu para derramar como sempre um rosário de palavras uniformes como grãos de areia.

— Você pergunta qual causa apressar eles tapar canal única causa ser medo veneno.

Explicou então que uma guarnição sitiada, depois de fechar todas as portas e acessos, visíveis e ocultos, por fim, após encherem as cisternas, interromperam também o aqueduto, último vínculo com o mundo exterior.

Um sorriso mordaz foi tomando conta das feições do mufti.

Os outros, curiosos, acompanhavam aquele duelo no qual parecia que pela primeira vez um dos sabichões iria ao chão. O mufti voltou a pedir a palavra: — Digamos que seja assim — concedeu. — O que não consigo entender é por que eles interromperam voluntariamente o fluxo de água três meses atrás, quando poderiam tê-lo feito apenas no momento fatídico para eles, em que descobrimos o aqueduto.

— Um velho truque — sussurrou Sarudjan para o chefe da intendência.

— Ele não é tão tolo como parece — respondeu o outro, também baixinho.

— Não esqueçamos — prosseguiu o mufti — que uma cisterna deixa de encher-se no momento em que se corta o fluxo d'água. Qualquer sitiado trata de retardar ao máximo esse momento, enquanto esses que estamos cercando, segundo você, foram loucos a ponto de cortar a água com suas próprias mãos assim que chegamos. Isso não tem jeito de entrar na minha cabeça.

— Sua cabeça não tem jeito porque sua cabeça não saber — retrucou o arquiteto.

— Não seja insolente e responda às duas perguntas — interrompeu Tursun paxá. — Primeira: que água os sitiados empregam? Segunda: por que destruíram o aqueduto antecipadamente? O velho Tavdja, Kurdishdji e alguns sandjakbei voltaram a sorrir dissimuladamente. Os olhos de Tanhank se asselvajaram. Os de Karamukbil mantiveram sua melancolia, enquanto Tursun paxá e o allaibeu permaneciam sérios. Os sandjakbei, ao constatá-lo, rapidamente suprimiram o ar risonho da face.

Todas as atenções voltaram-se para o arquiteto. O barulhinho da pena do escrivão parecia aguçá-las ainda mais.

Como de hábito, a boca de Kaur abriu-se subitamente.

Respondeu à primeira pergunta em poucas palavras: segundo ele, os sitiados possuíam tanto cisternas como um poço natural. Quanto à segunda indagação, disse que os albaneses tinham interrompido prematuramente o aqueduto por medo de que ele fosse descoberto sem alarde e não às claras como ocorrera. Nós podíamos ter mantido em segredo a descoberta para contaminá-los com veneno ou com alguma moléstia terrível, explicou. Fora assim que dez anos atrás ele envenenara os defensores de Gjyzel-Hissar e, no ano seguinte, os de Tash-Hissar, contaminando com o cólera a fortaleza de Alepo, a quase vinte quilômetros de distância. Rememorou os nomes de outros castelos e cidadelas sob assédio, vencidas mais pela perfídia que pela espada.

O assombro dominara um a um os membros do conselho. Nunca tinham imaginado que aquele pelado, como o chamavam por troça, referindo-se à sua pele glabra, fosse tão irredutível. Fora-se a esperança de vê-lo de joelhos, e eles se sentiam exaustos. O olhar de Tursun paxá também traía cansaço. "Você vai terminar outra vez no calabouço", disse ele consigo, "e sairá outra vez, como sempre, mais forte que antes." Quanto aos outros, não sabia que destino teriam.

O paxá mal deu crédito ao que ouvia: o arquiteto defendia um ataque imediato.

Outro — disse, sem fitar ninguém. O silêncio que se seguiu fez a felicidade do escrivão, que arrancou da pena as mais estridentes arranhadelas.

— Concordo com o ataque — sussurrou o chefe da intendência para Sarudjan. — O que acha? Sarudjan deu de ombros. — Para mim dá na mesma. — Chegou a hora do ataque — disse o chefe da intendência. Durante toda a reunião ele não afastara a mente de um ponto único: o aniquilamento das caravanas.

Foi o primeiro a pedir a palavra. Como sempre, com palavras belamente escolhidas e arrançadas, fez um breve preâmbulo sobre a excepcional duração daquele cerco e os efeitos que causava no

estado de espírito dos soldados. Depois expôs sua opinião. Concordava com o arquiteto quanto ao ataque.

— Ouvi dizer que o novo astrólogo chegou da capital — disse um dos sandjakbei.

— É verdade. Chamem o astrólogo — respondeu Tursun paxá.

Uma ordenança partiu às pressas em busca do astrólogo. — Como não tenho grande apreço pelas adivinhações, dou minha opinião antes que chegue o astrólogo: sou pelo ataque — disse Sarudjan.

As contas dos rosários corriam cada vez mais lentamente em suas mãos. Em vão eles se entreolhavam buscando saber que prodígio acometia o conselho de guerra. Como outrora, alguns ainda na véspera ocupavam-se de suas cortesãs na capital, cobriam-se de vestes macias, despreocupados e plácidos, mas agora posavam de falcões.

Chegou o astrólogo. Fez uma profunda reverência e ocupou o lugar que lhe indicaram. Tursun paxá disse algo ao allaibeu, que sentava a seu lado.

— O conselho de guerra deseja saber que sinais há nas estrelas — disse o allaibeu. — Está pronto a responder? — Estou. — Então responda: que sinais há nas estrelas quanto a um segundo ataque? O astrólogo respondeu sem demora: — Maus sinais — disse. — No momento a disposição dos astros é desfavorável a um ataque.

Os membros do conselho puseram-se a murmurar entre si.

— Este parece mais finório que o outro — disse Sarudjan ao chefe da intendência.

O intendente cerrou os dentes. — Esses cabeças-duras só servem para atrapalhar — cochichou.

— Ele sabe que assim não corre riscos — comentou Sarudjan —, enquanto de outro modo pode acabar abrindo covas como seu predecessor.

Os membros do conselho de guerra opinaram um a um. Na realidade nunca tinham estado em tamanho dilema. Já antes não haviam atinado com a mudança no alvitre dos técnicos. Depois da fala do mufti, então, as coisas tinham se complicado ainda mais. A insistência dos técnicos bastara para incliná-lo pelo ataque, mas quando o astrólogo pôs-se contra ele, sem vacilar optou também pelo "não". Os sandjakbei, que falaram a seguir, uniram-se a ele. Confundidos por aquela subversão da ordem das coisas, o velho Tavdja e Kurdishji, contrariando seus hábitos, daquela vez não mostraram nenhum ardor bélico. Tanhank, embora com os olhos chispando de cólera contra os técnicos, uniu-se a eles, já que eram pelo ataque.

— O que pensa você, Karamukbil? — quis saber Tursun paxá.

— Não sei dizer — respondeu Karamukbil. Seus olhos tristes percorriam aquelas dezenas de faces em busca de suas verdadeiras razões. Tanta perfídia metia-lhe mais medo que as muralhas do castelo. — Não sei — repetiu.

— E se tentássemos outra vez a sorte com o aqueduto? — sugeriu o velho Tavdja.

Ninguém deu crédito ao que escutava. Quem diria que o temível agá dos janízaros, que parecia só ter vindo a este mundo para batalhas sanguinárias, haveria de falar em buracos e canais? Tavdja percebeu que suas palavras haviam provocado um silêncio pesado como uma sepultura e que só ele seria capaz de preenchê-lo. Friccionou longamente as têmporas com sua mão curta de dedos nodosos.

— Muitos anos atrás, não lembro mais quantos, quando sitiámos o castelo de Hapsan, achamos água de uma maneira espantosa — disse. — Não usamos papéis nem esses malditos desenhos, mas um cavalo.

— Um cavalo? — indagou o allaibeu. — Um velho spahi mostrou como se faz — prosseguiu Tavdja. — É simples. Pegamos

um cavalo, damos boa forragem a ele, mas nada de água, por dias a fio. Depois o soltamos ao pé da fortaleza. O cavalo, enlouquecido de sede, será capaz de descobrir o menor sinal de umidade na terra seca. E podem estar certos de que o fará melhor que qualquer arquiteto.

O mufti e dois ou três sandjakbei riram. Tursun paxá fez um gesto impondo silêncio.

— Foi como achamos o aqueduto do castelo de Hapsan — disse Tavdja. — Por que não tentamos o mesmo? O conselho examinou longamente a proposição de Tavdja, a princípio com suspeitas, mas a seguir com uma crescente confiança.

— Um cavalo consegue encontrar nascentes ocultas, especialmente quando tem sede, isso qualquer lavrador sabe por experiência própria — disse Kurdishdji —, mas nunca ouvi falar que descobrisse aquedutos subterrâneos.

— Éramos milhares no cerco de Hapsan e vimos com nossos olhos — cortou Tavdja.

— Podiam ser milhares, mas não me convenceram — disse Kurdishdji.

O allaibeu quis saber do arquiteto Kaur se era possível que &aqueduto, em sua trajetória subterrânea, deixasse escapar umidade bastante para ser percebida por um cavalo sedento. O arquiteto respondeu que nunca lidara com cavalos e nada conhecia de sua natureza, mas, no que dizia respeito à umidade que emanava de um aqueduto subterrâneo, dependia do material empregado. Explicou que caso a galeria fosse feita de barro cozido, como a maioria dos aquedutos, era possível que porejasse alguma umidade, porém se fosse feita de chumbo nada deixaria escapar.

Trataram apenas daquele tema até o fim da reunião. Esta acabou quando já ia amanhecendo. Deixaram o pavilhão um após o outro e afastaram-se em pequenos grupos, exceto o arquiteto, que,

como sempre, partiu sozinho com um guarda a segui-lo como uma sombra.

Um homem muito alto, e um tanto encurvado acompanhou-os de longe com os olhos. Era Sir Selim.

Faz hoje três dias que eles realizam algo completamente incompreensível. Milhares de guerreiros seminus, trabalhando sob o sol inclemente, edificam uma grande cerca em torno do castelo. Não há como descobrir para que ela pode servir.

Abandonaram todas as demais tarefas: a construção de torres móveis, das escadas piramidais, até a busca do aqueduto. Só trabalham como loucos no cercado.

Há dois dias quebramos a cabeça tentando entender o sentido que isso teria: medo de que um mensageiro dos nossos partisse para algum lugar aproveitando as trevas da noite? Uma defesa no caso de investirmos contra eles de surpresa? A cerca é tão ordinária que não deteria um mensageiro, menos ainda um ataque. Então, que será? Uma superstição, dessas que nunca compreendemos, pragas, sortilégios, bruxarias? Ou mofam de nós, pois o cercado se assemelha ao de um aprisco, e portanto seríamos como ovelhas à espera do destino que nos aguarda? Ninguém sabe. Faz muito que desconfiamos de tudo, às vezes até uns dos outros. Pouco adianta que nossos frades nos admoestem, que digam que assim incorremos cem pecado e que indiquem o saco de cinzas do arrependimento. Nossa gente se encoleriza por um nada e contra tudo. Ontem nosso comandante, o conde Vran, Vranakonti, como o chamamos, mandou encarcerar os irmãos Praela por desobediência. Tudo nasceu de uma bobagem: Gjon Praela dizia que sempre tivemos o sol como inimigo e não por acaso todas as canções das redondezas começam com os versos Muito reluz um sol assim/ e pouco aquece, quando alguém respondeu: "Você prefere então a lua muçulmana?", e de palavra em palavra as mãos buscaram a guarda das espadas.

Na verdade, muitos pensam que o destino conspira contra nós.

Dez

À tarde, embora o sol queimasse, grandes levas de soldados se precipitaram rumo ao grande cercado para ver o que ocorria. A cerca fora erguida com tanta pressa que a maioria dos guerreiros não tivera a oportunidade de vê-la. Quem se aproximava para examiná-la pela primeira vez ficava um pouco desapontado. Era uma cerca quase ordinária, apenas um pouco mais alta que de costume. Ainda assim os guerreiros esperavam presenciar algum grande espetáculo. O cercado era de fato dos mais simples, mas, pelo que andavam falando, ali teria lugar alguma coisa completamente fantástica. Nos últimos dois ou três dias, principalmente na derradeira manhã, não faltavam rumores correndo pela tropa. Ninguém sabia a verdade, ninguém explicava por que fora erguida a cerca e o que aconteceria entre ela e a muralha do castelo. Alguns asseveravam que havia alguma ligação com a procura do aqueduto, mas nem esses sabiam explicar qual ligação existiria entre um aqueduto escondido e uma cerca com seus mourões bem fincados no chão. Outros garantiam que uma medonha praga seria rogada e a cerca, aspergida com água benta, serviria para confinar em seu perímetro a área de ação do malefício. Outros ainda tinham explicações diferentes, tiradas das lendas e cantigas dos lugares de onde provinham, ou onde tinham servido por muito tempo.

Todos se convenceram de que algo realmente importante aconteceria por trás da cerca quando avistaram um grupo de oficiais superiores vindo do centro do acampamento, e principalmente quando avistaram em seguida a guarda dos djebel, a guarda pessoal do comandante-em-chefe e por fim o próprio Tursun paxá. Ele tomou assento na pequena plataforma de onde acompanhara o primeiro ataque. Atrás do paxá alinharam-se o allaibeu, o velho

Tavdja, o mufti, o chefe da intendência, o engenheiro-mor Sarudjan, Kurdishji, Karamukbil, o arquiteto Kaur, Tanhank e os demais membros do conselho de guerra. Pouco além, ficavam os sandjakbei, comandantes dos guerreiros da morte, e dallkellech, imames, o chefe dos serviços de inteligência, Sir Selim, o astrólogo, o recém-nomeado comandante dos sapadores, os auxiliares de Sarudjan, o artilheiro-mor, o comandante do acampamento, o intérprete de sonhos, o guardião dos selos, Kapduk agá e muitos mais. Ainda mais adiante, em um ajuntamento mais denso e irregular, avistavam-se escrivãos diversos, médicos, hodjas, spahis, velhos mestres e oficiais de variadas patentes. Mevla Tcheleb estava naquele último escalão e, enquanto voltava os olhos constantemente para o lugar onde se via a cabeça de Sir Selim pairando sobre as outras, remoía consigo se faria bem de avançar até lá ou poderia ser mal interpretado. O cronista tinha um medo mortal dos ciúmes dos pequenos funcionários. A lembrança destes já estragara alguns dos melhores momentos de seus passeios com o chefe da intendência e Sarudjan. Por fim, decidiu que não daria um só passo além do lugar que ocupara.

Entrementes, a multidão batida pelo sol agitou-se. Ouviam-se vozes, palavras, uma onda de inquietação acompanhada por alguns movimentos e erguimentos nas pontas dos pés. As palavras um cavalo", "cavalo", "cavalobranco" soaram às dezenas. "Por que ele é branco?", indagava alguém teimosamente. Uma voz respondeu que era um cavalo sagrado. Por um instante a palavra "sagrado" passou de boca em boca e predominou sobre "cavalo". Naquele instante um relincho entrecortado demonstrou que o episódio em vias de realizar-se tinha efetivamente algo a ver com um cavalo. Não se passou muito tempo e quase todos puderam ver o cavalo que avançava, solitário, para além da cerca. Era branco. Não levava ninguém montado e ninguém o seguia. Correu um pouco num trote irregular e depois parou, bufou, bateu o casco no chão, ergueu a

cabeça, farejou como que buscando no ar alguma coisa invisível e seguiu na direção do rio.

— Procura água. Viram como procura água?

— Está com sede. Qualquer um pode ver.

— Deixaram o pobre vários dias sem água.

— Na certa deram-lhe cevada com sal.

O cavalo voltou a deixar escapar um relincho. Queixoso e imponente, o som se fundiu no espaço. "Viram a espuma na boca?", falou alguém. "Dizem que ele vai achar o aqueduto." O animal se deteve diante da cerca e sacudiu a cabeça com força. Agora todos reparavam que do lado do rio a cerca era mais alta e reforçada. O cavalo galopou ao longo do cercado, aparentemente procurando uma saída. Quando viu que não havia, voltou-se e correu pelo descampado.

— Pobre cavalo! Será que vai achar?

— Vai achar com toda certeza. Cavalos não têm a vista ruim como nós. Enxergam coisas que nunca enxergaremos. Os mortos debaixo da terra, por exemplo, eles avistam como você a mim. Você já se perguntou, por exemplo, por que um cavalo nunca passa por cima de um pedaço de chão onde alguém foi enterrado? É porque vê o cadáver, vê através da terra. Portanto, vai ver também o aqueduto, por mais escondido que esteja.

— É, tem razão. A montaria voltou a parar em um e noutro ponto, escavou a terra seca com os cascos, empinou, voltou ao galope, dessa vez na direção das muralhas do castelo.

— Assinale cada ponto onde ele se detém — ordenou alguém, às costas do paxá.

Ao chegar ao pé da muralha, o cavalo baixou a cabeça, ainda galopando, farejou a terra, em seguida continuou a rodear o castelo, espumando por entre o freio.

— Uma cobra é mais garantida para achar água — comentou Tavdja para o paxá, quebrando o silêncio que se seguiu. — No

castelo de Hapsan, quisemos empregar uma, mas desistimos porque, além de não conseguirmos obrigá-la a procurar ali onde desejávamos, ficamos com receio de que desaparecesse em algum buraco no chão.

Tursun paxá não escutava. Tratava de não deixar escapar um só movimento do animal. Em seus olhos enevoados pela fadiga, o cavalo tornava-se cada vez mais alvo e etéreo. Concentrou-se a tal ponto que, por um instante, sentiu o cansaço nos pés e na nuca como se fosse ele que estivesse a galopar, ele a baixar e a erguer a cabeça ritmicamente, rastreando a umidade na terra esturricada. Houve até um momento em que pareceu sentir a espuma nos lábios e ergueu a mão para enxugá-la.

Entretanto, os guardiões do castelo começaram a despontar no cimo da muralha.

O cavalo continuava a correr com redobrado furor. Era a quarta vez que retornava à borda do fosso, ali onde escavara a grama.

Reinava agora uma certa calma devido à extrema concentração das pessoas (a maior parte dos soldados àquela altura já tomara conhecimento do objetivo dos movimentos da montaria; até certo ponto cada um deles fizera a conexão entre aquilo e o desfecho da guerra e, portanto, seu próprio destino). Lentamente, o vozerio de antes cedera espaço a um arquejar surdo mas possante, já que emanava de Milhares de homens. Às vezes ele se convertia em um soluço sufocado, ou num pesado suspiro, em meio ao qual soava o ruído dos cascos, cada vez mais só.

Sir Selim fez um gesto para que o cronista se aproximasse. — Os gregos da Antiguidade tomaram Troia com a ajuda de um cavalo de madeira — disse ao ouvido do outro.

— O Saded deles, que se chamou Homero, relatou-o em um livro. Nós, ao que parece, vamos tomar esse castelo graças a um cavalo vivo. — Riu. — Realmente os tempos mudam — prosseguiu.

— Apenas os poetas continuam sempre cegos. E por falar nisso, onde anda o seu amigo?

O cronista deu de ombros querendo dizer que não sabia.

— Vai achar? — quis saber alguém pela décima vez.

— Não acredito.

— O cavalo está cansando. Tenho medo que ele caia.

— Veja, as garotas, na amurada!

— Garotas? É mesmo? Onde?

— Ali, um punhado, à direita do segundo torreão.

— Veja, mais duas, um pouco adiante!

— Ah, sim, estou vendo.

— Que coisa!

— Como saem assim, com o rosto descoberto, diante de milhares de soldados?!

De fato, um grupo de moças assomara às ameias. Em outra circunstância, sua aparição atrairia as atenções de todos, mas naquele momento os guerreiros estavam tão concentrados nas evoluções do cavalo que mal ergueram os olhos.

— Parece que cansou — disse uma voz.

O cavalo agora ia e vinha como um possesso diante da muralha principal. Por algumas vezes se interrompia, sacudia furiosamente a cabeça e seguia adiante. Em toda a roda fizera-se um grande silêncio, de forma que se ouvia distintamente não só o tropel de seus cascos mas também seus surdos rinchos e arfares. Ele se deteve outra vez, de repente, a alguns passos da muralha, escavou de novo o chão, erguendo uma grande nuvem de poeira, e partiu outra vez, com as narinas erguidas. Quando passava embaixo do terceiro torreão, um dos defensores ergueu o arco e o alvejou. A trajetória da seta foi acompanhada por um vasto murmúrio abafado. O cavalo deu um salto desesperado, como se quisesse afastar a flecha que se cravara em seu flanco. Do peito dos soldados saiu um som

meio gemido e meio grito de angústia. Parte deles levava as mãos aos punhos dos iatagãs.

Os que estavam em torno do paxá voltaram-se para ele com expressões indagativas.

— Não é nada — disse o comandante-em-chefe, sentindo uma dor penetrante no ombro esquerdo. — A ferida vai atíçar-lhe a sede.

O animal soltou um relincho dolorido. Todos fitavam o torreão, esperando que uma segunda seta voasse do grupo de castelões.

— Eles poderiam matar o cavalo, se quisessem. Não matam para mostrar que não têm um aqueduto — disse alguém, baixinho, por trás do paxá.

— Mas por que o flecharam então?

— Por acaso. Algum deles não pôde dominar os nervos.

O cavalo retomou o galope, com redobrada fúria. A seta caiu por terra. De longe via-se o ferimento no flanco e um filete de sangue traçando um caminho tortuoso na pelagem branca.

— No castelo de Hapsan eles nos mataram três cavalos, um após o outro — disse Tavdja. — O quarto, que achou a água, nós vestimos com uma armadura.

O cavalo rinchou outra vez, erguendo a cabeça. A crina se eriçava estranhamente, rumo ao céu. Os bufidos e escavadelas dos cascos no chão se amiudaram. Nas ameias, os castelões o fitavam em silêncio (era o que se deduzia da postura estática de suas cabeças), enquanto atrás da cerca milhares de soldados murmuravam.

Ouviam-se palavras — "Ah, se ele achasse", "Ache a água", "Meu santo cavaleiro, encontre" — às vezes pronunciadas como uma prece, às vezes com aflição. Dezenas de hodjas e dervixes puseram-se a orar, unindo as palmas das mãos diante das bocas e prostrando-se.

O cavalo ergueu mais a cabeça, relinchou e, farejando, ao que parecia, o cheiro do rio, seguiu outra vez em sua direção. Mas a cerca era resistente e ele ladeou-a por um tempo, em busca de uma brecha. Seu corpo cansado exalava vapor e as narinas fremiam. O focinho estava arranhado e em sangue. Da ferida também escorria um delgado filete. Enquanto trotava ao longo da cerca, a alguns passos dos soldados, fitava-os com olhos úmidos e desvairados. As muralhas do castelo formigavam.

Quase todos os defensores ali se achavam. Alguns traziam nas mãos cruces e imagens.

Repentinamente o animal estacou, espojou-se, baixou o focinho de encontro ao chão, depois golpeou-o fortemente com o casco, levantando poeira. Não se afastou do lugar, como fizera de outras vezes em que se detivera. Longe disso, daquela feita os movimentos dos cascos e do focinho eram incontidos. Por um momento escondeu-se numa nuvem de poeira. Pareceu então que o fantástico interviera, tal como em um conto da carochinha. Misturado ao rodamoinho de pó, o cavalo deu a impressão de se esvanecer, de se esfumar pelo céu. Quando o pó começou a baixar e viu-se que a montaria de fato sumira, milhares de gargantas militares deixaram escapar um gemido no qual se mesclavam o pavor e a piedade. Depois, o gemido articulou-se em gritos: "Ali! Ali está ele!".

Mas eles eram tantos e estavam tão exaltados que ergueram os olhos a procurar no céu. Só quando toda a poeira se depositou viram que o animal estava por terra.

Esfregava a crina na terra, enquanto as patas se moviam no ar, cada vez mais lentamente.

— Cavem imediatamente naquele lugar — ordenou Tursun paxá. O comandante dos sapadores, que se aproximara, à espera daquela ordem, correu para a unidade de sapadores, que estava a postos, logo adiante, com seus utensílios em punho. Abriu-se uma

porteira na cerca e os sapadores, com o comandante à frente, marcharam diretamente para onde jazia a montaria. Ao chegarem, arrastaram um pouco a carcaça e puseram-se a cavar.

Um movimento percorreu os castelões nas ameias. Seus corpos se adiantaram, ameaçadores. Depois os assovios das flechas cortaram o ar. Dois dos sapadores tombaram por terra gemendo. O terceiro a cair foi o comandante.

Tursun paxá cerrou os olhos, exausto e feliz. — Até que enfim — murmurou —, até que enfim. Defendam os sapadores! — bradou sem abrir os olhos.

Alguém correu. Ouviram-se vozes, a porteira se abriu outra vez. Uma unidade de azape com os escudos a postos correu ao encontro dos sapadores, que haviam interrompido o trabalho e recuavam às pressas.

— A água está ali — disse Tursun paxá. — Se eles nos alvejaram é porque a água está realmente ali. Por que os sapadores se afastam? Que retornem. É preciso cavar depressa. Não podemos dar-lhes tempo para cortar a água.

— Para trás — gritou o allaibeu, interrompendo o caminho do ajuntamento de sapadores e azape, que recuavam. — Cavem! Os azape, com seu oficial à frente, foram os primeiros a tornar ao sítio onde jazia o cavalo. Os sapadores foram atrás. Os azape mal tinham chegado onde tombavam as setas dos castelões e erguiam os escudos, sem deter a marcha forçada. Chegaram outra vez à carcaça do cavalo, formaram uma parede de escudos em torno do ponto que seria escavado e esperaram a chegada dos sapadores. Ninguém se ocupou dos mortos, tombados ao lado do cavalo.

Algumas flechas desabaram da muralha. Depois as ameias começaram a se esvaziar.

— Vão descer para encher as vasilhas — disse alguém. Tursun paxá deu uma ordem. Imediatamente uma unidade inteira

de azape partiu de encontro aos sapadores, para criar em torno deles um segundo anel de escudos.

Os sapadores continuavam a cavar. Todos estavam na expectativa. Apenas a face do arquiteto Kaur mantinha-se tal como sempre, sem vida, em meio à febril inquietação e ao suor em sua volta. O mufti o observava de vez em quando com o rabo do olho, balançava a cabeça e com toda certeza praguejava.

A escavação prolongou-se. Agora os sapadores já manejavam as pás enfiadas na terra. Só se viam o chão e a terra que lançavam para fora. Aos olhos de todos, junto com o monte de terra negra, crescia também a inquietação.

— No cerco do castelo de Hapsan tivemos de cavar meio dia sem descanso — comentou o velho Tavdja, espiando ora um e ora outro, como se pedisse desculpas pela tardança do achado.

Ninguém respondeu. Como a escavação era muito profunda, agora a terra era retirada em sacos. Alguém correu com uma escada. Alguns dos curiosos se cansavam de esperar e iam embora, mas seus lugares eram imediatamente ocupados por outros. Os primeiros que apareciam eram aqueles que habitualmente nunca se faziam notar em um exército: ajudantes de cozinha, lavadeiros do corpo de oficiais, aguadeiros, passamaneiros, afiadores de espadas, todos aqueles cujas tendas ficavam do outro lado do rio e que já eram chamados transibeirinhos, e até os anões recém-chegados da capital para apresentarem um espetáculo.

Tursun paxá estalou os dedos. O ouvido direito voltara a latejar. Seu olhar se deteve nos corpos dos mortos, em torno dos quais se azafamavam os sapadores. Disse alguma coisa ao allaibeu. Mas bem naquele instante ecoou no descampado um grito de selvagem alegria: "Água!". O brado repetiu-se, decuplicado, depois centuplicado, pela multidão de guerreiros, subitamente sacudida de seu torpor como se seus membros e faces fossem aspergidos com água.

Tursun paxá riu. Era a primeira vez que ele ria em toda a duração da campanha. Os que estavam à sua roda voltaram-se, assombrados por ver aquele riso. Era algo inusitado, quase impróprio. Nunca haviam concebido poder vê-lo assim e, como sempre acontece quando um lugar-comum desmorona, o riso despertou neles uma espécie de inquietude, quase um medo. Suas feições rapidamente se fizeram alheias, indecifráveis e distantes.

Os gritos de "Água", "Água", "Água" pipocavam em toda parte numa louca alegria. Os soldados se abraçavam, erguiam-se nos braços uns dos outros, guinchavam e aplaudiam sem peias. Os dervixes começaram a rodopiar.

As muralhas do castelo permaneciam desertas. Apenas a guarda habitual despontava nos torreões, movendo-se solenemente como espectros.

— Skanderbeu — tartamudeou Tursun paxá, como que embriagado —, finalmente o peguei.

Moveu os maxilares como se esmagasse com eles os ossos de seu pior inimigo, cujo nome pronunciara pela primeira vez.

Toda vez que o conselho de guerra se reunia, ou em outras conversações, sempre se referia ao outro sem citar seu nome, chamando-o invariavelmente de "ele".

— Skanderbeu — murmurou uma segunda vez. — Onde você se acoitará agora?

O riso em sua face esmoreceu aos poucos, como as águas que a areia suga, e suas feições retomaram os traços familiares e compreensíveis. Todos em volta se sacudiram, aliviados, percorridos por uma onda de alegria um tanto tardia. Puseram-se a falar em altas vozes, interrompendo-se e apartando-se. O mufti, Kurdishdji e alguns outros voltavam o olhar insistentemente para o arquiteto, cujo rosto não movera um só nervo. Trocaram sinais de pouco-caso. Apenas o velho Tavdja não fitou Kaur uma vez sequer, apenas

recebia com soberba os cumprimentos de todos e remoía algo entre os dentes.

Nesse ínterim, a água aflorara da escavação e formava uma poça em volta. A terra esturricada sugava-a de volta. Os sapadores, cobertos de lama, moviam-se em meio aos instrumentos de trabalho, aos cadáveres do cavalo e dos soldados, para os quais ninguém ligava.

Tursun paxá voltou-se para ir embora. Quando ia se afastando, virou a cabeça e disse ao allaibeu: — Que se faça hoje uma festa. Os demais também iam se afastando. — Acredito que agora a guerra vai durar pouco — disse Sarudjan ao chefe da intendência. — Ficarei contrariado por não termos testado o terceiro canhão.

— Pois creio que teremos a oportunidade de testar o terceiro canhão, e talvez até um quarto que você possa ter em mente.

— Será possível? Eles ficaram sem água. Isso quer dizer que vão se entregar dentro de uma semana.

— Penso que não — contestou o chefe da intendência.

— Seja como for, para mim é uma boa notícia — disse Sarudjan. — Ainda há pouco, quando escutei o primeiro grito de "Água", chorei por dentro pensando no terceiro canhão.

— Os moldes já estão prontos? — quis saber o intendente.

— Quase.

Os dois caminhavam em meio à barulheira usual. Aqui e ali soavam gritos e ordens: "Fique longe do buraco", "Podem alvejar-nos da torre", "Afastem-se da cerca". Alguns sapadores estavam removendo os corpos dos mortos. Atrás deles formara-se um grande ajuntamento.

Carregavam em uma grande padiola a carcaça do cavalo. Os soldados abriam caminho e espichavam o pescoço para ver melhor. A crina enlameada pendia de lado.

— Será sepultado com todas as honras, tal como o comandante dos sapadores — disse alguém.

- Eu bem que falei, é um santo cavalo.
- Vão erguer-lhe um turbéh*, ouvi com estes meus ouvidos quando o paxá deu a ordem.

**Entre os turcos, espécie de capela redonda, coberta por uma cúpula, que contém o túmulo de um sultão ou alta personalidade. (N. T.)*

- Um mausoléu? Bem pensado.
- Quando será que vão nomear o novo comandante dos sapadores? — indagou um jovem oficial janízaro.
- Quem sabe? Esse foi o segundo que morreu. O pobre não desfrutou da promoção por mais de algumas horas. Talvez o terceiro tenha mais sorte.

Parte da cerca fora rompida. Os soldados passavam por cima dela, outros a rodeavam pelo rio.

Alguns passos adiante, o chefe da intendência avistou o arquiteto Kaur, que caminhava sozinho, seguido apenas por sua guarda. Dois oficiais e dois janízaros, que conversavam sobre a má sorte do comandante dos sapadores, reconheceram o arquiteto e começaram a fazer pilhérias.

— Viva a instrução! — disse um. — Um cavalo mostrou-se mais inteligente que ele.

— Esses escolados são todos assim, o Estado os alimenta à toa.

— E você pensa que eles se importam com o Estado? Gente ruim.

— Ele disse que o cavalo provou ser mais sabido que o arquiteto efêndi — disse um soldado ao colega, repetindo o que falara o oficial.

Os janízaros riram alto. Um deles, ao reparar em Sarudjan e no chefe da intendência que se aproximavam, cochichou algo para os

companheiros. O riso cessou. Um dos oficiais voltou os olhos e aparentemente entendeu por que seus soldados silenciavam.

— Pois é, um cavalo fez o que um letrado não conseguiu — disse, em voz alta, para mostrar aos soldados que um janízaro não tinha por que se calar diante de gente como o chefe da intendência e o engenheiro-mor, por mais eminentes que fossem. Os janízaros soltaram risos abafados.

O chefe da intendência fechou a cara. — O que disse, oficial? — indagou, ríspido. — Repita.

— Falava com outra pessoa — respondeu o oficial, desdenhoso.

— Estrumeira, miserável, pare! Nem um passo a mais! — bradou o chefe da intendência.

O oficial se deteve. O outro oficial e o grupo de janízaros também pararam. O arquiteto Kaur voltou o rosto impassível para ver o que ocorria.

— Quer falar comigo? — perguntou o oficial, ainda em tom de mofa.

— Quero — disse o intendente, aproximando-se. — E atingiu o oficial na face com um leque de couro.

O oficial levou a mão ao punho da espada, mas a guarda do chefe da intendência, rápida como um gato-do-mato, pôs-se à frente de seu senhor e sacou das armas. Aguarda de Sarudjan fez o mesmo. Ouviu-se um murmúrio abafado na multidão, porém as insígnias de membro do conselho de guerra, bordadas nas largas lapelas do intendente, estavam bem visíveis para todos.

— Desarmem-no! — disse o intendente. Dois guardas avançaram para o oficial e em um movimento tiraram-lhe a espada. Ele olhou em volta, como se procurasse ajuda, mas só deu com o mesmo murmúrio abafado. Os guardas, de adagas em punho, voltaram-se para seus senhores para saber como deviam agir, e todos se deram conta de que a fronteira entre a vida e a morte do

oficial passava dos lábios dos dois figurões para as adagas da guarda.

— Ao cárcere — pronunciou o chefe da intendência, dirigindo-se a um oficial desconhecido, de alta patente, que se destacou da multidão. — Ordeno que leve esse desgraçado ao cárcere.

O oficial aquiesceu com a cabeça e ordenou a três soldados que ladeassem o prisioneiro.

— Você fez bem — observou Sarudjan quando se distanciaram — em não dizer à guarda para matá-lo ali mesmo.

— Dá na mesma — disse o chefe da intendência. — O tribunal vai condená-lo à morte.

— Que grande ignorante!

— Estragaram nossa conversa — retomou o outro. — Estávamos em um ponto muito atraente. Do que falávamos?

— Não recordo. — Acho que do aprovisionamento.

— Penso que sim. — Sabe o que vamos fazer? Vamos à minha tenda para beber alguma coisa — sugeriu o chefe da intendência. — Agora vai começar a confusão e você sabe que não a suporto.

Sarudjan concordou. A confusão de fato começara. Anoitecia. Os tambores rufavam dos quatro cantos do acampamento. Os soldados se precipitavam para as praças onde poderiam achar divertimento. Por mais de uma vez os dois amigos tiveram que se desviar de um azape semi-embriagado. Aqui e ali os imames iniciavam suas prédicas.

Um grupo de dervixes buscava uma clareira para dançar.

Quando passaram diante do pavilhão de Tursun paxá, ouviram o som de um tamborim. Em contraste com o pesado rufar dos tambores, seu som parecia leve e aveludado.

— Mãos de mulher — disse o intendente, retardando o passo.

— Sim, mãos femininas.

Na grande tenda lilás havia mais luz que de costume. Os olhos dos dois espelharam por um momento algo da sutil magia que o pavilhão encerrava.

— O paxá se diverte — disse Sarudjan.

— Sim. Fato raro.

— Já reparei que geralmente ele não é dado a diversões — comentou Sarudjan.

— O que prova que hoje é um dia de excepcional alegria — agregou o intendente — e, a bem da verdade, há razões para isso.

O tamborim continuava a soar num alegre agradável, que às vezes se calava, negaceiro.

— É sabido que, caso a vitória não lhe sorria nesta guerra, sua estrela se extinguirá para sempre — disse o chefe da intendência.

— Você acha?

— Isso é garantido. Em caso de derrota, a pena mais leve que o espera será o banimento. E a mais pesada... — o intendente passou a mão horizontalmente pela garganta.

Mais uma vez eles quase esbarraram em soldados bêbados, que se provocavam uns aos outros com achas acesas, diziam palavrões e riam a não poder mais. Outros brincavam de pular carniça e alguns tinham improvisado um precário balanço.

O chefe da intendência não escondia o desdém. — Não gosto desses excessos da soldadesca. Sua tenda ficava à parte, em um recanto tranquilo. Soldados que não tinham vontade de participar dos festejos permaneciam acorados ou estirados diante das tendas, conversando baixinho. Em algum ponto da noite alguém entoava uma melodia triste. Mal se distinguiam as palavras: Esta guerra deste ano Como era longe, no fim do mundo...

Ao longe, os ecos dos folguedos, misturados num majestoso alarido comum, chegavam em ondas e em ondas se perdiam na noite infinita.

Antes de entrarem na tenda, o chefe da intendência voltou a cabeça e fitou longamente o grande descampado que se estendia de um horizonte a outro, a céu aberto, com milhares de triângulos, as tendas, recortados em agourentos tons de malva.

— Em que pensa? — quis saber o engenheiro-mor.

— Penso que ainda teremos de vir muitas vezes levantar nossas tendas nesta terra.

— O que se há de fazer? É um tempo de guerra.

— Escute — o chefe da intendência subitamente mudou de assunto —, vou insistir no conselho de guerra para que o segundo ataque aconteça o quanto antes. Você precisa me apoiar.

— Claro — disse o outro —, mas por que essa aflição?

— Eles são muitos — a mão do intendente escorregou pela miríade de tendas. — Não há comida para todos.

Sarudjan assoou o nariz. — Três ou quatro mil bocas a menos?

— Sim — disse o chefe da intendência. — Além do mais, o assalto pode trazer-nos a vitória.

— Cada dia sem água para eles aproxima nossa vitória — contestou Sarudjan. — O tempo trabalha para nós.

— É verdade que cortamos a água deles, mas não esqueça que eles cortaram nosso pão — o chefe da intendência estendeu o braço mais uma vez na direção do centro do acampamento, de onde vinha o ruído da festa. — Eles farreiam sem saber que dentro de alguns dias poderão ficar com meia ração de comida.

— Coitados, quantas coisas ignoram.

— É a sina dos soldados.

Os dois entraram na tenda, mas as palavras foram se espaçando. Por fim, Sarudjan levantou-se para ir embora. O outro acompanhou-o por um trecho do caminho. A festança prosseguia ao longe, mas sem a barulheira de antes.

— Espere — disse o chefe da intendência, quando estavam a ponto de se despedir. — Que rufar de tambores é esse? O toque de alarme?

— Faz um bom tempo que o ouço — disse uma ordenança.

— É mesmo, o toque de alarme — disse Sarudjan.

Os dois ficaram à escuta. A grande e sonora zabumba percutia em algum ponto nas profundezas do acampamento. Seu som pouco a pouco sufocava tudo mais.

— Skanderbeu — disse o chefe da intendência. Ele e o engenheiro-mor continuaram escutando. Em algum lugar à esquerda, bem longe, soava um remoto alarido.

Aqui e ali, repetiam-se nas trevas, em diferentes tons, as palavras "Shilah bashna!", "Alarma!".

— Sarudjan, fique aqui, durma em minha tenda — disse o intendente. — Esta parte do acampamento está fora de qualquer perigo.

— Estou pensando na oficina — disse Sarudjan.

— Digo que deve ficar. De qualquer forma, é noite...

Sarudjan vacilava. O toque de alarme soava sem descanso. — Ao que parece, ele ficou sabendo que cortamos a água — disse o chefe da intendência, em tom pensativo, acrescentando pouco depois: — O tigre deu o bote.

Por fim cortaram a água. Quando o cavalo branco pôs-se a correr como um demônio em torno da muralha, pensamos primeiro em mais uma sandice deles, algum rito ou bruxedo primitivo. Apenas o conde, que permanecera até de madrugada a decifrar a mensagem das fogueiras, sabia. O segredo tinha a ver com a cerca, e os dois, juntos, com a água. Enquanto nos assombrávamos debruçados nas ameias, ele trancou-se na igreja, a rezar. Pouco a pouco a notícia foi se espalhando e, embora continuássemos a pilheriar, a angústia tomou conta de nós. Não conhecíamos toda a verdade, mas um medo nos possuía. Estávamos, como se diz, entre o

fogo e a frigideira. O conde, muito pálido, subiu também à muralha e deitou um olhar triste para baixo. Ele, que nunca mostrara medo de novos armamentos, parecia temer o cavalo.

Depois, quando tudo acabou, ele explicou que o aqueduto, com seu trajeto avesso a toda lógica, era inexpugnável por mentes humanas, mas, quando os humanos deram lugar à besta, ele temeu. Naquele caso a irracionalidade era mais perigosa.

Quando a água aflorou e o buraco transformou-se numa negra poça, nossas garotas caíram no choro a uma só voz. Depois foram todas à capela, orar para Nossa Senhora.

Eles festejaram o achado da água até a madrugada. Seus berros, jogos, flautas, tambores, gaitas-de-foles, e sabe-se lá que outros instrumentos, soavam como as vozes de demônios. Por fim, nosso George, que ao que parece soube do corte da água, caiu sobre eles.

É meia-noite passada. O acampamento deles pulsa e soluça como se o retalhassem. George está em algum lugar, ali embaixo, no meio deles. Fustiga-os e enlouquece como só ele sabe fazer. A noite está um breu e nada enxergamos. Apenas ouvimos sua respiração. Reunimo-nos ao pé dos portões, prontos para abri-los e nos lançarmos sobre eles assim que viesse a ordem. Uma mulher bradou das ameias: "George, George, mate-os, vingue-nos!".

Onze

O cronista acabara de adormecer quando o primeiro toque de alarme o despertou. Fora uma noite aborrecida para ele. Enquanto durara a festa, perambulara sozinho pelo acampamento, em meio à farra geral, sem encontrar um só conhecido. Quando por fim perdeu as esperanças, enfiou-se na tenda e tratou de dormir. Mas não pôde.

Sentia-se sozinho demais. O barulho da festa, vindo de fora, acentuava a sensação. Por mais de uma vez pensou em levantar-se e sair novamente, mas lembrou-se do desapontamento de pouco antes e não se moveu. Agora esperava que a barulheira cessasse. Na verdade, o sono chegou primeiro. Como um fio que se embarça, veio-lhe à lembrança a carreira do cavalo branco buscando o aqueduto, cada vez mais lentamente. Depois o chão em torno da cerca se transformou na planície de Kosovo, mas o cavalo continuou branco, só que cavalgado por alguém, o sultão Murat. Os olhos tristes do soberano percorriam os mortos, quando de repente... "Não, meu Deus", gemeu, despertando de um salto. Um som de outra natureza vinha de fora. Saiu da tenda e pôs-se à escuta. O forte rufar da zaiuimim. vinha de algum lugar no centro do acampamento. Os outros ruídos foram se extinguindo. Gritos de "A postos!" e "Alarme!" ecoavam de todos os lados. O cronista vestiu-se às pressas. Sua fronte marejou-se de suor frio.

Saiu de novo para a frente da tenda. Todos os ruídos da festa haviam cessado, desaparecendo numa treva assustadora. Só se escutava o troar dos tambores, cada vez mais opressivo. Ouviu o barulho de passos de marcha, o tilintar de armas, vozes, armas. Depois, os cascos de um cavalo que se afastava às pressas. Mas tudo aquilo soava em algum lugar mais adiante. Soldados com as armas em punho deixavam as tendas e aparentemente seguiam para o local

de reunião dos batalhões. Todos se assemelhavam a sombras acorrendo a uma cerimônia soturna. Mevla Tcheleb foi tomado por uma sensação de pavor. Por que se iam assim? Aonde iam? Continuou diante de sua tenda, petrificado, sem saber o que fazer. O silêncio em volta pareceu-lhe suspeito. Ouviu uns passos que se afastavam correndo. Alguém gritou "Depressa, depressa!". Depois a calma retornou. Por que estavam abandonando aquela parte do acampamento? Assim que aquela pergunta abriu caminho no cérebro de Tcheleb, com todo o seu gélido fulgor, ele sem mais pensar pôs-se a correr na direção que os soldados tinham escolhido. Não soube dizer o trecho que percorreu. Só se deteve quando achou que havia bastante gente em volta. Reinava uma verdadeira barafunda. Janízaros, voluntários, azape, eshkindji procuravam seus regimentos de armas em punho, à luz de archotes. Ninguém saberia dizer se eles recuavam ou se preparavam-se para atacar. De todos os lados vinham brados selvagens, convocações e ordens dos oficiais.

— O quarto regimento partiu. O quarto regimento partiu.
— Dizem que atacaram o acampamento dos janízaros.
— Eshkindji do quinto, aqui!
— Karamukbil enfrenta-os numa batalha de vida ou morte.
— A oficina dos canhões! Estão atacando a oficina dos canhões! — Para trás! De qual regimento é você? Segundo? Volte, volte, para trás! — Os castelões abriram as portas. — Não é possível. Chega! — Bakerhan foi morto! — gritava como um louco alguém à frente de uma massa de gente que chegava correndo.

- Para trás! Aonde vai?
- Skanderbeu!
- Para trás!
- Skanderbeu! Skanderbeu!
- Por que grita, cão?! Toma!
- Ah!

A suas costas, o cronista ouviu golpes de uma lâmina na carne de um corpo que tombou.

— Os akendji! Vêm aí os akendji!

A grande cabeça de Kurdishdji, reverberando à luz dos archotes, apareceu à frente de um grupo de cavaleiros que galopavam como o vento.

— Para trás! Para trás! — gritava um oficial. — Os regimentos! Todos os regimentos!

— Os gloriosos spahis! Estão chegando os gloriosos spahis!

Os cavaleiros da unidade de spahis galoparam na mesma direção em que desapareciam os akendji.

O coração do cronista palpitava com força. A flor do exército marchava de encontro à goela do inimigo. Ele enfureceu-se pelo medo que sentira pouco antes. (A corrida o fizera esquecer.) Olhou embevecido quando os regimentos começaram a partir na direção onde se acreditava estivesse ele, a besta-fera, Skanderbeu. Mas seu enlevo durou pouco. O tilintar metálico das armas do exército, o vozerio e as ordens em que ele afogara seu medo pouco antes começaram a se dissolver com extraordinária rapidez. As armas, as vozes e as ordens escorregavam pelas brechas da noite. E o cronista, horrorizado, compreendeu que muito em breve ficaria sozinho na alameda por onde talvez iria passar a besta. Tcheleb correu outra vez. Não sabia para onde ia. Bastava-lhe afastar-se daquele lugar que se esvaziava como um navio naufragando. Na escuridão, em algum lugar próximo e lateral, ouviam-se vozes e ordens de comando, de parar. Mas era difícil dizer de onde vinham e a quem pertenciam. Esvoaçavam em torno do torvelinho da noite, mais fantasmagóricas que humanas.

Logo o cronista se achou outra vez rodeado por gente. Novamente não soube dizer se evitava ou se perseguia o campo de batalha. A multidão começou a dispersar-se tal como das outras vezes e Tcheleb viu-se sozinho de novo. Deu-se conta de que agora

era todo o imenso acampamento que se movia e se dissolvia inexplicavelmente, tal como nuvens brancas no céu em um dia ventoso. Nada poderia ser estável em uma noite assim.

O cronista correu. Sem que desse por isso, suas pernas o conduziram ao centro do acampamento, onde ficava o pavilhão do comandante-em-chefe. Ali voltou a ouvir vozes e ordens. Depois, no meio da treva, soou um bufido horrendo que suplantou tudo mais.

"Tanhank", pensou o cronista. O pavilhão de Tursun paxá estava na mais completa escuridão. Ainda assim, adivinhavam-se as ordenanças que entravam e saíam. Tcheleb compreendeu que o paxá estava lá dentro, mas as luzes tinham sido encobertas por razões de segurança. Quando deu por si, percebeu que à sua volta centenas de soldados montanhese perfilavam-se em silêncio na escuridão, as longas lanças em riste. Sentiu-se em segurança. Agachou-se em uma ruela lateral. Ouvia ao longe toda sorte de ruídos, mas ali tudo era silêncio. Vez ou outra, o cavalo de um mensageiro se detinha de chofre e o cavaleiro saltava em terra ou partia, com a mesma presteza. "Graças a Deus achei esta ruela", pensou. Mas aquilo não durou muito. Mevla Tcheleb sentiu que algo móvel o roçava. Viu que as formações de guerreiros montanhese se adensavam. A suas costas alguém gritava ordens. Um alarido longínquo parecia se aproximar.

O cronista sentiu-se encharcar novamente de suor frio. E se Skanderbeu fosse atacar logo ali, bem no pavilhão do comandante? Ergueu-se. Era lógico. Ele atacaria precisamente ali. Ali e em nenhum outro lugar. O pavor voltou a tomar conta do cronista. Pôs-se outra vez a correr. "Um canto para eu me enfiar", dizia consigo.

Um lugar que não o traísse, que não se movesse. Um canto seguro, um subterrâneo, um buraco. Seu cérebro trabalhava a toda velocidade. A escavação abandonada...

O forno! (Mevla Tcheleb, já passou pela sua cabeça que esse forno esconde a entrada do túnel?) Agora ele corria para o forno

semiarruinado. O alarido se aproximava.

Depressa! Depressa! Ali está ele! Tcheleb olhou para trás. Ninguém. Entrou. Tremendo, achou a escada às apalpadelas. Começou a descer. A escada estava fria. Desceu mais. Um denso cheiro de lama cortou-lhe a respiração. Lembrou-se do astrólogo. De repente achou que algo se mexia no escuro a seus pés. "Serpentes", pensou, apavorado, e já ia voltando quando ouviu uma voz tranquila que vinha de baixo: — Cuidado, não pise em nós.

Tcheleb paralisou-se.

— É melhor você sentar — disse a voz, com a mesma tranquilidade.

Tcheleb não sabia onde tinha a cabeça. Pareceu-lhe que mais além alguma coisa se movia obliquamente. Um outro tossiu.

— De onde você vem? — quis saber a voz.

— Eu... de lá... Por acaso... — balbuciou o cronista.

— Deixe de lado o por acaso — disse a voz. — Sei muito bem como são esses por acasos. Você, meu amigo, usou a cabeça. Muito esperto.

Mevla Tcheleb não respondeu.

O homem que falava tinha uma voz grave e tranquilizadora.

— Não tenha medo — prosseguiu o outro. — Nós que estamos aqui não delatamos uns aos outros. Um corvo não arranca os olhos de um irmão. Eu sou do quarto regimento dos azape. Onze anos de tropa. Faz tempo enfiei isto na cabeça: que iria me emburacar aqui assim que acontecesse uma incursão noturna de Skanderbeu. Ser morto ao escalar a muralha, durante um ataque, ainda pode ter algum sentido, mas ser sangrado à toa, no meio da noite, já é demais. Dessa forma, assim que escutei a confusão, saí correndo da tenda. "Vai logo, meu azape, para o seu buraco", disse comigo. Só que quando desci aqui dei com uns outros amigos. Tinham sido mais lesto que eu...

Como para confirmar aquelas palavras, alguém ao lado soltou um soluço.

— Sente-se — disse o azape. — Sinta-se em casa. Aqui ninguém atrapalha ninguém.

Tcheleb agachou-se sobre um montículo de barro.

— Você é da sapa? — perguntou o azape.

— Sim — disse o cronista.

— Achei isso mesmo. Na certa trabalhou aqui.

Depois disso, logo quando começou a despertar em Tcheleb o desejo de falar, como acontece a qualquer um que passou por um perigo, o azape silenciou. E o cronista não criou coragem para ser o primeiro a falar. Tinha a impressão de que a voz o denunciaria. Era uma vergonha para ele que, logo agora que a batalha fervia lá em cima, ele, Mevla Tcheleb, o historiador, o autor da crônica que tornaria imortal aquela guerra, enfiara-se como um rato em um buraco escuro à espera do fim do combate, — A esta hora estão fazendo uma carnificina lá em cima — disse o azape, como se adivinhasse seus pensamentos.

O cronista não sabia o que dizer. Lá em cima, sobre a terra ouviam-se como que umas batidas, ora mais distintas, ora mais abafadas. Depois fez-se silêncio por um bom tempo. Então ouviram-se outra vez as batidas, longínquas, e a seguir numa lateral, cada vez mais perto.

— Estão vindo para cá comentou o azape. Ninguém falou. Sentia-se que todos estavam à escuta. Os ruídos se avizinham. Ao chegarem perto, converteram-se em um tropel de cascos. Agora estavam próximos. Bem em cima. A terra tremia. O cronista se encolheu.

— Estão bem em cima de nós — disse o azape. O tropel sobre suas cabeças tornou-se insuportável. O cronista levou a mão aos cabelos para tirar a terra que acreditou ter caído neles, repetindo uma prece, até que o barulho se afastou.

Alguém deixou escapar um profundo suspiro. Aliviado, Mevla Tcheleb tentou dizer algo, mas voltou a ouvir, bem longe, nas profundezas, o tropel a princípio leve e a seguir cada vez mais forte.

— Mais uma leva — disse o azape. Contiveram a respiração. O barulho dos cascos foi ganhando sonoridade, até chegar a hora em que lhes pareceu que o teto desabaria.

— Skanderbeu — disse alguém. Aquilo continuou por um bom tempo, que pareceu ao poeta não só infindável mas também lanoso, devorador como um acesso de febre. Quando o silêncio voltou e pareceu-lhe que não haveria outra onda, Mevla Tcheleb ouviu a voz tranquila do azape que aparentemente já falava havia algum tempo, sem se importar nem um pouco se alguém o escutava ou não.

Onze anos de tropa. Acha muito? E quem sabe quantos viverei. Agora chegou a hora de nós, veteranos, recebermos a terra que nos prometeram faz tempo.

Antes de partirmos em campanha, disseram que nos dariam terras em volta do lugar que iríamos tomar. Sou da Anatólia, mas já vi muitos lugares. Combati em Karabodgan, em Stara Planin, na Bulgária, @ I,,rabullur, na Bósnia, fui até Semender, na Hungria. Em todo lugar há boas terras e sempre que montávamos o acampamento, eu pensava no que poderia ser semeado naquele chão e como seria ele em comparação com o outro em que havia combatido meses antes. Você se admira? Como sapador, não devia se admirar com coisas assim. Vocês também lidam com o barro da terra. Apenas, em vez de render-lhe homenagem, fazem com que passe vergonha. Depois reclamam quando ela se vinga, como aconteceu com aquele túnel que desabou sobre seus colegas. Mas do que eu estava mesmo falando? Da terra. Então, prometeram nos entregar lotes em volta da fortaleza, de modo que no primeiro dia, quando chegamos aqui, meu primeiro cuidado foi ver como era a

terra. Tomei-a nas mãos, apalpei-a, cheirei-a. Terra boa. Deve dar bom trigo. Mas e daí? É terra estranha.

Não me aquece o coração. Deixa-me um vazio aqui. Terra estrangeira. Entende o que quero dizer? Até o cheiro dela é diferente. Sente? Ouviu-se uma arranhadela na entrada. Alguém descia a escada. O azape interrompeu-se. Todos contiveram a respiração. Sentiam que alguém errava às cegas pelo túnel.

— Devagar, meu amigo, para não pisar em ninguém — disse o azape.

— Ah — fez o recém-chegado, medroso.

— Deixe de lado os ahs e os uhs, sente-se e fique à vontade — disse o azape.

— De onde é você?

— Do nono regimento dos eshkindji — a voz do desconhecido soou esganiçada de medo.

— O que está acontecendo lá em cima?

— Nem me pergunte.

— Disseram que os defensores do castelo abriram os portões e saíram — falou alguém. — Sabe de alguma coisa?

— Não sei de nada. Só que aquilo lá em cima virou uma carnificina.

— Sente-se! Sinta-se em casa!

— E se alguém nos flagrar aqui?

— Quem vier será bem-vindo — disse o azape. O recém-chegado parou de se agitar. Aparentemente, sentou-se.

— Guerra... — disse o azape. Ninguém se deu conta do que ele queria dizer. Lá no alto um tropel voltou a soar, mas desviou-se para um lado e se perdeu. Fez-se ouvir de novo e dissolveu-se outra vez, sabe-se lá onde.

— Vou subir um pouco para ver o que acontece — disse alguém.

Seus passos soaram na lama e a seguir na escada. Os outros esperaram ele voltar.

— Parece que as coisas estão se acalmando. Ainda não amanheceu.

Alguém se moveu na escuridão.

— Vai embora? — Era a voz do azape. — Faça como quiser. Vou ficar mais um pouco. Voltaremos a nos ver. Assim que escutar um tropel, corra. Vai nos achar aqui.

O cronista pensou em se levantar também, mas um esgotamento mortal o deteve. A ideia de que poderia não achar sua tenda montada e um abrigo melhor que aquele para deitar e descansar um pouco fez com que fechasse os olhos. Não soube dizer se dormiu ou se apenas teve essa impressão.

Acorria-lhe constantemente à lembrança um cavalo branco, não saberia dizer qual, se o daquele dia ou o anterior, de Murat Han, na planície de Kosovo. Parecia-lhe que vários meses tinham se passado desde aquele dia. Pensou nas páginas da crônica, pisoteadas pelos cavalos. E nas palavras do chefe da intendência sobre o assassinato do sultão, não fora isso?, mais demolidoras e ruinosas que os cascos de um corcel. Tentara evitá-las, docemente, ou brutalmente, mas não fora possível. Fizera um esforço para modificá-las um pouco, atenuá-las, mas elas retornavam, nuas e feias... O grande sultão Murat Han não fora morto pelos cristãos, mas por seus próprios vizires... Um filete de chumbo derretido derramado no ouvido talvez fosse mais suportável. Havia ali horror, mas também um súbito espaço que se abria e a embriaguez da suspeita.

Não chegava a atinar por qual motivo pusera-se a remoer aquilo, logo naquela noite e sem nenhuma razão. Depois, pensou ter descoberto a causa: estava só, na escuridão, em um lugar inusitado, nem sua tenda, nem o escritório, nem a terra, uma espécie de não-lugar, uma terra-de-ninguém, fora da lei, alheia ao mundo e ao

Estado. Era talvez a única ocasião em que poderia ruminar tranquilamente aquilo que jamais ousaria escrever: a verdade sobre a batalha de Kosovo. "Depressa", disse consigo; logo amanheceria. E assim, enfiado na terra, imaginou o Primeiro Canto Fúnebre: o sultão Murat Han, sobre o corcel branco, logo após o fim da batalha, antes do anoitecer, passeia entre os mortos. E de repente um balcânico coberto de trapos e chagas ergue-se da terra, tenta se aproximar, finge querer beijar-lhe a mão, a guarda não o permite, mas o sultão, para a surpresa de todos, diz "Deixem-no", e ele, em vez de beijar a mão imperial, faz surgir do corpo seminu um punhal mais nu ainda e num salto felino atinge-o no coração. Assim está escrito em todas as crônicas; apenas a voz do chefe da intendência brada: "Mentira!". Como se há de acreditar, cretino, que naquele dia sangrento algum ímpio poderia se aproximar assim tão perto do imperador? E como crer que um ferido conseguiria saltar sobre o monarca a cavalo e de um só golpe atingir o coração sob a couraça imperial?

Primeiro Contracanto Fúnebre: ocorreu de fato um homicídio, espantoso, logo antes do crepúsculo, aos olhos de dezenas de testemunhas. Mas não era Murat Han que cavalgava o corcel branco, e sim seu duplo. E quem o apunhalou não foi um filho dos Bálcãs, mas um dervixe especialmente treinado para aquela ocasião, disfarçado de balcânico...

"Acorrei-me, ó musas, no Segundo Canto Fúnebre", pensou.

Segundo Canto Fúnebre: no pavilhão imperial, o conselho de vizires ladeia o sultão. Chega a mensagem da morte do monarca. Murat Han ri, os vizires permanecem soturnos.

"Por que essas caras de corvos?", indaga. "Têm tanto apego à minha sombra?" "É um mau presságio, majestade", responde o grão-vizir. "Quando tomba a sombra, tomba também seu dono." E apunhalam-no.

Segundo Contracanto Fúnebre: é assim que se conta há tempos o conto dessa tragédia, para fazer crer que os cristãos

mataram o sultão... A guarda do duplo e o próprio dervixe assassino foram sangrados na hora, para apagar os vestígios...

"Socorrei-me, musas, é o Terceiro Canto", implorou. Terceiro Canto Fúnebre: do outro lado do campo de batalha, o príncipe herdeiro, Jakub Tcheleb, recebe uma ordenança: "O Glorioso o procura". A caminho, ouve os gritos: "Mataram o sultão!". Mas a ordenança o tranquiliza: "Foi o duplo que mataram, meu senhor". Entretanto, um presságio funesto teima em acompanhar o príncipe.

Terceiro Contracanto Fúnebre: desde que a expedição partira para Kosovo, já se sabia que qualquer que fosse a sorte da campanha, vitória ou derrota, o monarca seria morto. Morto para que subisse ao trono não o primogênito, conforme a lei, mas o mais novo, Bajazit. E assim foi.

"Ajudai, musas, o último canto!"

Derradeiro Canto Fúnebre: o príncipe Tcheleb entra no pavilhão de seu pai. O cadáver do sultão repousa no centro. "Mas este é meu pai", exclama o príncipe. "Disseram-me que foi a sombra que mataram." "Todos neste mundo não passamos de sombras", diz um dos vizires. E apunhalam-no tal como ao pai.

Derradeiro Contracanto Fúnebre: o irmão mais novo, príncipe Bajazit, oculta o rosto entre as mãos. Faz que nada entende quando há tempos tudo entendeu. Prometeram-lhe agir sem derramamento de sangue e ele fez que acreditou. Lança os olhos pela planície de Kosovo, que estende diante de si sua mortalha, e sente que a maldição há de perseguir tanto o vencedor quanto o vencido. Ao longe ecoam os gritos: "Mataram o sultão!". E outra vez as ordenanças asseveram que foi seu duplo, e ele, tal como o irmão pouco antes, marcha para o pavilhão do pai. Entra e fita os dois cadáveres. "Meu pai e seu duplo", pensa. Entretanto todos o aclamam como o padixá e prostram-se a seus pés. Então ele repara que um dos corpos pertence a seu irmão Jakub. "Não pudemos agir de outra forma", sussurra o grão-vizir. E o novo monarca cobre os

olhos com as mãos e as lágrimas correm, mas ninguém jamais saberá dizer que lágrimas são e por que correm.

"Perdoai-me, Alá todo-poderoso!", suspirou o cronista. Sentia-se exausto como quem cometeu um pecado capital. Assim se sentira certa vez, na infância, quando fora introduzido no prazer da masturbação. Por toda a noite o fizera, até que a manhã dera com ele exausto e oco. "Perdoai, Alá", implorou de novo, desejando enovelar-se e perder a consciência, tal como então, quando sentiu que seu vizinho já não estava ali. O temor de ficar só fez com que se pusesse de pé. Procurou a saída às apalpadelas até que achou divisá-la. Com efeito, o dia nascia. Um ligeiro acinzentar, depois uma sombra abissal, pontuada aqui e ali por áreas violáceas, suprimia toda materialidade. Ao caminhar, sentiu o barro desprender-se de suas vestes. Quem o visse o tomaria por alguém recém-saído da tumba. O cronista levantou a gola para não ser reconhecido e apressou o passo. O grande acampamento parecia descansar em paz. Nada lembrava o que ocorrera poucas horas antes. Ele próprio tinha a sensação de ter deixado uma sepultura, onde enterrara, para os séculos dos séculos, sua única crônica de desafio ao Estado. Encheu os pulmões, feliz de ter escapado daquela.

Sentia-se nos oblíquos flancos das tendas a umidade do orvalho, completamente alheia a toda inimizade humana. Terror, clamores, tropel de cascos, tudo fora coberto por milhões de gotículas, cada uma delas trazendo em si algo do fim da noite e da ressurreição da manhã. Porém mais adiante a paisagem mudava de repente. Surgiu a seus olhos toda uma ala de tendas por terra, algumas delas rasgadas. Estandartes derrubados. A carcaça de um cavalo. Mais adiante, um corpo humano, de bruços.

Mevla Tcheleb sentiu um aperto no peito. Era uma cena desolada e triste. Tendas tombadas farfalhando ao vento. O cronista apressou-se a sair logo dali. Enquanto marchava para a própria tenda, ouviu à sua frente passos irregulares. Alguém cambaleava.

Era um vulto alto, com um cajado na mão, movendo-se às cegas. Reconheceu-o ao chegar mais perto: Saded. Murmurava algo e às vezes erguia o cajado como se ameaçasse alguém.

No dia seguinte ao corte da água eles enviaram uma delegação para conversações. Ricamente trajados, os enviados se detiveram diante do grande portão. Um deles levava a bandeira branca, outro extraía um leve rufar de um tambor. Dissemos que se afastassem, do contrário os alvejaríamos. Então, o do tambor gritou: — Ai, infelizes, ouvem este tambor?

Seu couro foi arrancado do corpo dos inimigos do padixá — voltou a tocar o instrumento e acrescentou: — E sabem o que diz o couro? Ha-ha-ha, também de vocês faremos tambores iguais a este. Desgraçados, não sabem o que os aguarda!

Assim se encerraram as conversações. O calor continua. A água está acabando. O poço que escavamos fornece alguma, mas menos do que esperávamos. Estamos abrindo outro. Temos sede. Por fim provamos o assédio pela sede, do qual eles tanto falavam nas negociações que precederam a guerra. Diziam que se pode protelar a comida, mas nunca a água.

Temerosos de outro ataque noturno, eles agora abrem trincheiras e fincam estrepes em torno do acampamento. Enquanto isso, a fundição solta noite e dia um negro rolo de fumaça. Ao que parece estão moldando outro canhão. Seus engenheiros e cientistas que se ocupam disso são tão ferozes como os janízaros que escalavam nossas muralhas. Querem vibrar-nos o golpe de misericórdia. Pensam tirar proveito dos dias escaldantes e da nossa sede. Como se não lhes bastasse a lua, pretendem ter também o sol com eles e, ao que parece, o próprio Deus.

Querem que tudo esteja acabado antes das primeiras chuvas. Porque se começa a chover...

Com frequência erguemos os olhos e fitamos longamente o céu. Nenhuma nuvem. Só o celeste deserto, a solidão.

Doze

O ataque prosseguia. Ao contrário do usual, tivera início à tarde, quando o sol era mais quente. A nuvem de soldados, encharcada de sangue e suor, tomava toda a extensão das muralhas, galgava as escadas, descia, redemoinhava, soluçava e bradava sob o trovão dos canhões e de centenas de tambores que nunca se interrompiam.

Uma densa poeirada chegava a encobrir trechos da paisagem, enquanto deixava ver outros ainda mais pavorosos.

O sol escaldava. Tursun paxá escolhera aquele horário, contrariando as normas de combate, porque a sede castigaria duplamente os castelões. Pelos cálculos do arquiteto (o qual já notara que quanto mais era odiado, mais lhe davam ouvidos), sete dias sem o aqueduto esgotariam qualquer cisterna, por maior que fosse. A água dos poços (os prisioneiros, sob tortura, falavam ora em três, ora em quatro) não daria para dar de beber e cuidar dos feridos. "Num calor desses, é mais vantajoso feri-los que matá-los", comentara o arquiteto. Tursun paxá a custo se contivera para não gritar: "Não nos venha com mais baixezas! Não tente convencer-me de ordenar aos guerreiros que cuidem de não matar mas apenas de ferir o inimigo!". Chegara a dizê-lo, porém sem arroubos, civilizadamente; o arquiteto respondera: "Faça o que julgar melhor".

A despeito de tudo, o arquiteto Kaur dera as mais sábias advertências para o dia do ataque. No conselho de guerra, a maioria opinara por adiá-lo, de maneira que a sede cumprisse uma parte do serviço da espada. O arquiteto teimara que não. Argumentara que o tempo trabalhava para eles, e com efeito a sede aliviava a missão da espada, mas metade de agosto já passara, e quem conhecia aquelas

terras dizia que o tempo das chuvas não estava longe. Uma só chuva temporã poria tudo a perder.

Foi o que bastou para Tursun paxá tomar sua decisão. Mesmo que as chuvas ainda tardassem, ele também tinha um tempo contado. Cercara o castelo com um anel de ferro, mas sentia-se cercado por sua vez. Aos castelões faltava água; a ele, tempo. No máximo poderia estender a campanha até meados do outono. Com as primeiras águas viria também a ordem para recuar, ou seja, para ele, o fim.

O paxá mantinha os olhos fincados no portão principal, onde a pressão de seus soldados era mais forte. Os azape tinham logrado erguer outro andaime de madeira, que agora cobriam de peles de carneiro encharcadas. Grandes esteiras de vime moviam-se sobre a cabeça dos guerreiros como barcas em um mar revolto. Protegidos por elas, seus homens golpeavam o portão com aríetes de ferro.

— A madeira está cedendo — disse o allaibeu. — Parece que foi precariamente reparado.

— Repita a ordem para que não entrem no pátio interno — disse Tursun paxá.

Um dos oficiais partiu a cavalo para o portão. Na noite da véspera, o conselho de guerra fora da opinião de que como o arrombamento do grande portão não havia sido de maior valia durante o primeiro ataque, devia-se abrir mão dele. Porém Tursun paxá dissera que o rompimento de um portão, mesmo que desnecessário, daria mais impulso aos atacantes. Além do mais, daquela vez ele tinha algo acertado com Sarudjan, de forma que a grande porta tinha de se abrir custasse o que custasse.

— Luminoso paxá — disse uma voz reverente, aproximando-se de seu ombro —, o médico Sir Selim deseja falar-lhe.

— Agora? — Tursun paxá nem sequer tirou os olhos da enfumaçada cena diante do portão.

— Agora.

— Que venha.

Sir Selim vergou duas ou três vezes sua longa espinha. Depois, julgando que o paxá não o notara, fez mais uma reverência.

— Fale — ordenou o paxá ao sentir a sombra incômoda do médico atrás de si. "Fale, e ai de você se o que disser não for urgente", acrescentou silenciosamente.

— Perdão se o incomodo, meu paxá, nesta ocasião tão... tão...

— Ande logo — cortou o comandante em chefe.

Sir Selim engoliu em seco.

— É necessário capturarmos um defensor do castelo — disse, apontando com a mão a muralha — vivo, mesmo que gravemente ferido, ou até morto — acrescentou pouco depois, dando-se conta de que pedia demais. — Abrirei suas entranhas e poderei dizer se bebeu água e quanto bebeu.

Um prisioneiro. Durante o primeiro ataque, procuraram fazer prisioneiros, mas a tentativa custara caro. Não era fácil descer com um cativo pelas escadas em chamas.

Um defensor capturado vivo, mesmo ferido, precisava ser carregado por dois ou três guerreiros, enquanto as escadas só permitiam a descida de um por vez. Duas ou três vezes ocorrera que o prisioneiro ferido, debatendo-se durante a descida, escapara e caíra junto com seu captor. Já o cadáver de um inimigo, como queria Sir Selim, era outra coisa. Um corpo sem vida podia ser atirado escada abaixo, já que pouca diferença havia entre um morto esborrachado e outro tendo apenas um ferimento no peito.

— Um prisioneiro, mesmo que morto — repetiu Tursun paxá, sem fitar Sir Selim. — Tragam um, a qualquer custo.

Não se passou muito tempo e ele avistou um grupo de dervixes armados que avançava para as muralhas, às vezes diretamente e às vezes serpeando em meio ao mar de soldados.

Logo depois perdeu-os de vista. Adiante deu outra vez com eles, galgando uma das escadas, mas outra coisa atraiu sua atenção e

o fez perder de vista os dervixes.

O grande portão estava a ponto de ser devassado. Diante dele fervilhava um selvagem turbilhão de guerreiros sempre coberto por uma nuvem de pó. Os canhões ecoavam uns após os outros, arrancando lascas das muralhas.

— Este foi o terceiro canhão — disse o chefe da intendência a Sir Selim após um estampido.

— Tem um som um pouco diferente dos outros dois — observou o médico.

O grande portão cedia. — Tirem-no dos gonzos e tragam-no aqui — ordenou Tursun paxá. A ordem era um tanto esquisita. Ele próprio sabia que do ponto de vista militar a retirada do portão não tinha maior valor. Mas moralmente seria um estímulo a seus guerreiros e uma desmoralização para os sitiados.

A confusão ao pé da grande porta ia num crescendo. Aparentemente os defensores tinham se dado conta da intenção dos atacantes e redobravam os golpes. "Ninguém consegue dormir tranquilo em uma casa sem porta", pensou Tursun paxá. E menos ainda em um castelo.

Ele enviou outro mensageiro com a promessa de uma recompensa especial aos atacantes. Os azape e os mecânicos, já embriagados pelo combate, multiplicaram seu furor.

Três ou quatro tinham sido trespassados pelos ferros do portão e pendiam deles, como que crucificados, mas os outros não se detinham. Trepavam como loucos pelas duas folhas. Depois um grande alarido abafou os outros sons, sem que se pudesse dizer se era um sinal de júbilo ou de alarme, e o gigantesco portão caiu por terra com um estrondo. Os assaltantes, depois de abrirem espaço no momento da queda, subiram sobre ele como formigas. Inquietos, agitaram-se longamente em torno da presa, até que ela começou a se arrastar lentamente, impulsionada por dezenas de cordas, ganchos e braços nus. Os castelões alvejavam-nos com fúria, mas a despeito

disso a grande porta metálica se afastava sempre mais. No meio da poeirada, dezenas de mortos eram arrastados junto com as ferragens sem que ninguém se ocupasse deles.

Cobertos de sangue e pó, os assaltantes afastavam a carcaça da zona de combate, bradando aos céus como quem rapta uma noiva.

Outra vez os canhões ribombaram e outra vez, após o último estampido, o chefe da intendência fez notar a Sir Selim: — Este é o terceiro canhão. — Agora também o reconheço — disse o médico, sem desgrudar os olhos das muralhas, onde os dervixes travavam um combate corpo a corpo com os defensores.

— Ele alveja um ponto cada vez mais baixo — observou o intendente.

— Estou vendo — aquiesceu Sir Selim, sem desfrutar os dervixes.

No espaço vazio entre os atacantes e o acampamento, os estafetas a cavalo pareciam cada vez mais solitários. Padiolas com feridos voltavam do pé das muralhas. Adiante, um grupo de soldados com tambores seguia em marcha acelerada para substituir os que, na vanguarda, trespassados pelas flechas, silenciavam de todo ou deixavam escapar um soluço abafado, conforme a gravidade de seus ferimentos.

— Estão trazendo, estão trazendo — exclamou baixinho Sir Selim, franzindo as faces para enxergar melhor.

O chefe da intendência olhou na mesma direção, mas nada distinguiu.

— Ah, os olhos me enganam — disse o médico pouco depois. Mais uma vez deixou escapar um "Estão trazendo", mas enganara-se de novo.

Pela terceira vez avistou algo: um dos dervixes assomava de fato sobre uma seteira, com um corpo nos braços. Ágil como um gato-do-mato, agarrou-se a uma escada, sem soltar sua presa, e

começou a descer. Os janízaros que subiam se detinham para abrir caminho. Ao que parecia o dervixe descia bradando que conduzia um prisioneiro a mando do paxá. A escada estava em chamas em alguns pontos e os azape trouxeram outra nova, mas antes que a outra se desfizesse o dervixe lançou-se ao solo. Seu vulto desapareceu por um tempo, depois despontou de novo em meio à confusão, sempre conduzindo sua presa.

— Estão trazendo — gritou Sir Selim.

Tursun paxá e todos os demais voltaram os olhos na direção indicada pela mão do médico. O dervixe se aproximava num passo ligeiro com um corpo nos braços, os pés descalços pisando o pó. Quando chegou perto, viram que sua face escura estava banhada de suor e que a boca aberta a custo tragava o ar quente. O dervixe soluçou. Uns fios de sangue desciam de seu pescoço para o peito nu, mas não se saberia dizer se o sangue era dele ou do corpo estrangeiro que carregava às costas. A loura cabeça do cativo balançava molemente sobre o ombro brônzeo do dervixe.

— Solte-o — bradou Sir Selim em um assomo de rispidez. Seu longo pescoço e todo o rosto se tingiram de vermelho.

O dervixe, num supremo esforço, lançou o corpo por terra. O médico ajoelhou-se e começou rapidamente a apalpar-lhe o tórax, a boca e os olhos.

— Ainda está vivo — gritou.

— Vivo?

— Vivo. Mas logo vai morrer.

Abriu a boca do prisioneiro e pôs-se a fazer alguma coisa com sua língua.

— Tem sede? — indagou o paxá.

— Sim, meu paxá. Em breve saberemos melhor quanta sede ele tem — respondeu o médico.

Agilmente extraiu de seu saco de couro umas facas e curvou-se de novo sobre o corpo do prisioneiro. Alguns dos que se achavam

perto viraram o rosto para não ver.

A maioria já participara de colossais matanças, mas ainda assim empalideciam ao ver o que fazia o médico. Pela primeira vez descobriam que o lento sacrifício de uma pessoa era dez vezes mais pavoroso que sua morte fulminante no fio da lança ou da espada. Por um longo momento Sir Selim ocupou-se do torso nu do estrangeiro.

Quando se ergueu, tinha os braços ensanguentados até os cotovelos. Mantendo-os afastados para não manchar a túnica, aproximou-se do paxá.

— Estão secos, desidratados, como se diz na medicina, mas ainda bebem um pouco d'água — disse.

O paxá entrecerrou os olhos, fatigado, e suspirou profundamente. Depois fez um sinal com a mão e imediatamente retiraram o corpo mutilado. O dervixe ficou ali, ainda arquejando.

— Recompensem-no — disse Tursun paxá, enquanto corria os olhos exaustos por toda a dimensão das muralhas.

A paisagem não mudara. Viu o mesmo movimento desconexo e repetido, as mesmas centenas de escadas, algumas cheias de soldados, outras vazias, outras semi-incineradas, e a mesma poeira amarelada que rodopiava sem parar antes de pousar sobre as chagas dos guerreiros. O sol já não estava a pino, mas ainda queimava sem piedade. Tursun paxá sentiu a vista escurecer. Às vezes caía em um torpor do qual só despertava com o troar dos canhões.

Um mensageiro montado chegou a galope. — Mataram Utch Tundjurt — bradou de longe. Tursun paxá voltou os olhos para o torreão leste, onde os eshkindji se agitavam.

Observados de longe, os movimentos dos combatentes pareciam espaçados, como se vistos num sonho, mas ele bem sabia quanta selvageria podia se esconder por trás daquela aparente lentidão.

Forçou-se a afastar os olhos dali, como se quisesse reconquistar a calma, fitou um ponto mais abaixo, ao pé das muralhas, onde uma multidão de azape, sob o comando de Karamukbil, parecia suportar nas costas todo o peso do ataque. Ele próprio fora outrora um comandante dos azape e sabia o que significava uma situação daquelas, que ele chamava o primeiro andar da guerra. Retirar a toda hora escadas em chamas para substituí-las por outras, tombar por terra, muitas vezes para não mais se erguer, ser atingido quando menos se esperava pelo voo cego de uma seta, pelo óleo fervente ou o enxofre, e por fim o mais insuportável, ver-se pisoteado pelos seus, eshkindji, janízaros, dallkelletch, guerreiros da morte, sem um queixume sequer, ou até olhando-os com embevecimento, pois eles galgavam os picos da glória, enquanto você continua embaixo, no piso térreo, para morrer tal como viveu, de uma morte que ninguém nem repara...

O velho Tavdja fizera seus janízaros se afastarem um pouco do espaço vazio onde antes estivera o portão principal e que agora, surpreendentemente, parecia ainda mais amedrontador. Abrigados sob os umbrais ainda fumegantes, os janízaros esperavam a ordem de se precipitar pelo pátio interno, rumo ao segundo portão.

Os canhões ainda ribombavam escalonadamente, como para recordar que pertenciam a uma esfera superior, aparentada com a dos golpes divinos.

Uma nova nuvem de poeira subiu de uma brecha na muralha por cima do portão interior.

— Agora Sarudjan vai tentar derrubar a segunda porta com o canhão — disse o chefe da intendência a Sir Selim.

O médico nada comentou. Parecia ruminar alguma coisa. — Tarefa difícil — observou um sandjakbei com uma mão amputada.

— Tarefa difícil, mas é o que ele fará — disse o intendente. — É um canhão novo, nunca foi usado.

O sandjakbei balançou a cabeça, pensativo. — Acho difícil — disse. — Será preciso apontar muito baixo, o que é perigoso.

— Eu sei — disse o chefe da intendência. Os canhões ecoaram mais uma vez. O terceiro deles atingiu as ameias à direita do portão, forçando a brecha que havia ali.

— Da próxima vez com certeza ele acerta — disse o allaibeu, sem se dirigir a ninguém em particular.

A unidade de janízaros aproximara-se ainda mais da entrada. — Tavdja se prepara — observou o sandjakbei maneta. — Vai, vai logo, velho! — murmurou.

— Quando atacarem vai ser pior que um terremoto — disse alguém às costas deles.

Uma agitação percorreu o grupo de dignitários que assistia à batalha. Todos esperavam pela nova salva de canhões. Agora ninguém mais se detinha no que acontecia nas muralhas. As escadas que tombavam, combatentes que escorregavam e caíam, investidas súbitas e traiçoeiras, tudo aquilo parecia uma rotina aborrecida que se repetia pela centésima vez sob o rufar monótono dos tambores. Todas as atenções se concentravam no vão do portão principal, onde as tropas de Tavdja, formadas em grandes quadriláteros, esperavam o sinal do ataque.

As bombardas disparavam em rápida sucessão. Seus projéteis caíam em algum lugar nas profundezas do castelo. Depois trovejaram dois dos grandes canhões. Seguiu-se um silêncio em que todos esperaram pelo som já conhecido da terceira peça. Mas ele não vinha.

Os janízaros agora se comprimiam nos umbrais do portão principal, por onde se via uma parte do pátio interno, completamente deserto. Sobre as esteiras que os protegiam voavam sem parar setas, dardos e tochas, mas eles não arredavam pé. Aparentemente os defensores do castelo também tinham se dado conta de que se preparava uma investida contra o segundo portão,

pois acorriam para as seteiras. Porém os azape, os eshkindji e os corpos voluntários aumentavam a pressão em toda a linha de ataque, de maneira que forçavam uma parte dos castelões a permanecer em suas posições. Tursun paxá retardava a ordem para lançar no ataque os dallkellech e o único batalhão restante dos guerreiros da morte. Esperava o terceiro canhão. "Por que não soa?", "O que há?", "Onde se meteu Sarudjan?". Repetia sem cessar essas frases não pronunciadas, com crescente impaciência. Enviou um oficial até a oficina dos canhões. Mas o mensageiro não se afastara cem passos quando ecoou o tiro do terceiro canhão, que devido à tensão nervosa pareceu a todos ainda mais forte e fez o chão tremer. Logo após o trovejar ensurdecedor, um áspero e estranho assovio cortou o ar, bem baixo, quase sobre a cabeça deles. Todos procuraram o ponto onde o projétil deveria cair, mas, quando se esperava vê-lo espatifar o segundo portão, ele tombou bem no meio dos janízaros.

— Oh — fez o paxá com uma voz estranha. As cerradas fileiras dos janízaros imediatamente se confundiram. Criou-se uma confusão infernal diante do portão. De toda parte acorriam oficiais para contar as baixas.

Tavdja cavalgava em direção a Tursun paxá, seu corcel negro erguendo uma nuvem de poeira. Seu gemido se fazia ouvir de longe. Dois guardas adiantaram-se para flanquear o paxá. O agá dos janízaros deixou-se cair da sela como se tombasse. Seus gritos eram tão altos, de cambulhada com palavras em mongol, que foram mais adivinhados que compreendidos. As mãos curtas acompanhavam o discurso parecendo querer estrangular alguém. Quando seus brados tornaram-se um pouco mais compreensíveis, verificou-se que diziam mais ou menos o que se esperava.

— Nos pegaram, os bandidos, vendidos, hereges! Paxá, como tolera uma coisa assim?! Golpearam-nos pelas costas! Traidores! Tursun paxá escutou em silêncio, sem interrompê-lo.

— Até agora aguentamos as besteiras deles. Agora, atiram em nós pelas costas — prosseguia Tavdja, sempre aos berros. — Isso é intolerável. Intolerável!

— Quantos morreram? — indagou o paxá.

Tavdja mal tomou fôlego. — Dezenas, centenas. Meus janízaros, filhos de Kara-Halil. Quero vingança. Quero o culpado. Paxá, quero a cabeça do culpado. Meus janízaros querem o culpado.

— Vai tê-lo — disse o comandante-em-chefe. — Agora — exclamou em voz profunda o velho Tavdja. — Eles o exigem agora. Estão enfurecidos. Eles próprios querem julgar. Dê-me o culpado.

— Tragam imediatamente o culpado — ordenou o paxá. — Tragam o tchauchbash. Tragam o alferes.

O comandante do acampamento adiantou-se às pressas. — Encontrem e acorrentem o culpado, esteja onde estiver — ordenou o paxá. — Depois de acorrentado, entreguem-no aos janízaros. Eles têm o direito de tratá-lo como bem entenderem.

— Meu paxá — interrompeu o chefe da intendência, muito pálido —, e se... se for... Sarudjan?

Tursun paxá deu de ombros, como se dissesse "Nada posso fazer". O tchauchbash, escoltado por um grupo de soldados, partiu no rumo dos canhões.

— Isso vai mal — disse o paxá, como se falasse consigo. Prosseguir o assalto sem os janízaros seria inútil. Ele deu ordem de recuar.

Enquanto as unidades exaustas e desfalcadas se retiravam em formação, e assim que o paxá voltou-lhe as costas, o chefe da intendência apressou-se na direção dos canhões. Na porta da oficina deu com o ajuntamento de janízaros, tendo à frente Tavdja e o comandante do acampamento. Pareciam uma horda selvagem. À sua frente, o chefe da intendência reconheceu o ajudante de Sarudjan, acorrentado dos pés à cabeça e com o rosto pálido como cera. Três ou quatro janízaros o arrastavam na poeira. O rapaz ergueu para o

chefe da intendência um olhar esgazeado, implorando ajuda. Mas a horda avançava às pressas, de forma que o intendente não precisou suportar longamente aqueles olhos. Ouviu então uma voz conhecida que gritava com fúria. Era Sarudjan. Vinha apressado, atrás do ajuntamento de janízaros, seguido por seu ordenança.

— Parem, cães, animais! Soltem-no! Soltem-no, estou dizendo! Vão pagar com suas cabeças.

— Sarudjan — disse o chefe da intendência em tom suave, tocando seu braço —, espere um pouco.

— Deixe-me, não me atrapalhe. Ele não teve nenhuma culpa. Parem!

O intendente precisou apertar o passo para acompanhá-lo.

— Espere, Sarudjan, não adianta ir atrás deles. Não vê que não o escutam? Espere!

— Não, não espero. Parem, malditos, cães! Tavdja, você e sua gente são umas bestas, uns ignorantes, ouviu? Animais imundos, soltem-no!

O grupo seguiu em seu passo acelerado, sem que ninguém se voltasse. O chefe da intendência percebeu que Sarudjan estava prestes a se lançar sobre eles e deixar-se prender também.

— Sarudjan, irmão, espere, por favor! Tentou reter pela força o engenheiro-mor e fez sinal para que um guarda o ajudasse. O soldado aproximou-se, mas não ousou fazer nada.

— Tavdja Takmakhan, seu saco de estrume, cretino, torto, ainda vou pisar nessa sua cabeça dura. Vou alvejar seus janízaros com meus canhões na próxima oportunidade! Vou demoli-los sem piedade! Acertarei a mãe de cada um! Ai!

O chefe da intendência finalmente conseguiu contê-lo. Sarudjan espumava de raiva. Tinha as pupilas vidradas. "Esfregue-lhe as têmporas", ordenou o intendente à ordenança. Ele próprio enxugava-lhe a espuma que corria dos lábios. As tentativas de Sarudjan para libertar-se foram amainando. Apenas a cabeça ainda

se voltava para onde os janízaros se afastavam, com as veias intumescidas como antes, porém a língua tropeçava e suas imprecações iam se tornando incompreensíveis.

Quando os janízaros desapareceram de vista, Sarudjan gemeu como se estivesse ferido.

— Como farei sem ele? — estava a ponto de chorar, com uma entonação grave, pontilhada de passagens agudas. — Os imbecis vão matá-lo. Diga: como farei sem ele?

— Haveremos de pensar alguma coisa — disse o chefe da intendência —, algo que possa salvá-lo.

— A quem falar? A quem me queixar? — soluçou Sarudjan. — Isto aqui é como um deserto.

— Haveremos de pensar alguma coisa — repetiu o chefe da intendência.

Sarudjan fitou-o com um olhar convulsionado, tentando discernir se seria caso de dar crédito ao intendente ou se ele apenas queria consolá-lo.

— Eles vão se arrepender do assassinato, mas então será tarde demais — disse, soturno.

O chefe da intendência dava tratos à bola em busca de alguém que pudesse interceder junto ao paxá. Ele próprio poderia fazê-lo, certamente, mas suas palavras não pesariam o bastante, pois todos sabiam que era muito amigo de Sarudjan. Era preciso encontrar outra pessoa, alguém não envolvido. Kurdishdji seria ideal, mas àquela altura jazia em sua tenda, delirando, com dois profundos talhos no ombro, recebidos durante a incursão de Skanderbeu. Karamukbil de pouco serviria, todos sabiam que não se dava bem com o velho Tavdja. Além do mais, ele e seus azape tinham suportado o peso principal daquela penosa investida, não era uma ocasião adequada para falar da salvação de uma vida a alguém que assistira ao sacrifício de algumas centenas. O mufti

estava fora de cogitação, seria o primeiro a rejubilar-se com a morte do rapaz. Só restava um nome: o allaibeu.

— Vamos ao allaibeu. Ele poderá fazer algo.

Enquanto seguiam para a tenda do comandante dos spahis, passaram por incontáveis colunas de soldados que retornavam das muralhas. Seus rostos e seus movimentos deixavam transparecer uma brutal fadiga. Muitos amparavam nos braços camaradas feridos, cujas cabeças, às vezes com os cabelos chamuscados, balançavam no compasso da marcha.

Por mais de uma vez o chefe da intendência voltou o olhar para não ver feridas horrendas, fruto do trabalho conjunto do ferro, do pez e da pedra.

Trataram de seguir por ruelas onde o fluxo de soldados não acesse, mas foi impossível. Os guerreiros, em soturno silêncio, seguiam em busca de suas tendas. A tarde tombava e a luz do sol começara a se tingir de vermelho, o acampamento assumia a feição de uma imensa esponja embebida de sangue e suor.

— É um momento inapropriado — comentou o chefe da intendência —, mas ainda assim vamos tentar.

O allaibeu estava só em sua tenda. Ouviu atentamente o chefe da intendência (Sarudjan não abriu a boca), mas o cenho carregado não se moveu. Quando o intendente concluiu e o allaibeu continuou com os olhos fixos no mesmo ponto, ficou entendido que ele nada faria. Respondeu pausadamente, como se fizesse um esforço. Disse que se sentiria muito honrado caso sua interferência pudesse ser útil a tão eminentes sábios. Compreendia perfeitamente que a morte de um engenheiro capaz não correspondia aos interesses gerais do padixá e do Império, mais ainda agora, que mal tivera início a era dos novos exércitos e quando em todo o Império os fundidores de canhões contavam-se nos dedos. Pedia que não o interpretassem mal. Disse que precisavam levar em conta o estado de espírito dos soldados após um dia pavoroso, depois de serem

implacavelmente vitimados pelas lanças e pelo pez, quando, no preciso momento em que depositavam todas as esperanças nos canhões, foram alvejados pelas costas e justamente por eles. Seria difícil entender-se com esses guerreiros, em sua maioria acometidos de insolação, sobretudo agora. E mais ainda em um assunto que envolvia Tavdja.

Sarudjan murmurou uma imprecisão assim que ouviu o odioso nome do agá dos janízaros.

Quando se despediram, o allaibeu sugeriu que eles mesmos podiam tentar interceder junto ao paxá, ainda que considerasse as chances de sucesso muito reduzidas.

— Vamos ao paxá — disse Sarudjan, quando os dois deixaram a tenda do allaibeu. — Vamos imediatamente. Do contrário aqueles desgraçados vão estrangulá-lo sem nem esperar o julgamento.

Chegaram à tenda de Tursun paxá quase correndo. À porta, guardas com achas de guerra em punho cortaram-lhe o caminho.

— Viemos ver o paxá — disse secamente o chefe da intendência.

O guarda fez uma negativa com a cabeça. Uma das ordenanças do comandante-em-chefe despontou à entrada.

— O paxá está fatigado — disse. — Deu ordens para que ninguém o incomodasse.

— Diga-lhe que temos um problema urgente — contestou Sarudjan. — Eu sou Sarudjan, o engenheiro-mor dos canhões, e este é o chefe da intendência.

— Não os reconheci — respondeu a ordenança; fez uma reverência e voltou a desaparecer no pavilhão.

Os dois guardas fitavam os recém-chegados de soslaio. As lâminas das alabardas captavam esporadicamente os últimos raios do sol.

A ordenança ressurgiu pouco depois.

— O paxá está com dor de garganta — disse. — Não pode recebê-los.

Sarudjan levou a mão às faces, como se o tivessem estapeado. — Diga-lhe que... diga-lhe que nós... Porém a ordenança desaparecera sem escutá-lo. Os olhos de Sarudjan se chocaram com o cenho cerrado de um dos guardas.

— Vamos — aconselhou o chefe da intendência. Voltaram-se para ir embora. Agora caminhavam sem pressa. Não tinham motivo para correr. Toda a parte do acampamento situada aos pés das muralhas, que pouco antes fervilhava como um mar dos infernos, agora se esvaziara. Apenas o grande portão de ferro arrastado até o acampamento permanecia ali, deitado no pó, como uma velharia inútil.

Mais adiante deram com longas fileiras de carros que partiam para recolher os mortos.

Sem que eles próprios dessem por isso, suas pernas os conduziram até o trecho onde ficavam as tendas dos janízaros. Iam em passadas comedidas, como se quisessem nunca chegar.

Não apertaram o passo sequer quando deram com um grande ajuntamento de janízaros rodeando algo que se passara ou se passava. Quando se aproximaram mais, viram que muitos soldados iam se afastando em pequenos grupos. Era um sinal de que o espetáculo terminara. Ainda assim eles se aproximaram da roda de janízaros que ia se dispersando. Os olhos deles estavam atônitos e esgazeados... Alguns ainda empunhavam distraidamente seus iatagãs e alabardas. Em algum ponto do ajuntamento divisaram as costas atarracadas de Tavdja que se afastava. Todos se iam, exceto eles. Quando se aproximaram mais, buscando com os olhos um corpo supliciado, deram com retalhos de membros. Era uma mistura de terra, sangue, ossos e pedregulhos, amalgamada por uma fúria cega.

Mantiveram os olhos fixos no saco que ia se enchendo. Alguns janízaros que haviam se retardado observavam com reverência os dois figurões. Com certeza tinham participado do massacre. Mas agora já não havia fúria ou ódio em seus olhos. Apenas vaguidão e um grande cansaço. O chefe da intendência contemplou-os detidamente. Há poucos instantes, haviam retalhado o mecânico com todo o ódio e todo o pavor que sentiam pelo enigma do saber. Ao reduzirem o rapaz a pedaços, pensavam se livrar do medo do desconhecido. Libertar-se-iam, talvez, por certo tempo, até que ele novamente se acumulasse na consciência deles, gota a gota, e voltasse a tiranizá-los. Então buscariam outra vítima que os aplacasse.

O intendente e Sarudjan foram-se sem uma palavra. O sol se punha. As primeiras carroças retornavam carregadas de cadáveres. O sangue gotejava sob as rodas. Havia pouquíssimo movimento entre as tendas. Um pelotão de sapadores seguia com suas pás e picaretas, aparentemente para cavar as valas comuns.

Alguém cumprimentou-os, mas eles não retornaram a saudação.

— Salve, efêndis — repetiu Sir Selim, apressando-se.

Salve — respondeu o chefe da intendência. — O que houve? — quis saber o recém-chegado.

Nenhum dos dois respondeu. — Vou visitar o paxá — disse Sir Selim, embora ninguém houvesse perguntado. — Pensei em outro meio de deixá-los sem água.

Mais uma vez não obteve resposta. Caminhava ao lado deles e sua sombra projetada no chão assumia proporções monstruosas. Repentinamente seu rosto e seu longo pescoço se congestionaram de sangue.

— Pensam que a guerra são apenas canhões e livros-caixas? — disse, com amargura, apertando o passo. Quando já se

distanciava, voltou a cabeça: — Mas certamente não pensaram nos ratos, efêndis.

— Apanhou uma insolação — disse o chefe da intendência. Sarudjan não respondeu. Agora eles seguiam pelo centro do acampamento, que estava no mais completo abandono.

Um grupo de médicos deixava a grande tenda de Kurdishhji. Outro pelotão de sapadores rumava para uns grandes buracos, com as ferramentas ao ombro.

Eles acometeram tal como da primeira vez e tal como da primeira vez os rechaçamos. Tínhamos sede, o sol impiedoso torturava-nos, mas resistimos.

No pior momento, o destino quis que um dos canhões deles, o mais terrível, golpeasse seus próprios soldados em lugar do segundo portão. O ataque interrompeu-se.

Faz dois dias que as gralhas esvoaçam sobre as cristas das muralhas. Embora os cadáveres tenham sido recolhidos, permaneceu, ao que parece, o cheiro do sangue.

A aparência delas e seu crocitar nos acabrunham, mas não temos água para lavar o sangue.

Daqui se veem os campos de exercício onde os soldados testam novas escadas de assalto. Sobem e descem por elas, aplicam-se no uso de ganchos de ferro, como demônios.

Às vezes se exercitam com archotes em punho. Aparentemente preparam-se para um assalto noturno.

Também nós nos preparamos para o que quer que aconteça. Cremamos os cadáveres, depositamos as cinzas em urnas e as enterramos bem fundo, para, caso ocorra o pior, eles não as encontrem e não as profanem, como é seu costume.

Sabem que a sede nos queima e, para aumentar nosso suplício, improvisaram um açude no lugar onde romperam o aqueduto. Em torno dele, soldados despidos se banham e se aspergem o dia inteiro, despidoradamente.

Para piorar nosso estado de espírito, ou para elevar o deles, ensaiam frequentes farsas teatrais. Assim, ontem, avançaram com uma bandeira branca até o vão onde ficava a grande porta. Detiveram-se no umbral, como se o portão ainda estivesse ali. Fizeram até o gesto de quem bate uma aldraba. Quando nossa guarda os alvejou, logo baixaram as viseiras de seus elmos e, pela maneira como as setas resvalavam em seus corpos, vimos que sob as vestes de seda traziam couraças de ferro.

Treze

Já não atentava para o que lhe diziam. Enquanto se revezavam na enumeração das baixas, nos comentários sobre como prosseguir a guerra e nas ponderações sobre a nova sugestão de Sir Selim, convidado pela primeira vez para o conselho de guerra, Tursun paxá remoía sem cessar a última prestação de contas do allaibeu, que lhe chegara às mãos pela manhã. Ao ler aquelas páginas cobertas por uma densa caligrafia, voltara a ouvir o vasto e poderoso murmúrio da soldadesca, daquela vez mais áspero e amargo. E agora, tal como então, pressentia claramente por trás do murmúrio o fastio da guerra. Em quase todas as campanhas que comandara, esperara por seu aparecimento como quem espera um velho e temível conhecido. Nem as mais pesadas baixas, nem as quebras de disciplina, as felonias ou as brigas entre comandantes, as imprecações contra o Império ou contra ele próprio, nem mesmo a aparição de um surto de peste o apavoravam tanto como aquela poeira soturna que se depositava imperceptivelmente sobre as faces, os movimentos, olhos, mãos, braços, vozes, dos soldados e oficiais. Naquela campanha, ele sabia, ela também compareceria, como sempre. O paxá fizera o impossível para retardá-la. Seus sinais tinham se manifestado pela primeira vez havia coisa de um mês e meio, logo após o primeiro ataque, porém esvaneceram-se a seguir. Os julgamentos sumários e sobretudo os boatos sobre inquéritos sigilosos, a descoberta e o sentenciamento dos espões da nova arma, as disputas pela posse de prisioneiras, uma nuvem que segundo se dizia aparecia à meia-noite sobre o rio, a chegada de artistas da capital (dizia-se que a primeira bailarina se apaixonara por um guerreiro da morte e os dois se torturavam por não poderem se unir) e sobretudo a busca e a descoberta do aqueduto sem dúvida haviam

ajudado. Mas ele sabia que o fastio da guerra nunca se afastava de todo. Nunca o aguardara com tamanho pavor. E eis que por fim ele aparecia. Já não eram seus prenúncios, como há um mês e meio, mas ele próprio, tão gigantesco, poeirento e antigo como a própria guerra.

Falavam de um novo ataque. Uma parte fincava pé na defesa de incursões sucessivas, para que os exaustos e sedentos castelões não tivessem trégua. Quem mais insistia na sequência de assaltos era o chefe da intendência. Fazia-o, o paxá sabia, com a mente na escassez de víveres. A investida noturna de Skanderbeu havia destruído principalmente sacas de arroz e odres de mel. O intendente recriminava uma certa mentalidade que, ao dedicar com razão todo cuidado à guarda das partes do acampamento onde se localizavam os canhões, as unidades de elite e as tendas dos comandantes ("E não excluo minha própria tenda", acrescentou), mostrava um indesculpável desprezo pelos armazéns de víveres, como se estes não tivessem dono. Relatava como, naquela noite, o mel derramou-se pela terra, e era de cortar o coração ver como os cascos dos cavalos escorregavam nele. "A não ser que algum de nossos militares o tenha feito de propósito, para retardar os movimentos do inimigo", concluiu, num tom de indisfarçada ironia.

O oficial que respondia pela segurança dos armazéns empalideceu. Com frases entrecortadas mas amargas, declarou-se espantado ao ver que em pleno conselho de guerra se atribuía o mesmo valor a uns odres de mel e ao sangue turco. O chefe da intendência, com um esgar, contestou que ali reunia-se o conselho de guerra, e não o mercado das palavras vazias. Pelo desdém que transparecia em seu rosto, via-se que as palavras a seguir seriam ainda mais demolidoras e por isso o allaiheu interveio para dizer que até então o conselho de guerra nunca ouvira comparações daquela ordem; acrescentou que até o imperial regulamento de guerra prescrevia que antes de cada ataque se fornecesse a cada soldado

uma ração de mel, como tonificante, o que atestava o valor de tal substância, e era nesse sentido que ele compreendia as inquietações do intendente.

Tursun paxá disse-lhes que retornassem à questão do ataque. Alguém mencionou o astrólogo.

— O que diz ele, o adivinho? — O paxá não escondia seu desdém.

Ninguém respondeu. Tursun paxá repetiu a indagação, dessa vez dirigindo-se ao mufti, que via de regra se entendia com os intérpretes dos astros.

— Por enquanto ele não predisse coisa alguma — disse o mufti.

— Ah, é? — rosnou o paxá. — Então prognosticaremos nós alguma coisa em relação a ele.

Fez-se silêncio. — Os guerreiros sacrificam a vida sob as muralhas, enquanto ele evita fazer previsões — bradou ainda o paxá, com a voz rouca. — Que seja açoitado em público! E depois, ponham-no a trabalhar nas fossas, tal como o primeiro.

Os outros já não se surpreendiam com uma repentina explosão como aquela. O paxá não ocultava sua aversão a todos os enviados e funcionários vindos da capital. Parecia-lhe que a maioria vinha assistir à sua desgraça, portanto ele estava sempre buscando um pretexto para puni-los. Passado o curto silêncio em que o escrivão assinalou a ordem para punir o astrólogo, os membros do conselho retomaram suas intervenções, um após o outro. Uma parte contra-indicava um ataque maciço. Diziam que melhor seria esperar que os poços do castelo e os próprios castelões se infectassem, conforme as recomendações do médico Sir Selim. O paxá acompanhou algumas das falas antes que sua atenção escapulisse outra vez.

Alguém recordou as nuvens. — Lamentavelmente nosso magnífico padixá não tem poderes sobre as nuvens — disse o chefe

da intendência, contradizendo Karamukbil, que desaconselhava um ataque imediato. — Um belo dia as nuvens podem aparecer no céu e uma chuva inesperada saciará a sede deles, que tantas penas nos custou.

A chuva. Nunca em sua vida Tursun paxá se ocupara tanto dela como naquelas duas últimas semanas. Aquela palavrinha curta e desajeitada dava-lhe calafrios. Abominava-a, tratava de esquecê-la, mas nada. Quando olhava o céu desimpedido, em sua límpida altivez, sob o império do sol ardente, parecia-lhe às vezes que toda chuva fora banida do mundo. Mas sabia que mesmo naquele preciso momento, no auge da estiagem, em alguma outra parte do mundo a chuva caía, mansa e monótona como a própria morte.

Por enquanto estava longe, mas bastaria um instante para que as pérfidas nuvens a trouxessem de repente e suas odiosas gotas a tudo afogassem.

— Eles esperam a chuva — prosseguia o chefe da intendência. — Instalaram em uma das torres umas folhas metálicas que vibram, por meio das quais tratam de prever o tempo. Isso mostra que estão mal. E que devemos nos apressar.

O conselho voltou a ser tomado por aquela confusão em que tudo era subvertido. Quem mais sofria eram os sandjakbei. Eles acompanhavam com os olhos o mufti, que ostentava um ar soturno, com o pensamento longe. Encarara a condenação do astrólogo como uma derrota pessoal, que lhe oprimia o peito. Pediu a palavra.

— Tudo que nos acontece tem uma única causa — disse em tom grave. — A licenciosidade toma conta do exército. Aparentemente, a influência da maldita cruz está a fazer seu trabalho. A religiosidade perde força. Os pecados se acumulam. Durante o último assalto, boa parte dos eshkindji havia bebido. A degenerescência corrompe a tudo, mas os oficiais fingem não ver.

O mufti exortou todos a se recomporem antes que fosse tarde. Exigiu que a leitura do Corão se tornasse obrigatória. Que se

proibisse o consumo de álcool no acampamento.

Que se interditassem o comércio de prisioneiras e a presença de prostitutas. Afirmou ser contrário à vinda de artistas da capital. Guerreiros otomanos não precisavam de mulheres públicas a rebolar, nem de grã-finos vestindo a última moda.

— E há algo mais — acrescentou, fixando os olhos em Tursun paxá. — Para o bem do exército e para o seu próprio, recomendo que mande de volta as fêmeas que trouxe consigo. É só.

O silêncio fez-se tão pesado que o escrivão não ousou violá-lo com sua pena.

"Víbora!", disse consigo Tursun paxá. Seus olhos chispavam mais que o rubi em seu anel. Todos continham a respiração. Sabiam que não existe enfrentamento mais perigoso em um conselho de guerra que aquele entre o comandante-em-chefe e o sacerdote-em-chefe. Era tal como se o grande padixá, que concentrava os dois poderes, rompesse consigo mesmo.

"Cruza de víbora com escorpião", murmurou ainda Tursun paxá. Por certo o outro sabia de seus problemas na corte, por isso ousava fanfarronar. Algo porém ele ignorava.

Desconhecia que, caso vencessem, todos os muftis e imames do Império de nada valeriam, embora, caso perdessem, até uma formiga derrubaria o paxá.

"Monte de merda", imprecou ainda com seus botões. Gostaria de dizer-lhe todos os palavrões que Sarudjan usara dias atrás contra Tavdja, reportados por Kapduk em um relatório especial. Mas, como não tinha o hábito das grosserias, eles não lhe acorriam à memória. "Seu miserável monte de merda", dissera outro dia Sarudjan, "hei de limpar o cu com sua barba!" Antes mesmo que o paxá abrisse a boca, todos os demais se deram conta de que ele se sentia forte, e foi o que bastou para que a maioria bandeasse para o seu lado.

— Eu o escutei, mufti — disse pausadamente. — Ou seja, ouvi suas imprecações contra os gloriosos soldados e oficiais que

travam esta guerra. Agora escute você: as prisioneiras serão admitidas, os artistas continuarão a chegar da capital, o Corão continuará a ser lido tal como antes, nem mais nem menos. Os soldados de folga vão se divertir como quiserem, e eu junto com eles. Se isso não lhe agrada, suma-se daqui. Agora mesmo.

Tanhank emitiu um som como o de uma garganta cortada, bem no instante em que ninguém sabia como haveria de terminar o enfrentamento. Houve quem invejasse aquele ruído inarticulado. Todos sabiam que até nas anotações do escriba as intervenções do surdo-mudo eram consignadas assim: "Grito de Tanhank". Naquelas circunstâncias era aparentemente um grito de apoio ao paxá, já que este defendera seus eshkindji.

De seu assento, o mufti elevou a voz: — Pondere suas palavras, paxá, não foi o senhor que designou-me.

— Sou eu quem comanda. E a partir de agora retiro-lhe o direito à palavra.

No silêncio que se seguiu, todos repararam que o arranhar da pena do escrivão ficou ainda mais estridente, como se só assim pudesse assinalar a boca que se calava.

— A partir de agora quero deixar claro para todos: quem se rebelar, mesmo que seja alguém daqui, será posto a ferros. Depois responderei perante o sultão.

O chefe da intendência pediu a palavra. — Depois das palavras que ouvimos, pode-se dizer que proclamou-se aqui um estado de exceção?

— Sim — respondeu o paxá —, precisamente.

— Compreendi, meu paxá — disse o intendente, voltando a sentar-se.

— Falem sobre a proposta do médico — disse o comandante-em-chefe. — Sem delongas.

O allaibeu, aparentemente desejoso de abrandar a tensão, escolheu um tom de voz natural. Como se nada houvesse

acontecido, perguntou a Sir Selim dentro de quantos dias se manifestaria o primeiro caso de infecção.

— No segundo cerco de Alepo a epidemia eclodiu no prazo de duas semanas — disse o médico. Porém vale lembrar que ali foram usadas carcaças de animais mortos.

Os vivos se movimentam e, portanto, aceleram o contágio.

— Temos autorização do Império para esse procedimento? — indagou Sarudjan. — Não há motivos para espanto — prosseguiu, num tom mais áspero, quando duas ou três vezes cochicharam seu espanto com a "autorização do Império". — Toda arma nova requer autorização do Império. Sei que as carcaças estão autorizadas, mas quanto a animais vivos, desconheço.

— Até hoje o emprego de animais vivos foi de fato proibido, por razões de segurança — esclareceu o médico. — Porém três meses atrás o grão-vizir assinou a autorização.

— Existem condições? — quis saber Sarudjan.

Todos acompanhavam com curiosidade o novo duelo. Era a primeira vez que dois letrados se defrontavam assim no conselho.

— Sim — respondeu o médico. — É proibido o emprego de catapultas, devido ao risco de que os cestos com os animais se rompam no ar.

Sir Selim explicou o problema que se produzia: caso os cestos fossem sólidos o bastante para não se desfazer no trajeto, tampouco se romperiam ao caírem no castelo.

Em contrapartida, caso fossem frágeis... Por isso se concluíra que os cestos deviam ser conduzidos até as ameias por soldados.

— E alguém pensou nos soldados? — interrompeu Karamukbil.

— Claro — respondeu o médico. — Eles devem levar luvas de couro e ter as faces encobertas.

— Como carrascos — disse alguém. — Como carrascos ou como mortos-vivos, não importa — disse o médico. — O que

importa é que estejam protegidos de dentadas casuais na hora em que abrirem os cestos.

Ainda sob o impacto da confrontação anterior, todos se sentiam aliviados com aquele diálogo distendido. O próprio comandante-em-chefe dava a impressão de necessitar dele.

— De qualquer forma, parece melhor que o arremesso de carcaças com catapultas — disse o velho Tavgja. — Recordo que, durante o primeiro cerco de Samandra, passamos uma semana a fio arremessando ratazanas, cães e até jumentos. Depois, os operadores das catapultas passaram aos cadáveres de prisioneiros. Então ficaram possessos e passaram a atirar odres com águas servidas, urina, excrementos, o diabo. A fortaleza de fato foi contaminada e sucumbiu em seguida, mas pouco adiantou.

O mau cheiro dava engulhos e mesmo depois da rendição os nossos não se aventuravam a entrar em Samandra. A peste infectou a tudo, não houve saque, não se fizeram prisioneiros, nem cativas, a vitória perdeu toda a graça. Desde então, pelo que sei, o arremesso de porcarias foi proibido. Já os bichos vivos são realmente outra coisa. Não tenho nada contra.

Eles foram opinando, um após o outro, cada vez mais aliviados. Só o mufti permanecia carrancudo. Era evidente que o desafogo à sua volta agravava ainda mais seu rancor e solidão.

Todos apoiaram o médico, exceto Sarudjan, que, não se sabe bem por quê, foi contra.

Por fim Tursun paxá tomou a palavra. Ao contrário de outras ocasiões, discursou longamente, com uma voz compassada, um tanto rouca devido ao resfriado. Decidiu que se tentasse infectar os defensores do castelo por meio de animais, conforme a proposta do médico Sir Selim. As faces e o pescoço de Sir Selim se cobriram de carmim. Quanto ao prosseguimento dos combates, ordenou que se procedessem a investidas ininterruptas, para que o inimigo não tivesse trégua. "Viemos até aqui para tomar essa fortaleza e não para

filosofar", disse. Os ataques deveriam ocorrer praticamente todos os dias, sem levar em conta as baixas ou o que quer que fosse.

Disse-o com convicção, pois sabia por experiência própria que os ataques ininterruptos, ao afastarem dos guerreiros todo pensamento, exceto o de salvar a própria pele, eram o melhor bálsamo contra o fastio da guerra. Disse em seguida, pronunciando cada palavra com redobrada lentidão, que pedia a todos os presentes um zelo ainda maior e, principalmente, uma participação mais direta. Então percorreu a todos com um olhar carregado, como se quisesse designar quais deles não deveriam mais enlanguescer sobre as almofadas das conversações, mas sim repousar sob a terra, ou pelo menos curtir umas boas feridas, como Kurdishji. No pesado silêncio que se seguiu àquelas palavras, o arranhar da pena do escrivão que deitava o discurso no papel arrepiou a audiência como pontas de punhais. Todos se deram conta de que o comandante em chefe ficava cada dia mais irascível e que dali por diante tudo poderia acontecer. Por fim, Tursun paxá advertiu que seria preciso guardar o mais completo segredo sobre a contaminação, para que nenhum soldado soubesse o que estava levando à fortaleza. O segredo era indispensável para que o medo da peste não se disseminasse pela tropa.

A reunião acabou. O allaibeu, Karamukbil e o chefe da intendência, por recomendação do paxá, foram com Sir Selim inspecionar o sítio onde o médico mantinha os animais.

Durante o percurso passaram por grupos de soldados que se dirigiam à praça principal, onde assistiriam ao açoitamento do astrólogo.

O julgamento do rogador de pragas, que tinha lugar um pouco adiante, em um cercado semi-encoberto, prolongava-se há tanto tempo que já não despertava curiosidade.

Aguardavase apenas a condenação, e com ela a amputação das mãos do culpado, ou pelo menos de uma delas, mais

precisamente aquela que cometera o erro capital ao lançar a maldição.

O lugar onde eram mantidos os animais contaminados, o "pesteiro", como o chamavam, ficava no mesmo morrote da oficina dos canhões, porém separado dela por um terreno baldio coberto de cinzas e detritos da fundição. Mostrava a mesma aparência sombria, cercado por uma idêntica paliçada de pranchas com avisos de "Proibida a entrada".

Porém, distintamente da oficina, possuía no interior outro cercado, fechado até o teto.

O guarda abriu com uma chave a porta do cercado interno. — Bem-vindos ao "pesteiro" — disse Sir Selim, cheio de agitação. — Vejam, este é o meu reino.

Apontou com sua longa mão as arcas e as canastras de diferentes dimensões, enfileiradas dos dois lados e às vezes empilhadas.

Eram trançadas de junco ou de fios metálicos. No seu interior, os animais se debatiam, guinchavam ou jaziam imóveis.

— Não tenham medo da doença. Por enquanto não há perigo.

Sir Selim pôs-se a explicar como, em todos os longos cercos em que participara como médico da tropa, adquirira o costume de reunir todo tipo de bestas, nas quais inoculava moléstias e testava unguentos.

Karamukbil examinava com desprezo as canastras, povoadas principalmente por ratos. Havia também cãezinhos, gatos, esquilos, coelhos, uns animaizinhos cinzentos que ele via pela primeira vez, ouriços, gafanhotos e até algumas rãs, num compartimento do fundo onde havia uma tina d'água. O allaiheu ouvia todos os esclarecimentos com a maior atenção, enquanto o chefe da intendência parecia ter o pensamento longe.

— O emprego de animais infectados na guerra é muito antigo — discorria Sir Selim. — Os cartagineses de outrora, os exércitos

bárbaros, até os mongóis conheciam bem seu valor. Ainda assim é preciso dizer que ele não é tão amplo quanto deveria. Até hoje o meio mais empregado contra fortalezas sob cerco é o arremesso de carcaças.

Já o emprego de animais vivos, no meu entender, é algo que pertence ao futuro.

Reparando o ostensivo desprezo nas feições de Karamukbil, o médico seguiu adiante.

— Talvez alguns considerem isso um stratagem indigno de um exército glorioso como o nosso, mas às vezes uma moléstia contagiosa obtém melhor resultado que o sabre ou o canhão.

Karamukbil não respondeu. Continuou a observar os ouriços e os ratos com a mesma altivez desdenhosa.

— Vejam aqueles gafanhotos reunidos ali — disse o médico, apontando uma das arcas. — Valem ouro caso se saiba usá-los. Parece que os nativos destas terras chamam-nos "cavalos das bruxas", e não sem razão. Eles podem arruinar as lavouras, porém, contaminados pela peste, tornam-se dez vezes mais perigosos, verdadeiros cavalos das bruxas.

O allaiheu observou atentamente quase todas as canastras, depois fez uma série de perguntas a Sir Selim. O médico esclareceu-o em minúcias, desde as enfermidades que os animais portavam até a maneira de introduzi-los no castelo. Disse que os bichos enfermos primeiro seriam deixados alguns dias sem comer e sem beber; depois, no dia do ataque, seriam postos em cestos de junco amarrados às costas de soldados. No meio do combate, quando os atacantes atingissem as muralhas, abririam os cestos a faca e os lançariam para dentro. No meio da confusão, dificilmente os defensores o perceberiam, mas, mesmo que percebessem, nunca teriam como perseguir os animais, sobretudo os ratos, famintos e sedentos, que correriam direto para os paióis e poços do castelo.

Sir Selim forneceu numerosas informações suplementares sobre as notáveis virtudes dos diferentes animais na difusão das enfermidades e sobre o grande futuro que se abria no mundo para essa modalidade de guerra.

Quando já se retiravam, o médico enrubesceu repentinamente e, apontando uma mão para o castelo, disse em tom teatral: — Esse povo, que se diz filho de uma águia, talvez morra em virtude de um rato.

A frase fora concebida antecipadamente, para uso no conselho de guerra, mas ele não tivera ocasião de empregá-la.

O chefe da intendência compreendeu que o doutor começara a andar com Mevla Tcheleb.

Sir Selim acompanhou-os por um trecho do trajeto de volta, até que se despediram e cada qual seguiu para sua tenda. O intendente avistou então o cronista que vinha na direção contrária e convenceu-se de que estava certo quanto à amizade entre ele e o médico.

— Vai ver Sir Selim? — perguntou.

O cronista reparou que havia um acento mordaz na indagação.

— Sim — respondeu, acrescentando silenciosamente: "Que me sequem as pernas!".

— Estou vindo de lá. Venha comigo até minha tenda. Ando aborrecido.

A testa do cronista franziu-se, inquieta. — Está doente?

— Ah, não — tranquilizou-o o intendente, e sorriu, descuidado. — Fui até Sir Selim por outro motivo. Como vai a crônica?

Mevla Tcheleb sorriu. — Indo... As vielas do acampamento estavam cheias de soldados que vinham de exercícios militares ou da praça onde o astrólogo fora chicoteado.

Milhares deles preguiçavam à porta das tendas.

— Estão cansados — disse o chefe da intendência. — O último ataque estafou-os.

— Em compensação, aqueles ali devem estar agonizando — disse Mevla Tcheleb apontando as muralhas do castelo, desertas, ostentando suas rachaduras e negras marcas de pez que desciam quase até o chão.

O chefe da intendência nada disse. — Conta-se que os olhos deles estão congestionados de tanto percorrerem noite e dia os caminhos por onde esperam auxílio — disse o cronista.

O intendente parecia estar com a cabeça em outra coisa. — Olhe, mais um poeta cego — disse, em tom de mofa. — Acho que é outro amigo seu.

Foi a vez de Tcheleb guardar silêncio.

Saded, alto, de cajado em riste, caminhava só, tateando sem parar o chão diante de si. Em outras circunstâncias, o cronista se apiedaria da sina de seu infeliz amigo, mas naquele momento sentiu como se o cego tivesse aparecido para envergonhá-lo. Uma roda de oficiais disse algo a Saded quando ele passou e o Cego voltou-se para responder. O chefe da intendência deteve-se para escutar.

Saded falou numa voz rouca: — O que pensam ver neste mundo? — bradou, volvendo para os oficiais a cavidade dos olhos. — Se eu ainda tivesse olhos, haveria de arrancá-los para não ver a desonra! Os oficiais avistaram o chefe da intendência que se aproximava e fizeram reverências, já arrependidos da provocação ao poeta. Mas era tarde.

— Que o pão do padixá os sufoque! — praguejou o cego. Então percorreu o espaço em volta com a cova dos olhos, parecendo surpreso com o súbito silêncio.

— O que pensam ver neste mundo? — voltou a bradar em voz profunda. — A solidão das estrelas, nada mais.

Voltou-se e pôs-se a andar, tateando incessantemente o chão com o cajado, como se a cada passo esperasse topar com um abismo.

Os oficiais permaneceram em silêncio. O intendente seguiu seu caminho sem sequer fitá-los.

— Que calor — disse após uma pausa. — Nesta época, o melhor é estar no litoral.

— Dizem que o mar não fica longe daqui.

— Sim, e é um belo mar, apesar do nome atravessado.

— Kadri-Atik — disse Mevla Tcheleb —, acho que é qualquer coisa assim.

O chefe da intendência riu. — Ainda bem que você não disse Kadri bei — comentou, em meio ao riso. — Agora, ouça como se pronuncia: Adriático; A-dri-á-ti-co.

Mevla Tcheleb acabrunhou-se.

— Seria realmente uma beleza estar agora à beira-mar — continuou o chefe da intendência. — Dizem que o padixá foi repousar em Magnésia, na Anatólia.

Mevla Tcheleb não sabia o que dizer. Seu amigo falava em tom ligeiro sobre coisas que ele nem ousava pensar.

— Comentam que ele se ocupa da metafísica, do sistema da religião.

— Que Alá prolongue seus dias — pronunciou Mevla Tcheleb, contrariado por usar a única frase de que poderia dispor numa conversa daquelas. Alegrou-se ao avistar, finalmente, a grande tenda do amigo. Lá dentro, achando-se em casa, por assim dizer, talvez o outro abandonasse aquela cáustica ironia.

O outro contou ao cronista sobre os animais infectados que seriam introduzidos no castelo durante o próximo ataque. Mevla Tcheleb ouvia assombrado e ao mesmo tempo grato pela renovada demonstração de confiança. Ainda que nem de longe o desejasse, vinham-lhe à mente frases sorrateiras que ele tentava manter à distância como víboras: "Precipitaram-se ombro a ombro contra as muralhas os leões e os tigres junto com as pulgas e gafanhotos, os sapos e ratos...".

"Cão infiel", disse consigo, "Não venha se queixar depois, quando o torturarem."

— Esta será nossa última tentativa, Mevla Tcheleb — dizia o chefe da intendência. — Fizemos o que podíamos, mas até agora o destino não nos sorriu. Esta é a última tentativa.

O tom de voz do intendente, longe de conservar o menor traço de mofa, pareceu ao cronista um tanto fúnebre.

— A campanha militar aproxima-se do fim — disse o chefe da intendência vagarosamente, quase com melancolia. — Tal como sua crônica, da qual não restam muitas páginas por escrever.

— Mas... e depois? O que haverá no caso de... — Mevla Tcheleb não ousou pronunciar "no caso de não tomarmos o castelo".

O chefe da intendência pousou nele seu olhar tranquilo, no qual o cronista não sabia distinguir o que era sinceridade e o que era frieza.

"A solidão das estrelas", recitou, como num sonho, as palavras de Saded.

— Depois, a campanha vai se repetir na primavera do ano que vem — disse o chefe da intendência, desta vez com uma entonação esquisita. — Incontáveis regimentos vão se enfileirar outra vez, ao rufar dos tambores, sob o esvoaçar dos estandartes, tal como antes. Marcharão dia e noite, sem descanso, a pé, a cavalo, em camelos, em carros, até chegarem aos muros do castelo. Aqui — o intendente apontou para o chão — hão de deparar com os vestígios do nosso acampamento, confundidos e cobertos de lama pelas chuvas do inverno, mas ainda perceptíveis. Hão de erguer suas tendas neste mesmo lugar. E então a história se repetirá.

Nos olhos do chefe da intendência brilhava um fulgor maligno.

— Você poderia indagar o que será feito caso o castelo tampouco seja tomado no ano que vem. Vejo que gostaria de fazer a pergunta.

O cronista sentia-se banhado em suor frio. Ele não podia ser imbecil a ponto de fazer uma pergunta daquelas, mas, em contrapartida, não tinha como contradizer a suposição de seu poderoso amigo. Se o outro estava tão certo da interrogação, era a deixa para que ele aceitasse as coisas em silêncio para não ofender sua convicção.

— Caso o castelo tampouco seja tomado na primavera do ano que vem — disse o intendente —, a campanha há de se repetir na primavera seguinte.

Mevla Tcheleb não sabia para onde olhar. Saded, com todos os demônios, estaria mais à vontade num aperto daqueles, com suas vítreas cavidades oculares.

— Com a diferença de que as coisas serão muito mais grandiosas — prosseguiu o intendente —, pois o próprio padixá vai estar à frente da expedição.

O suor frio voltou a encharcar o cronista. — A campanha há de ser majestosa — continuou o chefe da intendência —, bem à altura de sua condição imperial. Os regimentos serão incontáveis, as patentes dos comandantes mais elevadas, no lugar do nosso conselho de guerra haverá uma assembleia de vizires, paxás e emires, em vez de Karamukbil e Kurdishji estarão os beis da Romênia e da Anatólia, o posto do velho Tavdja caberá ao supremo agá dos janízaros, em vez do mufti teremos Shehulislã e na função do astrólogo hoje açoitado estará o célebre Urutch ben Adil em pessoa. — O chefe da intendência fez uma breve pausa. — Apenas os soldados serão os mesmos — prosseguiu —, assim como as muralhas não vão mudar. Assim como a morte vai manter a mesma cor e o mesmo cheiro — acrescentou pouco depois.

Mevla Tcheleb sentiu o sangue gelar: e se o chefe da intendência lhe fizesse agora uma pergunta, que ele nem sequer imaginava qual fosse? Esperou por um átimo a terrível interpelação, mas o outro não a fez, e o cronista percebeu que mesmo os

poderosos, por mais eminentes que fossem, tinham consciência de que não podiam ultrapassar certos limites.

O fulgor malévolo nos olhos do intendente foi pouco a pouco se apacando e eles retornaram à expressão costumeira, apenas aparentando uma fadiga um pouco maior.

— Esta guerra ainda vai se prolongar muito — disse o intendente. — A Albânia vai dar tudo que tem. Isto aqui é apenas o princípio.

Bebericou do refresco e deu um profundo suspiro. — A cada primavera teremos, junto com as sementeiras, o retorno a essas plagas — prosseguiu. — A terra nua voltará a tremer sob os pés de nossas divisões. Os vales arderão e se cobrirão de cinzas. As fortes economias deles se extenuarão. Eles amedrontarão seus filhos com o simples enunciado da palavra "turco". E apesar disso, como já disse, Mevla Tcheleb, caso eles não se deixem abater pelo primeiro golpe que vibramos, o segundo precisará ter uma força redobrada para vencê-los, o terceiro exigirá energias triplicadas e assim por diante. Caso escapem com vida desse inferno, vai ser difícil matá-los.

Hão de se acostumar com os assédios, a fome, a sede, os massacres e os alertas. Entrementes, hão de gestar seus primeiros filhos na guerra. E o pior de tudo é que vão se acostumar com a morte como quem se acostuma com um animal doméstico que não assusta ninguém. Então, mesmo que os ocupemos, nunca os submeteremos. Ao assediá-los sem descanso mas sem nunca vibrar-lhes o golpe fatal, sem querer prestamos a eles um inestimável favor.

O chefe da intendência balançou a cabeça num gesto amargo. — Pensávamos que lhes trazíamos a morte, quando lhes presenteávamos com a imortalidade.

Mevla Tcheleb escutava petrificado. — Outro dia, se não me engano, falei-lhe de Skanderbeu — prosseguiu o outro. — Contam muitas coisas sobre ele; chamam-no mestre dos generais de nosso tempo, de leão, de renegado, de traidor do Islã, de campeão da

Cristandade e assim por diante. Tudo isso parece ser verdade, mas eu o qualificaria de outra maneira. Para mim ele é um precursor, eis o que é. Nós combatemos sua parcela visível, mas nada podemos fazer quanto à outra, que já se foi. Agora ele arrasta a Albânia para o abismo na crença de que assim a tornará precursora como ele. E talvez tenha razão. É inútil procurarmos divorciá-los. Tentaríamos e fracassaríamos.

Enquanto escutava, o cronista buscava uma interrupção do outro, uma pausa para respirar, uma oportunidade para mudar de assunto. Porém o chefe da intendência fora tomado por uma espécie de embriaguez da palavra e nada podia detê-lo.

— Ele trata de vestir na Albânia o manto da imortalidade — prosseguiu. — Dotá-la, por assim dizer, de uma transcendentalidade, capacitá-la à ressurreição, ou, em outras palavras, prepará-la para o outro mundo. Não sei se você me entende. Pense no exemplo do deus deles. Ele tenta cristianizar a Albânia para que ela, como Cristo, volte à vida. Não importa que seja três dias depois da morte, três séculos ou três milênios. O que interessa é sua antevisão do futuro.

O intendente soltou um profundo suspiro e seus olhos se entrecerraram como se ele estivesse tendo de fato uma visão.

— Sua crônica, Mevla Tcheleb, vai ser longa e triste. — O chefe da intendência cravou o olhar nas têmporas do cronista e este sentiu-se reconfortado ao notar uma ponta de piedade naqueles olhos. — Este cerco vai se prolongar enormemente — prosseguiu —, aproxima-se o outono e os ataques hão de se tornar cada vez mais ferozes.

Eles falaram um pouco sobre o outono. Por enquanto ninguém percebia seus sinais. Estes só existiam na mente dos homens. Porém, dali a algumas semanas, um belo dia os campos amanheceriam cobertos por milhares de arroios de todos os tamanhos, contemplando o céu como milhares de olhos pasmos.

— O que anda fazendo Sarudjan? Não o tenho visto — disse o cronista, encontrando finalmente ocasião para interferir no tema da conversa.

O outro fitou-o por um instante, aparentemente enquanto tentava lembrar quem era mesmo Sarudjan.

— Continua abalado. Passa dias a fio em sua oficina.

— Ele gostava muito do ajudante.

— Sim. A morte dele o comoveu muito. Agora vive em completa solidão.

— Trabalha? — indagou o cronista.

— Trabalha. Foi tomado por um profundo ódio pelo gênero humano. Isso o estimula a trabalhar. Está arquitetando o projeto de um monstruoso canhão.

— É?

— Sim. Mas temo que esta campanha termine antes que ele tenha a oportunidade de inaugurar seu colosso.

— Talvez na próxima campanha... — o cronista deixou a frase inacabada.

— Claro — concordou o chefe da intendência. — Na próxima campanha os canhões serão maiores.

No seu olhar começou a brilhar de novo aquele lampejo claro e mau.

— Por falar nisso, o arquiteto Kaur foi chamado com urgência à capital. Foi nomeado para um novo posto. E sabe qual? — O chefe da intendência deixou escapar um assóvio: — Arquiteto do assédio a Constantinopla.

— Ele vai ser reiniciado?

— Sim. E tenho a impressão de que será o derradeiro. Bizâncio vai cair.

— Se Deus quiser!

— Ontem chegou a relação dos novos brados de guerra para as próximas batalhas. Por que esse olhar arregalado? Você não sabia

que os principais brados de guerra empregados nos ataques vêm de cima?

— É a primeira vez que ouço isso — disse o cronista.

— Pois então, vêm de cima, ao menos nos combates importantes. E desta vez um deles, mais precisamente o principal brado de guerra, é muito interessante: os atacantes vão gritar "Roma!, Roma!".

— É?

— Imagino que você percebe o significado disso — prosseguiu o intendente. — Quer dizer que o Império se prepara para abater finalmente a Roma do Oriente, Constantinopla, ao mesmo tempo que relança a batalha pela Roma do Ocidente, ou seja, pela Europa... Nos próximos dias isto aqui vai se transformar num banho de sangue.

Assim que a primeira nuvem despontou, eles intensificaram os ataques, como se despertassem de um torpor. Havíamos esperado impacientemente pelas nuvens, a ponto de, quando avistamos as primeiras delas na crista da montanha, corrermos à igreja para fazer o carrilhão soar um toque de júbilo. Mas as nuvens se foram tal como tinham vindo, leves e aéreas, sem chuva, sem orvalho, sem outro efeito exceto o de atijar a hidra.

Sabíamos que tínhamos aos nossos pés o mais terrível exército do mundo, mas nunca nos passara pela mente que ele tivesse um poderio tão inquebrantável. Ataca-nos e asfixia-nos como uma avalanche, um possante trovão que vem de onde menos se espera, não do céu, mas das profundezas da terra.

Em cada ataque aparecem com alguma novidade: escadas de formato nunca visto, torres dotadas de rodas, esferas de ferro providas de espinho como ouriços e o diabo sabe mais o quê. Durante o último ataque, quando vimos os soldados deles com os rostos cobertos, deixando apenas dois buracos no lugar dos olhos, pensamos que era apenas uma maneira de atemorizar-nos, daquelas

que eles tanto prezam. Mas rapidamente compreendemos a artimanha: os guerreiros haviam erguido até as ameias uns bichos repelentes. Jogaram ratos no poço recém-escavado.

Dois outros poços foram salvos pela guarda; ao ouvirem os brados "Ratos, ratos!", cobriram suas bocas com grades de ferro. Nossos ferreiros vararam a noite forjando dezenas de ratoeiras, que instalamos em toda parte. Suas marteladas não nos deixaram dormir.

Eles experimentaram de tudo contra nós. E Deus sabe o que ainda farão. Contudo, alguém precisa cortar a marcha dessas hordas desvairadas. E, já que o século designou-nos, e que aceitamos, esta é nossa sina e nossa cruz.

Amanhece. O céu ainda negreja, mas desta vez as nuvens são de outro tipo, densas, carregadas. As pessoas sobem às ameias para ver. Falam em voz baixa, como em um templo. O céu, que por tanto tempo nos abandonara, agora se povoa. Junto com as nuvens regressam os deuses. Vêm em seus carros trovejantes, suas lanças e as balanças do destino em punho. Entre eles dizem ter avistado outra vez a Boa Fada da Albânia, mas também, logo atrás, a Fada Má. A hora da terra das águias está soando. Que Deus nos livre! Quatorze Na tenda reinava o mormaço. O cronista a custo deitou mais umas linhas no papel e passou a mão pela frente. O trabalho não rendia. O trovejar dos canhões dispersava-lhe as ideias como revoadas de gralhas. Leu pela décima vez a frase inacabada: "Os crocodilos do mar da peleja por muitas vezes arremeteram contra os muros, mas o destino...".

O mar da peleja. Pensando bem, ali estava uma bela expressão, um achado, mas tinha suas dúvidas quanto aos crocodilos. É sabido que crocodilos não habitam os mares, mas sim os rios, de maneira que a frase para ser exata precisava falar dos "crocodilos do rio da peleja". Acontecia que o "rio da peleja" não tinha nem de longe a força de "mar da peleja", o qual evocava de um

só golpe o rugido, as ondas sem fim e a ferocidade da guerra. Mais valia sacrificar "crocodilos" que "o mar da peleja". No princípio, assim que encontrara a expressão, pusera-se à procura de uma metáfora para os soldados que nadavam naquele mar e trouxera à memória todos os seres marinhos, mas nenhum lhe parecera à altura de tão gloriosos guerreiros. "Peixes" evocavam algo demasiado tenro e liso, já "tubarões" eram excessivamente malévolos e rapaces, "baleias", pesadas demais, "polvos" muito repugnantes. Já "crocodilos" tinham tanto a força como a agressividade que davam a precisa imagem dos combatentes a escalar as muralhas do castelo. Mais ainda porque as invulneráveis placas que lhe cobriam o corpo lembravam à perfeição as couraças dos soldados.

"Os crocodilos do mar da peleja por muitas vezes arremeteram contra os muros, mas o destino...". Ali estava uma frase nada fácil de concluir, uma dor de cabeça.

Ele podia escrever: ... mas o destino não lhes sorriu", contudo o verbo sorrir não lhe pareceu conveniente. De qual sorriso se trataria, no meio daquela tenebrosa matança? Tcheleb pousou a pena e fitou as páginas da crônica, cobertas por sua escrita vergada pela velhice. O que restaria amanhã de todo o sangue derramado sob aquele sol inclemente, saindo de milhares de ferimentos atrozes, do troar dos canhões, da parda poeira das marchas forçadas, das escaladas muralha acima e muralha abaixo, dos movimentos de réptil até as ameias em meio ao pez e às setas para depois tornar ao chão e novamente rastejar tendo ao lado camaradas que já não reconhecia suas feições desfiguradas pelos ferimentos? Eis o que sobraria da pele trigueira dos soldados nos quais o duro metal, a pedra, o pez e o enxofre esboçavam feios desenhos, que continuariam a mudar de feição mesmo passada a guerra, até a morte. E ao fim o que restaria daquela vastidão de tendas que seriam levantadas dali a algumas semanas, deixando no descampado incontáveis vestígios como se por ali tivesse passado um fantástico

rebanho? Aquelas marcas, como dissera o chefe da intendência, iriam se desvanecer lentamente sob os ventos e chuvas do inverno e, na primavera, a erva as cobriria com milhões de pequenas hastes indiferentes a tudo que ocorria neste mundo.

Mevla Tcheleb cobriu as páginas da crônica com um cartão e levantou-se para sair. Fora soprava um vento fresco que deixava a respiração em suspenso. O céu se cobria de nuvens. Uma poeira densa, erguida pelo vento, redemoinhava. Estendidos diante das tendas, os soldados não faziam o mínimo movimento para evitá-la. Resignados e ignorando a tudo, esperavam o rufar do grande tambor convocando as unidades. Seria o quinto ataque em uma semana.

Nem os mais curtidos veteranos de campanhas tinham na memória tal intensidade de assédios. Agora todos já sabiam que, quanto mais se apinhavam no céu as nuvens anunciando chuva, mais ferozes e frequentes seriam as arremetidas.

O cronista passeou um bom tempo pelo acampamento sem encontrar nenhum conhecido. No mormaço sufocante, fitava faces desconhecidas, entorpecidas, de soldados ou oficiais. Os olhos deles mostravam cansaço, exaustão. O pó que subia da terra seca parecia aderir às coisas. Nada mais aparentava chamar a atenção de ninguém, nem sequer o grande pavilhão de Tursun paxá, diante do qual os soldados usualmente ficavam a admirar a grande haste metálica com o crescente de cobre a encimá-lo, nem a tenda violácea a sua volta, que sempre parecia pairar como uma névoa arroxeadada sobre o oceano dos instintos de dezenas de milhares de guerreiros.

O troar dos canhões preenchia ritmadamente todo o espaço em torno.

Tudo expectava. Por fim o cronista deu com um conhecido, o janízaro Tuz Otchan. Alegrou-se, mas viu que a face do janízaro tinha uma palidez de cera. Ele caminhava com vagar, e o que mais assombrou o cronista foi o soldado que o acompanhava.

— Tuz Otchan, o que aconteceu? — indagou.

— Nada, estão me levando ao hospital.

— Ao hospital, sob escolta? Mas espere, você participou do último ataque, não?

— Exatamente, participei — respondeu o janízaro com um arremedo de amargo sorriso. — Foi lá, só o diabo sabe como, que ao abrir com a faca o cesto de ratos eu me arranhei.

O pavor luziu nos olhos do cronista. O janízaro agarrou-o pela manga da veste.

— Mevla Tcheleb, você é amigo de Sir Selim. Diga a verdade: que doença tinham os ratos que soltamos durante o ataque? — perguntou em tom de quem implora. — Dizem que foi ele que armou essa coisa.

O cronista deu de ombros. — Juro que não sei de nada.

— É a peste? — quis saber o janízaro, soturno.

— A peste? Você está maluco? De jeito nenhum, Tuz Otchan. Onde está com a cabeça?

— Estou doente — gemeu Tuz Otchan —, muito doente.

Mevla Tcheleb não sabia o que dizer. O janízaro afastou-se sem se despedir, seguido pelo guarda. O cronista sentiu-se aliviado ao vê-lo pelas costas. Partiu na direção contrária, temendo que o outro retornasse. A escolta armada parecia-lhe um mau presságio. Já ouvira falar sobre a sorte dos soldados que a peste acometia. Para além das fossas ficavam umas barracas alongadas, com o chão em volta coberto de cal. Ali eles eram mantidos, até a morte.

"Lá se vai mais um", suspirou. Ia-se, tal como Saded, tal como o astrólogo. Lembrou-se da noitada na véspera do primeiro ataque, os quatro a beber aguardente da mesma garrafa. Aquela noite agora estava tão distante como se pertencesse a outro mundo.

Caminhando ao acaso, deu consigo outra vez na praça diante do pavilhão de Tursun paxá. As sentinelas imóveis perfilavam-se, como sempre, à entrada, de alabarda em punho. Um torvelinho de

poeira cobriu por um instante a face dos guardas, suas armas e o emblema de cobre. O pó carregado pelo vento morno depositava-se em toda parte sem fazer distinção entre as coisas que encobria. Sua indistinta massa amarelada, de vagos e mutantes contornos, ora transparecia, ora sumia de vista, como se fosse a expressão de uma filosofia tão antiga como a própria terra. Mevla Tcheleb sentiu nascerem em seu cérebro algumas confusas associações de ideias perigosas, e portanto tratou de aniquilá-las voltando-se para ir embora. Mas justamente então reparou em alguns membros do conselho de guerra que se dirigiam à tenda do comandante-em-chefe. Atrás deles entrou o mufti, acompanhado por um sandjakbei. Suas escoltas ficaram à porta e logo se estenderam na grama.

"Mais uma reunião", disse consigo o cronista, e ficou onde estava. O chefe da intendência chegou sozinho. Caminhava com um ar pensativo e não reparou no cronista ao cruzar com ele. Também Karamukbil, que passou em seguida, tinha um ar sombrio, dizia-se que fora ferido outra vez no ataque de dois dias antes. Depois de Sarudjan e de mais dois sandjakbei, chegou também Kurdishdji, apoiado nos ombros de duas ordenanças. Pela primeira vez o rosto corado e insone do comandante dos akendji parecia macilento, quase lívido. Era fato sabido que acabara de deixar o leito, e seu comparecimento ao pavilhão do comandante-em-chefe, em tais condições, indicava que a reunião seria da maior importância. Os canhões continuavam a soar.

Um após o outro, entraram na tenda o mudo Tanhank, Olltch Karaduman, Kapduk agá, Asllan-han e Utch Kurtogmuz. O allaibeu chegou só. Depois dele, contraindo o rosto como quem sente uma dor invisível, entrou o velho Tavdja. Quase todos vinham taciturnos. Apenas as feições do arquiteto Kaur, o último a chegar, marchando em passadas rigorosamente idênticas, continuavam tão imóveis e sem vida como sempre.

Uma nuvem de poeira ergueu-se em turbilhão diante dos olhos do cronista, mas sem desviar-lhe os pensamentos. O Império era forte. Guardava sua majestade mesmo nos maus dias. O crescente otomano era eterno. Homens poderosos e sagazes reuniam-se. Haviam de fazer alguma coisa. Não renunciariam facilmente a "ele", o castelo. Agora suas frases duras e cortantes como o ferro das batalhas ecoavam no pavilhão e o escriba punha-as no papel. Um amargo sentimento de ciúme acometeu o cronista, mas temperado e comedido. Voltou-se pela segunda vez, disposto a afastar-se, quando avistou a figura longilínea de Sir Selim, que permanecia de pé, imóvel como uma coluna, ao lado da tenda. Ao que parecia, não o vira. Ainda assim, o cronista não sabia o que fazer. Receava afastar-se sem o saudar, pois não estava certo de que Sir Selim não o vira. Tampouco ousava tomar a iniciativa de cumprimentá-lo, mais ainda naquele dia em que a face alongada do médico, com os olhos avermelhados pela insônia, inspirava temor. Decidiu-se por continuar ali até que o outro o visse. Mas teve que esperar longamente. Sir Selim parecia uma estátua. O cronista chegou a ter a impressão de que ele dormia em pé e que de um momento para o outro viria ao chão com toda sua estatura.

Por fim o médico reparou em Mevla Tcheleb. O sangue afluiu a seu rosto esquelético.

— Reúnem-se — disse, estendendo a mão no sentido da tenda.

O cronista aquiesceu com a cabeça. — Não me chamaram — prosseguiu Sir Selim. O rubor de sua face e do pescoço tingiu-se de um tom arroxeado em alguns pontos.

— Estão descontentes comigo — disse, quase alteando a voz. O cronista olhou em volta. — Querem que tudo aconteça depressa, mas depressa nada acontece. A bem da verdade, eu não depositava mesmo grandes esperanças nos coelhos, sapos e cães. Mas os ratos...

— Sua voz entrecortou-se de emoção. — Não vou negar que os ratos me desiludiram.

Mevla Tcheleb não acreditava no que ouvia. Aquele impressionante varapau que retalhara um ser humano aos olhos de todos estava a ponto de cair no choro.

— Os coitados talvez nem tenham culpa. Talvez os tenham apanhado em armadilhas e sabe-se lá o que fizeram com eles antes de matá-los. E talvez tenham conduzido a peste que confiei-lhes, quem sabe...

Recompôs-se. A voz recuperou o vigor e um dos olhos enevoou-se.

— Quem sabe — repetiu. — Tanto sofrimento por causa de uma doença qualquer. Restringiram-me, Mevla Tcheleb. Se tivessem me deixado com as mãos livres, então você ia ver. Estou lhe confiando um segredo, meu caro amigo. Enviei uma carta ao padixá. "Dê-me a peste, meu soberano", escrevi.

O cronista sentiu um calafrio na espinha. Trouxe à mente Tuz Otchan e o falatório sobre duas enfermidades, cada uma pior que a outra.

— Mas o comando não quer porque não quer. Impuseram-me mil e uma limitações. Não me permitiram usar nenhuma das duas rainhas, nem a cólera, nem a peste. Por certo as guardaram para si.

O cronista aproveitou um profundo suspiro do outro para indagar quais doenças tinham sido lançadas contra "eles". O médico disse, mas Mevla Tcheleb nem sequer ouvira falar da maioria delas. Algumas embrulhavam os intestinos, duas ou três cegavam, uma enlouquecia.

— O que posso fazer? — suspirou o médico. — Umhas doenças ordinárias, como lhe disse. Muito diferentes dessas duas grandes senhoras. Estas, sim, derrubam um em meio a febres e vômitos... — Voltou a suspirar e uma luz acendeu-se em seus olhos.

— Um rato, um só rato infectado com a peste... Se me deixassem... Eu o enviaria como quem envia um noivo, um fidalgo... Você ri, cronista?

— Não, não, nada disso.

O rosto do médico enfureceu-se. A vermelhidão cobriu-o de todo.

— Diga o que disser, Mevla Tcheleb. Mas tenho certeza de que em sua crônica você não falará dos ratos — bradou a plenos pulmões.

Os canhões trovejavam em sequência e Sir Selim, sabe-se lá por quê, repentinamente deu meia-volta e afastou-se em longas passadas. Mas o alívio de Mevla Tcheleb não durou muito. O médico se deteve, volveu a cabeça e gritou de longe: — Sabe o que eu faria com essa crônica de vocês? Sabe? — E aqui pronunciou duas palavras que tiraram o fôlego do cronista.

Naquela campanha ele ouvira como nunca na vida, pela frequência, a crueza e as variantes inesperadas, a palavra "bunda". Fazia que não escutava, mesmo se um jovem soldado, sem motivo algum, dizia-lhe bem na cara "Ei, velho bundão!" ou, pior ainda, quando, na obscuridade, chegavam-lhe ofertas indecorosas: "E aí, velho, quer um cu?". Consolava-se pensando que se arrependeriam daquilo se soubessem o trabalho que tinha e quantas noites varava por eles. Tranquilizara-se ainda mais quando vira uma pessoa da importância de Sarudjan, aparentemente contagiado pela febre geral, dizer a torto e a direito que quando defecava vinham-lhe sempre ganas de "limpar o cu com as barbas do multi". Mas eis que agora um homem letrado, um confrade de altos estudos, vinha lhe dizer na cara, e muito a sério, que faria com sua crônica aquilo que Sarudjan sonhava fazer com as barbas do multi.

Mevla Tcheleb afastou-se na direção contrária, arrasado e com os joelhos bambos.

No pavilhão do comandante-em-chefe, a reunião acabava de começar. Os chefes militares revezavam-se nos informes sobre o estado de suas tropas.

— Ai! — fez o velho Tavgja no silêncio que se criou entre duas intervenções —, que dor nas juntas... — Quis acrescentar alguma coisa, mas deixou a frase pelo meio.

O silêncio subitamente se fez mais pesado e todos olharam de esguelha na direção do paxá. Sabiam que Tavgja sofria de reumatismo e seu gemido queria dizer que suas articulações curtas e deformadas pressentiam chuva. "Ai, que dor nas juntas, vai chover." A primeira metade da frase habitual, que ele pronunciara centenas de vezes na vida sempre que o tempo mudava, agora soava como um mau presságio.

Uma dureza de gelo apossou-se dos olhos de Tursun paxá. Na verdade ele nem ouvia o que se dizia. Limitava-se a observar os olhares que se afastavam ao deparar com o seu.

Sabia que eram os primeiros mas indubitáveis sintomas da solidão de seu destino. Eis que se punham à volta dele, sentados em semicírculo, lado a lado, com seus rosários nas mãos e as insígnias de suas patentes que nunca esqueciam de ostentar. Recordou o dia da primavera, durante os preparativos da campanha, em que ele lera pela primeira vez a lista de seus auxiliares, apresentada pelo grão-vizir. Alguns eram seus conhecidos, de outros escutara o nome, outros ainda nem isso. A existência de cada um deles estava repleta de marchas, combates, assédios, ferimentos, altos e baixos na carreira, nomes de fortalezas conquistadas com furor ou astúcia, inimigos vencidos, províncias ocupadas onde nem as ervas voltaram a crescer. Pensara então que haveriam de se entender, já que tudo se tornava mais fácil em se tratando de gente capaz. E a princípio haviam de fato se entendido. Mas eis que, mais cedo do que se imaginava, chegara o tempo dos olhares oblíquos. E ao contrário do que seria de esperar era ele quem sentia inveja.

Depois do fim da campanha, acabasse ela como acabasse, eles seguiriam com suas carreiras, partiriam em outras expedições, ergueriam suas tendas em torno de castelos desconhecidos, subiriam, desceriam e voltariam a escalar os degraus da hierarquia. Ele não. Sua vida chegara a uma encruzilhada: ou ascenderia de vez ou tombaria no abismo. Todos ali sabiam disso tão bem como ele. Por isso seus olhos buscavam os cantos da tenda e fugiam dos seus. E por isso o silêncio tomou conta do pavilhão quando as juntas do velho Tavdja (que agora pareciam ao paxá de uma monstruosidade atarracada) renunciaram a chuva. Estavam cansados e mal esperavam a hora de tornar a seus haréns. Dava para ver que sabiam que aquela guerra estava perdida. Pensavam que ele, o comandante-em-chefe, agora se tornaria cada vez mais perigoso.

Como um afogado, poderia agarrar-se a qualquer um e arrastá-lo para o abismo.

Vagarosamente, passo a passo, dava-se conta de tudo. Queriam distância dele. Deixavam-no só. Mas ele ainda era o comandante-em-chefe e as coisas não seriam tão fáceis.

Mostraria a todos do que era capaz um comandante-em-chefe em desespero. Esperavam pela chuva. Como devotos, fitavam com veneração as feias juntas proféticas de Tavdja. Seus ouvidos já se espichavam à escuta do tamborilar das gotas. Muito bem. Ele satisfaria seus desejos. Iria dar-lhes chuva. Iria encharcá-los dos pés à cabeça, até dizerem chega. Apenas, seria outro tipo de chuva...

Lá fora os tambores rufavam o toque de reunir. Seu ruído surdo se apossava do espaço e dominava tudo.

Os outros concluíram suas falas. Tursun paxá percorreu com os olhos suas faces sombrias. Falou pouco, sobre o ataque que deveria iniciar dentro em pouco. Disse que deveriam lançar no assédio todas as tropas, em ondas sucessivas. Depois acrescentou em tom áspero que ninguém devia alimentar a ideia de que os ataques acabariam com o começo das chuvas. Ele bem sabia que tudo

terminaria com as primeiras gotas, mas mesmo assim não resistiu a atormentar até o fim seus espíritos. Mal se conteve para não bradar que não era daqueles que sucumbem facilmente. Em vez disso, ergueu o olhar ameaçador e anunciou: — Hoje vou participar pessoalmente da batalha. Depois disso fez-se silêncio. O conselho de guerra sabia o que queriam dizer aquelas últimas palavras. Significavam que todos eles, sem exceção, desde o mufti até o arquiteto Kaur, também deveriam entrar em combate. Uma espécie de sorriso aflorou aos lábios do velho Tavdja.

— Anunciem à tropa que os membros do conselho de guerra vão participar da batalha — disse o paxá, e ergueu-se.

Eles saíram em rápida sucessão, fazendo reverências. O grande tambor do toque de reunir já não se ouvia. Uma das ordenanças do comandante-em-chefe conduzia seu alvo corcel.

Todos os regimentos já estavam perfilados. O grande descampado fervilhava. Nunca tantos guerreiros haviam sido postos em posição de ataque. O vento quente parecia desejoso de moldar nos incontáveis estandartes todas as figuras de linguagem já empregadas até então por poetas e cronistas. Tursun paxá saiu do pavilhão. Ergueu a cabeça e fitou as nuvens que se moviam compassadamente no céu. Eram nuvens baixas e carregadas. Montou no cavalo e, acompanhado pela escolta, seguiu para o posto de onde habitualmente observava o desenrolar dos combates. Assim que chegou, deu a ordem, como sempre erguendo a mão direita, onde brilhava o anel. Imediatamente o mundo se encheu dos ruídos de costume. Os olhos fatigados do paxá acompanharam com desprezo a acometida inicial das hostes de voluntários irregulares, a segunda acometida, depois as sucessivas ondas dos azape. Tudo transcorria como de costume, apenas o número de regimentos aumentara e o ar parecia mais rarefeito. As formações chegaram ao pé das muralhas, e daquele mar humano se ergueram centenas de escadas, como longos braços de lenho, para se apoiarem nas ameias,

lentamente, como em um sonho. A seguir as torrentes impetuosas dos eshkindji rasgaram o oceano de azape, acometendo as muralhas, tal como sempre. Então tudo se repetiu tal como das outras vezes, e a sensação de que o mesmíssimo rito teria lugar encheu de angústia a alma do paxá. Deu uma ordem. Depois outra. O oficial que transmitira a primeira ordem retornou. Mais tarde chegou o segundo. O terceiro, ao retornar, parecia abatido.

Nas muralhas a matança tivera início. Sempre se podia perceber seu primeiro golpe a percorrer como um calafrio todo o corpo dos guerreiros. Depois os golpes se faziam cada vez menos sensíveis, até que chegava o momento em que o exército não tomava conhecimento nem dos piores golpes.

Ele já sabia de tudo aquilo, assim como tinha a aguda consciência da devida ordem e do obrigatório ritmo das coisas.

As formações dos janízaros, de um tom mais escuro, como sempre moveram-se ondeando sobre as cabeças todo um firmamento de estrelas e luas crescentes. Não teriam se adiantado um pouco? Tursun paxá balançou a cabeça como quem afasta de si um torpor. Não, tudo transcorria no devido encadeamento, apenas em sua mente surgiam pequenas áreas de imobilidade, dando a impressão de que o tempo se acelerara.

Seguiu com os olhos, quase com assombro, a evolução das unidades de elite dos dallkelletch, como se não fosse ele próprio quem acabara de ordenar seu avanço.

Esfregou as têmporas com a mão e por pouco não soltou um grito proibindo qualquer pressa. Devia ser aquela espécie de febre no ar que o fazia sentir-se assim.

Os guerreiros da morte. Ainda estavam ali, em seu cérebro, onde tudo tinha início, eles ou mais exatamente seus cânticos de guerra: "Somos os noivos da morte".

Naquele dia ele sentia mais do que nunca como sua sina se assemelhava à deles. "Temos um pacto com a morte", remoeu

consigo, enquanto pronunciava em tom abafado: — Os serdengjeshtler! Depois dos serdengjeshtler só restava a cimeira do templo, ele próprio.

Fez um sinal para que a ordenança lhe entregasse o iatagã e a couraça, baixou a viseira e cavalgou rumo às muralhas, seguido por sua escolta e um grande número de guerreiros djebel.

Sentia como o galope contido do corcel (cujos cascos emudeciam sob o rufar dos tambores) encurtava a cada instante a distância que o separava das muralhas. Não sentia medo. Apenas um gosto de fel e uma secura na boca.

As muralhas do castelo se aproximavam depressa. Quanto mais perto estavam, mais altas se faziam e mais temíveis pareciam, cobertas de brechas que os canhões tinham forçado. Mais acima, as ameias de pedra lembravam dentes expostos a mastigar corpos humanos. Ali, no meio daquelas pedras sem mercê, fora pilhado e debatia-se em meio ao sangue e a seu destino.

O castelo se aproximava. Era a primeira vez que o via de tão perto. Ali estavam os negros véus de pez que ondeavam a seus olhos. Cobriam fragmentos de muralha, pedaços de pedra, mas não ocultavam o conjunto da fortaleza. Na primavera, quando marchavam rumo a ela, o paxá tivera um sonho. A fortaleza aparecia para ele como uma mulher, talvez porque naquela época ele lera muitas velhas crônicas de guerra, nas quais os autores, desejosos de enfatizar a ânsia dos generais por se apossarem de suas presas, escolhiam metáforas e termos usualmente aplicados a mulheres. No sonho aquela lhe aparecia como uma mulher difícil. Ele se engalfinhava com ela, coberto de suor, mas sua presa não cedia. As muralhas, as torres, os portões, os membros e olhos resistiam, escorregavam entre suas mãos, oprimiam-no e sufocavam-no. E seu sexo não era a grande porta principal, como seria de crer, mas outro, fundo, bem fundo, mais além.

Foi despertado pelo possante rugido de milhares de soldados que saudavam sua chegada ao pé dos muros. Cercado por sua guarda e pelos guerreiros djebel, enveredou por entre os atacantes. A muralha agora estava bem perto. Os véus de negro pez ondeavam como um sinal de luto. Centenas de janízaros, spahis, azape, irregulares, eshkindji, dallkellech, myselem, guerreiros da morte escalavam com furor as escadas que começavam a pegar fogo.

— Urra! — bradou. — Avante! Sua voz não foi ouvida, mas todos leram o movimento dos lábios. Agora havia uma verdadeira disputa entre os guerreiros ao pé de centenas de escadas, para ver quem as escalaria primeiro. Todos sabiam que naquelas ripas de madeira ensanguentada e semicarbonizada podiam ter início as promoções, as patentes, os haréns.

O paxá sentiu o gosto da embriaguez do combate. Os tambores, as bandeiras, os estampidos, os comandos, o cheiro de petróleo, as escadas em chamas, a densa poeirada, os brados, o sangue, o ulular, toda aquela fumacenta barafunda de sangue o envolveu e subiu-lhe à cabeça como uma forte aguardente. Esporeou o cavalo de encontro à muralha, quase colado a ela, seguido a cada passo pela escolta. Os castelões ao que parecia o reconheceram e lançaram sobre ele uma nuvem de setas e pez inflamada.

A escolta formou um escudo para cobrir seu comandante-em-chefe. Um dos guardas, correndo a sua frente, trazia em volta do rosto uma barba rubra de sangue. Os guerreiros aclamavam o padixá, o profeta e ele. Vez por outra ecoava também uma nova aclamação: "Roma!, Roma!". Passou-lhe pela mente num lampejo a nova nomeação do arquiteto Kaur, ou melhor, os rumores que a acompanhavam, insinuando que confiariam a ele, Tursun paxá, a tomada de Constantinopla caso retornasse com a vitória.

— Avante! — voltou a gritar. — À vitória! Ao pé das escadas os soldados se empurraram com fúria redobrada para acelerar a escalada. Em meio ao embate voavam e tombavam escudos, iatagãs

e às vezes pedaços de membros. Parecia que os combatentes se desvencilhavam deles para melhor combater.

Repentinamente a muralha revolveu-se, os torreões se deslocaram sobre sua cabeça, as negras mantas de pez e as chamas rubras do sangue bailaram furiosamente e pareceram tentar cobri-lo. Caiu. O céu escureceu sobre si. A escolta formou uma parede de escudos a sua volta.

Alguém soltou um grito: — O paxá morreu!

Alguém da escolta, aquele da barba de sangue, debruçou-se sobre ele.

— Levantem-me — disse Tursun paxá —, não estou ferido.

— Foi o cavalo, mataram o cavalo — exclamou outro guarda.

Tursun paxá pôs-se de pé. Desmontado, sentia-se como se tivesse caído numa cova.

— Mataram o paxá! — gritava a mesma voz horrorizada. Ele cavalgou outro corcel que lhe trouxeram e marchou adiante. A escolta o seguiu.

— Fique longe da muralha, paxá — disse alguém —, os infiéis o conhecem.

As setas vindas do alto se adensaram, mas ele não se afastou. Voltou a percorrer com o cavalo toda a extensão onde transcorria aquilo que chamam "guerra". Esta assumia ali os contornos de um entrechoque de duas massas humanas, uma que se erguia do chão e outra que a defrontava nas alturas. A de cima, envolta na fumaça da pez, uma névoa que a deixava semiculta como um demônio, azafavama-se para manter a outra embaixo. Golpeava-a sem trégua, ateava-lhe fogo, arrancava-lhe braços e pernas. Mas a de baixo não refluía. Galgava degrau por degrau, resvalando em seu próprio sangue, fincava as unhas nas pedras e assim que lhe arrancavam um membro logo surgiam centenas de outros braços e pernas que buscavam apenas subir e subir.

O delírio prosseguiu até o crepúsculo. Ao cair da noite soou o toque de recuar. Enquanto os inumeráveis pelotões tornavam ao acampamento deserto, Tursun paxá aguardou com impaciência a notificação das baixas. A batalha não lhe trouxera a vitória, mas não devia ser dada por perdida. Nunca tal número de guerreiros escalara aquelas muralhas. Via de regra, apenas uma minoria dos soldados que chegavam ao cimo conseguia tornar ao chão, mas os que chegavam às ameias vendiam caro a vida. Parecia-lhe que com mais algumas arremetidas os castelões, dizimados pela morte e torturados pela sede, já não teriam como defender todos os pontos atacados. Só precisava de mais alguns dias sem chuva. Uns poucos dias. Assim dizia consigo, mas nas profundezas de sua consciência sabia que não era assim. Ocorria-lhe às vezes de, farto das dúvidas, perder-se em sonhos sem sentido. Punha-se a pensar como seria se, após setembro, viessem não mais outubro e novembro, mas agosto e julho. Sonhava com uma louca ventania que baralhasse os meses e as estações do ano assim como os ventos de outono revolvem as folhas secas. Em outras ocasiões parecia-lhe que desde que partira para a guerra havia transcorrido tanto tempo que muitas coisas estavam esquecidas, paixões extintas, previsões e prazos para a vitória ou derrota igualmente abandonados. Aquilo lhe ocorria principalmente à noite, quando saía à porta do pavilhão e caminhava pelo imenso acampamento com suas tendas pontiagudas, estrelas e crescentes de cobre, bronze, ouro, uma vã imitação do sol. Parecia-lhe que aquele pedaço do firmamento havia sido posto abaixo, arremessado ao chão, só para misturar-se e ensanguentar-se com as coisas dos homens. Quando perscrutava longamente o deserto da noite, começava a pôr em dúvida se realmente havia em algum lugar distante, para além dos caminhos e das nuvens, cidades, repartições, pastas e dossiês onde tudo estava escrito, todos os dados, conclusões, méritos e defeitos de funcionários e generais. Naqueles momentos em que dava consigo sozinho defronte da noite, os

acontecimentos se despiam de suas causalidades, as conexões enfraqueciam, tudo era inacreditável e digno de crédito. Mas chegava a manhã com sua monstruosa exatidão, e tudo, coisas, consequências, dias, tudo reencontrava sua lógica, que, como se sabia, trabalhava contra ele.

As ordenanças trouxeram a primeira informação: trezentos e dezoito oficiais mortos, enumerados desde as patentes mais baixas até as mais elevadas. O número de praças ainda não estava disponível. Ele indagou sobre os membros do conselho de guerra. Nenhum morto, foi a resposta. A ideia de que estavam se poupando voltou a exasperá-lo.

Haveria de mostrar-lhes nos próximos dias como se resguardar. Precisava apenas de mais alguns dias sem chuva, nada mais. Agora só temia uma coisa: os tambores da chuva. Só o seu rufar, que adormecera por uns meses, poderia despertar de repente e anunciar o fim de tudo.

Sir Selim enviou um lacônico relatório. Entre os cadáveres de albaneses, tombados de cima das muralhas durante a batalha, encontrara quatro sofrendo de febre muito mais alta que em qualquer outro exame. Não havia ainda sinais da doença. Ao que parecia, já não bebiam da água infectada. Por isso a febre redobrava e triplicava. "Mais um pouco, meu Deus!", implorou.

O número das baixas de praças tardava. Tursun paxá deu algumas ordens visando reforçar a guarda e pôr algumas unidades de prontidão. Aproximava-se a noite, Skanderbeu podia atacar. Aquela era a hora de Skanderbeu.

Recostou-se para descansar e seus olhos deram com o cotovelo sujo de lama. Não tinha reparado naquilo. Fitou por um tempo a lama, espantado. A ordenança à porta da tenda encontrou-o com o olhar cravado nela.

— Perdão, paxá — balbuciou —, só agora reparei, ao que parece, durante a queda...

Mas Tursun paxá pensava em outra coisa. Refletia que a lama de todos os recantos da Terra era sempre igual, mudando apenas as coisas que ela envolvia. Seus olhos mostravam exaustão e a ordenança baixou a voz. O comandante-em-chefe adormecia. A ordenança cobriu-o cuidadosamente com uma manta leve, deixou-o onde estava e abandonou o pavilhão na ponta dos pés.

Depois de tantas noites penosas, finalmente caiu num sono profundo. As ordenanças que trouxeram a ceia, e em seguida os mensageiros com as cifras das baixas não o despertaram. Um deles arrumou a manta que tombara. Fecharam a entrada da tenda e saíram em completo silêncio.

Por um bom tempo teve um sono pesado e sem sonhos. O sonho chegou mais tarde. Viu os tambores da chuva. Estavam alinhados em uma longa fila e puseram-se a rufar sozinhos, sem que ninguém os vibrasse. Ele ordenou que silenciassem, mas não obedeceram. Continuaram a tocar, num sussurro abafado. Então deu ordem para castigá-los, mas eles ainda soavam. Tursun paxá despertou. A escuridão reinava na tenda. Moveu o braço entorpecido e notou que adormecera com as vestes de combate. Tinha a impressão de não estar bem acordado, pois ainda escutava o rufar dos tambores da chuva que vira no sonho. Desvencilhou-se da manta e levantou. O que era aquilo? O rufar persistia. Não era um resto de sonho. Longe, em algum ponto lateral nas profundezas do acampamento, a chuva caía. Ele escutou um barulhinho miúdo sobre a lona da tenda e logo tudo se fez claro e irremediável. Chovia.

Permaneceu um tempo de pé. Depois aproximou-se da entrada, afastou com as mãos a tela encerada que a cobria e saiu. Amanhecia. Os guardas, encostados às laterais do pavilhão para não se molhar, sacudiram-se assim que o viram e perfilaram suas lanças. Mas ele nem os fitou. O cheiro pronunciado de terra molhada depois de uma longa estiagem subia pelo ar. O céu se cobrira por completo de nuvens pesadas e imóveis, que derramavam na terra uma chuva

espessa e monótona, outonal. O cheiro de terra o sufocava. Nunca sentira com tanta força a presença da terra. Ela ocupava o ar em toda parte, em cima, embaixo, por todos os lados. Era um cerco intransponível.

Por um momento foi tomado pelo desejo solitário de afastar-se, correr sozinho, para longe, longe, em largas e cansativas passadas, até escapar da armadilha, mas logo deu-se conta de que em toda parte acharia a mesma chuva, a mesma terra coberta de ervas, para a qual ele era um completo estranho.

Amanhecia. Olhou para o céu carregado, depois para o imenso acampamento, os milhares de vértices das tendas erguendo-se como lápides sobre o sono de trinta mil soldados. Deu as costas para tudo aquilo e entrou no pavilhão. Ficou algum tempo de pé na semiobscuridade. Depois chamou uma ordenança, que se aproximou tremendo.

— Chame Hassan!

O eunuco chegou em seguida. Também tremia. — Traga Edjer!

Hassan fez uma reverência e saiu. Voltou trazendo a garota pela mão. Ainda meio adormecida, ela nada entendia. Mostrava escuras e feias olheiras.

— Escute — começou. Mas ela caía de sono e ele sacudiu-a com força pelos ombros. — Escute — repetiu, agarrando-a pela trança e forçando sua trêmula cabeça de encontro à sua boca. — Se ele for homem — apontou com um dedo o ventre dela sob a fina camisola —, ponha-lhe meu nome.

A garota o fitava com um olhar abestalhado. — Entendeu?

— Sim — disse ela. — Então saia!

O eunuco entrou e levou a garota. Ele permaneceu um tempo de pé na penumbra. Depois ordenou que trouxessem água. A ordenança obedeceu.

— Vou dormir — disse. A ordenança afastou-se como uma sombra. Ele retirou da arca na cabeceira do leito a urna onde guardava o pó de uma erva sedativa e derramou-a na taça.

Pôs-se a pensar como o pó, ao dissolver-se, turvava as águas fazendo-as semelhantes ao céu. Tinha ali sonho de sobra para uma ou duas noites. Derramou mais. "Para mil noites", pensou, "para mil anos." Aproximou a taça dos lábios e tragou-a de uma só vez.

Ficou mais um tempo assim, de pé. Lá fora as gotas de chuva tombavam lugubrememente. Quando sentiu a primeira tontura, recostou-se em uma almofada e cerrou os olhos.

As ideias que lhe acorreram no último instante eram desconexas. Tentou imaginar algo majestoso, mas não pôde. "Aí está, Ugurlu Tursun Tundjasllan Sert Ollgun paxá", disse consigo. Depois, antes de pedir perdão a Deus, pensou um pouco em sua vida, e seria mesmo necessário criar nomes tão longos para uma curta existência humana, e que ele fizera o que pudera, mas não fora o bastante, ah, nunca era o bastante, e tudo mais, como um suspiro, pelo ruidoso mundo que ficava para trás, enquanto seu espírito seguia solitário pela chuva.

A chuva começou ao raiar do primeiro dia do mês de São Shenmiter. Estávamos dando início à troca da guarda quando tombaram as primeiras gotas, pesadas como lágrimas.

Amanhecia. Quis soltar um grito, soar os sinos, despertar a todos, mas só fiz em pensamento. Em atos, limitei-me a apoiar a cabeça no muro e assim permaneci longamente.

As pedras, ao se encharcarem, pareciam despir-se não só do calor mas também da angústia de todo aquele verão. Pareciam vivas. A cada instante eu tinha a sensação de que cobriam fôlego, soltariam suspiros e gemidos.

Em algum lugar nas profundezas do acampamento o turco faz soar os tambores que anunciam a chuva. Daqui se avistam os soldados que cobrem os equipamentos. Eriçado de estacas e signos,

o bivaque projeta sua sombra até o fim do mundo. No pavilhão do comandante-em-chefe reina uma azáfama incomum, um entra-e-sai de gente com archotes nas mãos. Alguma coisa aconteceu: reunião de emergência, destituição ou morte.

"Não se detenha, céu!", suplico em silêncio. "Tu que encerras este verão de guerra, não nos deixes, grande céu nosso!" Quinze O carroção encoberto com as moças do harém seguia isolado. No início, ele e um outro, carregando os objetos e as armas do paxá morto, estavam quase lado a lado, mas com o correr dos dias o transporte do harém fora ficando para trás, devido à doença de uma das ocupantes, Edjer.

Lá fora caía uma chuva miúda. Elas olhavam pensativas para a estrada que se enchera de lama.

— Vejam, ali estão as aldeotas na montanha, aquelas que vimos na vinda — disse Aysel, indicando com a mão um ponto à direita. — Estão vendo a igreja e seu campanário?

— Sim, sim, lá estão elas. Que aldeias mais tristes...

— Sim, mas... e a fortaleza? Deve haver por aqui alguma fortaleza. Não lembram que a avistamos?

Anoitecia e a bandeira parecia negra.

— A fortaleza fica longe.

— É? Pelo que me lembro ela ficava logo depois das aldeias — disse a loura.

— Você embaralha tudo, pergunte à Leila. Ela já passou duas vezes por esta parte da estrada.

— Não a acorde! Ela dorme.

As rodas soltavam um rangido monótono. A fina cortina de seda, onde se desenhavam as sombras das cabeças do carreiro e do eunuco, movia-se com leveza.

Aysel olhava para fora, para a sombria amplidão do outono. Leila dormia e, toda vez que o carro passava por um buraco, parecia que sua cabeça iria se desprender do corpo.

— Olhem ali os sapadores — disse Ajsel. — Estão consertando outra ponte. Outra ponte? Parece então que o exército vai retornar.

Elas espiaram por um bom tempo os soldados que trabalhavam sob a chuva.

— Só ele não vai voltar.

— Deve ter sido enterrado hoje.

— Com certeza — disse Ajsel. — Toda esta chuva agora tomba sobre ele.

A loura ergueu os olhos, mas voltou a baixá-los. Era a primeira vez que falavam de seu senhor depois do que acontecera. Ainda assim, a língua prendia.

— Foi você que passou a última noite com ele. Diga se ele falava ao sonhar — quis saber Ajsel.

— Falava — disse a outra. — Como sempre.

— E o que dizia?

— Não sei direito. Não entendo bem o turco.

— Não entendeu nem um pouco? Será que ele não deu um motivo para o que iria fazer?

— Não sei. Talvez sim. Dirigia-se toda hora ao sultão. Dava explicações complicadas. Dizia que não tinha culpa. Falava de Skanderbeu, mas chamava-o por aquele outro nome.

— Aquele medonho, George Kastriota?

— Acho que sim.

Leila abriu os olhos. Precisou de um bom tempo para entender do que falavam.

— Skanderbeu?

— Sim — disse Ajsel. — Parece que foi o nome que ele mencionou em sonhos.

— Ele sempre tinha essa mania de falar dormindo — disse Leila.

A loura pensou em acrescentar alguma coisa, mas, ao que parecia, mudou de ideia e fixou os olhos na almofada.

— Meninas, olhem os mortos — disse Aysel, apontando para fora.

Elas se aproximaram das janelas. — Aqueles que vimos na vinda?

— Sim, são eles.

— Só ficaram os ossos.

— Que medo!

— Você não pode olhar, Edjer!

Um bando de corvos, assustado pelo rangido do carroção, levantou voo.

— Quando passamos da outra vez, os corpos estavam inteiros. Quem sabe mal tinham acabado de ser enforcados.

— Mais adiante vêm os empalados.

— Não, por esses devemos ter passado durante a noite.

Agora vem um monastério com três cruzes.

— Eu sempre confundo as coisas que vimos.

— É porque agora percorremos a estrada ao contrário.

O carroção deu uns solavancos antes de parar. Ouviram-se vozes rudes: "Alto lá! Afastem-se!".

"Que houve?", indagaram-se, cheias de medo. Demorou algum tempo até compreenderem que estavam cedendo passagem para uma coluna militar. Os batedores seguiam adiante, abrindo caminho. Vinham depois os soldados, marchando em pesados passos. Os elmos e o equipamento de guerra estavam molhados. Os olhos pareciam cegos de cansaço.

— Saíram umas armas novas — comentou Leila em voz baixa. — Estão vendo aquelas espadas curtas? E vejam os elmos, tingidos de verde. É a primeira vez que os vejo.

Mudas, elas seguiram com os olhos a coluna que parecia não ter fim. Alguns soldados conduziam mulas pelo cabresto. As rodas

dos longos carroções de seis rodas lançavam ao ar um chiado agudo.

— São os carros da cozinha de campanha — disse Leila. — Normalmente vêm no fim. — Suspirou. — Acho que é só isso.

O carroção do harém retomou o movimento. — O que vai ser de nós agora? Somos viúvas? — perguntou Edjer a Leila.

— Que ideia! Viúvas... Eu por mim até gostaria que me chamassem assim, mas pelo que sei só as esposas legítimas são chamadas assim.

— Então o que somos?

— Nós? Sei lá... Mulheres sem dono, eis o que somos. Quer dizer: nada.

— Coitadas de nós!

— Não podemos nos queixar — disse Leila. — Podia ter sido pior. Depois da morte dele, tudo podia ter acontecido.

— Como "tudo"?

— Podiam ter nos matado. Naquela manhã, quando o conselho de guerra reuniu-se, depois de o acharem morto, eu gelei. Tive medo que Tavdja Tokmakhan assumisse o comando. Pelas conversas das ordenanças que esperavam pelo fim da reunião, Hassan ficou sabendo que Tavdja pensava em cortar-nos a garganta caso assumisse o comando. Ele e o mufti andavam dizendo que nós éramos as culpadas por toda a desgraça.

— Que bestalhão! — disse Aysel.

— Só respirei quando a reunião acabou e fiquei sabendo que o comando ia ser compartilhado por três generais — continuou Leila.

A conversa foi morrendo aos poucos, como tantas outras. Aysel voltou a apoiar o queixo na moldura da janela.

— Está doendo de novo? — perguntou Leila a Edjer. Ela fez que sim com a cabeça, os olhos trêmulos. — Acho que perdi sangue.

— Coitada!

Edjer caiu no choro, os ombros sacudidos por soluços.

— Mais aldeias — disse Ajsel, que não escutava o que as outras diziam. As rodas do carroção soltavam seu fatigante gemido sem fim.

Por um bom tempo nenhuma delas falou. Por fim, Edjer foi se acalmando. Ajsel tirou os olhos da janela. A loura corria os dedos por seus cabelos.

— Olhem ali uma invernada — disse Leila. — É assim que chamam as pastagens de inverno nas terras de vocês?

— Não sei — respondeu Ajsel. — Nunca estive antes nas montanhas.

Às vezes avistavam ninhos de cegonhas ou pastores com a cabeça coberta por negros barretes. As escarpas das montanhas pareciam sempre iguais.

— É isso o Estado? — indagou Edjer, apontando a paisagem. — Quer dizer: um Estado e um país, um lugar, são a mesma coisa ou existe uma diferença?

As outras riram, mas ninguém sabia responder. Leila disse que o Estado era a monarquia. Ajsel achava que, ao contrário dos lugares, o Estado não podia ser visto.

— Meu Deus — exclamou de repente a loura, arregalando os olhos —, vejam só a carroça que vem atrás de nós!

Por entre as cortinas da janela traseira via-se de fato uma carroça encoberta, pintada com as mesmas cores e insígnias militares que elas já conheciam.

— Não é o túmulo dele? — indagou Leila. — Só faltava essa, que ele nos acompanhasse de seu túmulo.

A carroça se aproximava com uma horrível barulheira. Parecia querer anunciar sua passagem. Elas se aninharam num canto e ficaram à espera. O carreiro e o eunuco também haviam se voltado, inquietos.

Logo adiante os dois carros se emparelharam. Elas cobriram o rosto com as mãos; apenas Leila pôs-se à janela. E pensou ter visto

algo que a atemorizou mais ainda que o monumento mortuário do paxá.

— Deus — sussurrou —, o arquiteto Kaur.

O rangido das rodas agora era tão forte que elas não escutavam mais nada. Só quando a carroça foi se afastando, Leila pôde contar o que vira. O arquiteto, debruçado sobre umas folhas, com os olhos vermelhos como satanás, desenhava.

Elas escutavam, amedrontadas. — Dizem que planeja o fim de Constantinopla — disse Ajsel.

Ficaram a segui-lo com os olhos e só respiraram quando o negro retângulo do carro desapareceu na neblina.

— Vejam, um pássaro da neve — exclamou Leila. — Passarinho, passarinho, vem cá passarinho... — Ela afastou a cortina com a mão. — Dizem que eles anunciam uma nevasca. O inverno está chegando.

— Pobre de mim — gemeu Edjer. Tinha as faces pálidas e tremia.

As outras se entreolharam. — Esta viagem miserável vai acabar comigo. Vou morrer.

— Pedimos ao Hassan para parar outra vez?

— Não podemos fazer mais nada — disse Leila —, ela vai perder a criança.

Edjer chorava. — Ele queria que fosse um menino — murmurou entre soluços.

— Deite-se aqui — disse Leila. — Assim o sangue vai parar.

Edjer recostou-se. Por algum tempo pareceu tranquilizar-se. O carroção deu mais uns solavancos e parou.

— Outra coluna militar — disse Ajsel. — E como é grande!

A coluna parecia mesmo monstruosa. Não só os guerreiros mas também os cavalos vinham cobertos de chapas de ferro. As negras cabeças com buracos no lugar dos olhos davam medo.

Outros soldados, sentados sobre longas carroças com muitos eixos, permaneciam imóveis com os queixos apoiados em suas armas. Depois vinham outros carros mais pesados ainda, onde negrejava o metal dos canhões.

— Cada dia inventam uma novidade — disse Leila. — Será que não se cansam, meu Deus?!

Elas não se falaram mais até que a coluna terminasse de passar. Depois as janelas voltaram a mostrar a silhueta das montanhas, uma cruz meio torta à beira da estrada, troncos cobertos pela geada. Às vezes davam com umas tábuas fincadas em estacas onde se lia: "Capital — 113 milhas", ou "Constantinopla — 300 milhas". A extremidade em flecha apontava a direção.

— Quem vai nos comprar agora? — quis saber Ajsel.

A loura ergueu os olhos. Algo parecia prestes a acontecer em seu interior.

— Quem pode saber seu destino? — disse Leila, sem tirar os olhos da janela. — Algum militar vai nos comprar. Quem sabe ainda voltaremos a esta estrada.

— Não, qualquer coisa menos isso — gemeu Edjer. — Estrada do inferno!

A loura voltara a baixar os olhos e começara a cantarolar bem baixinho. Era uma música triste, com as indecifráveis palavras de sua terra natal.

— Mais aldeias — disse Leila, quando o silêncio retornou. — Acho que já saímos da Europa.

O carroção seguia seu caminho sob a chuva.

Tirana, 1969-1970 [*O Castelo*]

Paris, 1993-1994 [*Os Tambores da Chuva*]

FIM

Esta obra foi composta em Electra pelo
Estúdio O.L.M., e impressa pela
Geográfica em ofsete sobre papel pólen soft da
Companhia Suzano para a
Editora Schwarcz em junho de 2003